LINGUA PORTUGUEZA

GRAMMATICA
DESCRIPTIVA

BASEADA NAS DOUTRINAS MODERNAS

PELO

DR. MAXIMINO MACIEL

NATURAL DE SERGIPE

Formado em medicina e em direito, professor cathedratico no Collegio Militar, da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

« Lex sum sermonis, linguarum regula certa, qui me non didicit, cætera nulla petat. »

BACON.

1.º MILHEIRO DA 5.ª EDIÇÃO

AUGMENTADA E REFUNDIDA

FRANCISCO ALVES & Cia

RIO DE JANEIRO

166, RUA DO OUVIDOR, 166

S. PAULO

65, RUA DE S. BENTO, 65

BELLO HORIZONTE

1055, RUA DA BAHIA, 1055

AILLAUD, ALVES & Cia

PARIS

96, BOULEVARD MONTPARNASSE, 96

(LIVRARIA AILLAUD)

LISBOA

73, RUA GARRETT, 75

(LIVRARIA BERTRAND)

1914

GRAMMATICA

DESCRIPTIVA

OBRAS DO AUTOR

Grammatica Analytica, baseada nas doutrinas modernas . . . . (esgotada) $

Philologia Portugueza. — Ensaios descriptivos e historicos . . . . (esgotada) $

Grammatica Descripta, 5.ª edição . . . . 5$000

A Taxinomia social e seu autor (collecção de artigos publicados no *Debate* . . . . $

Lições de Botanica geral, professadas no Gymnasio Nacional. . . . . 6$000

Noções de Agronomia. — Lições complementares ao estudo de Botanica. . . . . 4$000

As proporções do individuo humano. — These inaugural approvada com distincção. . . . . $

Lições elementares de Lingua Portugueza. . . . . 2$000

Discurso na distribuição de premios aos alumnos do *Collegio Militar em 1903*. . . . . $

Valeur des différentes méthodes de traitement dans la tuberculose. — Mémoire présenté au Congrès International de Paris . . . . $

La médication urique dans la tuberculose. *(Revista Medico-Cirurgica do Brasil.)* . . . . $

L'illusion des arsénicaux dans la tuberculose. *(Revista Medico-Cirurgica do Brazil.)* . . . . $

Elementos de Chimica geral . . . . 6$000

Elementos de Zoologia, de accordo com a fauna brasileira . . . . (em elaboração) $

LINGUA PORTUGUEZA

GRAMMATICA
DESCRIPTIVA

BASEADA NAS DOUTRINAS MODERNAS

PELO

DR. MAXIMINO MACIEL

NATURAL DE SERGIPE

Formado em medicina e em direito, professor cathedratico no Collegio Militar, da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

« Lex sum sermonis, linguarum regula certa, qui me non didicit, cætera nulla petat. »

BACON.

1.º MILHEIRO DA 5.ª EDIÇÃO

AUGMENTADA E REFUNDIDA

FRANCISCO ALVES & C.ia
RIO DE JANEIRO
166, RUA DO OUVIDOR, 166
S. PAULO
65, RUA DE S. BENTO, 65
BELLO HORIZONTE
1055, RUA DA BAHIA, 1055

AILLAUD, ALVES & C.ia
PARIS
96, BOULEVARD MONTPARNASSE, 96
(LIVRARIA AILLAUD)
LISBOA
73, RUA GARRETT, 75
(LIVRARIA BERTRAND)

1914

Todos os exemplares serão rubricados pelo autor

PROLOGO DA 2.ª EDIÇÃO

Em 1887, embora no verdôr dos nossos annos, publicámos o nosso primeiro trabalho — GRAMMATICA ANALYTICA em que, baseando-nos nas doutrinas modernas, concorremos de algum modo para romper com a velha tradição, quebrando os antigos moldes em que se vasava a grammaticographia.

É certo que esse trabalho nosso a que alludimos, posto que houvesse sido acceito pelos competentes e exaltado pela imprensa, se resentia de muitos defeitos, devidos á transição em que se achavam as doutrinas d'então.

Além disso, nós o escreveramos baseados mais no que haviamos lido do que na observação e até *experimentação* dos phenomenos da lingua, de sorte que actualmente discordamos de alguns pontos, graças á longa pratica do magisterio em que consolidamos o que sabiamos e adquirimos o que hoje se acha exarado no corpo dessa GRAMMATICA DESCRIPTIVA.

A nós, mas aos competentes, não nos cabe ajuizar do merito do nosso trabalho, porém verá o leitor que as questões mais importantes da lingua se acham expostas, de modo por assim dizer, novo, de accordo com o que mais recentemente se tem publicado sobre philologia.

A nossa grammatica póde não prestar; mas a orientação é inteiramente differente do que se tem publicado sobre grammatica portugueza, e a maior parte dos pontos, quasi toda a doutrina, estão consolidados por autores de nomeada.

Assim procedemos, porque a probidade scientifica aconselha citar-se um autor, desde que lhe estejamos de accordo com as opiniões attinentes a um ponto, para mostrarmos as fontes a que recorremos.

Este é e ha de ser o nosso proceder, sempre que houvermos de escrever sobre qualquer assumpto.

Apesar, porém, do grande numero de obras citadas, parece-nos que se não perdeu a nossa individualidade nesse compendio, porque á doutrina assimilada juntámos as nossas observações proprias, como verão os competentes.

A syntaxe mereceu-nos attenção por ter sido uma das partes mais descuradas; assim se acha desenvolvida tanto quanto nos permittiram as nossas investigações e ao mesmo tempo exemplificada mediante classicos e estylistas de nota.

Rarissimos são os exemplos nossos e esses poucos devidos ao trabalho improbo de estarmos folheando escriptores para colher o exemplo adequado, de modo que a nossa syntaxe está de accordo com os monumentos da lingua.

É um dos maiores defeitos e até falta de criterio formular o autor a regra e fazer o exemplo, o que largamente tem contribuido para o divorcio entre a grammatica e os phenomenos da lingua, quando aquella deve ser o codigo, o registro em que estes se achem consignados.

. . . .

Esta grammatica nada tem com a outra, serve apenas de um como protesto aos que injusta ou justamente nos criticaram, até mesmo sobre pontos de que já nos haviamos occupado em outras publicações posteriores ao nosso compendio de 1887.

Tudo progride e *errare humanum est.*

Si neste ainda ha senões, si as doutrinas não são as verdadeiras, exerça a critica o seu direito e dever, pois nos havemos de corrigir e curvar sob o peso da verdade.

Restar-nos-á sempre o lenitivo, o incentivo de haver concorrido para a diffusão de luzes em nossa Patria.

Sentimos não nos ser possivel, por motivos de ordem economica, darmos uma edição nitida, mas « *fecimus quod potuimus, faciant meliora potentes* ».

O AUTOR.

Capital Federal, 1 de Outubro de 1894.

Algumas palavras sobre a 3.ª edição

A acceitação que conseguiu a edição anterior, as cartas de encomios que professores dos Estados nos dirigiram attinentes á orientação que demos ao nosso trabalho, se nos tornaram o maior incentivo para proseguirmos nas ulteriores edições.

Bem sabemos que, para os que se iniciam na aprendizagem é pesada a nossa Grammatica e até inconveniente, desde que ao alumno não prescreva e limite o professor o que tem de ser estudado.

Alguns professores houve que nos aconselharam a desmembrar a nossa grammatica em dous ou tres cursos, de concerto com o desenvolvimento intellectual do alumno.

Reflectimos, e ao que nos aconselhavam não acquiescemos, pois era improficuo e penoso imprimir outra norteação a um trabalho que haviamos erigido no constante labor das nossas investigações, na diuturnidade, na inquirição dos autores e estylistas de nomeada.

Mantemos por isso a mesma orientação, porque póde leccionar por qualquer compendio quem sempre se acha de posse da materia para saber dosal-a aos alumnos : no que se constitue o merito do professor.

Era tanto mais impossivel quanto a nossa grammatica, destoando de todas as demais, constituia um livro que, excellendo-lhe certa nota de individualidade, não se arguía de cópia de trabalhos preexistentes.

Assim sempre o entendemos no quanto havemos publicado, por isso que todo trabalho intellectual se deve resentir de certo cunho de individualidade, pois o merito em quaesquer ramos de nossos conhecimentos decorre do espirito de systematização.

Tanto assim que em nossa Grammatica Analytica e na edição a esta posterior alguns autores houve que hauriram

doutrinas nossas e nem siquer nos fizeram a minima referencia no corpo da obra.

Até houve Grammaticas que se diriam o resumo da nossa: nossos exemplos, a nossas doutrinas lá se acham e ao nosso nome não se reservou siquer a minima referencia.

Mas deixemos passar estes factos: aquelles que nos leram, nos manusearam, nos farão a justiça que nos assistir no fôro da consciencia, ainda que os admova por ventura contra nós qualquer motivo justificavel.

Na materia que nos occupa, temos as nossas opiniões assentadas: bôas ou más, erroneas ou acertadas esforçamonos em pol-as de maior concerto possivel com os factos da lingua. Corram então por conta de exiguo criterio nosso na interpretação d'elles os desacertos de que, si por acaso os houver, nos penitenciaremos, desde que nol-os próvem com logico fundamento e com os factos da lingua.

27-1-901.

Quanto á actual edição, tivemos de aclarar muitos factos, dando-lhes nova interpretação mais consoante com o progresso da linguistica.

Ainda nos esforçamos por estudar a lingua nos seus monumentos literarios, consolidando-lhe por isso os factos e a doutrina com exemplos selectos, hauridos aos principaes escriptores que se nos afigurou poderem servir de normas á syntaxe da lingua.

1-7-910.

PLANO SYNOPTICO

GRAMMATICA	**PHONOLOGIA**	**Phonetica.**
		Phonographia.
		Prosodia.
		Orthographia.
	LEXIOLOGIA	**Morphologia.**
		Taxinomia.
		Ptoseonomia.
		Etymologia.
	SYNTAXILOGIA	**Relacional.**
		Phraseologica.
		Literaria.
	SEMIOLOGIA	**Sementica.**
		Tropologia (1).

---

(1) Mantemos a nossa divisão, porquanto está de accordo com os factos da lingua. Além d'isso, têm sido por nós fundadas e refundidas muitas theorias em materia de lingua portugueza, afim de que seja a Grammatica a interprètação authentica dos phenomenos da lingua.

GRAMMATICA DESCRIPTIVA

NOÇÕES PROPEDEUTICAS

Grammatica é a systematização logica dos factos e normas de uma lingua qualquer.

A grammatica póde ser **descriptiva, historica** e **comparativa**.

Grammatica descriptiva, que tambem se diz expositiva, é a systematização organica dos factos e normas proprios de uma lingua, isoladamente considerada.

Grammatica portugueza é a systematização organica das normas e factos da lingua portugueza, isoladamente considerada.

Grammatica historica é a systematização das normas e factos da lingua desde a sua origem até nossos dias, isto é, aquella que trata da evolução da lingua nos seus diversos periodos de formação.

Grammatica comparativa é a systematização das normas e factos de duas ou mais linguas comparadas entre si, isto é, nas suas diversas relações e divergencias.

Ha tambem a **grammatica geral**, que se poderia chamar glossologia, isto é, o tratado das normas geraes e abstractas que se poderiam applicar á expressão do pensamento ou á linguagem (1). « Linguagem, diz Sayce, é a manifestação exterior do pensamento consciente » (2).

O pensamento, pois, ha de manifestar-se mediante signaes cuja theorização constitue actualmente a **semica** (3).

A semica póde ser :

A) **Mimica**, desde que a expressão do pensamento se exerça mediante movimentos physiologicos ou gesticulações;

B) **Phonetica**, desde que a manifestação do pensamento se exerça mediante a voz humana, isto é, sons articulados. A semica phonetica é propriamente a linguagem no rigor do termo, é a palavra viva (4);

c) **Graphica**, desde que a expressão do pensamento se exerça mediante symbolos literaes. A semica graphica constitue o que vulgarmente se chama **linguagem escripta**.

A semica mimica, anterior ás outras fórmas de expressão, constitue a linguagem mimica ou accionada que já não pertence ao dominio da grammatica, cujo objecto é o estudo exclusivo da palavra, já constituida por sons laryngeos, já representada por symbolos literaes (5).

Palavra é, pois, a expressão de uma idéa ou conceito significativo por convenção e, considerada attinentemente á

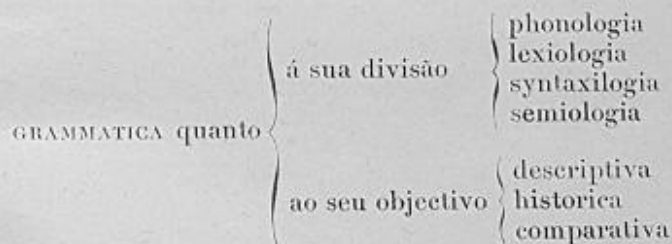
(1) Max Muller, *La science du langage*, pag. 4.
(2) Sayce, *Philologie comparée*, pag. 130.
(3) Adolpho Coelho, *A lingua portugueza*, pag. 1.
(4) Delon, *Gram. franç. d'après l'histoire*, pag. 8.
(5) Renan, *Origine du langage*.

sua significação, chama-se **termo**; attinentemente á sua estructura, á sua organização material, á sua fórma exterior, chama-se **vocabulo** (1).

A grammatica estuda as palavras de uma lingua sob as suas quatro modalidades, isto é, como *som*, como *organismo*, como *funcção* e como *signal;* e assim se deve dividir em **phonologia, lexiologia, syntaxilogia** e **semiologia**.

A divisão tripartita da generalidade dos grammaticographos — em **phonologia**, **lexiologia** e **syntaxilogia** — não tem mais razão de ser, depois que o estudo da **significação** se individualizou, constituindo por si um ramo definido, maximé com os estudos de Darmsteter (2) que usa do termo **semantica** para designar a theoria logica da significação.

Ao nosso ver, porém, o termo semiologia, ou melhor **semasiologia**, como quer Reinach (3), satisfaz plenamente, passando o termo semantica, por mais restricto, a ser uma subdivisão da semiologia, como havemos de ver.

GRAMMATICA quanto	á sua divisão	phonologia lexiologia syntaxilogia semiologia
	ao seu objectivo	descriptiva historica comparativa

Assim o seguinte schema synoptico nos mostra as quatro partes geraes cujo conjunto organico e systematico constitue a grammatica :

(1) Julio Rib., *Gram. port.*, pag. 2.
(2) Darmsteter, *La vie des mots*.
(3) Reinach, *Physiologie classique*.

GRAMMATICA:
- **Phonologia**, isto é, o estudo da palavra como **som**, isto é, um producto organico do apparelho phonetico.
- **Lexiologia**, isto é, o estudo da palavra como **organismo**, isoladamente considerada.
- **Syntaxilogia**, isto é, o estudo da palavra como **funcção**, collectivamente considerada.
- **Semiologia**, isto é, o estudo da palavra como **signal**, exteriormente representativo de uma idéa, conceito (1) ou uma relação.

(1) A maior parte dos grammaticos e professores seguem a divisão da grammatica em **morphologia** e **syntaxilogia**, de accordo com o que estatuiu o prof. Julio Ribeiro, a quem não damos razão neste ponto e por isso persistimos na nossa divisão, conforme o nosso plano synoptico.

PARTE I

PHONOLOGIA

Phonologia é o tratado dos phonemas, isto é, dos sons constitutivos da palavra debaixo de todos os pontos de vista (1).

A phonologia estuda os phonemas:

A) Isolados e independentes da palavra, de que são elementos constitutivos;

B) Representados por symbolos ou letras, mas ainda isolados e independentes da palavra;

C) Grupados na contextura ou corpo da palavra, mas relativamente á sua accentuação e quantidade;

D) Representados por symbolos ou letras, mas já grupados e dependentes da palavra.

A phonologia, pois, se divide em **phonetica**, **phonographia** (2), **prosodia** e **orthographia**.

PHONETICA

Phonetica é o estudo dos phonemas, isto é, dos sons organicos da palavra, considerados em si ou em suas correlações.

(1) HENRY, *Gram. comparée du grec et du latin*, pag. 13. — A. COELHO. *A lingua portugueza*, pag. 4. — MACIEL, *Gram. analytica*, pag. 3.

(2) COSTA CUNHA, *Manual do Examinando*.

A phonetica póde ser :

A) **Descriptiva**, ou physiologica, quando ex-põe methodica e praticamente a theoria dos pho-nemas em relação uns aos outros ou aos orgams que os formam ;

B) **Historica**, quando expõe a theoria da sub-stituição e suppressão dos phonemas, isto é, as modificações por que passaram no decurso da sua evolução no organismo da lingua (1).

A phonetica historica é a base logica de quaesquer estudos comparativos ou etymolo-gicos applicados á lingua (2).

Phonema é qualquer som laryngeo constitu-tivo do vocabulo e produzido pela acção physio-logica das cordas gloticas ou vocaes.

O termo **phonema** usa-se por uma necessidade scienti-fica; é mais preciso e mais restricto do que o termo **som**, porém mais geral do que os termos — **voz** ou **consonan-cia**, pois designa qualquer producto laryngeo ou emissão vocalica (3).

O phonema produz-se por tres factores physiologicos :

A) A *corrente expiratoria* cuja intensidade é governada pelos musculos productores do movimento expiratorio ;

B) O *obstaculo* que, interpondo-se á corrente expiratoria, produz na glote o phonema cuja vibração se effectuou no tubo vocal;

C) O *espaço resonante*, isto é, a cavidade bucal onde o phonema já produzido adquire seu caracter especifico (4).

Os orgams cujo conjunto constitue o *apparelho phonetico* ou *vocal* são :

A) Os *pulmões* e a *trachéa*, que fazem simultaneamente as vezes de um folle;

---

(1) Brachet, *Gram. historique*, pag 90.
(2) Henry, *Gram. comparée du grec et du latin*, pag. 1.
(3) Henry, *obra citada*.
(4) Adolpho Coelho, *A lingua port.*

B) A *larynge*, cujas cordas gloticas vibram e imprimem ao phonema seu caracter especial ;

C) A *pharynge*, a *cavidade nasal* e a *bucal* em que o pho-nema se modifica para mais ou para menos (1).

Correspondentes aos tres modos por que se formam no apparelho vocal, ha tres ordens de phonemas : **sonoros, explosivos, fricativos**.

Phonemas sonoros são aquelles que, produ-zindo-se sem movimento sensivel dos orgams articuladores, passam livremente pelo tubo vo-cal (2).

Os phonemas sonoros dizem-se geralmente **vozes** e os symbolos ou notações que os representam chamam-se **vo-gaes** ; os explosivos e fricativos dizem-se **ruidos articu-lados** ou **consonancias** e as suas notações ou symbolos dizem-se **consoantes** ou **alterantes** (3).

As vozes e as consonancias nos impressionam o *ouvido* e se estudam na phonetica ; as vogaes e as consoantes nos im-pressionam os *olhos* e se estudam na phonographia (4).

Seja essa a doutrina deduzida da observação exacta dos phenomenos de vocalização e, tanto assim que « um som qualquer, segundo Delon, pag. 82, póde ser figurado por um signal de fórma qualquer, pois nada muda o som ».

Assim foi que os grammaticos gregos chamaram aos sons *stoichéia*, e os latinos *elementa*, ao passo que ás notações graphicas chamaram os primeiros *gramma* e os segundos *litera* (5).

Os phonemas sonoros são *a*, *i*, *u*, que se dizem **primi-tivos**, **inorganicos**, **fundamentaes**, pois são communs

---

(1) Bouillet, *Dict.*, pag 1801.
(2) Hemeterio, *Gram. port.* pag. 1. — Julio Rib., *Gram. port.*, pag. 6.
(3) E. Alvarus, *Inst. gram. apud Julio Rib.*, pag. 7. — Brunot, *Gram. hist.*, pag. 50. — Delon, pag. 83.
(4) Hemeterio, *Gram. port.*, pag. 7.
(5) Egger, *Gram. comparée*, pag. 11. — C. Beaufils, *Étude du latin*, pag. 8.

a todas as linguas e delles se formaram os phonemas *o*, *e* que se dizem por isso **secundarios, organicos** ou **intermediarios** (1).

Assim se explicam esses phenomenos :

$$a + i = é; a + u = o.$$

No latim, no grego e nas demais linguas aryanas ou indo-européas provam-se experimentalmente esses phenomenos e, até nos idiomas modernos — francez e inglez — esses sons intermediarios se grapham muitas vezes mediante os primitivos ; ex. : *aurore*, *maison*, *said*, *daughter*, em que $a + i = é, a + u = o$.

O phenoma *a*, som fundamental, mais importante de todos, é pleno, claro ; o phonema *i* é agudo e o phonema *u* é surdo e grave (2).

Note-se o seguinte schema :

Os phonemas *i* e *u*, diz Beaufils, são os dous pólos do vocalismo.

Phonemas explosivos ou momentaneos são os que, produzindo-se por contacto completo ou interrupção instantanea dos orgams articulado-

---

(1) G. e Wierzeyski, *Eléments de gram. latine*, pag. 2. — G. Beaufils, pag. 9. — Bopp, *Gram. des langues indo-européennes*. t. I., pag. 23. — Ayer, *Gram. française*, pag. 23. — Reinach, *Gram. latine*, pag 272. — Regnaud, *La linguistique evolutioniste*, pag. 2. — Mason, *Englich grammar*, pag. 10.

(2) M. Kerstein, *apud Burgraff*, pag. 53. G. e Wierzeyski, *Eléments de gram. latine*, pag. 2. — Beaufils, *Etude du latin*, pag. 9. — Ayer, *Gram. française*, pag. 23.

res, cessam logo após a producção da voz e são os seguintes : *q*, *t*, *p*, *mê*, *guê*, *d*, *b*, *nê*, *rê*, *lê*.

Phonemas fricativos ou spirantes são os que, produzindo-se por contacto imcompleto ou simples aproximação dos orgams articuladores, não cessam logo após a producção da voz e são os seguintes : *fê*, *cê*, *xê*, *v*, *z*, *gê*.

Todo phonema explosivo ou fricativo é sempre **surdo** ou **sonante** (1).

A) **Surdo**, si não houver vibração concomitante das cordas gloticas ;

B) **Sonante**, si houver vibração concomitante das cordas gloticas.

Os explosivos surdos são : — *q*, *t*, *p*, *mé*, *ré* e os fricativos surdos : — *fê*, *sé*, *xé* (2).

Os explosivos sonantes são : — *gué*, *d*, *b*, *né*, *lé* e os fricativos sonantes : — *v*, *z*, *gé*.

Os phonemas surdos são asperos e fortes e estão sujeitos ao abrandamento na formação das linguas romanas, segundo a lei do menor esforço, ao passo que os sonantes são brandos e fracos e estão sujeitos ao reforço.

A todo phonema surdo e forte corresponde um sonante e fraco. Assim temos :

q	cujo correspondente é	*gué*
t	—	*d*
p	—	*b*
r	—	*l*
mé	—	*né*
fé	—	*v*
c	—	*z*
xé	—	*gé*

---

(1) Max Muller, *La science du langage*, pag. 43.

(2) Henry, *Gram. comp. du grec et du latin*, pag. 21. — Brunot, *Gram. hist.*, pag. 54. — Brachet et Dussouchet, *Grammaire française*, pag. 25.

O phonema *r* (forte) tem variante fraca *r* (fraco intervocalico) e, segundo Henry, o primeiro é **glotal** e o segundo **uvular** (1).

Para o sabio glotologo Pezzi (2) o *r* intervocalico e **tremulante** ou **oscillante**.

O facto é que é elle uma variante phonica do som typico *rr*, do mesmo modo que os sons *é*, e *ó* são variantes de *ê* e *ô* : são neophonemas, como *nhê*, *lhê*, pois a lingua crêa sons, como crêa novos vocabulos por modificação (3).

Resumo synoptico

PHENOMAS quanto
- á especie
  - consonancias
  - vozes
- ao processo de formação
  - explosivos
  - fricativos
- ao orgam em que se formam
  - gutturaes
  - palataes
  - linguaes
  - dentaes
  - labiaes

Classificação physiologica.

A distribuição por ordem, segundo os orgams em que se elaboram os phonemas, constitue a classificação d'estes.

Elaboram-se em diversos pontos do apparelho vocal e diz-se *ponto* ou *logar articulativo* a região em que se operam e vibram.

---

(1) Henry, *obra cit.*
(2) Pezzi, *La science du langage*
(3) Regnaud, *Origine et philosophie du langage*, pag. 148.

Assim ha, segundo o ponto em que se elaboram, as seguintes ordens ou categorias de phonemas :

Guturaes	*q — gue — a*
Palataes ou velares.	*jê — xê — i*
Linguaes.	*rê — lê*
Dentaes.	*t — d — c — z*
Labiaes.	*p, b, m, n, fê, vê, u.*

Os phonemas *mê*, *nê* nasalizam-se; as vozes *é*, *ó* são — a primeira **guturo-palatal**, por ser formada de *a* gutural e de *i* palatal; a segunda **guturo-labial** por ser formada de *a* gutural e de *u* labial.

Homorganicos são os phonemas que se formam sob a acção do mesmo orgam, constituindo grupos de sons equivalentes, ex. : *q = gue; t = d = c = z; fe = v = p = b; re = le*, etc.

Heterorganicos são os phonemas que, não se formando sob a acção do mesmo orgam, não constituem grupos de sons equivalentes, ex. : *q — t — ç — nê*, etc.

Grupos phoneticos.

Os phonemas se alliam, constituindo os **grupos vocalicos** e os **grupos consonantaes**.

Os grupos vocalicos de dous phonemas são os diphtongos e os de tres são os triphtongos.

Diphtongo é todo grupo vocalico constituido por duas vozes, pertencentes á mesma syllaba, ex. : *au, eo, ea, ue*, etc.

O diphtongo é :

A) **Oral**, si for constituido por duas vozes, livre e puramente proferidas, ex. : *au*, *ea*, *oi*.

B) **Nasal**, si for constituido por duas vozes modificadas por accento nasal ou til, ex. : *ão*, *õe*, *ãe*.

O primeiro phonema diz-se **prepositivo** e o segundo **pospositivo**.

A lingua vernacula possue os seguintes grupos de diphtongos oraes, tendo alguns mais de uma graphica :

1.° Grupo em que *a* é a prepositiva, ex. :

ae, *ai* — *pae*, *naipe* (1)
ao, *au* *pao*, *lauto*

2.° Grupo em que *e* é a prepositiva, ex. :

ea — niv*ea*, aur*ea*
éa id*éa*, epop*éa*
ei fal*ei*, l*ei*go
éi ann*éis*, parc*éis*
éo r*éo*, chap*éo*
eu *eu*ge, morr*eu*

3.° Grupo em que *i* é a prepositiva, ex. :

ia — gir*ia*, glor*ia*
ie san*ie*, ser*ie*
io Mar*io*, r*io*
iu pun*iu*, sub*iu*

4.° Grupo em que *o* é a prepositiva, ex. :

oa — mág*oa*, anag*oa*
oe destr*oe*, m*oe*
oi arr*oi*o, b*oi*
ou l*ou*sa, am*ou*

(1) Conforme os exemplos, prefiram-se *ae* e *ao* para a *desinencia* do vocabulo; *ai* e *au* para o inicio e o meio.

Em alguns nomes, estranhos ao lexico portuguez, apparece *oi* graphado por *oy*, ex. : El*oy*, God*oy*, Niter*oy*.

5.° Grupo em que *u* é a prepositiva, ex. :

ua — ag*ua*, leg*ua*
ue ten*ue*, instr*ue*
ui f*ui*, c*ui*do
uo ard*uo*, ann*uo*

Nos diphtongos em que *i* é a pospositiva, ás vezes, grapha-se por *y*, de accôrdo com a etymologia, ex. : M*ay*narte, Jock*ey*, R*uy*.

Sirva esta observação para provar que a fórma graphica não é que constitue o diphtongo.

Aos diphtongos da nossa lingua se póde applicar a classificação de Walker em **proprios** o **improprios**, que na nossa grammatica chamamos **directos** e **inversos**; mas hoje acceitamos de preferencia a classificação de Walker de accôrdo com Burgraff (1).

Proprios se dizem aquelles em que ha fusão organica dos phonemas constitutivos, ex. : *au*, *ei*, *oe*, etc.

Improprios se dizem aquelles em que ha uma ligeira successão prosodica dos phonemas constitutivos, ex. : *ia*, *uo*, *io*, *ea*, etc.

As seguintes normas ou leis prosodicas os distinguirão perfeitamente :

A) Todo diphtongo proprio, sendo final, constitue vocabulo oxytono, ex. : cant*ae*, morr*eu*.

B) Todo diphtongo improprio, sendo final, constitue vocabulo paroxytono, ex. : san*ie*, vigar*io*, táb*oa*, etc.

Toda voz que se combinar com a que se segue na ordem alphabetica *a* — *e* — *i* — *o* — *u* — constituirá diphtongo proprio, ex. : *ae* — *ai* — *ao* — *au*; *io* — *iu*; *ou*.

Note-se que tanto *o* como *u* se podem igualmente combinar com *i* ou *e* apesar de serem posteriores na escala vocalica, ex. : *oe*, *oi*, *ue*, *ui*.

(1) WALKER, *Pronouncing Dict.*, pag. 32. — BURGRAFF, *Gram. générale*, pag. 61. — MACIEL, *Gram. analytica*, pag. 9.

Ha vozes **concurrentes** que, embora pareçam diphtongos, não o são, pois a primeira é sempre **tonica**; a ultima **atonica** e constitue por si uma syllaba, ex. : melod*í*-a, fast*í*-o, arg*ú*-o, desag*ú*-a, averig*ú*-a.

Este phenomeno é frequente em alguns homonymos proparoxytonos ocularas, ex. : água — agúa, contínuo — continúo, pronúncia — pronuncía, secretária — secretaría, glória — gloría.

Diphtongos nasaes.

O diphtongo nasal é constituido por dous phonemas ou vozes, modificadas por accento nasal ou til.

O accento nasal ou til é um antigo *m* ou *n* que, superposto á prepositiva diphtongal, tomou no correr dos tempos a fórma ou aspecto graphico em que o vemos actualmente, pois assim o comprovam antigos documentos.

A lingua vernacula possue apenas os seguintes diphtongos nasaes :

1.° *ãe* — m*ãe*, pães;
2.° *ão* — m*ão*, est*ão*;
3.° *õe* — p*õe*, opini*ões*;
4.° *ũi* —

que apenas apparece no vocabulo *muito* em que o *m* inicial nasaliza o diphtongo, do mesmo modo que ás vezes o phonema *m* ou *n* tem força regressiva sobre a vogal da syllaba precedente, nasalizando-a, ex. : *a*nimo, *a*mo, etc.

No norte da Republica, maximé no meu Estado, igual facto se dá no vocabulo *ruim*, em que o grupo *ui* é regressivamente nasalizado pelo phonema final *m*.

Triphtongo.

Triphtongo é todo grupo vocalico constituido por tres vozes, pertencentes á mesma syllaba.

A lingua portugueza conta apenas os seguintes triphtongos :

1.° *uae* — averig*uae*, q*uaes*
2.° *uay* — Parag*uay*, Urug*uay*
3.° *uei* — averig*uei*
4.° *ueo* — *gueo*

Todo triphtongo está sempre no vocabulo precedido de um som gutural.

Grammaticos ha que, em desaccordo flagrante com os factos e a abalisada opinião do eminente philologo Frederico Diez, não querem admittir a triphtongação na lingua vernacula, talvez levados por má observação dos nossos phenomenos de vocalização ou por haver apenas um numero limitadissimo de triphtongos (1).

O primeiro phonema do triphtongo se diz **prepositivo**, o segundo **interpositivo** e o terceiro **pospositivo**.

Na triphtongação, o phonema interpositivo vibra mais do que os dous outros e sobre elle recae o peso dynamico da voz (2).

Grupos consonantaes.

Grupo consonantal é a reunião de duas ou mais consonancias compativeis, pertencentes á mesma syllaba, ex. : *gn*, *cr*, *dr*, *sp*, *st* e outros.

Os grupos são **iniciaes**, **mediaes** e **finaes**, segundo a sua posição no corpo do vocabulo.

---

(1) Vide Frederico Diez, *Gram. des langues romanes*.

(2) Sobre peso vocalico, vide Bopp, *Gram. des langues indo-européennes*.

A maior parte são mediaes; poucos são os finaes.

Estes grupos nos provieram quasi todos do latim, já integralmente formados, de sorte que poucos se formaram na propria lingua.

Os grupos assim se formam :

1.° Grupos em que *b* é o primeiro elemento, ex. :

br — *br*avo, a*br*ir
bl *bl*enda, bi*bl*ia
bd he*bd*omadario

2.° Grupos em que *c* é o primeiro elemento, ex. :

ch — *ch*amar, ar*ch*ivo
cl *cl*ave, te*cl*a
cr *cr*avo, a*cr*e
ct fa*ct*o, a*ct*o

3.° Grupos em que *d* é o primeiro elemento, ex. :

dr — *dr*agão, pe*dr*a

Os grupos *dh* e *dl* apparecem em vocabulos estrangeiros, introduzidos na lingua vernacula, ex. : *dh*alia.

4.° Grupos em que *f* é o primeiro elemento, ex. :

fl — *fl*or, af*fl*uir
fr *fr*aco, a*fr*o

5.° Grupos em que *g* é o primeiro elemento, ex. :

gd — Ma*gd*alena, amy*gd*alas
gl *gl*oria, an*gl*o
gm fleu*gm*a, au*gm*ento
gn *gn*oma, ma*gn*o
gr *gr*ato, a*gr*o

6.° Grupos em que *l* é o primeiro elemento, ex. :

lh — *lh*ano, fi*lh*o

7.° Grupos em que *m* é o primeiro elemento, ex. :

ms — orga*ms*, sola*ms*
mn *mn*emonica, outo*mn*o

8.° Grupos em que *n* é o primeiro elemento, ex. :

ns — fi*ns*, so*ns*
nh te*nh*o, ma*nh*ã

9.° Grupos em que *p* é o primeiro elemento, ex. :

pç — conce*pç*ão, rece*pç*ão
ph *ph*onetica, apo*ph*onia
pl *pl*aga, du*pl*o
pn *pn*euma, hy*pn*ose
pr *pr*azer, com*pr*ar
ps *ps*almo, sylle*ps*e
pt *pt*isana, a*pt*o

10.° Grupos em que *r* é o primeiro elemento, ex. :

rh — *rh*euma, ar*rh*as

11.° Grupos em que *s* é o primeiro elemento, ex. :

sc — *sc*ena, na*sc*er
sk es*k*isto
sl es*l*inga
sm es*m*eralda, es*m*alte
sp *sp*asmo, con*sp*irar
st *st*ase, re*st*ar

12.° Grupos em que *t* é o primeiro elemento, ex. :

tm — a*tm*osphera, *tm*ese
tr *tr*eme, a*tr*oz
tl a*tl*ante, a*tl*as

13.º Grupos em que *v* é o primeiro elemento, ex. :

vr — la*vr*a, ne*vr*ose

O phonema *x* é duplo, e, valendo por *cs*, é um verdadeiro grupo, ex. : se*x*o = se*cs*o; refle*x*o = refle*cs*o (1).

A sonoridade dos idiomas está na razão inversa do numero de grupos e na directa do numero de vozes livres.
A lingua italiana é das mais sonoras, até mais do que o latim cujos grupos ella dissolveu e os marcou com a geminação consonantica (2), ao passo que as teutonicas são asperas e **insonoras**, por terem muitos grupos.

Ha tambem grupos triliteros cuja constituição é a seguinte :

ctr — a*ctr*iz
scl — *scl*erose
scr — e*scr*avo
spl — *spl*enite
spr — e*spr*eitar
spn — dy*spn*éa
str — *str*inge
ptr — redem*ptr*iz

Apparecem alguns em que o *h* lhes complica a estructura, mas á primeira inspecção ocular, pois o *h* não é letra; é notação etymologica (3).

Notem-se, porém, estas combinações consonanticas : *chr*, *sph*, *phl*, *phr*, *thr*, *thm*, *pht*, *sth*, apparecentes em vocabulos para marcar-lhes a etymologia grega, como em : *Chr*isto, es*ph*era, s*ph*ynge, *ph*leugma, *ph*rase, an*th*ropoide, ry*th*mo, a*ph*iose e as*th*ma.

(1) *La deuxième année de latin*, Riemann et Goelzer, pag. 4.
(2) A geminação não é propriamente grupo consonantal; é apenas signal etymologico.
(3) « H littera non est » diziam os latinos.

Na divisão graphica do vocabulo, o grupo passa intacto e integralmente para a linha seguinte, ex. : dy + *spn*éa, e + *scr*a + vo, a + *pht*o + se.

Resumo synoptico

GRUPOS PHONETICOS
- grupos vocalicos
  - diphtongos
    - nasaes
    - oraes
  - triphtongos
- grupos consonantaes
  - iniciaes
  - mediaes
  - finaes

Syllabismo.

Syllaba é um som ou grupo de sons distintos de que se constitue o vocabulo.

« A syllaba, diz Humboldt, constitue por si unidade de som ».
As syllabas separam-se e contam-se por epellação, isto é, a divisão do vocabulo em tantas partes phoneticas quantas as syllabas que organicamente o constituem, afim de os podermos graphar correctamente.
No vocabulo *gratidão* o phenomeno da epellação assim se effectua : gra-ti-dão (1).
A decomposição por letras como g-r-a-t-i-d-ã-o constitue a solletração ou syllabação.

A syllaba, segundo o seu phonema sonoro, ou voz fundamental, póde ser :

A) **Simples**, si tiver uma só voz, como no vocabulo — ba + ta + lha.

(1) Burnouf, *Méthode pour étudier la langue grecque*, pag. 7

B) **Composta**, si tiver mais de uma voz, como nos vocabulos — Deus, paes, mais.

Segundo a sua consonancia, póde ser:

A) **Incomplexa**, si tiver apenas uma consonancia, como nos vocabulos — caro, lauto.

B) **Complexa**, si tiver mais de uma consonancia, como nos vocabulos — mais, Bra + sil.

Por extensão tambem se chama syllaba a que é formada apenas por uma voz, isto é, uma voz syllabica, ex.: *a* + mo, *e* + ra.

A syllaba será **directa** si começar por consonancia, e **inversa** si for por voz livre, ex.: *pa* + to e *el*, *am*, etc.

Toda consonancia póde formar syllaba directa, ex.: ba, cae, dei, pau, etc.

Nem toda consonancia póde formar syllaba inversa, ex.: ol, az, am, an, etc.

As syllabas são **iniciaes**, **mediaes** e **finaes**, segundo a posição que occupam no corpo do vocabulo.

Resumo synoptico.

SYLLABAS quanto	ás suas vozes	simples compostas
	ás suas consonancias	incomplexas complexas
	ás suas posições	iniciaes mediaes finaes

Segundo o numero de syllabas, os vocabulos são monosyllabicos ou polysyllabicos, conforme tenham uma ou mais syllabas.

O vocabulo polysyllabico póde ser:

A) **Dissyllabico**, si tiver duas, ex.:

pen + na;

B) **Trisyllabico**, si tiver tres, ex.:

pro + te + ger;

C) **Tetrasyllabico**, si tiver quatro, ex.:

a + mi + za + de;

D) **Pentasyllabico**, si tiver cinco, ex.:

fi + de + li + da + de

e assim por diante.

Os vocabulos tambem podem ser **parisyllabicos** ou **imparisyllabicos**, conforme tenham numero par ou impar de syllabas.

Sirva apenas essa divisão para o estudo da derivação latina, em que o imparisyllabismo da declinação exerceu suprema influencia nos phenomenos da derivação, maximé nas fórmas divergentes, oriundas de casos differentes no corpo da mesma declinação.

Tautosyllabismo.

Dizem-se tautosyllabicos os vocabulos, de uso popular e familiar, constituidos por duas syllabas, repetidamente iguaes.

São de uso constante na linguagem familiar; formam-se geralmente mediante a repetição da syllaba tonica do nome proprio ou do commum, familiarmente estragados, ex.: *Nenoca*, *Nhonhô*, *Lulú*, *Dadá*, *mamãe*, *papae*, *teté*, *totó*, etc.

Por tautosyllabismo se ensaia e começa a aprendizagem infantil da lingua materna, pois os orgams da criança pouco a pouco se conformam com a articulação dos vocabulos, á medida que se fortalecem.

Estes e outros phenomenos aqui os consignamos para assignalarmos a superioridade da grammatica moderna, que se não adstringe apenas aos phenomenos da lingua classica, como a antiga; mas observa as linguas nos seus factos mais vivos, mais palpitantes, sujeitos ás leis geraes da biologia, por ser a linguagem articulada a funcção caracteristica do homem na série animal.

PHONOGRAPHIA

Phonographia é o tratado tanto dos symbolos representantes dos phonemas ou sons como das notações lexicas correspondentes.

Alguns glotologos imperfeitamente designam esta parte da phonologia sob o nome de **phonica** (1); mas, ao nosso ver, empregue-se o termo **semiographia**, que já se acha em Adolpho Coelho, designando o estudo descriptivo dos signaes ou symbolos, proprios da linguagem graphica.

O termo **semiographia** é mais significativo, mais vasto do que **phonica**; constitue por si a sciencia dos signaes ou symbolos que podem mudar de aspecto de povo a povo (2).

Estes symbolos são as **letras** e as **notações lexicas**, cujo estudo methodico constitue a semiographia ou phonographia.

Letras são as notações graphicas visuaes, e ás vezes tacteis, que representam os phonemas de uma lingua.

As letras se dizem:

A) **Vogaes**, sempre que representam as vozes, isto é, os phonemas sonoros e são seis: *a, e, i, o, u, y*, pois o som vocalico *i* se grapha com a notação latina *i* ou com a grega *y*.

---

(1) Caccia et Ferrari, *Dict. italien-français*.
(2) Assier, *Physiologie du langage graphique*.

B) **Consoantes** ou **alterantes**, sempre que representam as consonancias, isto é, os phonemas explosivos e fricativos.

As letras consoantes são dezenove: *b, c, d, f, g, h, j, k, l, m, n, p, q, r, s, t, v, x, z*.

Algumas consoantes representam mais de uma consonancia; algumas consonancias se grapham por mais de uma consoante.

Sirva mais esta asserção para estatuir-se definitivamente a differença entre **som** e a sua **notação** correspondente que póde variar, segundo os grupos de linguas.

Alphabeto, abcedario ou **abc** é todo o conjunto de letras que, methodicamente expostas, representam os phonemas de uma lingua.

O nosso é constituido, como nas linguas romanas, por vinte e cinco letras: dezenove consoantes e seis vogaes.

O symbolo *h* é mais notação lexica do que propriamente letra; o *w* não nos pertence, posto que occorra em algumas formas teutonicas: *w*alsa *w*agon, re*w*olver, etc., em quanto se não hajam assimilado á graphica da lingua portugueza.

As letras, segundo sua estructura, são:

A) **Simples**, isto é, graphadas apenas por uma notação, ex.: *a, e, b, d, t, k*, etc.

B) **Compostas**, isto é, graphadas por notações differentes, embora tenham unidade prosodica definida, ex.: *nh, ch, lh, qu, sc, ph, rh*.

C) **Modificadas**, isto é, alteradas por notações lexicas que lhes modifiquem o valor prosodico, ex.: *ã, õ, ô, ç*.

D) **Geminadas** ou **dobradas**, isto é, graphadas

por duas notações identicas, ex. : *bb, cc, dd, ff, gg, ll, mm, pp, rr, ss, tt.*

E) **Ingeminaveis**, isto é, sempre graphadas por uma notação, ex. : *j, k, q, v, x* e as seis vogaes *a, e, i, o, u, y.*

Na chrestomathia antiga da nossa lingua geminava-se a vogal para marcar o alongamento, mas actualmente o accento agudo exerce essa funcção.

As letras se distribuem, segundo uma ordem inalteravel e invariavel, e então é que, por assim dizer, constituem o alphabeto da lingua a que pertencem.

A ordem alphabetica ou **lexicographica** póde ser (1):

A) **Geral**, isto é, a successão das letras, como se acham no corpo do alphabeto, ex. : *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, x, y, z.*

B) **Vocalica**, isto é, a successão natural das vogaes na ordem em que se vão formando os phonemas que organicamente representam, *a, e, i, o, u, y.*

C) **Consonantica**, isto é, a successão das letras consonantaes como se acham no corpo do alphabeto, menos as vogaes, ex. : *b, c, d, f, g, h, j, l, m, n, p, q, r, s, t, v, x, z.*

Em virtude desta distribuição methodica, invariavel e commum á maior parte das linguas da Europa occidental, é que os philologos attribuem ao latim a origem do nosso alphabeto.

O alphabeto que nos parece tão simples, tão natural e até tão familiar, é a mais extraordinaria invenção, uma das maiores conquistas da civilização.

(1) JULIEN, *Cours de gram. supérieure*, pag. 28.

Está admittido por notaveis paleographos que a origem historica do alphabeto se deve aos Phenicios.

Assim é que, de accôrdo com a tradição historica, o phenicio Cadmo passa por haver transportado e propagado o alphabeto na Grecia, de onde foi pelos Romanos levado para a lingua latina, que o transmittiu ás linguas novilatinas (1), á medida que se formaram, como orgams das novas nacionalidades.

« O nosso alphabeto latino (2) é o alphabeto phenicio, modificado pelo genio hellenico e traçado em sentido inverso para permittir á escriptura o dirigir-se da esquerda para a direita, pois que ia primitivamente da direita para a esquerda ».

Nas linguas em que não ha alphabeto, isto é, naquellas em que, como a chineza, domina o hierogliphico, avultam-se as difficuldades, porquanto um symbolo, um signal exprime uma idéa, um conceito, um objecto e até um pensamento perfeito e integralizado.

Nestas linguas a escriptura tem certo quê de mysterioso e sagrado e por isso é que se chamaram **hierogliphicas**.

As letras têm tres propriedades : **nome, fórma** e **valor**.

Nome é a palavra com que designamos a letra, isoladamente tomada, ex. : *jota, eme, que, erre, esse, ypsilon.*

Forma é a expressão graphica, visual e geometrica da letra : *o*, que é representado por um circulo.

Valor é a funcção prosodica da letra no organismo do vocabulo.

O valor póde ser :

A) **Alphabetico**, isto é, sempre que a letra tem no vocabulo o som do alphabeto, ex. : m*a*to, ph*a*rol, etc.

B) **Syllabico**, isto é, sempre que a letra tem

(1) BENDER, *Storia della lit. latina*, pag. 3.
(2) ASSIER, *Physiologie du langage graphique.*

no vocabulo o valor diverso do do alphabeto, ex.: m*e*do, cas*a*, em que o « ê » e o « s » têm valor syllabico.

c) **Etymologico**, isto é, sempre que a letra se acha no vocabulo, attestando apenas insonoramente a etymologia, ex.: a*c*to, reden*p*ção, Ma*g*dalena, outo*m*no, *p*salmo, etc.

Para symbolizar as necessidades da orthographia, segundo o que se acha estatuido na maior parte das linguas, as letras se representam por duas fórmas: **maiusculas** ou grandes e **minusculas** ou pequenas.

As maiusculas assim: A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V, X, Y, Z.

As minusculas assim: a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, x, y, z.

As letras, quer maiusculas, quer minusculas, revestem as seguintes fórmas typographicas:

A) A fórma **romana**, geralmente para impressão dos textos das obras;

B) A fórma **italica** ou **grypho** para captar a attenção do leitor, mudando ás vezes a significação das palavras;

C) A fórma **gotica**, geralmente nas circulares, bilhetes, cartões de visita, etc.;

D) A fórma **calligraphica**, geralmente nas obras de luxo e elegancia, etc.

Resumo synoptico

LETRAS quanto á
- natureza
  - vogaes
  - consonantes
- fórma
  - maiusculas
  - minusculas
- estructura
  - simples
  - compostas
  - modificadas
  - geminadas
  - ingeminaveis

Graphica dos phonemas.

Os phonemas, isoladamente tomados, se poderiam representar por 21 symbolos: 5 para os sonoros—*a-e-i-o-u*; 10 para os explosivos—*q-t-p-g-d-b-m-n-r-l* e 6 para os fricativos—*c-f-j-x-v-z*.

Mas, para satisfazer ás condições e ás bases em que repousa a orthographia historica ou etymologica, a que se têm de adscrever as linguas cultas, manifestam-se no corpo do vocabulo representados, pela maior parte, por mais de uma letra e ás vezes até modificados por notações lexicas.

1.º	*a*	pelos symbolos	*a — á*
2.º	*e*	—	*e — é*
3.º	*i*	—	*i — e*
4.º	*o*	—	*o — o-ou*
5.º	*u*	—	*u — ú-o*

As variantes *ê* e *ô* grapham-se por *e — ê*, *o — ô — ou*. Assim se grapham os explosivos:

1.º	*bé*	pelos symbolos	*b — bb bh* (raro)
2.º	*dé*	—	*d — dd dh* (raro)
3.º	*gué*	—	*g — gu*
4.º	*qué*	—	*c-cc-ch-cq-q-qu-k*
5.º	*lé*	—	*l — ll — lh*
6.º	*mé*	—	*m — mm*
7.º	*né*	—	*n — nn — nh — nm*
8.º	*pé*	—	*p — pp*
9.º	*ré*	—	*r — rr — rh — rrh*
10.º	*té*	—	*t — tt — th*

Assim se grapham os fricativos, ex.:

1.º	*cé*	pelos symbolos	*c-çc-cc-ç-s-ss-x*
2.º	*fé*	—	*f — ff — ph*
3.º	*gé*	—	*g — gg — j*
4.º	*vé*	—	*v — w* (raro)
5.º	*xé*	—	*x — ch*
6.º	*zé*	—	*z — s — x*

Assim se grapham os phonemas sonoros que se nasalizam :

1.º	*am*	pelos symbolos	*an — am — â — ão*
2.º	*ão*	—	*am — ão*
3.º	*em*	—	*em — en*
4.º	*im*	—	*im — in — ym — yn*
5.º	*om*	—	*om — on*
6.º	*um*	—	*um — un*

A orthographia tem por objecto estatuir e especificar methodicamente os casos e as condições em que, na representação integral do vocabulo, se devem empregar um ou outro symbolo, uma ou outra fórma graphica para correctamente sabermos graphar os phonemas, já então combinados no corpo da palavra ou vocabulo.

Notações lexicas.

Dizem-se notações lexicas os diversos signaes graphicos ou symbolos referentes a certos vocabulos para lhes regularizarem a prosodia.

As notações lexicas são : o **accento agudo** (´), o **circumflexo** (^), o **nasal** (~), o **apostropho** ('), o **hyphen** ou **traço de união** (-), o **cedilha** (ç), o **ponto abreviativo** (.) e o **trema** (¨) (1).

Toda notação lexica tem um **nome**, uma **fórma** e um **valor em funcção**.

Estudam-se na phonographia, porque quasi todas historicamente equivalem a letras.

---

(1) Podemos, para uniformidade de doutrina, estender o nome de *accento* a todas as notações e então chamar apostropho ou *accento suppressor*, hyphen ou *accento ligativo*, cedilha ou *accento sibilante*, ponto abreviativo ou *accento abreviativo*, trema ou *accento diastasico* ou *trematico*.

As notações lexicas e as syntacticas têm o nome geral de notações *graphicas*; pois as lexicas regulam a prosodia do vocabulo; as syntacticas as phrases, esclarecendo-lhes o sentido e concorrendo para a intuição e intelligencia exacta do trecho ou periodo.

Funcção das notações

O accento agudo apparece :

A) Sobre as vogaes terminaes — *a, e, i, o, u,* de qualquer vocabulo oxytono, ex. : sabi*á*, caf*é*, javalí, enx*ó*, urub*ú*.

B) Para indicar a contracção de dous *aa* brandos, ex. : *á* cidade=*a a* cidade, *á*quelle=*a a*quelle;

C) Para indicar a syllaba tonica de vocabulo desconhecido ou de introducção recente, ex. : *átono, perispoméno;*

D) Para indicar a tonalidade intensa de monosyllabos accentuados, ex. : *sé, fé, pé, cá, lá, dá, já;*

E) Para indicar e distinguir a tonica de vocabulos homographos, ex. : *duvída — dúvida, secretária — secretaría, — prégar — pregar, véde — vede, séde — sede, déste — d'este, pára — para.*

F) Para marcar a tonica do vocabulo de pronuncia dupla, attestando a opinião prosodica do escriptor, ex. : *hippódromo — hippodrómo, nível — nivél, projéctil — projectíl, acónito — aconíto, protótypo — prototypo, réptil — reptíl, grácil — gracíl, pégada — pegáda.*

O accento circumflexo apparece :

A) Sobre as vogaes tonicas, *ê, ô* dos vocabulos perispomenos, ex. : *mercê, avô* e seus derivados;

B) Sobre a vogal tonica *ô* de algumas fórmas verbaes e de algumas palavras, ex, : *vôa, môa, canôa, atôa;*

C) Sobre a terceira pessoa do plural de alguns verbos, marcando a contracção de dous *ee*, ex. : *têm=teem; vêm=veem.*

D) Sobre a vogal *ô* ou *ê*, para distinguir vocabulos homographos, ex. : *fôrma* e *fórma, côrte* e *córte, vêde* e *véde, sêde* e *séde, sê* e *sé*, etc.

Tanto o accento agudo como o circumflexo se podem chamar neste caso **accentos distintivos**, applicando-se ao portuguez o que Franco Meirelles escreveu acerca da lingua ingleza (1-2).

O accento nasal apparece :

A) Sobre a terminação nasal de qualquer vocabulo feminino e oxytono, ex. : irm*ã*, maç*ã*, rom*ã;*

---

(1) FRANCO MEIRELLES, *Gram. ingleza.*

(2) Conforme o novo systema graphico de alguns philologos portuguezes, seguido por alguns professores, torna-se exagerado o numero de accentos distintivos para fixar a prosodia ou orthoepia de certos vocabulos.

B) Sobre a prepositiva de qualquer diphtongo nasal, ex. : *mãe, pão, vão.*

O accento suppressor ou apostropho apparece :

A) Para substituir o *m* da preposição *com*, mas apenas no verso, antes dos artigos, ex. : co'o=com o; co'um=com um;

B) Ao alto da preposição de (d') para substituir a vogal absorvida, ex. : d'este, d'aquelle, d'isto, etc.

É erro empregar-se o apostropho nas contracções : *n'um n'isto, n'elle, n'outro, n'aquillo*, porque não houve nenhuma vogal eliminada.

Nellas a vogal suppressa foi o *e* da antiga fórma *en*, e assim o apostropho devera ser antes, como usa Leoni (1) ex. : num=*en — e+um; n'isto=en — e+isto;* porém « melhor, diz Julio Ribeiro, é seguir o caminho mais curto e escrever *num, nisto, noutro, nelle, naquillo* » etc.

Além disso por que empregar o apostropho nestas contracções, si não o empregamos nas fórmas articulares *no, na, nos, nas*, formadas em identicas condições?

O hyphen ou traço de união apparece :

A) No fim da linha, desde que a palavra a exceda, ex. : di-*gno*, a-*cto*, da-*mno*, a-*pto*, elli-*pse;*

B) Nas enclises pronominaes, ex.: vejo-*me*, escrevo-*te*, diz-*me*, conta-*nos*, trago-*vos*, amo-*o*, etc.

C) Nos vocabulos constituidos por juxtaposição, maximé nos modernos, ex. : via-lactea, contra-ponto, physico-chimica, porta-voz, ex-chefe.

O cedilha apparece sempre :

A) Sob *c* antes de *a, o, u* no interior do vocabulo para dar-lhe o valor de *s*, ex. : caça, paço, Cabuçú.

O ponto abreviativo apparece.

A) Nas **siglas**, isto é, nas letras iniciaes e maiusculas, que representem emblemas e denominações, etc. : C. M. (Collegio Militar), E. F. C. B. (Estrada de Ferro Central do Brazil), S. P. (Serviço Publico), P. S. (Post-scriptum), etc.

« Toda palavra abreviada, diz Parato, se marca com um ponto » (2) abreviativo.

B) Nas abreviações parciaes, isto é, naquellas em que houver mais de uma letra do vocabulo abreviado, ex. : Snr., Dr., Illm.º, V. Ex.ª

---

(1) LEONI, *Genio da linga port.*

(2) PARATO, *Gram. normale della lingua italiana.*

A notação *h* apparece sempre no corpo do vocabulo :

A) Para attestar a etymologia, ex. : *h*omem, pro*h*ibir, ab*h*orrecer, r*h*euma, t*h*eatro, d*h*alia.

B) Para obstar a diphtongação, ex. : ba*h*ia, sa*h*i, tra*h*ia.

C) Para formar letra composta, ex : *ph, ch, n, lh.*

D) Nas interjeições espontaneas, ex. : *ah! eh! ih! oh! uh!*

E póde apparecer por interferencia, isto é, por influencia graphica de um vocabulo sobre outro, parecendo haver identidade de raiz.

Assim é que occorrem esses erros barbaros — *thesoira* por falsa analogia a *thesouro*, *sachristão* por falsa analogia a *Christo, author*, por influencia ingleza, *Nitheroy*, pela influencia graphica das palavras gregas.

As notações lexicas, excepto o hyphen, valem por letras, desapparecidas na evolução historica da lingua.

Assim o agudo e o circumflexo valem por uma vogal substituida.

O cedilha é um antigo *z* de origem italiana — zediglia (1); o ponto abreviativo vale pelas letras que faltam, o nasal ou til é um antigo *n* alterado e o *h* ainda tem fóros de letra por sua posição no corpo do vocabulo.

O trema está desusado; a sua funcção é exercida já pelo *h*, ex. : ba*h*ú, já pelo accento agudo, ex. : saúdo, etc.

Historico das letras.

As letras mais antigas de que se serviam os Romanos eram 16; mas na epoca aurea, no periodo mais florescente da lingua latina, o alphabeto fixou a regularidade das fórmas das letras e adquiriu maior numero de notações.

Assim as primeiras 16 letras de origem puramente phenicia e modificadas pelos Gregos eram as seguintes : a, b, c, d, e, f, i, l, m, n, o, p, r, s, t, u.

Do que se vê faltam os signaes, g, h, j, k, v, x, y, z.

A letra *h* (2) era uma especie de notação cuja fórma, semelhante á do *f*, servia apenas para marcar a aspiração correspondente ao espirito rude dos Gregos.

---

(1) CHASSANG, *Nouvelle gram. française.*

(2) REINACH, *Gram. latine.* — GUARDIA et WIERZEISKI, *Gram. lat.*

Na epoca dos Decemviros, segundo o testemunho das XII taboas, o som *g* (gue) era ainda representado por *c* e pelos fins da Republica romana então começou o uso do *g* como tambem do *k*.

A letra *k* é de origem grega, havendo-se conservado nas mais antigas e remotas inscripções.

A notação *j* começou a ser usada mais ou menos dous seculos antes da quéda da Republica romana, mas sem distincção de vogal ou consoante.

Mais tarde, no seculo XIV, começou a distincção do *j* como consoante e do *j* como vogal e tanto assim que os escriptores quinhentistas empregavam indifferente *i* ou *j*.

Reproduziu-se este facto igualmente nas linguas novi-latinas, principalmente na italiana, em que no plural dos nomes em *io* escreviam *ij*, como em *studio — studij*; *occhio — occhij*, etc. (1).

No seculo da Renascença começou a distincção do *v* e do *u*, sons distintos que anteriormente eram representados apenas por *v*, segundo se vê ainda nos antigos textos da lingua portugueza e nas linguas romanas (2).

A notação *x* data dos fins da Republica romana; era considerada mais uma abreviação do que uma letra.

A fórma do *x* nos manuscriptos relembra-lhe a constituição historica, pois o *x* não é mais do que $c+s$ ou $g+s=x$, segundo observamos na prolação de certos vocabulos eruditos, ex.: *sexo*, *nexo*, *fixo* (3).

A notação *y* foi tomada aos Gregos pelos escriptores romanos para representarem com exactidão os vocabulos importados do grego para o latim (4) (5).

A notação *z* andou muito tempo usada na linguagem escripta das damas romanas antes de ter sido introduzida no corpo do alphabeto, razão por que occupa o ultimo logar no alphabeto novi-latino (6).

---

(1) SAUER, *Gram. italienne.*
(2) Vide as *Chrestomathias.*
(3) CLINTOCK, *Gram. latina.*
(4) *Fr. Domingos Vieira.*
(5) Os abnegados Missionarios, que, arrostando no periodo colonial as florestas e tendo por arma apenas a cruz, iam chamando as nossas tribus ao gremio da civilização, grapharam tambem com *y* um som de vocabulos indigenas que aos ouvidos lhes soavam analogo ao *v* grego, ou *u* francez.
(6) REINACH, *Obra citada.*

PROSODIA

Prosodia é o tratado da quantidade e accentuação dos phonemas na constituição do vocabulario.

A prosodia tembem se diz **orthophonia** ou **orthoepía**, termos mais expressivos, mais logicos do que prosodia, mas este prefere-se por mais usado e mais familiar, apesar de que Soares Barbosa, contrario á doutrina de Sotero dos Reis, estatue differença entre prosodia e orthoepía : esta para as linguas vivas, aquella para as mortas.

A prosodia se occupa da quantidade e da accentuação dos phonemas.

Quantidade prosodica

Quantidade prosodica é a extensidade da prolação de uma syllaba, isto é, a maior ou menor duração da voz quasi imperceptivel no acto de proferil-a (1)

Perdeu-se nas linguas novi-latinas a noção de quantidade que nos idiomas classicos — grego e latim tinha um valor quasi musical sob a fórma de toada melodiosa, apreciavel principalmente na estructura do verso latino.

Ainda assim, as syllabas por sua quantidade se dizem — **longas** e **breves**.

São longas :

(A) Por **accentuação tonica,** ex. :

*pa*po *be*be *chi*ta *po*de bam*bú*

---

(1) BURGRAFF, *Gram. générale.*

B) Por **posição**, isto é, sempre que a vogal syllabica estiver antes de duas consoantes, ex. :

altar *herva* *monismo* *folgar* *avulta*

C) Por **diphtongação** propria, ex. :

auto *geito* *tabaréo* *partiu* *destroe*

D) Por **diphtongação nasal**, ex. :

mães *escrivães* *opiniões* *muito* *coração*

E) Por **licença poetica**, isto é, **hyperbibasmo**, ex. :

púdico	por	pudico
inclito	—	inclito
Érico	—	Eríco
ocio	—	ocio
impar	—	impar

F) Por **homonymia**, distintiva da categoria grammatical, ex. :

analyse	ao lado de	analyse
recita	—	recita
celebre	—	celebre
publico	—	publico
homologo	—	homologo
telégrapho	—	telegrapho

São breves, ex. :

A) Toda syllaba que, não tendo a vogal em posição nem diphtongo, não está sob o accento tonico, ex. : *veloz*, *vocabulo*, *segundo*;

B) Todas as syllabas constituidas pelas variações pronominaes, — *me* — *te* — *se* — *nos* — *vos* — *lhe* — *o* — *a* — *os* — *as*; que, por não terem accentuação definida, se annexam ás formas verbaes.

C) Todas as particulas monosyllabicas, maxime as proposições, as conjuncções e os artigos, ex. : *o* — *de* — *sem* — *com* — *que* — *si* — *e* — *mas*, etc. (1-2).

Si assim não fôr estudada a quantidade, as normas ou leis grammaticaes ficarão flagrantemente em desaccôrdo com os factos, pois a noção de quantidade prosodica quasi desappareceu das linguas novi-latinas (3), absorvida pela accentuação.

Accentuação prosodica.

Accentuação prosodica é a maior intensidade d'uma syllaba em relação ás outras do mesmo vocabulo.

Esta syllaba, que por sua intensidade vibra mais forte e serve de base á prosodia do vocabulo, diz-se **tonica** ou predominante; as outras dizem-se **atonicas** ou predominadas.

O accento tonico regula a prosodia do vocabulo; e, si cada syllaba fosse representada por uma nota musical, a syllaba tonica seria representada por uma nota mais alta, mais aguda na escala diatonica (4).

---

(1) BRACHET, *Gram. historique*, p. 140.

(2) Os monosyllabos se dividem em **inaccentuados** ou **atonicos** e **accentuados** ou **tonicos**, pois estes ultimos sempre contêm **diphtongos** ou se acham assignalados por **notação lexica** ou letra equivalente, ex. : *dão, grau, rei, não, mãe; dá, ré, pé, vós, Job*, etc.

(3) Seja como fôr, os unicos vestigios que nos remanescem da syllaba **longa** se adscrevem ás seguintes regras :

São longas todas as syllabas **tonicas**, as **diphtongaes** e as de vogal seguida de duas consoantes, salvo si forem estas *l* ou *r* em que póde ser então longa ou breve a syllaba, ex. : *cara, faca*, amar, rapido, cautéla, anão, mãe, emporio, celebre.

(4) RIEMANN et GOELZER, *La première année de grec*, pag. 8; *La deuxième année de latin*, pag. 5; *La première année de latin*, pag. 6.

A proporção que o latim se barbarizou por influencia popular, a accentuação foi dominando a quantidade, de sorte que concluiu por vencel-a e absorvel-a.

Assim, nas linguas novi-latinas, que provieram mais do latim barbaro do que do classico, o estudo da prosodia se adstringe ao da **accentuação**; o proprio verso, que na lingua latina se baseava na quantidade, nas romanas se baseia na accentuação.

Accentuação tonica.

A syllaba tonica póde ser a **ultima**, a **penultima**, e a **ante-penultima**, e assim o vocabulo póde ser:

A) **Oxytono**, desde que o accento pese sobre a ultima syllaba, ex.: ca*fé*, cha*cal*, cora*ção*;

B) **Paroxytono**, desde que o accento tonico pese sobre a penultima syllaba, ex.: gran*de*za, vir*tu*de, secre*ta*ria;

C) **Proparoxytono**, desde que o accento tonico pese sobre a antepenultima, ex.: a*má*ramos, es*plén*dido, jus*tis*simo.

Tanto os paroxytonos como os preparoxytonos se denominam **barytonos**; e, segundo a technologia antiga e imperfeita, os oxytonos se dizem **agudos**, os paroxytonos **graves** e os proparoxytonos **esdruxulos** ou **dactylicos.**

Oxytonos.

São geralmente oxytonos:

A) Os vocabulos terminados por — *á, é, ê, í, ý, ó, ô, ú*, ex.: Pa*rá*, ra*pé*, vo*cê*, co*bri*, juri*ty*, Macei*ó*, av*ô*, uru*bú*;

B) Pelas vozes nasaladas — *ão, em, im, om, um*, ex.: cora*ção*, tamb*em*, mar*fim*, wag*on*, jej*um*;

C) Pelos diphtongos proprios — *ae, ai, au, ei,* *éo, eu, iu, oe, oi, ou, ui, ue*, ex.: can*tae*, pac*au*, di*rei*, cha*péo*, mor*reu*, ves*tiu*, com*boi*, vi*rou*, Guarda*fui*, ins*true*;

D) Pelos diphtongos nasaes — *ãe, ão, õe, õem*, ex.: Maga*lhães*, cai*xão*, li*mões*, pro*põem*;

E) Pelos elementos — *al, el, il, ol, ul*, ex.: vege*tal*, cor*del*, a*nil*, an*zol*, ta*ful*.

F) Pelos elementos — *ar, er, ir, or, ur*, ex.: a*mar*, co*mer*, dor*mir*, a*mor*, Ar*thur*.

G) Pelos elementos — *az, ez, iz, oz, uz*, ex.: car*táz*, cor*tez*, na*riz*, re*troz*, re*luz*.

Paroxytonos.

São geralmente paroxytonos:

A) Os vocabulos terminados por *a, e, o, u*, ex.: ly*ra*, mon*te*, pra*do*, tri*bu*;

B) Os terminados pelos diphtongos improprio, *eo, ia, ie, ua, uo*, ex.: *a*rea, *flo*reo, *co*pia, es*pe*cie, *Ma*rio, *ar*dua, con*ti*nuo;

C) Os terminados por *éa, ia, io*, ex.: epo*péa*, ava*ria*, na*vio*.

D) Os terminados por *x*, ex.: *in*dex, *ca*lix, *phe*nix.

Proparoxytonos.

São geralmente proparoxytonos:

A) Muitos substantivos e adjectivos homographos de verbos, ex.: *dú*vida, *nú*mero, a*ná*lyse, *cé*lebre, *pú*blico;

B) Todos os superlativos absolutos organicos, ex.: jus*tis*simo, pau*pér*rimo, diffi*cí*limo.

C) A maior parte dos vocabulos gregos, ex.: phi*lo*sopho, a*gró*nomo, ge*ó*grapho, phi*ló*logo;

D) Todas as primeiras pessoas dos pluraes do imperfeito do indicativo e as do subjunctivo; as do mais que perfeito e as do presente do condicional, ex. : a*má*vamos, a*má*ssemos, a*má*ramos, ama*rí*amos;

E) Os vocabulos que terminam por :

aco	— maniaco	loquo	— ventriloquo
aro	sáfaro	nubo	prónubo
cola	incola	olo	vitriolo
ebra	algebra	paro	ovíparo
fero	florífero	pede	bípede
fluo	melífluo	peto	centrípeto
frago	naufrago	sono	altísono
fugo	centrifugo	ubo	íncubo
gena	indigena	ulo	monticulo
geno	nubigeno	uplo	quadruplo
gero	belligero	volo	malévolo
ico	poetico	vomo	ignívomo
imo	décimo	voro	herbívoro

Translação do accento tonico.

Ha vocabulos que se poderiam chamar **divergentes** ou **duplos prosodicos**, pois nelles se effectua o phenomeno da prosodia dupla, sujeita aos caprichos individuaes, de sorte que apparece parallelamente o accento tonico erudito ao lado do popular, e este muitas vezes triumpha sobre aquelle (1).

---

(1) A esta accentuação que varia conforme os caprichos individuaes poderiamos chamar **clonica** em opposição á accentuação tonica, que é fixa e immovel, termos estes que assumiriam na grammatica o valor que têm em physiologia.

Assim occorrem :

PROSODIA ERUDITA	PROSODIA POPULAR
Hippódromo	Hippodrómo
projéctil	projectíl
pegáda	pégada
protótypo	prototýpo
involúcro	invólucro
decáno	décano
réptil	reptíl
larýngea	laryngéa
meníngea	meningéa
Dámocles	Damócles
Édipo	Edípo
Péricles	Pericles
Sóphocles	Sophócles
Agátocles	Agatócles
Cleopátra	Cleópatra
Heródoto	Herodóto
Praxíteles	Praxitéles
Ephesо	Ephéso
impares	impáres (1)
eclampsía	eclámpsia
anuría	anúria

A prosodia actual, embora etymologicamente incorrecta, porém corrente e acceita das fórmas *academía*, *átomo*, *acónito*, *Iphigénia*, *Andrónico*, *Oscár*, *Heráclito*, *Arthúr*, *pántano*, *myope*, *présbyta*, *pharmácia*, *oceáno*, *resedá*, *escamonéa*, *monolitho*, *idólatra*, *Cleópatra* e outras, provanos ser a lingua um organismo a cujas fórmas plasticas modificam e transformam diversos factores mesologicos (2).

---

(1) FREIRE, *Reflexões sobre a lingua portugueza*, pag. 21.

(2) Seguimos a abalizada opinião do notavel literato e scientista o Snr. Dr Ramiz Galvão que opina devermos restabelecer a pronuncia correcta e etymologica nos vocabulos eruditos, mormente nos termos technicos, sempre que nos fôr possivel.

O grammatico que experimente, observe, systematize e exponha estes phenomenos, mas não lhes opponha obstaculos ao desenvolvimento, pois se effectuam segundo leis fataes, independentes da nossa vontade, impostas pelo uso popular ou a influencia erudita.

Accentuação dupla.

Nos vocabulos formados por juxtaposição, sentimos geralmente no orgam auditivo a acção de dous accentos tonicos, constituindo o phenomeno da accentuação dupla que muitos igualmente dizem **binaria** (1).

Assim é que nos vocabulos juxtapostos : — *cóntradánsa*, *éntrelinha*, *espléndidaménte*, *mónográmma*, *prótoplásma* e outros, se notam dous accentos tonicos, isto é, o accento *primario* e o *secundario*, sendo este governado por aquelle, posto que recaia sobre a primeira fórma.

Até ha fórmas cruditas, geralmente gregas e latinas, em que o accento tonico se acha posto entre dous secundarios; um antes — **protonico**, outro depois — **paratonico**, ex. : *ventríloquo*, *bellígero*, *altísono*, *herbívoro*, *monologo*, *philólogo*, *photographo*, etc.

Em qualquer destes vocabulos ha duas fórmas que, desde que se desaggregassem, assumiriam, por serem **polysyllabicas**, os seus accentos tonicos, que perderam por effeito da juxtaposição.

Accentuação perispomena ou circumflexa.

Servindo-nos da glotologia grega, os vocabulos podem chamar-se (2) :

A) **Perispoménos**, desde que a syllaba final seja **tonica** e **circumflexa**, ex. : a*vô*, vo*cê*, co*mer*, etc.;

1) Henry, *Gram. comparée du grec et du latin.*
(2) Rapp, Kuerner, *Gram. grega.*

B) **Properispoménos**, desde que a syllaba penultima seja **tonica** e **circumflexa**, ex. : ro*che*do, sil*ve*do, *co*co, *gô*sto, amo*ro*so, *po*vo, *vê*de.

E conveniente estatuir as seguintes normas ou leis em que se baseia a prosodia dos properispoménos :

A) Será properispoméno no plural todo vocabulo que o for no masculino e no feminino, ex. :

bôbo	bôba	bôbos	bôbas
côxo	côxa	côxos	côxas
bôlso	bôlsa	bôlsos	bôlsas
fôfo	fôfa	fôfos	fôfas
balôfo	bolôfa	balôfos	balôfas
ensôsso	ensôssa	ensôssos	ensôssas
pilôto	pilôta	pilôtos	pilôtas
rôxo	rôxa	rôxos	rôxas
salôbro	salôbra	salôbros	salôbras
ôco	ôca	ôcos	ôcas
tôlo	tôla	tôlos	tôlas
rôto	rôta	rôtos	rôtas
tôdo	tôda	tôdos	tôdas
lôbo	lôba	lôbos	lôbas
pôço	pôça	pôços	pôças
môço	môça	môços	môças
gôdo	gôda	gôdos	gôdas
rapôso	rapôsa	rapôsos	rapôsas (1)

B) Não será properispoméno no plural todo vocabulo que o for apenas no masculino, mas não no feminino, ex. :

nôvo	nóva	nóvos	nóvas
pôsto	pósta	póstos	póstas
chôco	chóca	chócos	chócas
pôrco	pórca	pórcos	pórcas
ôvo	óva	óvos	óvas
bondôso	bondósa	bondósos	bondósas

(1) Entretanto sôgro e sógra, sôgros e sógras.

c) Não serão, quasi nunca, properispoménos no plural a maior parte dos vocabulos destituidos de fórma feminina, ex. :

fôgo	fógos
pôvo	póvos
glôbo	glóbos
fôrro (subst.)	fórros
fôro	fóros
pôrto	pórtos
ôlho	ólhos

Poucas as excepções que occorrem, e são estas as principaes, ex. : rôstos, sôldos, sôros, rebôcos, bôlos, dôrsos, estôfos, entrecôstos, repôlhos, bôjos, pôtros, nôjos, piôlhos, lôdos, colôssos e mais alguns ;

D) Será quasi sempre properispoméno no plural todo substantivo homographo relativamente a uma fórma verbal, ex. : sôpros, gôstos, côrros, vôos, dôbros, endôssos, engôdos, encôstos, esbôços, escôlhos, entôrnos, gôzos, jôrros, môrros, rôlos, sôcos, sôrvos, vôlvos, môlhos, bôtos, chôros, tôpos, etc.

São estas as leis ou normas que, deduzidas dos phenomenos da lingua, deveriam ter sido estatuidas pelo Sr. Julio Ribeiro, em cuja grammatica neste assumpto lavra a maior confusão (1), pois elle não as poude systematizar.

Todo o esforço hoje consiste em reduzir os factos da lingua a formulas geraes, descobrindo as leis a que logicamente se prendem os phenomenos glossológicos.

A grammatica hoje é tão **experimental** quanto a physica, a chimica, a biologia, etc.

(1) Julio Rib., *Gram, port.*, pag. 25.

Metaplasmos.

Metaplasmos são alterações que, posto se effectuem no organismo do vocabulo, não lhe alteram a significação (1).

Os metaplasmos descriptivamente estudados se podem dizer **alterações prosodicas**; e **alterações phoneticas**, desde que se effectuem no periodo de formação de qualquer lingua.

A **corrupção phonetica** ou **cacoepia** é tambem metaplasmo, mas inconscientemente elaborado na prosodia popular mediante diversas causas e influencias.

As alterações prosodicas se effectuam por seis processos gloticos : **addição, subtracção, transposição, substituição, assimilação** e **dissimilação**.

Addição.

Addição prosodica é o reforço exercido por um ou mais phonemas adventicios e exteriores ao vocabulo.

A addição se effectua :

A) Por **prothese**, desde que o reforço seja no começo, ex.: *a*levantar, *a*baixar, *a*inda, *a*té, *e*spaço, *e*star, etc. ;

B) Por **epenthese**, desde que o reforço seja no meio, ex. : pla*i*na = plana, regist*r*o = registo, flor*z*inha = florinha ; b*a*rata = brata.

(1) A palavra **metaplasmo**, desde os grammaticos latinos, tem sido empregada e ainda hoje por todos, como Burgraff, Julien, etc.

E' imprescindivel que as fórmas alteradas por metaplasmo tenham a *sancção do uso* na linguagem *culta* e autorizada : do contrario serão *cacoepias* e *plebeismos* que se não compadecem com as condições da sã linguagem nas suas manifestações literarias e scientificas.

c) Por **epithese** ou **paragoge**, desde que o reforço seja no fim, ex.: assim = assi, mim = mi, rubim = rubi, martyre = martyr, prol = pro.

Subtracção.

Subtracção prosodica é a quéda de um ou mais phonemas pertencentes ao vocabulo (1).

A subtracção se effectua:

A) Por **apherese**, desde que seja no começo, ex.: no = *e*no, sertão = *des*ertão, nisto = *e*nisto, salmo = *p*salmo, tisica = *ph*tisica, namorar por *e*namorar.

B) Por **syncope**, desde que seja no meio, ex.: espr'ança, p'ra, soante = so*n*ante, mor = ma*i*or.

C) Por **apocope**, desde que seja no fim, ex.: marmor = marmor*e*, regime = regim*en*, san (são) = san*to*, mui = mui*to*;

D) Por **synalepha**, desde que seja de uma vogal antes de outra, ex.: d'este = de este, d'onde = de onde, d'alva = de alva, etc.

E) Por **echthlipse**, desde que seja do *m* da preposição *com* antes dos artigos, mas exclusivamente no verso, ex.: c'o = com + o, co'um = com + um;

F) Por **crase**, desde que seja de *a* antes de outro *a* que se reforça e se marca com o accento agudo: *à* cidade = a a cidade, *à*quelle = a a aquelle;

G) Por **dissimilação**, desde que seja de um som

(1) A addição prosodica tambem se diz **auxese** e a subtracção **hypherese**; a **synalepha**, e **echthlipse** e a **crase**, além de subtrahir, fundem os sons, abreviando-lhes a prolação.

por effeito de outro *igual*, ex.: cari*d*oso = cari*da*doso, bon*d*oso = bon*dad*oso, prothe*s*e = pros-the*s*e, synta*x*ico por synta*ct*ico, frade — fra*dr*e, etc.

Transposição.

Transposição prosodica é o deslocamento tanto de phonemas como do accento tonico no organismo do vocabulo.

A transposição se effectua:

A) Por **hyperthese**, desde que o phonema passe de uma syllaba para outra; ex.: desva*i*rado = desvar*i*ado, a*i*po = ap*i*o, resa*i*bo = resab*i*o;

B) Por **metathese**, desde que o phonema se transponha dentro da mesma syllaba, ex.: sem*pre* = sem*per*, f*r*ol (antigo) = f*l*or, p*r*omenor = po*r*menor;

C) Por **diastole**, desde que o accento tonico se transponha da syllaba anterior para a posterior, ex.: bello*drómo* por bel*ló*dromo, gra*cil* por *grá*cil, im*pio*, por *im*pio, pan*táno* por *pán*tano, murmu*rio* por mur*mú*rio;

D) Por **systole**, desde que o accento se transponha da posterior para a anterior, ex.: in*vó*lucro por invo*lú*cro, au*tó*psia por autop*sia*, li*thúr*gia por lithur*gía*, a*có*nito por aco*ni*to, *á*tomo por a*tó*mo, *pré*saga por pres*á*ga, etc.

A **diastole** e a **systole** se comprehendem no termo geral **hyperbibasmo**, isto é, transposição da syllaba tonica, maximé no verso para satisfazer ao rigor da metrica ou versificação, de sorte que, emquanto a systole contrae e encurta prosodicamente o vocabulo, a diastole o alonga e o dilata, como se opéra na revolução cardiaca a que tomamos os nomes.

Substituição.

A substituição é a permuta de um phonema por outro mediante condições determinadas.

A substituição se effectua:

A) Por **apophonia** ou **deflexão**, desde que um phonema sonoro ou vogal se substitua por outro mediante a acção de um **prefixo**, ex.: in + *a*migo = in*i*migo, in + *a*pto = in*e*pto, com + d*a*mnar = cond*e*mnar, com + calcar = conc*u*lcar, in + b*a*rba = imb*e*rbe;

B) Por **paragrammatise**, desde que um phonema consonantal se substitua por outro, apenas por euphonia, ex.: amal-o por amar-o, eil-o por eis-o, fil-o por fiz-o, vimol-o por vimos-o.

A marcha deste phenomeno foi, segundo nos attestam antigos documentos, a seguinte: — amar-lo — amallo (assimilação do *r* verbal ao *l* do pronome *lo*), amal-o (perda do *l* do pronome *lo* e sua substituição pelo hyphen).

Assim nos demais, ex.: cis*lo* — ei*llo* — ei*l-o*, fiz*lo* — fi*llo* — fi*l-o*, vimos*lo* — vimo*llo* — vimo*l-o*, per*lo* — pe*llo* — pe*lo*, do mesmo modo que no latim se elaboraram muitas fórmas similares, ex.: puer*ula* — puer*la* = pue*lla*, caster*ulo* = caster*lo* = caste*llo*, etc.

C) Por **assimilação** ou **attracção**, desde que um phonema se substitua, accommodando-se (1) á fórma de outro, ex.: co*r* + *r*omper = co*m* + *r*omper, di*f* + *f*erente = dis + *f*erente, a*n* + *n*otar = a*d* + *n*otar, i*r* + *r*egular = i*n* + regular, etc.

(1) Chassang, *Gram. latine*, pag. 23, *Grammaire grecque*, pag. 11. — Nouvelle, *Gram. française*, pag. 23. — Guardia et Wierzeyski, pag. 36. — Burgraff, *Gram. générale*, pag. 91.

Assimilação.

Sempre que no organismo do vocabulo ha sons consonantaes differentes e asperos, um reage sobre o outro, de sorte que se homologam e se identificam, ex.: *op* + *por* = *ob* + *por*, *ir* + *r*egular = *in* + *r*egular, co*r* + *r*oer = co*m* + *r*oer, etc.

É a assimilação ou alliteração (1) intravocabular.

Este phenomeno que mais se manifesta sobre os prefixos, se transmittiu do latim ao portuguez, em que se immobilizou, fixando-se em grande numero de fórmas.

Assim é que por assimilação apparecem numerosas geminações, ex.: nostro — nosto — *nosso*, musto — mu*sso* — *moço*, asture — *assore* — *açor*, etc.

Mas vocabulos ha em que a geminação se perdeu, depois de haver existido na fórma **intermediaria** existente na lingua archaica: — mosso e assor, ma*tt*ar, etc.

A assimilação póde ser:

A) **Progressiva** ou **ascendente**, desde que a força assimilativa parta do som anterior para o posterior.

Assim, nas fórmas *nostro* e *musto*, a força assimilativa partiu do *s* para o *t*.

B) **Regressiva** ou **descendente**, desde que a força assimilativa parta do som posterior para o anterior.

Assim, nas fórmas — *corromper*, *irregular*, a força assimilativa partiu do *r* da raiz para o phonema final do prefixo.

Na lingua latina a assimilação póde ser **completa** e **incompleta**, conforme appareçam ou não sons **geminados**.

No lingua portugueza, porém, a assimilação mais frequente, mais geral, se effectua regressivamente por attracção da raiz sobre os prefixos, conforme os seguintes casos:

(1) Vêde — Guardia et Wierzeyski, pag. 57. — Burgraff *Gram. générale*, pag. 91, — Egger, *Gram. comparée*, pag. 142.

Assimilações de prefixos.

O prefixo *ad* latino assimila-se em:

c — ac-clamar	por	ad-clamar
f — af-firmar	—	ad-firmar
g — ag-gregar	—	ad-gregar
l — al-locução	—	ad-locução
n — an-notar	—	ad-notar
r — ar-rolar	—	ad-rolar
s — as-sumir	—	ad-sumir
t — at-trahir	—	ad-trahir
p — ap-parecer	—	ad-parecer

O prefixo *com* assimila-se em:

l — col-ligar	por	com-ligar
r — cor-romper	—	com-romper

O prefixo *ex* latino assimila-se em:

f — ef-fusão	por	ex-fusão

O prefixo *in* latino assimila-se em:

l — il-limitar	por	in-limitar
m — im-mortal	—	in-mortal
r — ir-regular	—	in-regular

O prefixo *dis* assimila-se em:

f — dif-fundir	por	dis-fundir

O prefixo *ob* latino assimila-se em:

c — oc-caso	por	ob-caso
f — of-fensa	—	ob-fensa
p — op-por	—	ob-por

O prefixo *sob* ou *sub* latino assimila-se em:

c — suc-cumbir	por	sub-cumbir
f — suf-focar	—	sub-focar
g — sug-gerir	—	sub-gerir
p — sup-por	—	sub-por

O prefixo grego *syn* assimila-se em:

l — syl-lepse	por	syn-lepse
m — sym-metria	—	syn-metria

Dissimilação

Sempre que no organismo do vocabulo ha dous sons consonantaes de igual natureza e asperos, um tende a ser substituido ou eliminado por outro mediante dous processos.

A) Por **suppressão**, desde que um som caia por effeito de outro igual, ex. : bon*d*oso por bon*d*adoso, cari*d*oso por cari*d*adoso, prothe*s*e por pro*s*these, frade por frad*r*e.

A suppressão do *r* por effeito de outro manifesta-se geralmente na prosodia **popular**, e assim nas fórmas — pe*r*tubar por pertu*r*bar, exp*r*obar por exp*r*ob*r*ar, p*r*opio por prop*r*io, p*r*ostar por prost*r*ar, constituindo vicio de pronuncia, etc.

B) Por **substituição**, desde que um som se converta homorganicamente por effeito de outro igual, ex. : synta*x*ico por syn*ta*ctico, *l*irio por *l*i*l*io, ma*r*melo por ma*l*melo, etc.

— Estes phenomenos quasi sempre occorrem nos adjectivos, isto é, si na raiz houver *r*, o suffixo terá *l* e vice-versa, ex. : *integral*, *fraternal*, *exemplar*, *familiar*, salvo os adjectivos de formação erudita e modernos, ex. : *philosophal*, *polygonal*, em que os sons não se repellem, por não estarem sujeitos á prosodia popular em que se elaboram os grandes phenomenos da lingua.

Corrupção phonetica

Corrupção phonetica ou **cacoepia** é o estrago por que passa o vocabulo nos seus sons consti-

tutivos sob a acção da pronuncia popular das classes illetradas.

Assim se observam as corrupções — *binho* por *vinho*, *borços* por *bolços*, *colmejo* por *colmeia*, em que o vocabulo se desviou da fórma classica.

Diz-se **fórma classica** ou **lexicographica** aquella que, adoptada em uma epoca, se acha registrada nos lexicons ou diccionarios, ex. : *vinho*, *trabalho*.

Vocabulos ha que possuem duas fórmas classicas de igual valor e significação, ex. : *noite* = *noute*, *açoite* = *açoute*, *syncope* = *syncopa*, *carbono* = *carbone*, *covarde* = *cobarde*, *taverna* = *taberna*, *fadigar* = *fatigar*, *cousa* = *coisa*.

Estes vocabulos se dizem **syncreticos** ou **duplos**, e uma das fórmas tende a se immobilizar, expellindo a outra.

No começo do seculo XVI occorriam quatro fórmas parallelas do verbo *ser* na primeira pessoa do singular do presente do indicativo; assim havia *so*, *som*, *são* e a fórma *sou* que se immobilizou, apesar do esforço dos classicos, maximé do grammatico João de Barros, em preferir a fórma *som* por mais aproximada do typo latino *sum*.

Algumas fórmas que se reprovam em certos periodos da lingua se adoptam e se registram em outros; passam ao estado de classicas, por se empregarem e usarem constantemente.

Assim, as fórmas — *enteado*, *estomago*, *quantia*, *diocese*, *piedade*, *giria*, *glotão*, *zarolho*, eram outrora anticlassicas e corruptas segundo José Freire, pois as que se adoptavam eram — *anteado*, *estamago*, *quontia*, *diacese*, *piadade*, *gira*, *golotão*, *zanolho*, que se arcaizaram e se baniram da lingua culta, existindo apenas hoje na tradição popular.

A corrupção phonetica, um dos factores da transformação organica dos idiomas, se exerce e se rege por duas leis biologicas : a **lei da transição** e a **do menor esfôrço**, pois a corrupção se produz com tanta regularidade como os phenomenos de ordem physica (1).

(1) DARMSTETER, *La vie des mots*, pag. 8. — BRACHET, *Dict. de la langue française*.

Segundo a lei de transição, effectua-se sempre a corrupção phonetica mediante phonemas **intermediarios**, attestados nos periodos arcaicos da lingua. Assim é que o phonema *p* desce a *v*, passando homorganicamente por *b*, ex. : po*p*ulo — po*b*lo — po*v*o, esco*p*a — esco*b*a — esco*v*a, etc. (1).

De accôrdo com a lei do menor esfôrço se explicam as **transformações** por abrandamento e as **quedas** dos phonemas, já no periodo historico da formação da lingua, ex. : *digito* = *dedo*, *monstrare* = *mostrar*, *multo* = *muito*, já na prosodia popular, ex. : *aua* = *agua*, *bataia* = *batalha*, *qua* = *qual*, *ama* = *amare*, phenomeno peculiar aos Brasileiros indoutos.

Interferencia phonetica.

Assim como no organismo do vocabulo os phonemas se assimilam e se dissimilam, assim vocabulos ha cujos phonemas se modificam por influencia dos de outros, de sorte que aquellas fórmas irregulares e menos geraes se vão adaptando á prosodia de outras, mais conhecidas e mais geraes.

Este phenomeno se diz **interferencia** ou **analogia morphologica**, que ás vezes se exerce sobre um vocabulo inteiro ou expressão, transfigurando-os organicamente, por effeito de outro vocabulo.

Assim se vão substituindo as fórmas *constroe*, *destroe*, *consome* por *construe*, *consume* por analogia ás fórmas cognatas mais regulares — *instrue*, *assume*; as fórmas *jouve* por *jazi*, *jouvera* por *jazera*, *jouvesse* por *jazesse*, *jouver* por *jazer*, por serem regulares e por isso mais compativeis com o desenvolvimento natural da lingua.

A interferencia se está effectuando nos verbos *impedir* e *despedir* que, comquanto não sejam formados de *pedir*, mas de *pedire* latino, soffrem a *interferencia* do verbo *pedir*, por effeito de uma falsa analogia ou « comminação analogica » (2).

Apparecem, pois, as fórmas *impeço*, *dispeço*, *impeça* e *dispeça*, etc., por *impido* e *despido*, *impida* e *despida*, incompativeis com o estado actual da lingua, pois são proprias do portuguez medieval.

Erram os grammaticos que, oppondo-se ao desenvolvimento da lingua, preconizam as fórmas — *impido*, *despido*,

(1) A lei da transição é o corollario do grande principio, assignalado por Plinio : « *Natura saltus non facit* ».

(2) REGNAUD, *La linguistique évolucioniste*.

impida e *despida*, pois sobre os verbos *impedir* e *despedir* actua por interferencia o verbo *pedir* por uma falsa analogia exterior existente entre este e aquelles.

A interferencia é tão poderosa, estraga tanto as fórmas, que expressões e phrases inteiras se corrompem, e assim é que occorrem as expressões *cuspido* e *escarrado* por *esculpido* e *encarnado*, *semprenoiva* por *centinodia*, maximé muitas expressões latinas de que nos utilizamos, ex. : *necessidade tem cara de herege* por *necessitas caret lege*.

A interferencia póde ás vezes resultar da coexistencia de diversos processos para a expressão de uma mesma relação grammatical.

Assim se explica por que o condicional, creação organica das linguas romanas, póde ainda ser eliminado pela interferencia do imperfeito do indicativo, ex. : eu *estudava*, si podesse, por eu *estudaria*...

Este phenomeno querem que seja brasileirismo, mas já o temos achado em escriptores portuguezes, maximé nos modernos; é uma tendencia irresistivel da lingua, por isso torna-se commum tanto a Brasileiros como a Portuguezes.

ORTHOGRAPHIA

Orthographia é o tratado da representação graphica dos phonemas na constituição do vocabulo.

Esta parte da phonologia está sujeita a certas condições, a certas normas cujo conjunto organico e methodico constitue os systemas graphicos que são o **systema etymologico**, o **phonetico** e o **mixto** ou **usual**.

Tanto no Brasil como em Portugal diversas vezes, mas debalde, se tem tentado reformar a orthographia no presupposto de simplifical-a, aproximando-a do systema phonetico.

Mallogram-se as tentativas de reforma, porquanto a correcção graphica, de accôrdo com as tradições da lingua e a lição dos doutos, mais se consegue na leitura dos melhores autores e no manusear dos diccionarios do que mediante reformas (1).

(1) SOTERO DOS REIS, *Gram. port.*, pag. 276.

A correcção graphica é um producto do tempo, independente d'este ou d'aquelle systema, e « aprende-se mais por uma especie de memoria optica », segundo me diz sempre meu illustrado collega Fausto Barreto.

Na maior parte das linguas a orthographia é sempre imperfeita, pois nem sempre ha correlação infallivel e accôrdo entre a graphica e a prosodia, maximé no inglez e no francez (1).

A orthographia seria perfeita, si a cada phonema correspondesse apenas um symbolo e a cada symbolo apenas um phonema (2).

Systema etymologico.

De accôrdo com este systema os vocabulos grapham-se, empregando-se certos symbolos ou caracteres proprios e adoptados para representar certos sons das linguas de que se derivaram.

Assim é que se usam para os vocabulos gregos os symbolos — *ph*, *th*, *rh*, *ch*, *k*, *y*, e para os latinos — *f*, *t*, *r*, *q*, *i*, etc.

Os caracteres do systema etymologico ou historico são :

A) As letras geminadas : — *bb*, *cc*, *dd*, *tt*, *pp*.
B) — compostas : — *ph*, *lh*, *nh*, *th*, *ch*.
C) — etymologicas insonoras : *g*d, *c*t, *p*t, *b*t.
D) — homophonas : — *c*=*k*=*q*=*ch*; *ph*=*f*, *s*=*z*, etc.

A's vezes ha exagero de etymologia, restaurando-se no corpo do vocabulo symbolos que não tem mais razão de ser, ex. : san*c*to, pra*c*tica, pon*c*to, su*b*jeito, e*x*forço, e*x*spirar, s*y*mmetria, fa*l*lar, a*p*prender, se*p*tembro, t*h*io, esc*h*ola e outros em que devemos preferir a graphica mais usual, mais simples e dos lexicons mais notaveis.

(1) ASSIER, *Physiologie du langage graphique*, pag. 276.
(2) EGGER, *Gram. comparée*, pag. 27. — BURGRAFF, *Gram. générale*, p. 146.

Systema phonetico.

De accôrdo com este systema grapham-se os vocabulos, attendendo-se exclusivamente á prosodia e usando-se apenas poucos symbolos de som fixo.

Os caracteres deste systema são o emprego :

A) De letras sempre simples : — fisica, trono, omem ;
B) — — sonoras : ca*p*tar, ma*g*no, elli*p*se ;
C) — — nunca geminadas : — a*p*arecer, sa*b*ado, ação ;
D) — — sempre monóphonas : — *x*amar, ma*q*uina, ca*z*a, *f*izica.

Este systema não póde prevalecer, pois a prosodia do vocabulo varía com os tempos, lugares e os individuos, e até no mesmo individuo, de modo que lavrará a anarchia, a confusão, por não haver uma base menos variavel e mais fixa.

Este systema favorece a dialectação e o apparecimento de muitos homonymos (1) e desfigura a lingua « o querermos reduzil-a a um accôrdo de pronuncia e de graphica » (2-3).

---

(1) PACHECO LAMEIRA, *Gram.*, pag. 52.

(2) Mme KKAFF BUCAILLE, *Causeries sur la langue française*, pag. 49.

(3) A graphia anarchica que de chôfre pretendeu a Academia de Letras impôr, constitue especimens de cacographias, pois sem mais nem menos se não obliteram a tradição e a historia de uma lingua com reformas extemporaneas, infensas aos costumes do povo que a fala.

A Academia, que devêra ser a força e o centro em que se mantivessem e se depositassem as tradições da lingua, se converteu em elemento revolucionario, anarchizando a graphica sem ao menos ter ainda um *diccionario* seu, em que se lhe registrassem os vocabulos conforme as abstrusas pretenções.

Tudo passa. Assim se deslustraram as celebres academias literarias do seculo XVII, a escola gongorica, o romantismo e o actual nephelibatismo, morto na aurora da vida.

Mais por mera conveniencia e com o fito de entrarem para a Academia do que por inabalavel convicção das excellencias cacographicas, alguns autores houve que nos publicaram trabalhos em graphica academica.

Systema mixto.

De accôrdo com este systema grapham-se os vocabulos, respeitando-se, tanto a etymologia como a prosodia.

Infelizes os povos e os individuos que renegam as suas tradições, quaesquer que lhes sejam ellas.

O que é de notar é que, emquanto já se ia firmando a uniformidade na graphica usual, ainda dos actuaes reformadores dous não hei visto que igualmente escrevam ; até alguns ha incoherentes e vacilantes na graphica do mesmo vocabulo, outros que se já penitenciaram do impensado em que incidiram.

Com o tempo é que se vão operando lenta e insensivelmente reformas graphicas e prosodicas, á proporção que as fórmas dos vocabulos as vae polindo e desbastando o espirito literario da lingua, representado nos seus melhores escriptores, os seus philologos, os seus scientistas.

Assim o *ch* se tem reduzido ao *c* simples, o *ph* ao *f*, á medida que ao lexico portuguez se vão plasmando e assimilando os vocabulos gregos, tornando-se mais populares, mais nossos ; letras geminadas e insonoras têm desapparecido, de sorte que se vae simplificando a graphica com o evolvimento da lingua, adaptando-se mais e mais ao menor esforço, sem transfiguração abrupta da physionomia vocabular.

Vejamos, pois, nos exemplos seguintes as modificações graphicas que, sob a autoridade do uso, já se acham insensivelmente sanccionadas, além de outras que se estão elaborando, ao passo que se popularizam os vocabulos, pois quanto aos eruditos e technicos nos cumpre deixar-lhes a graphica, o mais que for possivel, consoante á etymologia.

GRAPHIAS

1.º Eliminação do *h* no grupo grego *ch*, mas antes de *o* e *a*, exs. :

Fórmas revogadas	Fórmas entes	Fórmas revogadas	Fórmas vigentes
Melancholia	melancolia	Mechanica	mecanica
charta	carta	epocha	epoca
character	caracter	archaico	arcaico
chorda	corda	charidade	caridade
eschola	escola	echo	eco
monarcha	monarca	archanjo	arcanjo
anchora	ancora	choro	côro

Este systema harmoniza a etymologia com a tradição da lingua, mais ou menos modificadas segundo o uso dos doutos e as lições dos mestres e, adaptando-se ao desenvolvimento gradual da lingua, vae resistindo a quaesquer reformas extemporaneas, pois as modificações prosodicas não se devem reflectir immediatamente na orthographia (1), ex. : prom*p*to acto, *p*salmo, au*g*mento.

As linguas immobilizam-se no systema etymologico; estragam-se no phonetico; desenvolvem-se no systema mixto.

2.º Substituição do *ph* por *f* nos vocabulos **populares** :

Phaisão	faisão	Phantasma	fantasma
phrenesi	frenesi	camphora	canfora
golpho	golfo	sulphurico	sulfurico
phantasia	fantasia	phlegmão	flegmão

3.º Simplificação de letras **geminadas** :

Apprender	aprender	Gibba	giba
approximar	aproximar	lettra	letra
symmetria	symetria	tannino	tanino
fallar	falar	seccar	secar
setta	séta	peccar	pecar
gotta	gôta	estrella	estrela
sabbado	sabado	addensar	adensar
abbade	abade	bocca	boca

4.º Eliminação de certas letras **insonoras** :

Prancto	pranto	Psalmo	salmo
practica	pratica	phtisica	tisica
sancto	santo	scentelha	centelha
poncto	ponto	asthma	asma
exspirar	expirar	auctor	autor
septembro	setembro	adjuncto	adjunto
thio	tio	ptisana	tisana

— Apesar de se ir modificando a graphica, deverá a lingua continuar a graphar os vocabulos homonymos, distintamente, ex. : bu*x*o e bu*ch*o, ta*x*a e ta*ch*a, *rh*ombo e *r*ombo, nó*s* e no*z*, *vós* e *voz*, co*m*sigo e co*n*sigo, co*s*er e co*z*er, harmonizando-lhes a prosodia com a etymologia.

---

(1) Clédat, *Gram. de la vieille langue française*, pag. 18.

Graphica das vozes.

Graphem-se :

O phonema *á* :

A) Por *á* accentuado na terminação vogal dos monosyllabos tonicos e dos oxytonos, ex. : d*á*, c*á*, l*á*, j*á*, Par*á*, sabi*á*.

B) Por *a* inaccentuado nos demais casos, ex. : p*a*r*a*, penn*a*, *a*migo, g*a*to.

O phonema *é* :

A) Por *é* accentuado na terminação vogal dos monosyllabos tonicos e dos oxytonos, ex. : p*é*, f*é*, r*é*, rap*é*, jacar*é*, e nalgumas palavras como colh*é*r, talh*é*r, conv*é*s, rev*é*s, etc. ;

B) Por *e* inaccentuado nos demais casos, ex. : *e*ra, t*e*la, ann*e*l, pap*e*l.

A variante *ê* :

A) Por *ê* circumflexo na terminação vogal dos monosyllabos tonicos e dos oxytonos, ex. : s*ê*, v*ê*, d*ê*, l*ê*, voc*ê*, merc*ê*;

B) Por *e* inaccentuado nos demais casos, ex. : m*e*do, c*e*do, b*e*bado, pod*e*r, corr*e*r.

O phenoma *i* :

A) Por *e* inaccentuado na terminação dos barytonos e na conjuncção *e*, ex. : *e*, fal*e*, hosped*e*;

B) Por *y* nos vocabulos de origem grega, tupy ou estrangeiros, ex. : ph*y*sica, jat*y*, tilbur*y*, jur*y*;

C) Por *i* inaccentuado nos demais casos, ex. : v*i*, *i*ra, part*i*, lap*i*s.

O phonema *ó* :

A) Por *ó* accentuado na terminação vogal dos monosyllabos tonicos e dos oxytonos, ex. : p*ó*, s*ó*, m*ó*, cip*ó*, enx*ó*;

B) Por *o* inaccentuado nos demais casos, ex. : c*o*p*o*, n*o*va, anz*o*l, retr*o*z, vel*o*z.

A variante *ô* :

A) Por *ô* circumflexo na terminação vogal dos oxytonos, ex. : avô;

B) Por *o* inaccentuado nos demais casos, ex. : esposo, novo, crosta, condor, amor, arroz.

O phonema *ú* :

A) Por *ú* accentuado na terminação vogal dos monosyllabos tonicos e dos oxytonos, ex. : nú, crú, urubú, bambú, taquarassú;

B) Por *o* inaccentuado na terminação dos barytonos, ex. : mato, posso, digo;

C) Por *u* inaccentuado nos demais casos, ex. : esc*u*do, l*u*a, rel*u*z, vir*u*s, trib*u*.

Graphica diphtongal.

Graphem-se :

O grupo *ae* :

A) Por *a-e* no fim do vocabulo, no plural dos nomes em *al*, nos imperativos e nas terceiras pessoas do singular do indicativo dos verbos, ex. : p*ae*, riv*ae*s, cant*ae*, v*ae*, s*ae*, tr*ae*;

B) Por *a-i* nos demais casos, ex. : alf*ai*ate, n*ai*pe, *ai*po, apesar de se escrever *Ca*etano;

C) Por *a-y* em alguns nomes proprios, ex. : M*ay*narte, M*ay*a.

O grupo *au* :

A) Por *a-u* no começo, no interior dos vocabulos paroxytonos, ex. : *au*tor, n*au*ta, l*au*to, ar*au*to;

B) Por *a-o* na terminação dos oxytonos, ex. : ming*ao*, calh*ao*, Ladisl*ao*.

O grupo *ea* :

A) Por *e-a* inaccentuado na terminação dos barytonos, ex. : niv*ea*, purpur*ea*, marmor*ea*;

B) Por *é-a* accentuado na terminação dos paroxytonos, ex. : id*éa*, epop*éa*, chor*éa*.

O grupo *ei* :

A) Por *e-i* no começo, no meio e no fim dos vocabulos, ex. : *ei*to, g*ei*to, sab*ei*;

B) Por *e-y* em alguns nomes estranhos ao nosso lexico, ex. : jock*ey*, Wanderl*ey*, b*ey*, troll*ey*.

O grupo *éi* :

A) Por *é-i* accentuado no plural aberto dos nomes em *el*, ex. : ann*éi*s, pap*éi*s, doc*éi*s.

O grupo *eo* :

A) Por *e-o* inaccentuado na terminação dos barytonos, ex. : alv*eo*, niv*eo*, aur*eo*;

B) Por *é-o* accentuado na terminação dos oxytonos, ex. : chap*éo*, c*éo*, tabar*éo*.

O grupo *eu* :

A) Por *e-u* no começo, no meio e na terminação dos oxytonos, ex. : *eu*genico, n*eu*tro, corr*eu*, *eu*crasia.

O grupo *ia* :

A) Por *i-a* na terminação dos barytonos, ex. : glor*ia*, gir*ia*, audac*ia*.

O grupo *ie* :

A) Por *i-e* na terminação dos barytonos, ex. : san*ie*, superfic*ie*.

O grupo *io* :

A) Por *i-o* na terminação dos barytonos, ex. : colleg*io*, glad*io*, Mar*io*;

B) Por *i-u* na terminação dos oxytonos, ex. : sah*iu*, part*iu*, pun*iu*.

O grupo *oe* :

A) Por *o-e* na terminação dos oxytonos, ex. : her*oe*, destr*oe*, carac*oe*s;

B) Por *o-y* em nomes indigenas e nos estranhos ao lexico, ex. : G*oy*az, Niter*oy*, God*oy*, El*oy*.

O grupo *oi* :

A) Por *o-i* no começo, no meio e na terminação dos oxytonos, ex. : *oi*to, n*oi*te, dep*ois*.

O grupo *ou* :

A) Por *o-u* no começo, no meio e na terminação dos oxytonos, ex. : *ou*torga, aç*ou*gue, mat*ou*.

O grupo *ua* :

A) Por *u-a* no começo, no meio e no fim dos barytonos, ex. : *ua*riquina, ag*ua*da, leg*ua*.

O grupo *ue* :

A) Por *u-e* no meio e na terminação dos oxytonos, ex. : g*ue*la, q*ue*stão, questor.

O grupo *ui* :

A) Por *u-i* no começo, no meio e no fim de alguns vocabulos, ex. : *ui*vo, fl*ui*do, *fui* ;

B) Por *u-e* na terminação dos verbos, ex. : instr*ue*, poss*ue*, arg*ue*, fluct*ue*.

C) Por *u-y* em alguns nomes proprios, ex. : R*uy*, G*uy*, Guardaf*uy*.

O grupo *uo* :

A) Por *u-o* na terminação dos barytonos, ex. : ard*uo*, contin*uo*, ambig*uo*.

Graphica dos diphtongos nasaes.

Graphem-se :

O grupo *ãe* por *ã-e*, ex. : *mãe*, *cães*, escriv*ães*.

O grupo *ão* por *ã-o* :

A) Em qualquer monosyllabo, ex. : *cão*, ch*ão*, *vão*, *tão*, *são*, *dão*, *mão* ;

B) Em qualquer polysyllabo, seja qual for a categoria, mas desde que seja **oxytono**, ex. : vulc*ão*, christ*ão*, ver*ão*, dir*ão*, ent*ão*, est*ão* ;

C) Por *a-m*, em qualquer vocabulo, seja qual for a categoria, mas desde que **não** seja **oxytono**, ex. : órg*am*, sót*am*, Estév*am*, Christóv*am*, cánt*am*, fizér*am*, trouxér*am*, amár*am*. (Neste caso não ha diphtongo) (1).

O grupo *õe* :

A) Por *õ-e* nos substantivos e no singular do verbo *pôr* e seus compostos, ex. : gab*ões*, opin*ões*, p*õe*, dep*õe*;

B) Por *õ-e-m* nas terceiras pessoas do plural do verbo *pôr* e seus compostos, ex. : p*õem*, dep*õem*, comp*õem*.

Graphica das vozes nasaladas.

Graphem-se :

A voz nasal *an* :

A) Por *ã* na terminação dos vocabulos oxytonos femininos, ex. : rom*ã*, l*ã*, maç*ã*;

B) Por *a-m*, antes das consoantes *b*, *p*, *m*, e ás vezes antes de *n*, ex. : t*am*bor, *am*paro, fl*am*ma, d*am*no ;

C) Por *a-n*, não estando seguida de *b*, *p*, *m*, *n*, ex. : c*an*to, g*an*so, af*an*.

A voz *en* :

A) Por *e-m* na terminação dos vocabulos e nos compostos de *além*, *aquem*, *bem*, *decem* e *sem* e antes das consoantes *b*, *p*, *m*, *n*, ex. : hom*em*, al*em*mar, *aquem*-alpino, *bem*fazejo, *decem*novenal, *sem*sabor, *em*barcar, t*em*po, *em*mudecer, sol*em*ne, cond*em*nar;

B) Por *e-n* na palavra jove*n* e em muitas derivadas directamente do nominativo latino ou do grego, ex. : regim*en*, especim*en*, poll*en*, hyph*en*, hym*en*.

---

(1) Nas *Questiunculas da lingua Portugueza* expendem-se varias asserções sobre a graphia no diphtongo *ão*, quando o processo mais expedito, mais natural é *ã-o* para os oxytonos e *a-m* para os barytonos, ex. : ferr*ão* e férr*am*, rasg*ão* e rasg*am*.

A graphica *ão* gera ás vezes confusão entre fórmas distinctas, ex. : ferr*ão* e férr*am*, rasg*ão* e rasg*am*, olh*ão* e olh*am*, chup*ão* e chup*am*, cant*ão* e cánt*am*, cat*ão* e cat*am*, form*ão* e fórm*am*, etc.

A voz *in* :

A) Por *i-m* antes das consoantes *b*, *p*, *m* ou na terminação dos vocabulos oxytonos, ex. : caci*m*ba, l*im*par, *im*menso, jard*im* ;

B) Por *y-m* no interior dos vocabulos derivados do grego e antes das consoantes *b*, *p*, *m*, *n*, ex. : s*ym*bolo, t*ym*pano, s*ym*metria, h*ym*no, n*ym*pha ;

C) Por *y-n* nas palavras derivadas do grego, não estando o *n* seguido de *b*, *p*, *m*, *n*, ex. : s*yn*taxe, s*yn*these ;

D) Por *i-n* em todos os demais casos, ex. : l*in*gua, l*in*do, p*in*tor, p*in*gue.

A voz nasal *on* :

A) Por *o-m* na terminação dos vocabulos oxytonos ou nas conjuncções e adverbios compostos de *com*, ex. : *com*tanto, *com*quanto, *com*tudo, etc.. e nas variantes pronominaes *com*-migo, *com*tigo, *com*sigo, *com*nosco, *com*vosco e antes de *p*, *b*, *m*, *n*, pro*m*pto, bo*m*ba, co*m*modo, so*m*no ;

B) Por *o-n* na terminação dos vocabulos barytonos cól*on*, cán*on* e nas syllabas não seguidas de *b*, *p*, *m*, ex. : c*on*tar, t*on*sura, horis*on*te.

A voz nasal *un* :

A) Por *u-m* na terminação dos vocabulos no interior, antes de *b*, *p*, *m*, *n* ou nos vocabulos compostos de *circum*, *duum* e *trium*, ex. : an*um*, *um*bigo, c*um*prir, s*um*mo, aut*u-m*nal, *circum*screver, *duum*virato, *trium*virato ;

B) Por *u-n* no começo, no meio do vocabulo, si a syllaba seguinte não começar por *b*, *p*, *m*, ou *n*, ex. : *un*gir, f*un*dir, f*un*cção.

Graphica dos phonemas polymorphicos.

Graphem-se :

No começo do vocabulo o phonema *sé* :

A) Por *c* antes de *e* e *i*, ex. : *c*egar, *c*itar ;

B) Por *s* antes de *e* e *i* na generalidade dos casos, ex. : *ser*-vir, *sisar* ;

Nestes casos ha muitas palavras em cuja orthographia os indoutos, não conhecendo a derivação, empregam *s* ou *c* indifferentemente, ex. : *c*irio — *s*irio, *s*izarão — *c*izarão.

C) Por *s* antes de *a*, *o*, *u*, ex. : *s*arão, *s*ofá, *s*udro ;

D) Por *ps* na palavra *psalmo* e seus derivados, ex. : *ps*al-terio.

No interior do vocabulo :

A) Por *c* antes de *i* nos vocabulos cognatos de adjectivos terminados em *te*, ex. : tenden*c*ia, constan*c*ia ;

B) Nas palavras derivadas de nomes latinos em *ci*, ou *ti*, ex. : offi*c*io, pa*c*iencia=offi*c*io, pa*t*ientia ;

C) Na terminação dos verbos, ex. : conhe*c*er, agen*c*iar, nego*c*iar ;

D) Nos vocabulos terminados em *ice*, *cio*, *cia*, *arce*, ex. : tol*ice*, artifi*cio*, pueri*cia*, disf*arce* ;

E) Por *ç* nos substantivos derivados de nomes latinos, cuja ante-penultima syllaba é *ti*, ex. : adoração, imploração, adora*ti*one, implora*ti*one ;

F) Na terminação dos nomes em *arço*, *arça*, *aço*, *aça*, *eço*, *iça*, ex. : cad*arço*, talag*arça*, canç*aço*, fum*aça*, cod*eço*, just*iça* ;

G) No corpo da conjugação de muitos verbos da primeira, segunda ou terceira conjugação, ex. : *roço*, *conheço*, *resarço* ;

H) Por *cç* na terminação dos nomes derivados do ablativo latino em *cci* ou *cti*, ex. : dicção, ficção, di*cti*one, ficcione ;

I) Por *pç* nos nomes derivados do ablativo latino em *pti*, ex. : descri*pç*ão=descri*pti*one, redem*pç*ão=redem*pti*one ;

J) Por *s* nos vocabulos compostos dos prefixos — *a*, *de*, *pre*, *pro*, *sobre*, ex. : *a*seidade, *de*servir, *pre*sentir, *pro*seguir, *sobre*sahir, *re*suscitar, *re*somnar

K) Por *ss* no suffixo dos superlativos absolutos, ex. : jus-tis*s*imo, sapientis*s*imo.

L) No imperfeito do subjuntivo dos verbos, ex. : ama*ss*e, defende*ss*e, puni*ss*e, compuze*ss*e ;

M) Nos substantivos cognatos de verbos terminados em *essar*, ex. : profi*ss*ão, confi*ss*ão ;

N) Por *sc* nas palavras latinas de igual graphica, ex. : de-s*c*er, nas*c*er, *sc*iencia, cons*c*io ;

c) Por *x* nas palavras latinas de igual graphica ou nas palavras gregas, ex. : anxiedade, defluxo, reflexão, apoplexia, syntaxe, proximo;

O phonema *gé* :

A) Por *g* antes de *e*, *i* ou *y*, ex. : *ge*rar, *gi*nete, *gy*mnastica.

Comtudo em numerosas palavras grapha-se por *jé*, ex. : *J*esus, *J*ehovah, *j*ejuar, *j*elalla, *j*enipapo, *j*erarchia, *j*erogliphico, *j*erataca, *J*ericó, etc.

B) Por *j* antes de *a*, *o*, *u*, ex. : *ja*cto, *jo*co, *ju*nça, ou nas fórmas verbaes da primeira conjugação em *jar* ex. : arran*jar*, arran*jo*, arran*jes*, ou nos derivados de nomes latinos que tenham *j*, ex. : ad*j*ectivo, pro*j*ecção, su*j*eitar.

O phonema *fé* :

A) Por *f* em palavras de origem latina, ex. : *f*actor, *f*amilia;

B) Por *ph* em palavras de origem grega, ex. : *ph*os*ph*oro, *ph*onema.

O phonema *xé* :

A) Por *ch* no começo ou no interior dos vocabulos de procedencia latina, ex. : *ch*apéo, *ch*amar, en*ch*er.

B) Depois do elemento nasal *en*, ex. : en*x*ame, en*x*ó;

Ha algumas excepções, ex. en*ch*acotar, en*ch*amel, en*ch*arcar, en*ch*apinar, etc.

C) Por *x* nos vocabulos de origem oriental, ex. : *xacara*, *oxalá*, *xairel*, *xaquear*, *xaréo*, *xarope*.

Muitas palavras, escriptas outrora com *x*, actualmente o são com *ch*, que tende a prevalecer, ex. :

Xale —	chale	Xafariz —	chafariz
xupar	chupar	xaveco	chaveco
xantel	chantel	xantolina	chantolina

O phonema *zé* :

A) Por *z* no começo dos vocabulos, ex. : *z*unido, *z*igoma, *z*imeose, *z*orra;

B) Na terminação dos nomes em *az*, *ez*, *iz*, *oz*, *uz* e seus pluraes, ex. : cart*az*es, cort*ez*es, nar*iz*es, retr*oz*es, arcab*uz*es;

C) No suffixo *eza* dos substantivos abstractos, ex. : reale*za*, nature*za*, grande*za*;

D) Nos vocabulos, substituindo o *c* ou *t* latino, ex. : fa*z*er = facere, di*z*er = dicere, ra*t*ione, = ra*z*ão;

E) Por *s* entre vogaes, de accôrdo com a etymologia, ex. : ca*s*a, ro*s*a, me*s*a;

F) Nas palavras — *obsequio*, *subsistencia* e nos vocabulos compostos do prefixo *trans*, ex. : *trans*ição, *trans*acto, *trans*igir;

G) Por *x*, si estiver precedido de *e* inicial, ex. : e*x*ercito, e*x*ilio, e*x*egese, e*x*emplo.

O phonema *que* :

A) Por *c* antes de *a*, *o*, *u*, ex. : canto, copa, cupido;

B) Por *cq* em a*cq*uisição, a*cq*uirir e a*cq*uiescer;

C) Por *ch* em palavras de origem grega, ex. : *ch*imica, ma*ch*ina, *ch*irologia, *ch*olera, *ch*ronica;

D) Por *k* em alguns vocabulos gregos e orientaes, ex. : *k*isto, *k*ali, *k*aolim, *k*ermes, *k*iosque e nos compostos gregos de *k*ilo, *k*ilometro, *k*ilogramma;

E) Por *q* nos demais casos, ex. : *q*uatro, *q*uestão, *q*uilate, *q*uitanda, *q*uotizar.

O phonema *rre* :

A) Por *r* no começo dos vocabulos ou entre consoante e vogal, ex. : *r*oer, hon*r*a;

B) Entre vogaes nos compostos dos prefixos — *a*, *de*, *pre*, *pro*, ex. : *arogar*, *derogar*, *prorogar*, *prorompe*r;

C) Por *rr* nas syllabas fortes entre vogaes, ex. : *corro*, *corrego*, *corroer*;

D) Por *rh* nas palavras de origem grega, ex. : *rheuma*, *rhetorica*, *arrhas*.

Graphica das geminações.

Os demais phonemas não offerecem grandes difficuldades; grapham-se pelos symbolos correspondentes, attendendo-se aos casos da geminação e a algumas irregularidades graphi-

cas que mais se aprenderão mediante pratica e auxilio de bons lexicons do que mediante regras.

Duas são as causas por que se dobram ou se geminam letras — a **etymologia** e a **assimilação** — dos seguintes prefixos latinos *ad, cum, ex, in, dis, ob, sub* e do grego *syn*.

Assim geralmente se geminam:

A letra *b* nos vocabulos a*bb*a, a*bb*ade, gi*bb*a, ra*bb*i, ra*bb*ino, sa*bb*ado e nos seus derivados.

Esta geminação bem poderia ser extincta.

A letra *c*:

A) Nos vocabulos que começam por *ac, oc, suc* ou *soc*, correspondentes a *ad, ob, sub*, ex.: accrescer, occupar, succeder, soccorrer;

B) Em alguns vocabulos, por etymologia, ex.: bocca, succo, secco, peccar, vacca e seus derivados.

A letra *d* nos vocabulos a*dd*ir, a*dd*itar, a*dd*uzir, a*dd*icionar, re*dd*ito e nos seus cognatos, ex.: a*dd*ição, a*dd*itamento, a*dd*ucção, a*dd*icionamento, etc.

A letra *f* naquelles que começam por *af, ef, of, dif, suf* ou *sof*, correspondentes a *ad, ex, ob, dis, sub*, ex.: a*ff*eição, e*ff*eito, o*ff*erecer, di*ff*icil, su*ff*ragar, so*ff*rer.

A letra *g* naquelles que começam por *ag, sug*, correspondentes a *ad, sub*, ex.: a*gg*ravar, a*gg*regar, su*gg*erir, su*gg*estão.

A letra *l*:

A) Naquelles que começam por *al, il, col, syl*, correspondentes a *ad, in, cum* e *syn*, ex.: a*ll*egar, i*ll*ustre, co*ll*egio, sy*ll*epse.

B) Nos vocabulos — *elle, aquelle*, nalguns gregos, começados por *allo*, ex.: a*ll*opathia, a*ll*otropia e na syllaba tonica de muitos latinos e seus derivados, ex.: gri*ll*o, marte*ll*o, cade*ll*a, cance*ll*a, be*ll*o, donze*ll*a, pupi*ll*o, pane*ll*a, etc.

A letra *m*:

A) Naquelles que começam por *im, em, com*, correspondentes a *in, cum, syn*, ex.: i*mm*enso, co*mm*odato, e*mm*adeixar;

B) Em alguns vocabulos gregos e latinos, ex.: e*mm*enagogo, gra*mm*a, ge*mm*a, fla*mm*a, cha*mm*a, su*mm*o.

A letra *n* naquelles que começam por *an, in, en*, correspondentes a *ad, in*, ex.: a*nn*uncio, i*nn*ato, e*nn*oitar, e*nn*obrecer e nos gregos começados por *enne*, ex.: e*nn*eagono.

A letra *p* naquelles que começam por *ap, op, sup*, correspondentes a *ad, ob, sub*, ex.: a*pp*arecer, o*pp*or, su*pp*rir; em alguns nomes proprios — Agri*pp*a, Jo*pp*e, A*pp*ia, Po*pp*a e nos formados de *hippo* (cavallo), ex.: hi*pp*ódromo, hi*pp*ico, hi*pp*ologia, Hi*pp*olyto, Phili*pp*e.

A letra *r*:

A) Naquelles que começam por *ar, ir, cor*, correspondentes a *ad, in, cum*, ex.: a*rr*olar, i*rr*egular, co*rr*oer;

B) **Intervocalicamente** para soar forte, ex.: co*rr*er, ho*rr*or.

A letra *s*:

A) Naquelles que começam por *as*, correspondentes a *ad*, ex.: a*ss*olar, a*ss*everar, a*ss*ombrar;

B) Nos superlativos organicos, nos imperfeitos do subjuntivo e nos demais casos de accôrdo com a etymologia; ex.: grati*ss*imo, justi*ss*imo, mata*ss*e, vende*ss*e, puni*ss*e, puze*ss*e, a*ss*ucar, me*ss*e, mi*ss*ão.

A letra *t*:

A) Naquelles que começam por *at*, correspondente a *ad*, ex.: a*tt*rahir, a*tt*enção, a*tt*enuar, a*tt*estar;

B) Em alguns vocabulos, ex.: glo*tt*is, ma*tt*o, ma*tt*a.

Graphica das maiusculas.

Grapham-se as letras maiusculas:

A) No começo dos periodos, ex.:

« *A* tarde ia morrendo. »

(JOSÉ DE ALENCAR.)

b) No começo de cada verso, ex.:

« *Não olheis para a sombra que passa;*
Quero triste viver, ermo e só. »

(Tobias Barreto.)

Alguns poetas, maximé os portuguezes, usam do minusculo, reservando sempre o maiusculo para o começo do periodo, ex.:

Eu fui a estrella que em logar de um norte,
lhe aponta a morte que o fará morrer!

(Thomaz Ribeiro.)

c) No começo das citações, ex.:
Diz Socrates:

« *Não vivo para comer, mas como para viver.* »

d) Depois de ponto exclamativo e interrogativo, desde que o sentido seja concluido, ex.:

Parecieis-me carregado de semblante? Que é isso?
Temos novas voltas com os excommungados Castelhanos?

(*Lendas e Narrativas*, pag. 288.)

Como ha de ser bello vêr por o sol d'aquella janella!...
E ouvir cantar os rouxinóes!

(Almeida Garrett.)

e) Nos substantivos proprios, quer locativos, quer personativos, ex.: *S*ergipe, *B*rasil, *A*merica, *P*edro, *C*lara, *C*andida, *A*delaide;

f) Nos nomes designativos de povos, desde que sejam substantivados, ex.: os *I*nglezes, os *B*rasileiros os *E*uropeos.

g) Nos nomes designativos de sectarios, desde que estejam substantivados, ex.: os *C*atholicos, os *P*rotestantes, os *J*udeus, os *M*ahometanos.

h) Nos nomes proprios da mythologia, ex.: *V*enus, *M*arte, *M*ercurio, *Z*eus;

i) Nos nomes appellativos, considerados seres personificados, ex.: a *R*epublica, a *L*iberdade, a *J*ustiça, as *P*arcas, as tres *G*raças;

j) Nos cognomes e tratamentos, ex.: *I*zabel a *R*edemptora, *P*edro o *C*rú, *J*osé o *L*avrador, *D*. *M*aria, *D*. *C*arlos o *D*esventuroso;

k) Nos nomes de *titulos, honras, dignidades, cargos, postos*, abreviadamente e seguidos do nome proprio, ex.: *D*r. *P*edro, *C*.de de *I*guassú, *C*ap.m *S*ilveira, o *P*rof. Miguel;

l) Nos titulos de obras e jornaes, nas inscripções, taboletas, epitaphios, ex.: a *E*neida, o *P*aiz, *A*qui jaz, etc.

Nas inscripções, taboletas, firmas, é mais geral graphar-se o vocabulo com todas as letras maiusculas, ex.: AQUI JAZ. PAÇO e C.ia.

Divisão graphica.

A divisão do vocabulo faz-se:

a) **Syllabicamente**, ex,: *con-sci-en-cia, a-bu-sar, a-dhe-rir.*

b) **Graphicamente**, isto é, sempre que não couber integralmente no fim da linha.

Na divisão graphica observam-se as seguintes normas, pois nem sempre coincidem os dous processos de divisão:

A

A divisão graphica, salvo alguns casos, nunca se faz partindo syllabas, ex.: a-mi-go, au-tor, pen-na, il-le-gal.

B

Os vocabulos constituidos por prefixos dividem-se, respeitando-lhes a formação, embora partindo syllabas, ex.: *ab*-usar, *ad*-orar, *ad*-herir, *ab*-horrescer, *ad*-aptar, *ad*-optar, *con*-spirar, *con*-sciencia, *re*-star, *re*-sponder, *con*-star, *pre*-star, *ex*-asperar, *ex*-emplo, *red*-empção, *inter*-essar, *tele*-scopio, *micro*-scopia (1).

C

Nos casos de grupos consonantaes, passam-se esses intactos para a syllaba seguinte, ex.: fleu-*gma*, so-*mno*, sylle-*pse*, conce-*pção*, a-*pto*, di-*phtongo*, ry-*thmo*.

D

Nos casos de letras dobradas, cada uma fica na sua syllaba, ex.: a*c*-*ç*ão, a*b*-*b*ade, a*d*-*d*ir, a*f*-*f*eição, su*g*-*g*erir, a*l*-*l*ocução, i*m*-*m*ortal, pa*n*-*n*o, Agri*p*-*p*a, ho*r*-*r*or, ca*s*-*s*a, a*t*-*t*ento.

Regras graphicas.

A

Nenhum vocabulo começa nem acaba por letras geminadas.

B

Sempre se grapha *m* antes de *b*, *p*, *m* e ás vezes antes de *n*, ex.: a*m*bos, ca*m*po, co*mm*odo, da*mn*o, so*mn*o, alu*mn*o, outo*mn*o, inde*mn*izar.

(1) Vide Paulino de Souza, *Gram. portugaise*, pag. 332.

C

Siga-se a graphica phonetica, sempre que a prosodia se oppuzer á etymologia e ao uso mais geral e mais commum, ex.: batra*c*io por batra*ch*io, *c*irurgia por *ch*irurgia, a*rr*aigar por a*r*aigar; es*c*ola, pra*t*ica, t*i*o, pon*t*o, san*t*o, fa*l*ar, a*p*render, a*d*ensar, por es*ch*ola, prac*t*ica, t*h*io, pon*c*to, san*c*to, fa*ll*ar, ap*p*render, ad*d*ensar (1).

D

Empreguem-se letras diversas e as necessarias notações lexicas para a distincção de homonymos, ex.: bu*ch*o e bu*x*o, ta*ch*a e ta*x*a, r*h*ombo e rombo, catara*c*ta e catarata, *ch*ylo e *k*ilo, fôrma e fórma, sêde e séde, *pára* e *para*, *dá* e *da*, *d'*este e *dêste*, *se*, *sê* e *sé*, *más* e m*as* (1), *pôrem* e *porém*, *próvem* e pro*vém*, M*á*ria e Mar*í*a, secret*a*ria e secretar*í*a.

E

Escrevam-se com a respectiva graphica os vocabulos extrangeiros, não assimilados *ainda* ao nosso lexico, ex.: *meeting*, *sportman*, *book-maker*, *club*, *folk-lore*, *dread-nought*, *scout*, *film*, *snobismo*, *trolley*.

F

Nos casos de duvida sobre geminação, escrevase o vocabulo simplesmente.

G

Siga-se a graphica *usual*, mais simples, quando, para satisfazer á etymologia e á prosodia, se

(1) Vide Almeida Garrett, *Parnaso Lusitano*.

tenha de recorrer ás notações graphicas ou accentos imprescindiveis á pronuncia, ex. :

mez	em vez de	més
portuguez	—	portugués
pedrez	—	pedrés
cortez	—	cortés
naríz	—	narís
quíz	—	quís

H

No caso de incerteza entre o *s medial* e o *z*, empregue-se de preferencia o *s*, por ser letra mais geral, *mais vezes de accôrdo* com a etymologia do que o *z*, ex. : Brasil, rosa, formoso, causa, Sousa, defesa, resoar, subsistir, presentear, mesa, casa, transitar, salvos os casos de homóphonos, exs. : coser e cozer e os de *z*, originario do c latino : fazer, vizinho, dizer, trazer, rezar.

Além disso, no final dos vocabulos oxytonos, desinenciados por *az*, *ez*, *iz*, *oz*, *uz*, simplifica a letra *z* a graphica, dispensando-lhe o accento figurado e pondo-a mais consoante á prosodia, exs. :

cart*az*	em vez de	cart*ás*
cab*az*	—	cab*ás*
freguez	—	fregués
rapidez	—	rapidés
nariz	—	narís
chafariz	—	chafarís
retroz	—	retrós
albatroz	—	albatrós
arcabuz	—	arcabús
capuz	—	capús

I

Escreva-se agglutinado ao vocabulo o *l* euphonico, substituto do *s*, *z*, *r*, porquanto, embora

seja elle o antigo *l* das fórmas *o*, *a*, *os*, *as* = *lo*, *la*, *los*, *las*, já estas de ha muito o perderam.

Assim mais logico se torna agglutinar o *l* ao vocabulo cujo som ou letra substituiu, do que destacal-o com a variação e ter de recorrer a accento agudo ou a circumflexo, ex. :

eil-*o*	em vez de	ei-*lo*
vimol-*a*	—	vimo-*la*
dil-*os*	—	di-*los*
fál-*as*	—	fá-*las*
matal-*o*	—	matá-*lo*
trazel-*as*	—	trazê-*las*
vel-*o*	—	vê-*lo*
contel-a	—	conté-*la*
punil-*os*	—	puní-*los*
cumpril-*as*	—	cumprí-*las*

K

Escrevam-se com *z* todos os vocabulos ou substantivos do genero feminino, desinenciados no suffixo *eza*, ou *ez*, formados quasi sempre do adjectivo correspondente, exs. : real*eza*, trist*eza*, nobr*eza*, clar*eza*; rapid*ez*, estupid*ez*, dobr*ez*, sensat*ez*, embriagu*ez*, viuv*ez*, etc., fórmas em que se operou a queda do *a* desinencial.

PARTE II

LEXIOLOGIA

Lexiologia é o tratado das palavras, isoladamente consideradas, isto é, como organismos independentes (1).

A lexiologia estuda as palavras :

A) Isoladas e independentes, mas relativamente á sua constituição organica, á sua estructura material;

B) Isoladas e independentes, mas relativamente ás categorias mentaes que exprimem;

C) Isoladas e independentes, mas relativamente ás suas condições de variabilidade;

D) Isoladas e independentes, mas relativamente á sua origem e formação.

A lexiologia, pois, se divide em **morphologia**, **taxonomia**, **ptoseonomia** (2) e **etymologia** (3).

---

(1) O termo **lexicologia**, geralmente usado, não explica satisfactoriamente essa parte da grammatica, pois *lexicon* significa *diccionario;* assim lexicologia será o tratado do diccionario ; diga-se, pois, **lexiologia.**

(2) Formado por Julio Ribeiro e até o acho preferivel ao termo **kampenomia.**

(3) Esta nossa divisão está de accôrdo com a definição de lexiologia exposta pelo notavel grammatico bahiano cujo trabalho apesar de vasado nas doutrinas da escola classica, é um dos melhores. Vide ERNESTO CARNEIRO, *Gram. portugueza,* pag. 13.

MORPHOLOGIA

Morphologia é o tratado da palavra, organicamente considerada, isto é, com relação aos seus elementos materiaes ou fórmas exteriores.

Estes elementos materiaes ou orgams são o **prefixo**, o **radical** e o **suffixo** cujo conjunto constitue exterior e morphologicamente o organismo ou estructura da palavra, ex. : *com* + *mand* + *ante*.

Radical é a parte fundamental e significativa do vocabulo, ex. : pre + *sent* + ir, re + *spons* + avel.

O radical não é como geralmente se define — « a parte invariavel do vocabulo », pois ha radicaes que variam, maximé nos verbos irregulares e nos phenomenos de apophonia ou deflexão, ex : *sent* + ir — *sint* — o, *perd* + er — *perc* — o, *damn* + ar — con + *demn* + ar, *amig* + o — in + *imig* + o, facil — dif + *ficil*.

O **prefixo** e o **suffixo** dizem-se **affixos**, pois são os elementos exteriores e accessorios que se agglutinam ao radical, dilatando-o morphologicamente, ex. : *de* + pend + *ente*, *retro* + spect + *ivo*, organ + *izar*, *pro* + duz + *ir*.

O radical diz-se mais propriamente *raiz*, sempre que for monosyllabico (1), pois o radical é a propria raiz que se reforçou, dilatando-se mediante os affixos, ex : *cast* — (raiz), *cast* + *ig* (radical), am (raiz), *am* + *ig* (radical).

---

(1) Bopp. *Gram. des langues indo-européennes.* — Ramshorn *Dict. of latin synonymes*, pag. 1. — Henry, *Gram. comparée du grec et du latin*, pag. 104.

Raiz é o ponto de partida da formação do vocabulo, isto é, « a syllaba fundamental, primordial e irreductivel da palavra » (1), pois é mais simples, mais geral e commum a uma familia de palavras (2).

A raiz que se expande e se desenvolve mediante os affixos, diz-se **thema**.

Thema é toda a parte do vocabulo, menos a terminação constitutiva da categoria grammatical, e assim se chama (3) por servir de posição, de fundamento ao vocabulo, ex. : *mont* + ar, *mont* + anha, *mont* + eiro, *mont* + iculo, *mont* + e.

Sendo os themas raizes desenvolvidas por outras raizes secundarias ou affixos, apresentam a seguinte constituição, ex. : (1)

A) r + r ex. : √*und* + i + √*vag* + o, √*plan* + √*alt* + o ;
B) p + r ex. : *com* + √*bat* — er, *re* + √*spond* — er ;
C) 2 p + r ex. : *in* + *de* + √*pend* — ente, *re* + *con* + √*quist* — tar ;
D) 3 p + r ex. : *in* + *de* + *com* + √*pon* — ivel ;
E) r + s ex. : √*am* + *or* — oso, √*carr* + *eg* — ar ;
F) r + 2 s ex. : √*pen* + *al* + *iz* — ado, √*caut* + *ell* + *osa* — mente ;
G) p + r + s ex. : *em* + √*barc* + *ad* + iço, *re* + √*organ* + *is* - ação ;
H) 2 p + r ex. : *com* + *pro* + √*mett* + er, *re* + *com* + √*pens* — ar ;
I) 2 p + r + 2 s ex. : *in* + *de* + √*pend* + *ent* + *issima* — mente.

---

(1) Fausto Barreto, *These de concurso.*
(2) Chassang, *Gram. latine*, pag. 473. — Hovelaque, *La linguistique*, pag. 5.
(3) Constant Beaufils, *L'étude du latin*, pag. 3.
(4) Seja *p* = prefixo, *r* = raiz, *s* = suffixo.

Poucos são os themas que não apresentam a estructura de accôrdo com uma das formulas que estatuimos para estudarmos o vocabulo morphologicamente.

As vezes o thema é constituido por uma palavra inteira, sem a menor modificação organica, ex. : *calor* + oso, *liberal* + idade, *final* + izar.

Todo thema é **verbal** ou **nominal**, conforme sirva para a constituição do verbo ou do **nome**, isto é, substantivo e adjectivo.

Estructura das raizes.

A raiz se divide em **nominal** e **pronominal**; mas esta divisão não tem importancia em grammatica descriptiva (1).

As raizes nominaes, ou **verbaes** segundo Bopp, são aquellas que exprimem um facto sensivel, isto é, o modo por que nos impressionam as cousas.

As raizes nominaes pertencem ás quatro grandes categorias grammaticaes, isto é, o **substantivo**, o **adjectivo**, o **verbo** e o **adverbio.**

As raizes pronominaes são aquellas que exprimem as relações grammaticaes e pertencem aos pronomes, ás preposições, ás conjuncções primitivas, pois ha mais ou menos uma idéa de relação latentemente expressa nestas palavras.

Nas linguas classicas — grego e latim, palavras ha que se confundem com as raizes, como em portuguez a palavra *pé*, ex.: *ped*estre, *pe*anha, *ped*unculo, *ped*estal.

A estas palavras chamavam os latinos **prototypas** ou **principalia.**

As raizes, segundo a sua estructura, foram distribuidas (2) em **primarias, secundarias, terciarias**.

---

(1) Vide ROUZÉ, *Gram. latine*, pag. 9. — Vide *Pacheco e Lameira.*

(2) MAX MULLER, *La science du langage.*

As primarias se constituem:

1.º De vogal: *i*, ex.: *ir;*

2.º De vogal e consoante: *do*, ex.: *do* — ar.

As secundarias se constituem:

De consoante, vogal e consoante: *bat*, ex.: *bat* — er.

As terciarias se constituem:

1.º De duas consoantes e uma vogal: *stru*, ex.: in + *stru* + ir;

2.º De uma vogal e duas consoantes: *ard*, ex.: *ard* — er;

3.º De duas consoantes, uma vogal e duas consoantes: *spond*, ex.: re — *spond* — er (1).

Affixos.

Affixos são os elementos accessorios que, agglutinando-se á raiz, lhe modificam mais ou menos a significação geral.

Os affixos que se antepõem se dizem **prefixos**, e os que se pospõem se dizem **suffixos**.

Prefixo.

Prefixo é qualquer elemento, geralmente preposicional, que antepondo-se á raiz da palavra, lhe modifica quasi sempre a significação, ex. : *com* + pôr, *inter* + regno, *a* + pathia.

Todo prefixo póde ser:

A) **Expletivo**, isto é, desde que não altere a significação da palavra, ex. : *a*presentar, *em*barcar, *es*cola.

— Os principaes prefixos expletivos são: *a*, *em*, *en* e a vogal prosthetica, *e*, ex. : *e*strella, *es*crever.

---

(1) Vide MAX MULLER, *La science du langage.*

B) **Inexpletivo**: isto é, desde que altere a significação da palavra, ex. : *re*fazer, *com*bater, *ex*pugnar;

C) **Assimilado**, isto é, terminando por consoante identica á da raiz, ex. : *col* + legio, *ap* + parecer, *sup* + portar;

D) **Juxtaposto**, isto é, separado da raiz mediante traço de união, ex. : *ex*-chefe, *sub*-director, *vice*-rei, *co*-estadoano.

Os prefixos são geralmente representados por preposições da lingua ou preposições latinas, palavras gregas, ex. : *de*fender, *inter*por, *anti*christo (1), e ás vezes pelos adverbios *bem*, *mal* e *menos*, ex. : *bem*fazejo, *bem*quisto, *mal*tratar, *mal*dizer, *menos*prezar, *menos*cabar.

Suffixo.

Suffixo é qualquer elemento morphologico que, posposto á raiz do vocabulo, lhe dá quasi sempre a categoria grammatical, ex. : pedr + *ada*, amen + *izar*, mort + *al* (1).

O suffixo póde ser :

A) **Nominal**, desde que, agglutinado ao thema radical, produza um substantivo, ex. : folh + *agem*, pedr + *ada*, sacra + *mento*;

B) **Adjectival**, desde que, agglutinado ao thema radical, produza um adjectivo, ex. : mor + *al*, solit + *ario*, pen + *oso*;

C) **Verbal**, desde que, agglutinado ao thema radical, produza um verbo, ex. : pestan + *ejar*, organ + *izar*, fortal + *ecer*.

---

(1) Vide as nossas *Lições elementares de portuguez*.

Tanto o prefixo como o suffixo se dizem **thematicos**, sempre que servem de base a outros para o desenvolvimento organico ou dilatação da raiz, ex. : re + *sus* + citar, fin + *al* + izar, pav + *or* + oso, etc.

Os affixos são os **elementos de relação** do organismo do vocabulo, reagem sobre a significação da raiz, definindo-a, isto é, a significação vaga da raiz é modificada pelo prefixo e definida e estatuida pelo suffixo.

Homoptotas são as palavras em que ha o mesmo suffixo, ex. : bon*ança*, esper*ança*, mat*ança*, cobr*ança*, e ás vezes o mesmo suffixo toma dous aspectos differentes, ex : *ario* e *eiro*, *estre* e *este*, *ar* e *al*, *agem* e *atico*, *avel* e *evel* e *ivel*, *ação* e *ição*, *orio* e *ouro*.

Resumo synoptico.

- AFFIXOS.
  - prefixos.
    - expletivos (1)
    - inexpletivos
    - assimilados
    - juxtapostos
  - suffixos.
    - nominaes
    - verbaes
    - adjectivaes

Estructura do vocabulo.

As palavras morphologicamente são **simples** ou **compostas** e então se dizem **vocabulos**.

A palavra simples é constituida apenas por um vocabulo, ex. : *terra*, *mar*, *canto*.

A palavra composta é constituida por mais de um vocabulo simples, ex. : *contradança*, *entrelinha*, *olho-de-boi*.

As palavras compostas se formam — por **juxtaposição**, por **agglutinação**, por **locução** ou agrupamento.

---

(1) Os prefixos expletivos se tornam antes phenomenos de *metaplasmo*, visto que não influem na significação ou conceito do vocabulo, comquanto lhe modifiquem a estructura ou organismo.

Juxtapostas são aquellas cujas fórmas constitutivas se conservam intactas e têm, cada uma, o seu accento tonico, ex. : *côuve-flôr, guárda-práta, ártefácto, prótotypo, tiracóllo.*

Agglutinadas são aquellas cujas fórmas constitutivas mais ou menos modificadas estão sujeitas apenas a um só accento tonico, ex. : *combater, aguardénte, planálto, malvádo, fidálgo, vinágre, bemtevi, malmequer* (1).

Dizem-se **hybridas** aquellas palavras compostas em cujo organismo ha palavras de linguas differentes, ex. : *cipó-chumbo, alcoometro, zincographo, neo-latino, sociologia, galvanoplastia.*

Formam-se por **locução**, sempre que palavras isoladas e independentes se agrupam, concorrendo para constituir logicamente uma **expressão vocabular**, ex. : *pão-de-ló, lingua-de-vacca, cabo-de-esquadra, bemtevi, posto que, a roda de, longe de, quem quer que, Rio de Janeiro.*

Ha tantas expressões quantas as categorias grammaticaes, isto é, expressões **substantivas, adjectivas, pronominaes, verbaes, preposicionaes, adverbiaes, conjunccionaes** e **interjeccionaes**, segundo o valor taxinomico que tiver a expressão.

Na constituição ou estructura das palavras compostas entram as seguintes categorias grammaticaes, ex. :

sub. + sub., ex. : *couve-flôr, mestre-sala, madresilva*
sub. + adj., ex. : *obra-prima, amor-perfeito, canto-chão*

(1) As formas compostas predominam na nomenclatura e terminologia scientifica, principalmente os elementos gregos e latinos, nas sciencias naturaes, ex : *cyanogaster, macrocephalo, dolicholophus, crassirostro, dentirostro, auricolli, palmipedes, pernaltas, pernilongo*, etc.

adj. + adj., ex. : *surdo-mudo, planalto, angloluso*
adj. + sub., ex. : *centopéa, rectaguarda, salvoconducto*
ver. + sub., ex. : *gira-sol, saca-rolha, beijamão*
ver. + ver., ex. : *ganha-perde, vaevem, ruge-ruge* (1)
ver. + adv., ex. : *botafóra, puxavante, passavante*
prep. + sub., ex. : *contratempo, entrecosto, parabem*
adv. + adj., ex. : *sempre-viva, recem-nato, bemdito*
adv. + sub., ex. : *semi-deus, bemfeitor, maldição*

Ha palavras compostas cuja estructura não está de accôrdo com as condições que acabamos de consignar, constituindo os compostos **asyntacticos**, ex. : *quem quer que, de modo que, desde que, comquanto* e a maior parte das palavras formadas por locução.

As invariaveis são, pela maior parte, palavras **inorganicas**, pois não têm estructura morphologica apreciavel, ao passo que as variaveis, salvo algumas, são palavras **organicas**, pois têm estructura morphologica apreciavel.

Resumo synoptico

VOCABULOS.
- simples.
- compostos..
  - juxtapostos
  - agglutinados
  - grupados (2)

Suffixos nominaes.

Suffixo nominal é aquelle que, agglutinando-se ao thema vocabular, origina um substantivo.

(1) As compostas de dous verbos geralmente se formam por duas fórmas identicas ou antonymas maximé na lingua popular, ex. : *luze-luze, bule-bule, ruge-ruge, vaevem, ganhaperde* e nas palavras constituidas por **locução** occorre muitas vezes uma preposição no **começo,** no **meio** ou no **fim,** ex : *com* tanto que, chapéo *de* sol, perto *de*.

(2) Quanto aos compostos **grupados,** assim se devem designar os differentes compostos que, escriptos separadamente, originam os diversas *expressões da lingua*, reservando-se o termo *locução* para exprimir apenas, processo de formação.

O suffixo é um orgam que, desde que seja isolado do vocabulo, perde a sua funcção, pois nada representa; e uma morphose, isto é, um pedaço do vocabulo.

Assim os principaes suffixos, relativamente á sua funcção significativa, se podem reduzir ás seguintes classes:

A) Suffixos **collectivos**, isto é, os que se agglutinam ao thema e formam um substantivo collectivo, ex.:

1.	aça	fum*aça*, vidr*aça*
2.	*ada* (1)	man*ada*, boi*ada*
3.	*agem*	folh*agem*, plum*agem*
4.	al	banan*al*, canavi*al*
5.	*aría*	grit*aría*, bich*aría*
6.	edo	roch*edo*, silv*edo*
7.	ado	telh*ado*, tabl*ado*
8.	ena	dez*ena*, vint*ena*
9.	*ume*	card*ume*, queix*ume*
10.	*ura*	dentad*ura*, abotoad*ura*

B) Suffixos **graduaes**, isto é, os que se agglutinam ao thema e lhe attenuam ou augmentam a significação, ex.:

1.	aço	mestr*aço*, estilh*aço*
2.	acho	ri*acho*, vulg*acho*
3.	alha	can*alha*, mig*alha*
4.	arrão ou ão	homenz*arrão*, mulher*ão*
5.	astro, astra	poet*astro*, pil*astra*
6.	ázio	cop*ázio*, bod*ázio*
7.	eco	frad*eco*, bon*eco*

(1) Os suffixos que gryphamos se incluem em mais de uma classe, pois exercem mais de uma funcção, assim como *ada* que tambem exprime a idéa de *golpe, percussão*, ex.: fac*ada*, estocada, punhal*ada*, cabeç*ada*, vassour*ada*.
Estas variações de funcção facilmente se explicam no vocabulo onde o suffixo adquire a sua vitalidade significativa, pois, isoladamente considerado, se torna vacuo de significação.

8.	ejo	animal*ejo*, logar*ejo*
9.	eolo	alv*eolo*, capr*eolo*
10.	eto	poem*eto*, libr*eto*
11.	culo ou ulo	monti*culo*, glob*ulo*
12.	cula	auri*cula*, parti*cula*
13.	isco	pedr*isco*, chuv*isco*
14.	ilho ou ilha	gat*ilho*, cart*ilha*
15.	im	espad*im*, flaut*im*
16.	inho ou inha	cop*inho*, garraf*inha*
17.	ila ou ilo	moch*ila*, codic*ilo*
18.	ola	egrej*ola*, portinh*ola*
19.	olho	ferr*olho*, pimp*olho*
20.	ota ou ote	ris*ota*, camar*ote*
21.	ucho	pequerr*ucho*, papel*ucho*

C) Suffixos **locativos**, isto é, os que se agglutinam ao thema e dão idéa de lugar ex.:

1.	*aría*	pad*aria*, secret*aría*
2.	ario	arm*ario*, sacr*ario*
3.	*eiro*	tint*eiro*, are*eiro*
4.	eira	sal*eira*, molh*eira*
5.	orio	lavat*orio*, dormit*orio*
6.	*ouro*	ancorad*ouro*, babad*ouro*
7.	il	cov*il*, red*il*

D) Suffixos **qualitativos**, isto é, os que se agglutinam ao thema e formam um substantivo abstracto, ex.:

1.	idade ou dade	liber*dade*, felic*idade*
2.	ancia ou encia	discrep*ancia*, resist*encia*
3.	ança ou ença	esper*ança*, do*ença*
4.	acia	aud*acia*, fall*acia*
5.	eza	nobr*eza*, pobr*eza*
6.	ice	velh*ice*, tol*ice*
7.	idão	mans*idão*, ingrat*idão*
8.	ude	virt*ude*, solicit*ude*
9.	ura	tern*ura*, brand*ura*

E) Suffixos de **actividade**, isto é, os que se ag-

glutinam ao thema e dão idéa de acção exercida, ex. :

1. ança	puj*ança*, bast*ança*
2. anda	propag*anda*
3. ação	coro*ação*, ador*ação*
4. ção	concep*ção*, devo*ção*
5. eiro	barb*eiro*, sapat*eiro*
6. mento	casa*mento*, depoi*mento*
7. ario	botic*ario*, vig*ario*
8. or	am*or*, val*or*
9. ismo	brilhant*ismo*, fulgent*ismo*
10. ista	cappell*ista*, log*ista*
11. ura	pint*ura*, dourad*ura*

Além destas classes de suffixos, ha outros, sendo de notar aquelles cuja funcção se limita a exprimir irregularmente o genero em grande numero de palavras, ex. : cad*ella*, baron*eza*, cond*essa*, pap*iza*, pard*oca*, hero*ina*, sult*ana*, ilh*ôa*, gal*linha*, como havemos de vêr na ptoseonomia ou kampenomia.

Além destes elementos organicos, apparece ás vezes o **infixo**, tendo, a funcção de elemento **connectivo**, ex. : doc-*u*-mento, sent-*i*-mento, flor-*z*-inha, dour-*a*-dor, cas-*a*-mento, etc.

O infixo é geralmente *a* para os themas da primeira conjugação, *i* para os das outras e *u* para outras fórmas.

Na terminologia medica e scientifica occorrem os suffixos seguintes :

A) *ite* que indica inflammação, ex. : mening*ite*, nephr*ite*, enter*ite*, derm*ite*;

B) *íase* e *óse* : este quasi sempre agglutinado a um radical *latino*, aquelle a um radical *grego*, indicando ambos *molestia* ou *affecção*, ex. : lith*íase*, ankylostom*íase*, my*íase*, oxyur*íase*; tubercul*ose*, vermin*ose*, bacill*ose*, dermat*ose*.

C) *oma* que indica *tumor* ou antes *neoplasia*, ex. : fibr*oma*, sarc*oma*, oste*oma*, carcin*oma*, aden*oma*.

D) *ol*, *al*, *ona* que indicam productos chimicos, ex. : gaic*ol*, glyc*ol*, meth*anal*, eth*anal*, acet*ona*, hypn*ona*.

E) *ato*, *éto*, *ito* que indicam saes chimicos, ex. : sulf*ato*, lact*ato*; brom*éto*, chlor*éto*; sulf*ito*, phosph*ito*.

Suffixos verbaes.

Suffixo **verbal** é aquelle que, agglutinando-se ao thema ou radical, origina um verbo.

Os principaes são os suffixos :

A) **Diminutivos**, isto é, aquelles que se agglutinam ao radical e lhe attenuam a significação, ex. :

icar	beberr*icar*	penn*icar*
iscar	bell*iscar*	chuv*iscar*
ingar	chorami*ngar*	rez*ingar*
ilhar	ferv*ilhar*	esmer*ilhar*
inhar	moll*inhar*	saltar*inhar*
itar	chup*itar*	salt*itar*

B) **Frequentativos**, ou *iterativos* isto é, aquelles que se agglutinam ao radical e geram um verbo de acção reiterada, ex. :

ear	esbofet*ear*	volt*ear*
ejar	far*ejar*	bord*ejar*
egar	nav*egar*	carr*egar*

C) **Incoativos** ou **factitivos**, isto é, aquelles que se agglutinam ao radical e geram um verbo cuja significação indica começo ou mudança de acção, ex. :

izar	organ*izar*	suav*izar*
ecer	escur*ecer*	amadur*ecer*

Nestes quasi sempre occorrem os prefixos *a* ou *em* = *en* = in, ex. : *a*manhecer, *a*noitecer, *en*durecer, *em*brutecer, *in*vilecer.

E o processo de formação verbal por **parasynthese** ou affixão dupla, segundo Ayer (1), isto é, por **prefixo** e **suffixo** ao mesmo tempo.

---

(1) Vide AYER, *Gram. française*.

Suffixos adjectivaes.

Suffixo adjectival é aquelle que, agglutinando-se ao radical ou thema, origina um adjectivo.

Os suffixos adjectivaes se podem reduzir ás seguintes classes de accôrdo com as suas funcções:

A) Suffixos de **propriedade** e **relatividade**, ex.:

1. aico	jud*aico*, arch*aico*
2. al	numer*al*, patern*al*
3. ano	rom*ano*, mund*ano*
4. ar	famili*ar*, exempl*ar*
5. ario	solit*ario*, volunt*ario*
6. atico	lun*atico*, majest*atico*
7. eiro	lig*eiro*, brazil*eiro*
8. esco	fr*adesco* gigant*esco*
9. este	cel*este*, agr*este*
10. estre	silv*estre*, ped*estre*
11. ense	cear*ense*, lisbon*ense*
12. ico	poet*ico*, pud*ico*
13. ino	bov*ino*, vespert*ino*
14. il	febr*il*, doc*il*
15. ez	mont*ez*, franc*ez*

B) Suffixos de **plenitude** e **intensidade**, ex.:

1. ento ou into	barr*ento*, bexigu*ento*, fam*into*
2. oso	gost*oso*, caprich*oso*
3. udo	cabell*udo*, barrig*udo*
4. az	lingu*az*, fall*az*
5. issimo	just*issimo*, sant*issimo*
6. imo	pauperr*imo*, facil*imo*
7. undo	irac*undo*, fac*undo*
8. onho	trist*onho*, med*onho*

C) Suffixos de **possibilidade** e **passividade**, ex.:

1. avel	louv*avel*, am*avel*
2. evel	indel*evel*
3. ivel	pun*ivel*, tem*ivel*
4. uvel	sol*uvel*, vol*uvel*
5. iço	alagad*iço*, espantad*iço*

D) Suffixos de **actividade** e **acção**, ex.:

1. ante	am*ante*, estud*ante*
2. ente	tem*ente*, escrev*ente*
3. inte	ouv*inte*, ped*inte*
4. eiro	doc*eiro*, embust*eiro*

E) Suffixos de **tempo**: **passado** ou **futuro**, ex.:

1. ado	louv*ado*, am*ado*
2. ido	part*ido*, sah*ido*
3. ando	examin*ando*, doutor*ando*
4. ouro	venced*ouro*, durad*ouro*
5. eira	mamad*eira*, casad*eira* (1)

Funcção dos prefixos.

Os prefixos modificam a idéa expressa pela raiz, dando ao thema geral as seguintes significações especificas, e podem ser **latinos**, **gregos** e **portuguezes** (2).

Profixos latinos

1. A — (intensidade) *a*-tirar, *a*-bater, *a*-diantar, *a*-cotovelar.
— (separação) *a*-mover, *a*-partar, etc.
— (prolongação) *a*-prazar, *a*-diar, etc.
— (imitação, semelhança) *a*-climar, *a*-francezar.
— (mudança) *a*-chatar, *a*-delgar, *a*-densar, etc.
— (collocação) *a*-bancar-se, *a*-campamento, *a*-barracar.
— (disposição) *a*-botoar, *a*-linhar, *a*-boletar, etc.

---

(1) Sobre *casadeira*, vide João Ribeiro, *Gram. port.*
(2) Vêde as *Lições elementares de lingua portugueza*.

2. Ab — (intensidade) *ab*-rogar, *ab*-negar, *ab*-horrescer.
— (separação) *ab*-solver, *ab*-dicar, *ab*-erração, etc.
— (opposição) *ab*-jurar, *ob*-umbrar, etc.
3. Abs — (separação) *abs*-ter, *abs*-trahir, *abs*-terger, etc.
4. Ad — (intensidade) *ag*-gravar, *af*-firmar, *ac*-correr.
— (mudança) *ad*-densar, *as*-setinar, *ar*-ruinar.
— (proximidade) *ad*-jacente, *ap*-proximar, *ag*-glutinar.
— (opposição) *ar*-rostar, *af*-frontar, *ar*-remetter, etc.
— (destino, direcção) *ad*-quirir, *ad*-optar, *ad*-mittir.
— (uniformidade, favor) *ad*-vogar, *ac*-ceder, *ac*-clamar, etc.
5. Ante — (precedencia) *ante*-camoneano, *ante*-diluviano.
6. Bem ou bene — (bondade) *bem*-quisto, *bene*-merito, *bene*-ficio, etc.
7. Bi ou bin — (dualidade) *bin*-oculo, *bi*-oxydo, *bi*-pede.
8. — (duas vezes) *bis*-avô, *bis*-neto, *bis*-coito, etc.
9. Circum — (em roda) *circum*-stancia, *circum*-scripto, *circum*-flexo.
10. Cis — (de cá, a quem) *cis*-platino, *cis*-alpino, *cis*-atlantico, etc.
11. Com — (intensidade, companhia) *con*-sternar, *co*-operar, etc,
12. Contra — (opposição) *contra*-pôr, *contra*-dizer, *contra*-dictar.
13. De — (para fóra) *de*-mittir, *de*-capitar, etc.
— (de cima para baixo) *de*-cahir, *de*-por, *de*-struir.
— (intensidade) *de*-clarar, *de*-vastar, *de*-clamar.
— (dilação) *de*-morar, *de*-curso, *de*-ter.
— (para fóra) *de*-bandar, *de*-portar, *de*-gollar.
— (procedencia) *de*-pender, *de*-duzir, *de*-rivar, etc.
— (opposição) *de*-bellar, *de*-bater, etc.

14. Des — (intensidade) *des*-inquietar, *des*-perdiçar, *des*-communal.
— (negação) *des*-empedir, *des*-falque, *des*-honrar, etc.
15. Di — (intensidade, ampliação) *di*-luvio, *di*-minuir, *di*-vulgar.
— (procedencia) *di*-manar, etc.
— (propagação) *di*-vagar, *di*-vergir, *di*-vulgar, etc.
16. Dis ou dif — (propagação) *dif*-fuso, *dis*-persar, *dif*-ficil, *dif*-famar, *dis*-cordar, etc.
17. E — (extracção) *e*-leição, *e*-lidir, etc.
— (origem, ponto de partida) *e*-manar, *e*-vocar, *e*-migrar, etc.
18. Em, en — (introducção) *em*-bainhar, *en*-terrar.
— (transição) *en*-doudecer, *en*-gordar, *en*-fastiar.
— (modo) *em*-plumar, *em*-bandeirar, *em*-perrar.
19. Entre — (mutualidade) *entre*-cortar, *entre*-laçar, etc.
— (intervallo), *entre* linhar, *entre*-acto, *entre*-cortar.
— (mal, difficilmente), *entre*-abrir, *entre*-vêr, etc.
20. Es — (augmento) *es*-murrar, *es*-quentar.
— (extracção) *es*-tancar, *es*-gotar, *es*-colher.
— (transição) *es*-verdinhar, *es*-palmar, *es*-morecer.
— (escolha, separação) *es*-colher, *es*-bulhar, etc.
21. Ex — (intensidade) *ex*-probrar, *ex*-acerbar, *ex*-celso, etc.
— (extracção, fóra) *ex*-por, *ex*-hibir, *ex*-patriar, etc.
— (o que foi) *ex*-director, *ex*-professor, *ex*-chefe.
22. — Extra — (além, fóra) *extra*-ordinario, *extra*-vagante *extra*-secular.

23. In — (intensidade) *in*-undar, *il*-lustre, *in*-colume.
— (negação) *in*-dispensavel, *im*-mortal, *il*-logico.
— (auxilio, favor) *im*-plorar, *in*-vocar.
— (transição mudança) *in*-candescer, *in*-flammar.
24. Im — (opposição) *im*-pugnar, *im*-pellir, *in*-citar, etc.
— (introducção) *in*-spirar, *in*-jectar, *im*-portar.
25. Inter, intro — (no meio) *inter*-ceptar, *inter*-por, *intro*-duzir, etc.
26. Mal, male — (idéa de mal) *mal*-tratar, *mal*-evolo, *mal*-quisto.
27. Ob — (augmento) *ob*-scurecer, *op*-primir.
— (opposição) *ob*-jectar, *of*-ferecer, *op*-por, etc.
28. Per — (intensidade, duração) *per*-duravel, perspicaz, *per*-scrutar.
— (frequencia) *per*-passar, *per*-correr.
— (pelo meio) *per*-furar, *per*-meavel.
29. Pos — (depois) *pos*-por, *pos*-pontar, etc.
30. Pre — (anterioridade) *pre*-valecer, *pre*-ceder, *pre*-sidir.
31. Pro (para frente, derivação) *pro*-ceder, *pro*-duzir, *pro*-jectar.
— (substituição) *pro*-nome, *pro*-mover.
— (intensidade) *pro*-fessor, *pro*-fundar, *pro*-vocar.
— (para diante) *pro*-gredir, *pro*-longar, *pro*-pagar.
32. Re — (intensidade) *re*-alçar, *re*-luzir, etc.
— (opposição) *re*-agir, *re*-calcitrar.
— (repetição) *re*-dizer, *re*-começar.
33. Semi (meio) *semi*-deus, *semi*-circulo, etc.
34. Sob ou soc, sota, soto — (abaixo, junto, immediato) *sol*-letrar, *soc*-corro, *sota*-piloto.
35. Sub — (debaixo, abaixo) *sub*-jugar, *suc*-cumbir, *sup*-plantar.
36. Retro — (para tras) *retro*-ceder, *retro*-gradar.
37. Sobre — (acima, posição superior) *sobre*-viver, *sobre*-por, etc.

38. Super — (acima, muito) *super*-lativo, *super*-fluo, etc.
39. Trans — (além, através de) *trans*-por, *trans*-ladar, *tres*-passar.
40. Ultra — (além) *ultra*-mar, *ultra*-montano, *ultra*-liberal.
41. Vice — (em vez, em logar) *vice*-rei, *vice*-consul, *vice*-versa, etc.
42. Vis — (em vez, em logar) *vis*-conde, *vis*-condessa, etc. (1).

Prefixos gregos.

1.º a ou an —	(privação)	— *a*pathico, *a*phasia, *an*archia.
2.º ana	(elevação)	*ana*gramma, *ana*phora.
3.º amphi	(dualidade)	*amphi*bio, *amphí*scios.
4.º amphi	(em roda)	*amphi*theatro, *amphí*braco.
5.º anti	(opposição)	*anti*christo, *anti*these.
6.º apo	(afastamento)	*apo*logia, *apo*geu.
7.º cata	(abaixamento)	*cata*strophe, *cata*clysmo.
8.º dia	(pelo meio)	*dia*metro, *dia*phorese.
9.º ec ou ex	(para fóra)	*ex*osmose, *ex*odo.
10.º en	(internação)	*en*ergia, *en*demia.
11.º endo	(dentro)	*endo*smose, *endo*cardio.
12.º epi	(superposição)	*epi*logo, *epi*glotte.
13.º eu	(bom)	*eu*phonia, *eu*phemia.
14.º hyper	(sobre)	*hyper*trophia, *hyper*bole.
15.º hypo	(sob)	*hypo*typose, *hypo*geu.
16.º meta	(além)	*meta*phora, *meta*tarso.
17.º peri	(em roda)	*peri*metro, *perí*pheria.
18.º pro	(anteposição)	*pro*logo, *pro*these.
19.º pros	(tendencia)	*pros*phonema, *pros*odia.
20.º syn	(reunião)	*syn*taxe, *syn*odo.

---

(1) Estas são as principaes significações destes prefixos; as demais se estatuirão facilmente no vocabulo, como elementos organicos constituintes.

Formas cognatas.

As palavras que possuem a mesma raiz ou radical se dizem **cognatas** ou **corradicaes**, e se dividem em **proximas** e **remotas**.

As palavras cognatas se grupam por **familias**, isto é, por grupos de palavras que se prendem organicamente a uma mesma raiz (1), ex. : *port* + o, *port* + a, im*port*ar, ex*port*ação, de*port*ar, o*pport*uno, com*port*ar, a*pport*ar e todas em que existe a raiz *port* constituem uma familia de palavras.

Cognatas proximas são aquellas cujo radical, não tendo a menor modificação, é perfeitamente igual para todas, ex. : *bat*er, de*bat*er, com*bat*er, re*bat*er, *bat*alhar, etc.

Cognatas remotas são áquellas cujos radicaes, achando-se mais ou menos modificados, estão differenciados extremamente, ex. : *apt*idão e in*epto* = in*apto*, *barb*ado e im*berbe* = im + *barb*a, *ami*gar e in*imigo* = in + *amigo*, inter*cept*ar e *cap*tivo, pro*mett*er e e*mitt*ir, etc.

O estudo das cognatas remotas pertence mais á grammatica historica, pois reclama o estudo das causas actuantes e modificadoras da raiz fundamental em que reside o cognatismo.

O numero das remotas é superior ao das proximas e irá augmentando com o desenvolvimento da lingua.

---

(1) Brachet et Dussouchet, pag. 77.

Lista de algumas raizes latinas para analyse das formas cognatas proximas ou remotas.

Ag-o, *Act*-um — fazer (1).

Acto	Coacto	Activo
Agir	Coagir	Reagir
Agente	Agencia	Actual

Ag-er, *Ag*-ri — o campo.

Agreste	Agronomo	Agro
Agrario	Pe*regr*ino	Peregrinar (2)

Alg-eo, *Algi*-d — frio.

Algido	Algidez	Algifico

Al-o, *Alit*-um — nutrir.

Alimento	Alimenticio	Alimentar

Alt-er — outro.

Adulterar	Alterar	Inalterar

Alt-us — alto.

Altivo	Altivez	Altitude
Altura	Altisono	Exaltar

Am-o, *Amat*-um — amor.

Amigo	Amador	Amizade
Amor	Amante	Amoroso

Ampl-us — largo.

Amplo	Amplidão	Amplitude

Cad-o, *Cas*-um — cahir.

Caso	Casual	Cadencia
Ac*cid*ente	In*cid*ente	Oc*cid*ente

Camp-us — campo.

Campanha	Campina	Campestre
Acampar	Campear	Camponio

---

(1) A primeira raiz é a verbal e a segunda é a nominal, pois está calcada no supino, fórma nominal da conjugação latina.

(2) A raiz differenciada está gryphada.

Cap-io, *Capt*-um — tomar.
Antecipar | Acceitar | Interceptar
Captivo | Preceito | Municipio

Cing-o, *Cinct*-um — cingir.
Cingir | Cintura | Recinto

Do, *Dat*-um — dar.
Doação | Data | Mandato

Duc-o, *Duct*-um — guiar.
Conducto | Producto | Aqueducto
Produzir | Deduzir | Educo

Em-o, *Empt*-um — comprar.
Peremptorio | Peremir. | Exempto

Fa-cio *Fact*-um — fazer.
Artefacto | Affecto | Affecção
Artificio | Officio | Prefazer

Fer-o, *lat*-um — trazer, levar.
Conferir | Inferir | Auferir
Translato | Illativo | Transladar

Flu-o, *Flux*-um — correr.
Influxo | Refluxo | Refluir
Influencia | Affluir | Confluencia

Ger-o, *Gest*-um — gerar.
Cornigero | Suggerir | Gestação

Grad-ior, *Gress*-us — entrar.
Graduar | Gradação | Congresso
Progresso | Ingresso | Ingrediente

Hal-o — respirar.
Inhalar | Exhalar | Exhalação
Anhelo | Anhelante | Anhelar

Jac-io, *Jact*-um — lançar.
Projecto | Projectil | Trajecto
Adjectivo | Ejaculação | Conjectura
Jactancia | Interjeição | Dejecção

Jac-eo — ficar.
Adjacente | Interjacente | Circumjacente

Lac, *Tact*-is — o leite.
Lacteo | Lactifero | Lactescencia

Mitt-o, *Miss*-um — mandar.
Admittir | Admissão | Emittir
Metter | Promessa | Remetter

Min-eo — elevar.
Imminente | Proeminente | Eminente

Nect-o, *Nex*-um — ligar.
Connectivo | Annexar | Connexão

Ord-o, *Ordin*-is — ordem.
Ordinal | Coordenar | Subordinar
Desordem | Insubordinar | Primordial

Or-o, *Orat*-um — falar.
Oral | Orador | Oratorio
Exoravel | Inexoravel | Adorar

Pand-o, *Pans*-um — abrir.
Expansão | Expandir | Dispendio

Plic-o, *Plicat*-um — dobrar.
Multiplicar | Complicar | Applicar
Explicativo | Replicar | Explicar

Prem-o, *Press*-um — expremer.
Oppresso | Suppresso | Impresso
Imprimir | Comprimir | Compressor

Quer-o, *Quesit*-um — pedir.
Adquirir | Inquerir | Inquisição
Acquisição | Questão | Requisito

Rump-o, *Rupt*-um — romper.
Interrupto | Corrupto | Abrupto
Irupção | Irromper | Eruptivo

Spici-o, *Spect*-um — ver.
Especial | Espectador | Espectaculo
Aspecto | Inspeccionar | Inspector

St-o, *Stat*-um — estar.
Constar | Constante | Restar
Distante | Equidistante | Instancia

Constituindo as raizes latinas e as gregas os **nucleos** fundamentaes de cristalização das vocabulos, devemos mantel-as, **tanto quanto possivel, graphicamente intangiveis**, visto que por ellas, como residuos organicos da tradição vocabular, descemos á filiação historica das palavras, descortinamo-lhes o parentesco e a identidade de origem commum ás linguas novilatinas, facilitando-nos ellas a aprendizagem destas e até a das linguas teutonicas — *inglez, allemão* a que transfundiram o latim e o grego volumosa cópia de vocabulos.

Formas analogas.

Chamam-se fórmas ou vocabulos analogos aquelles que têm entre si certa semelhança exterior de forma, prosodia ou significação (1).

As fórmas analogas são os **homonymos, synonymos** e **paronymos**.

Homonymos.

As homonymas são as fórmas de igual orthographia e prosodia, ou apenas de igual prosodia ou de igual orthographia, ex. : *venda* (facha) e *venda* (loja), *accento* e *assento, férvido* e *fervido*.

Os homonymos se dizem :

A) **Perfeitos**, desde que sejam inteiramente **identicos** na graphica e na prosodia, ex. : *morro* (subst.) e *morro* (verb.); *livro* (subst.) e *livro* (verb.); *escolho* (subst.) e *escolho* (verb.).

---

(1) Seria mais scientifico chamarmos fórmas **homologas**, em vez de analogas.

B) **Imperfeitos**, desde que sejam **differentes** na prosodia, mas **iguaes** na graphica ou vice-versa, ex. : *flórido* e *florido, rhombo* e *rombo, séde* e *sêde*.

Os homonymos imperfeitos são **homographos** ou **homophonos**.

Homographos.

Homographas ou **oculares** são as fórmas inteiramente identicas na graphica, mas differentes na prosodia, ex. : *cára — cará, sábia — sabia — sabiá, vêde — véde, sêde — séde, sê — sé — se.*

Os homographos se distinguem :

A) Por accentuação **perispomena**, ex. : *fôrma* e *fórma, sêde* e *séde, vêde* e *véde, d'este* e *déste, dê* e *de, para* (pera) e *pára, mas* (mês) e *más*.

B) Por accentuação **tonica**, ex. : *pôrem* e *porém, cara* e *cará, secretária* e *secretaria* (1).

Homophonos.

Homophonos ou **auriculares** são as vocabulos inteiramente **iguaes** na prosodia, mas **differentes** na graphica, ex. : *inserto* e *incerto, paço* e *passo, houve* e *ouve, rhombo* e *rombo* (2).

---

(1) Este phenomeno se effectua geralmente nos homographos cognatos, de categoria diversa, ex. : numéro e número, públíco e publíco, célebre e celébre, anályse e analyse.

(2) Constituem estes vocabulos os maiores obices á adopção da graphica phonetica, pois com esta se confundirão vocabulos de origem e significação differentes.

Os homophonos se distinguem :

A) Por geminação consonantal, ex. :

additar	aditar
affirmar	afirmar
callo	calo
valle	vale
molleira	moleira
gemma	gema
comma	coma
penna	pena
matto	mato
attestar	atestar

B) Por letras compostas ou grupo consonantal, ex. :

chylo	kilo
bucho	buxo
tacha	taxa
facha	faxa
rhombo	rombo
scenario	senario
scirro	cirrho
desce	desse
facto	fato
sceptico	septico

C) Por letras de igual som, ex. :

cegar	segar
celleiro	selleiro
cerro	serro
aço	asso
paço	passo
graça	grassa
tenção	tensão
ruço	russo
nós	noz
vós	voz
coser	cozer

Homonymos perfeitos.

Homonymos perfeitos ou **auriculares** são os vocabulos inteiramente iguaes na **graphica** e na **prosodia**, mais differentes na significação ou na funcção, ex. : *canto* (angulo) e *canto* (verbo), *cara* (adj.) e *cara* (subst.), *morro* (subst.) e *morro* (verb.).

A homonymia perfeita occorre :

A) Entre substantivos e verbos, ex. :

SUBSTANTIVOS	VERBOS
acha (lenha)	acha
venda (facha)	venda ² (1)
renda (bordado)	renda ²
canto (angulo)	canto ²
talha (pote)	talha ²
espia (corda)	espia ²
vinha (parreira)	vinha
morro (collina)	morro
bota (calçado)	bota
livro (folheto)	livro
tomo (de obra)	tomo
termos (palavras)	termos
escolho (recife)	escolho
verão (estação)	verão

B) Entre adjectivos e verbos, ex. :

ADJECTIVOS	VERBOS
vivo	vivo
largo ²	largo
primo ²	primo

---

(1) Este expoente indica que a fórma se substantiva geralmente, parecendo formar um terceiro homonymo, que mais não é do que uma derivação impropria, isto é, uma nova funcção do vocabulo, adaptando-se a outra categoria grammatical.

preciso	preciso
tarde [2]	tarde
alegre	alegre
firme	firme
amargo	amargo
limpo	limpo
vaga	vaga [2]
basto	basto

Neste caso as fórmas são sempre cognatas.

c) Entre um participio e o presente do indicativo ou do subjuntivo de um verbo, ex. :

PARTICIPIOS	PRESENTES VERBAES
tendo	tendo
vendo	vendo
contendo	contendo
gasto [2]	gasto
manifesto [2]	manifesto
assente	assente
visto	visto
falho	falho
farto	farto

D) Raras vezes apparecem tres vocabulos homonymos; e, sempre que se dá este phenomeno, dois são sempre da mesma categoria grammatical, ex. :

SUBSTANTIVOS	VERBOS
Manga (fructo) e *manga* (de camisa) (1)	*manga*
Lima (fructo) e *lima* (ferro)	*lima*

ADJECTIVOS	VERBOS
São (santo) e *são* (sadio)	são

Estas quatro especies se poderiam chamar homonymos **verbo-nominaes** ou **extrinsecos**, assim

(1) A palavra *manga* (de vela) é uma dilatação no conceito significativo de *manga* (de camisa) por analogia.

passemos á exposição da homonymia **verbal**, isto é, a homonymia na estructura das tres primeiras conjugações.

Homonymia verbal.

As fórmas verbaes são os factores primordiaes da homonymia, e nas tres primeiras conjugações regulares e nas irregulares **fracas** a homonymia sempre se manifesta (1):

A) Entre a 1.ª pessoa do plural do pres. do ind. e a mesma do perfeito, ex. :

PRESENTE	PERFEITO
amamos	amámos
vendemos	vendemos
punimos	punimos

B) Entre a 1.ª pes. do sing. e a 3ª do imperfeito indicativo, ex. :

1.ª SINGULAR	3.ª SINGULAR
amava	amava
vendia	vendia
partia	partia

C) Entre a 1.ª pes. do sing. e a 3ª do mais que perfeito, ex. :

1.ª SINGULAR	3.ª SINGULAR
amara	amara
vendera	vendera
punira	punira

(1) Irregulares fracos são verbos em que a raiz do **infinitivo** não se modifica na 1.ª pessoa do perfeito, segundo a doutrina dos philologos allemães que podemos assim applicar á nossa lingua, ex. : sentir=*senti*, perder=*perdi*, medir=*medi*, subir=*subi*, cobrir=*cobri*.

D) Entre a 1.ª pes. do sing. e a 3ª do condicional, ex.:

1.ª SINGULAR	3.ª SINGULAR
amaria	amaria
venderia	venderia
puniria	puniria

E) Entre a 1.ª pes. do sing. e a 3ª do pres. do subjuntivo, ex.:

1.ª SINGULAR	3.ª SINGULAR
ame	ame
venda	venda
puna	puna

F) Entre a 1.ª pes. do sing. e a 3ª do imperf. do subjuntivo, ex.:

1.ª SINGULAR	3.ª SINGULAR
amasse	amasse
vendesse	vendesse
punisse	punisse

G) Entre a 1.ª pes. do sing. e a 3ª do futuro subjuntivo, ex.:

1.ª SINGULAR	3.ª SINGULAR
amar	amar
vender	vender
punir	punir

H) Entre todo o futuro subjuntivo e o infinitivo pes., ex.:

FUTUROS SUBJUNCT.	INFINITIVOS PESSOAES	
amar	amar	eu
amares	amares	tu
amar	amar	elle
armarmos	amarmos	nós
amardes	amardes	vós
amarem	amarem	elles
vender	vender	eu
venderes	venderes	tu
vender	vender	elle
vendermos.	vendermos	nós
venderdes	venderdes	vós
venderem	venderem	elles
punir	punir	eu
punires	punires	tu
punir	punir	elle
punirmos	punirmos	nós
punirdes	punirdes	vós
punirem	punirem	elles

— Nos irregulares fortes a homonymia segue as mesmas leis, excepto nos casos de *a* e de *h*.

Resumo synoptico.

HOMONYMOS.
- perfeitos ou aurioculares
- imperfeitos
  - homographos ou oculares
  - homophonos ou auriculares

Synonymos.

Synonymas são as palavras, ou expressões de significação identica ou semelhante, ex.: *alegria — prazer — jubilo — contentamento — rogosijo; com mansidão = de manso = mansamente; como = de modo que = de sorte que = de fórma que = de maneira que* (1).

---

(1) A theoria dos synonymos pertence mais á semiologia do que á lexiologia, pois se exerce entre as significações de duas ou mais palavras confrontadas entre si.

Os synonymos são:

A) **Perfeitos**, desde que ha identidade de significação, de modo que sempre um possa substituir o outro, ex.: *antidoto = contra-veneno, barriga = ventre, hordéolo = terçol, macella = camomilla, sudorifico = diaphoretico, avaro = avarento, semanal = hebdomadario, cume = cimo, lexico = diccionario, diaphano = transparente, onça = jaguar, ema = nandú, sofrê = corrupião, immortal = immorredouro, varicella = catapora, mortal = lethal, de modo que = de sorte que = de forma que = de maneira que.*

Quanto mais de perto conhecermos a nossa lingua, tanto mais nos convenceremos de que a synonymia perfeita se impõe como facto inexpugnavel.

B) **Imperfeitos**, desde que houver apenas semelhança de significação, de sorte que nem sempre um possa substituir o outro, ex.: *retratar — photographar — stereotypar — estampar — imprimir — gravar — traçar — retraçar — delinear — debuxar — esboçar — bosquejar — pintar — representar — figurar.*

Os synonymos, segundo Lafaye, sempre são **logicos** ou **grammaticaes**, mas acho melhor se digam **organicos** e **inorganicos**, por serem denominações mais compativeis com as actuaes doutrinas em que a lingua é estudada como phenomeno natural, como organismo.

Organicos ou *corradicaes* são os synonymos constituidos por fórmas ou palavras de **igual** raiz ou cognatas, ex.: pre*paro* — pre*par*ação — pre*par*ativo — pre*par*atorio, per*tur*bação — con*tur*bação.

Inorganicos são os synonymos constituidos por fórmas ou palavras de radicaes **diversos**, ex.: *morrer — fallecer — expirar, castigar — corrigir — punir — emendar.*

Todo synonymo é sempre da mesma categoria ou assume a categoria dos seus equivalentes significativos, isto é, um substantivo, por exemplo, só póde ser synonymo de outro substantivo ou então de um termo substantivado, ex.: vida — existencia e o *viver*, a belleza — o bello, a mocidade — os *moços*.

A synonymia **organica**, maximé entre os substantivos, assim se exerce:

Synonymos organicos.

1.° Entre dous substantivos de suffixos differentes:

Past*agem*	=	past*o*
fortal*eza*	=	fort*e*
mont*anha*	=	mont*e*

2.° Entre substantivos de prefixos differentes, ex.:

*pre*nuncio	=	*an*nuncio
*per*turbação	=	*con*turbação

3.° Entre um substantivo e um adjectivo substantivado, ex.:

extremidade	=	extremo
utilidade	=	util
belleza	=	bello

4.° Entre um substantivo cognato verbal e outro verbal, ex.:

imposição	=	imposto
enunciação	=	enunciado
esperança	=	espera

5.° Entre um substantivo collectivo e outro no plural, ex.:

vizinhança	=	vizinhos
professorado	=	professores
mocidade	=	moços

6.° Entre substantivos de generos differentes, ex.:

chinello	=	chinella
jarro	=	jarra
saco	=	saca

7.° Entre um substantivo e um infinitivo substantivado, ex.:

sentimento	=	o sentir
morte	=	o morrer
vida	=	o viver.

8.° Entre um termo antigo e outro moderno, ex.:

usança	=	uso
grandura	=	grandeza
renascença	=	renascimento

Resumo synoptico.

SYNONYMOS quanto á identidade da	significação	perfeitos
		imperfeitos
	raiz.	organicos
		inorganicos

Paronymos.

Paronymas são aquellas fórmas que, não sendo synonymas entre si, apresentam uma ligeira semelhança de prosodia e de graphica e ás vezes de etymologia, ex.: *dilatar — delatar, differir — deferir, divertir — advertir, detrahir — distrahir, descripção — discrição, intruso — abstruso, texto — testo, juxta — justa, premicias — premissas* (1).

Antonymos.

Antonymas são as fórmas de significação diametralmente opposta, ex.: *alto — baixo, forte — fraco, preto — branco, mocidade — velhice.*

Os antonymos dividem-se em:

A) **Organicos**, desde que sejam cognatos, isto é, tenham a mesma raiz e a opposição significativa seja produzida pelo **prefixo**, ex.: *justo — injusto, exportar — importar, crescer — decrescer, depor — repor, barbado — desbarbado*, armado — *desarmado, progresso — regresso, propellir — repellir*;

B) **Inorganicos**, desde que sejam constituidos por fórmas inteiramente diversas isto é, de raizes *differentes*, ex.: joven — velho, descer — subir, tio — sobrinho, pae — filho, avô — neto.

Fórmas occorrem a que correspondem ás vezes duas antonymas, ex.: direita — *esquerda* e *sinistra; egoismo — altruismo* e *liberalidade;* trabalhar — *folgar* e *brincar;* feio — *bonito* e *formoso; militar* — paisano e *civil; espiritual — temporal* e secular (1).

(1) A divisão dos paronymos em **proximos** ou **remotos**, segundo Brachet e Dussouchet, não se póde applicar á nossa lingua. Vêde as nossas *Lições elementares de lingua portugueza.*

(2) Neste caso os antonymos são *convergentes.*

TAXINOMIA

Taxinomia é a classificação das palavras em grupos segundo as categorias logicas a que correspondem.

As palavras se distribuem em tres grupos: **nominativas, modificativas** e **connectivas**, cujo conjunto integral constitue as categorias grammaticaes (1).

A velha divisão classica — em **nome, verbo** e **particulas**, e a de Mason em palavras **nacionaes** e **relacionaes** estão em desaccôrdo flagrante com as condições actuaes das linguas (2).

As nominativas são — o **substantivo**, o **pronome** e o **verbo**; as modificativas o **adjectivo** e o **adverbio** e as connectivas — a **preposição** e a **conjuncção**.

Os **pronomes relativos** pertencem ao grupo das connectivas, pois ligam as proposições: o **participio** será modificativo, ou nominativo, conforme a sua funcção de verbo ou de adjectivo, e a **interjeição** não pertence á grammatica, é mais um grito, uma phrase latente e instantanea do que propriamente palavra, é a expressão de um sentimento.

As Categorias Grammaticaes.

Substantivo.

(Palavra de entidade.)

Substantivo é a palavra designativa, ora dos seres da natureza, ora das idéas abstractas.

O substantivo se divide em **proprio** e **appellativo.**

(1) LAROUSSE, *Gram. supérieure.*
(2) Vêde LARRIVE et FLEURY, *La troisième année de gram.*, pag. 13.

Proprio é aquelle que se applica para designar com individuação um ou alguns dos seres pertencentes á especie, ex.: *Brasil, Pedro;* o primeiro designa exclusivamente um *logar* e o segundo designa alguns individuos, mas não todos da especie.

Assim a expressão *Pedro Alvares Cabral* designa primitivamente um individuo conhecido. Seja esta a noção scientifica do substantivo proprio, de accôrdo com os factos, pois nos parece mais verdadeira e dogmatica (1).

Substantivo proprio.

O substantivo proprio póde ser:

A) **Personativo**, sempre que indica um nome de pessoa concreta, ex.: *Antonio, Clara, Helena, Iracema;*

B) **Locativo**, sempre que indica uma região, uma localidade, ou qualquer denominação geographica, ex.: *Brasil, Sergipe,* o *Purús,* a *Mantiqueira;*

C) **Abstractivo**, sempre que indica uma entidade mentalmente personificada, ex.: *Jupiter, Urano, Proteu,* a *Virgem, Deus,* a *Liberdade,* a *Justiça* (2-3).

(1) MASON, *English grammar,* pag. 48. — LATHAM'S *Hand-book of english langage,* pag. 400.
(2) BERGER, *Stylistique latine,* pag. 76.
(3) Empregamos **abstractivo,** em vez de **abstracto,** para uniformidade de nomenclatura na divisão dos substantivos proprios.

Substantivo appellativo.

Substantivo appellativo ou geral é aquelle que se applica para nomear qualquer dos seres constitutivos da especie, ex. : *homem, pedra.*

O appellativo é sempre :

A) **Objectivo** ou **concreto**, desde que se applique para indicar qualquer dos seres existentes na natureza, isto é, percebidos por nossos sentidos corporaes, ex. : *vento, odor, sombra, som, casa;*

B) **Subjectivo** ou **abstracto**, desde que se applique para indicar qualquer idea ou propriedade, imperceptivel aos nossos sentidos corporaes, ex. : *virtude, dor, alegria, vaidade* (1);

C) **Factitivo**, desde que se applique para indicar uma qualidade ou funcção social inherente a uma pessoa, ex. : *padre, professor, rei, presidente, artista, jornalista;*

D) **Collectivo**, desde que se applique para indicar muitos individuos constituindo um todo, ex. : *tropa, exercito, humanidade, povo, chusma.*

Resumo synoptico.

SUBSTANTIVO.	proprio ou individual	personativo locativo abstractivo
	appellativo ou commum	objectivo subjectivo factitivo collectivo

(1) As denominações de **objectivo** e **subjectivo** exprimem mais o facto do que as de **concreto** e **abstracto** e as irrisorias denominações de **flicticios** e **imaginarios.**

Substantivo collectivo.

Substantivo collectivo ou **intensivo** é aquelle que, posto esteja no singular, implica logicamente uma noção de pluralidade, ex. : *rebanho, povo, armada, folhagem.*

Os collectivos se dividem em **geraes**, **partitivos**, **extensivos**, **numericos** e **especificos.**

Collectivo **geral** ou **integral** é aquelle que indica a idéa de um todo, integralmente constituido, ex. : *armada, familia, assembléa, congresso.*

Collectivo **partitivo** é aquelle que indica apenas a idéa de uma parte ou fracção de um todo, ex. :

mez	parte de	anno
semana	—	mez
batalhão	—	exercito
maioria	—	assembléa
minoria	—	assembléa
quarteirão	—	cento
ala	—	batalhão
anno	—	seculo

Collectivo **multiplicativo** é aquelle que indica a idéa de um todo constituido por multiplicação de suas diversas partes e expresso pelas palavras : *dobro, triplo, quadruplo, quintuplo, sextuplo, septuplo,* etc.

Collectivo **extensivo** ou **accidental** é aquelle que é expresso por uma palavra que, segundo a accepção em que se acha, adquire accidentalmente o valor collectivo, ex. : a *humanidade* = genero humano ; a *velhice* = os velhos; uma *roda* (de pessoas), a *força* (publica), uma *banda* (de musica), o *proximo*, o *grosso* (das tropas), um *contingente* (de soldados), a *ordem* (dos advoga-

dos), um *mar* (de cabeças), o *estado* (sociedade politica), uma *onda* (de povo), *camara* (dos deputados).

Collectivo **numerico** ou **definito** é aquelle que indica a idéa de um todo, constituido de numero conhecido o certo de partes, ex. : *quarteirão, duzia, cento, milheiro, centena, parelha, groza, vintena, semana, lustro, seculo.*

Collectivo **especifico** ou **especial** é aquelle cuja significação se restringe e se applica mais propriamente a uma cousa do que a outra, ex. : *cardume* (de peixes), *matilha* (de cães), *congregação* (de professores).

O collectivo especifico póde ser :

A) **Organico**, desde que a significação seja expressa pela raiz do vocabulo e a força collectiva pelo **suffixo**, ex. : folh*agem*, criad*agem*, rapazi*ada*, professor*ado*, mestr*ança*, organ*ismo*, corpor*ação*, confr*aria*, minist*erio*, grit*aria*.

B) **Inorganico**, desde que a significação collectiva não seja expressa pela estructura do vocabulo, mas pelo uso mais geral, ex. (1) :

Alcatéa — de lobos
armento — de gado
bando — de ciganos / de aves / de salteadores
banda — de musica
concilio — de bispos
cabido — de conegos
congregação — de professores
cafila — de camellos
chusma — de criados
corja — de ladrões / de tratantes / de vadios
enxame — de abelhas
conciliabulo — de feiticeiros.
Resma — de papel
fato — de cabras
joldra — de assassinos
malta — de capoeiras
manada — de bois
matilha — de cães

[1] Os demais collectivos se podem considerar inorganicos, comquanto não sejam especificos, porquanto a significação não decorre dos elementos materiaes do vacabulo.

nuvem — de insectos
ponta — de mulas
pareo — de corridas
rancho — de soldados
restea — de cebollas ou alhos
quadrilha — de gatunos
récua — de cavalgaduras
roda — de pessoas
sucia — de velhacos
synodo — de parochos
vara — de porcos

Expressão substantiva.

Expressão substantiva é um grupo de palavras, logicamente equivalente a um substantivo.

A expressão substantiva se diz :

A) **Propria**, desde que personativa ou locativamente seja equivalente a um substantivo proprio, ex. : *Manuel Deodoro da Fonseca, Rio Grande do Sul.*

B) **Appellativa**, desde que equivalha logicamente a um nome appellativo, ex. : *lingua-de-vacca, olho de boi, pé de vento, chapéo de sol, bem-te-vi, mal-me-quer.*

Não confundamos a expressão substantiva com as fórmas agglutinadas e juxtapostas cuja constituição já deixamos explanada na morphologia.

Expressão personativa.

Nas expressões personativas a lingua portugueza se desviou da latina e assim as noções de **patronymico, cognome, agnome** de que se constituia o nome proprio, não têm mais valor nas linguas modernas, maximé na nossa.

Os nomes proprios personativos actualmente são constituidos de duas partes : — o **nome individual** e o **sobrenome**, formado este quasi sempre por duas ou mais fórmas isoladas ou ligadas, já pela preposição *de*, já pela conjuncção *e*, ex. : Pedro José *dos* Santos, Joaquim Costa *e* Silva (1).

[1] Chamamos **expressão personativa** ao nome individual completo que caracteriza o individuo, ex. : José Bonifacio de Andrada e Silva, Alexandre Herculano, etc.

Actualmente o patronymico já não indica filiação, pois, si assim fosse, todo Alvares seria filho de um Alvaro; Rodrigues, de Rodrigo; Marques, de Marco; Peres, de Pedro; Vasques, de Vasco; Fernandes, de Fernando, semelhantemente ao latim.

Assim, pois, as fórmas *Sancho* e *Sanches; Soares* e *Soeiro; Henrique* e *Henriques; Pedro, Pero* e *Peres* ou *Pires; Mendes, Mendo* e *Mem*, são fórmas personativas divergentes; perdeu-se a noção de filiação, apenas uma constitue o nome e outra indica parte do sobrenome.

Os **prenomes** passaram a ser nomes individuaes ou de baptismo; o **cognome** hoje mais não é do que qualquer palavra ou expressão, posposta ao nome proprio, lembrando uma qualidade ou um feito do individuo, ex.: Joaquim da Silva Xavier o *Tiradentes*, Isabel a *Redemptora*, Napoleão o *Grande*, D. Pedro o *Lidador*, D. José o *Colonizador*.

Substantivação.

Diz-se substantivação a passagem de qualquer palavra ou expressão para a categoria dos substantivos.

Á categoria dos substantivos appellativos podem passar:

A) A maior parte dos adjectivos descriptivos, tanto no singular como no plural, ex.: o *justo*, os *justos*, o *bello*, a *fera*, a *meia*, um *periodico*.

B) Muitos substantivos proprios cuja significação se generaliza, ex.: *mentor, dunkerque, calepino, curaçau*.

C) A maior parte das palavras pertencentes ás demais categorias, ex.: um *ai*, o *nada*, o *ser*, o *dever*, o *sim*, o *porque*.

D) Muitas expressões cujo conceito se individualiza, ex.: o *não posso*, o *malmequer*, o *bemtevi*, etc.

Á categoria dos substantivos proprios podem passar:

A) Muitos substantivos appellativos cujo conceito se individualiza, designando nomes personativos ou locativos, ex.: *Rosa, Flora, Victoria, Fortaleza, Laranjeiras, Porto, Madeira*.

B) Muitos adjectivos cujo conceito significativo se individualiza, ex.: *Leal, Candido, Verissimo, Fausto, Clara, Branca*.

Adjectivo.

(Palavra de modificação.)

Adjectivo é a palavra que modifica a **comprehensão** ou a **extensão** do substantivo (1).

Os adjectivos dividem-se em descriptivos e designativos: *estes* para a extensão do substantivo e *aquelles* para a comprehensão.

Os termos **descriptivos** e **designativos** estão mais de accôrdo com a grammatica moderna do que os termos qualificativos e determinativos; apenas têm estes por si o longo uso; mas as nomenclaturas se devem ir modificando, á proporção que se aprofunda o estudo dos factos.

Adjectivo descriptivo.

Adjectivo descriptivo ou qualificativo, é aquelle que modifica a comprehensão do substantivo mediante uma idéa de qualidade ou propriedade, ex.: homem *alto, magro, pallido, nervoso, intelligente, sagaz, sabio*.

O adjectivo descriptivo póde ser:

A) **Extrinseco**, desde que modifique o conceito do substantivo, mas mediante propriedade exterior á sua significação geral, ex.: homem *douto*, mulher *bella*, animal *manso*;

B) **Intrinseco**, desde que modifique o conceito do substantivo, mas mediante uma idéa de pro-

---

(1) Véde na Semiologia o que entendemos por **extensão** e **comprehensão** de um termo.

priedade interior e propria á sua significação geral, ex. : homem *mortal*, sol *brilhante*, neve *branca*, marmore *duro* (1).

Esta nossa divisão satisfaz mais, pois ambos descrevem o seu substantivo, e assim as qualidades — *mortal, brilhante, branca* e *duro* são qualidades intrinsecas ou extrinsecas aos substantivos, conforme a significação d'estes.

Os adjectivos intrinsecos se pospõem ou se antepõem, quasi indifferentemente, ao substantivo, pois não adquirem nova significação, conforme estejam antes ou depois, ex. : astros *brilhantes* e *brilhantes* astros, marmore *duro* e *duro* marmore.

Os extrinsecos geralmente se pospõem e, desde que se antepõem, adquirem quasi sempre nova significação, ex. ; homem *pobre* e *pobre* homem, cousa *simples* e *simples* cousa, *santa* casa e casa *santa*; salvo por emphase, ex. : *publicos* negocios por negocios *publicos*.

Ser extrinseco ou intrinseco depende da significação do substantivo, mas não da do adjectivo. ex. : casa *branca* extrinseco), neve *branca* (intrinseco) (2).

Adjectivos especificos.

Adjectivos descriptivos ha que se podem chamar **especificos**, porque se restringem a exprimir sempre uma idéa de pessoa ou de logar.

Estes adjectivos são :

A) **Personativos**, desde que sejam calcados no radical de um substantivo personativo, ex. : codigo *napoleonico* (de Napoleão), leis *manuelinas*

(1) Esta nossa divisão, em vez da antiga em **explicativo** e **restrictivo**, está mais de accôrdo com os factos, pois, o *pretendido* adjectivo restrictivo explana, desenvolve e *explica* mais do que o proprio **explicativo**.

(2) Aos intrinsecos tambem podemos charmar **latentes**.

(de D. Manuel), ordenações *philippinas* (de D. Philippe), ordenações *affonsinas* (de D. Affonso), mez *mariano* (de Maria).

Estes têm certa força pronominal (1); Sotero os cousiderou erradamente adjectivos possessivos; e outros ha de significação historica, ex. : *socratico, dantesco, homerico.*

B) **Locativos**, desde que sejam calcados no radical de um nome de logar, ex. : *americano, brasileiro, sergipano, lisbonense, paráense.*

Estes têm sido chamados **gentilicos, patrios** ou **nacionaes**, mas estas denominações estão em desaccôrdo com os factos ; assim prefiramos o termo **locativo**, pois é mais generico e mais apropriado do que qualquer dos outros.

Adjectivos designativos.

Adjectivos designativos ou determinativos são aquelles que limitam a extensão do substantivo definita ou indefinitamente.

Os designativos se dividem em **articulares**, **demonstrativos**, **possessivos**, **indefinitos** e **numeraes**.

Adjectivos articulares.

Adjectivo articular ou artigo definito é o designativo monosyllabico que individualiza a significação do substantivo de modo positivo e certo.

(1) Vide Carneiro, *Gram. port.*, pag. 173. — Sotero, *Gram. port.*, pag. 37.

O artigo é apenas *o*, e suas flexões *a*, *os*, *as*.

As fórmas *um*, *uma*, *uns*, *umas*, devem passar para a classe dos adjectivos indefinitos; são apenas artigos por serem sempre procliticas e monosyllabicas.

Adjectivos demonstrativos.

Adjectivos demonstrativos são aquelles que modificam a extensão do nome mediante uma idéa de logar no espaço ou na proposição.

Morphologicamente os demonstrativos são simples ou compostos.

Os simples são:

A) *Este*, para a primeira pessoa, porque mostra um individuo perto da pessoa que fala;

B) *Esse*, para a segunda, porque mostra um individuo perto da pessoa com que falamos;

C) *Aquelle*, para a terceira pessoa, porque mostra um individuo longe da pessoa que fala.

Os compostos são:

A) *Est'outro*, para a primeira pessoa, porque mostra um individuo, separando-o d'entre outros perto da pessoa que fala;

B) *Ess'outro*, para a segunda pessoa, porque mostra um individuo, separando-o d'entre outros perto da pessoa com quem falamos;

C) *Aquell'outro*, para a terceira pessoa, porque mostra um individuo, separando-o d'entre outros perto da pessoa que fala.

Adjectivos possessivos.

Adjectivos possessivos são aquelles que modificam a extensão do substantivo mediante uma relação definida de posse.

Estes adjectivos são cinco: tres para o singular, dous para o plural.

Singular.

A) *Meu*, para a primeira pessoa, porque mostra um objecto pertencente á pessoa que fala;

B) *Teu*, para a segunda pessoa, porque mostra um objecto pertencente á pessoa a quem falamos.

C) *Seu*, para a terceira pessoa, porque mostra um objecto pertencente á pessoa de quem falamos.

Plural.

A) *Nosso*, para a primeira pessoa, porque mostra um objecto pertencente ás pessoas que falam;

B) *Vosso*, para a segunda pessoa, porque mostra um objecto pertencente ás pessoas com que falamos.

C) *Seus*, para a terceira pessoa, porque mostra um objecto pertencente ás pessoas de quem falamos.

— Os adjectivos possessivos são cognatos dos pronomes pessoaes, e assim meu de *me*, teu de *te*, seu de *se*, nosso de *nós*, vosso de *vós*.

Adjectivos indefinitos.

Adjectivos indefinitos são aquelles que modificam a extensão do nome appellativo, porém de um modo mais ou menos vago ou geral, inapreciavel.

Os principaes são : — algum, alheio, cada, mais, menos, mesmo, muito, nenhum, outro, pouco, quanto, qual, tal, todo, qualquer, ultimo, anterior, posterior.

A's vezes tambem as palavras — *que, certo, varios, diversos, differentes, numerosos*, precedendo geralmente ao substantivo, são adjectivos indefinitos.

Os adjectivos indefinitos podem ser :

A) **Universaes**, si estenderem a significação do substantivo a todos os individuos de uma classe, e são : *todos, nenhum, cada, qualquer*, e *algum* (proposto).

B) **Distributivos**, si estenderem a significação do substantivo a um ou a alguns dos individuos de uma classe, ex. : *algum, pouco, outro, quanto, tal*, etc.

Adjectivos numeraes.

Adjectivos numeraes são aquelles que limitam a extensão do substantivo mediante uma idéa de quantidade positiva e determinada.

Os numeraes são **cardinaes, ordinaes, duaes** e **multiplicativos**.

Adjectivo numeral cardinal é aquelle que limita a extensão do substantivo, sem referencia á ordem de successão, *um, dous, tres, quatro*, etc.

Adjectivo numeral ordinal é aquelle que limita a extensão do substantivo, com referencia á ordem de successão, ex. : *primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto*.

Estes adjectivos de *quarto* em diante servem para exprimir as fracções, ex. : 3/4 (tres *quartos*), etc.

Adjectivo numeral dual é aquelle que limita a extensão do substantivo a dous individuos considerados simultaneamente.

Estes adjectivos são : *ambos* e as expressões *um* e *outro, os dous* = ambos.

Adjectivo numeral multiplicativo é aquelle que limita a extensão do substantivo mediante uma relação de multiplicação proporcional, ex. : *duplo, triplo, quadruplo*, etc., ou *duplicado, triplicado, quadruplicado* (1).

Estes adjectivos se substantivam e se tornam collectivos, ex. : o *triplo*, o *quintuplo*.

Resumo synoptico.

(1) Vide CONSTANCIO, *Gram. port.*, pag. 55. — ZUMPT's *Latin grammar*, pag. 103.

Differença entre os adjectivos.

O adjectivo **descriptivo** se distingue do **designativo** pelos processos seguintes:

A) Ha grande numero de adjectivos descriptivos, ao passo que o numero dos designativos é limitado e conhecido;

B) A maior parte dos adjectivos descriptivos se antepõem ou se pospõem ao substantivo, ao passo que os designativos quasi sempre se antepõem, ex.: *branca* neve, neve *branca*, *este* livro; *quatro* mesas, *meu* chapéo.

C) A maior parte dos adjectivos descriptivos na fórma feminina recebem o suffixo *mente* e formam um adverbio, ao passo que os designativos não podem formar adverbios, ex.: grande — *mente*, perfeita — *mente*, salvo alguns ordinaes, ex.: primeira — *mente*.

D) A maior parte dos adjectivos descriptivos têm gráo, ao passo que os adjectivos designativos não o têm, ex.: bello, mais bello, bellissimo, etc.

Algumas vezes se encontram as expressões *muitissimo* e *mesmissimo*, porém não têm autoridade classica, assim como *cousissima*.

E) Todo adjectivo descriptivo, estando sem substantivo, passa a ser substantivo, ao passo que o designativo passa ao estado de pronome, ex.: o justo, *este é meu aquelle é outro*.

Assim é que os descriptivos são adjectivos **nominaes** e os designativos são **pronominaes**.

Pronome.

(Palavra de substituição.)

Pronome é qualquer palavra substituta do nome ou de qualquer expressão nominativa, ex.: *Eu, ninguem, quem quer que, cada um.*

Dividem-se em pronomes **substantivos** e pronomes **adjectivos**; estes são accidentaes; aquelles, essenciaes.

Os pronomes substantivos substituem sempre os nomes, pois não exercem outra funcção, ex.: eu, elle, tu, nós, vós, elles, ninguem.

Os pronomes adjectivos não substituem propriamente o nome, mas apenas lhe evitam a repetição, ex.: este homem e *aquelle*, teu livre e o *meu*.

Os pronomes adjectivos constituem uma funcção dos adjectivos designativos, e até os proprios numeraes têm igualmente força pronominal, ex.: eu tenho *um* livro e tu *dous* (1).

Os pronomes se subdividem em **pessoaes**, **demonstrativos**, **articulares**, **conjuntivos**, **indefinitos**.

Pronomes pessoaes.

Pronomes pessoaes são aquelles que substituem e representam as pessoas grammaticaes.

O pronome póde substituir:

A) A primeira pessoa, isto é, aquella que fala, e tem por substitutos os pronomes: — *eu* e *nós*;

B) A segunda pessoa, isto é, aquella que ouve, e tem por substitutos os pronomes: — *tu* e *vós*;

C) A terceira, isto é, aquella que serve de assumpto ao que se diz, e tem por substitutos os pronomes: — *elle* e *elles*.

A cada um destes pronomes correspondem duas ou mais fórmas pronominaes syncliticas ou preposicionadas de accôrdo com as suas relações syntacticas na proposição. Assim ao pronome

eu	correspondem	*me, mim, migo*
tu	—	*te, ti, tigo*
elle	—	*o, a, lhe, se, si, sigo*
nós	—	*nos, nosco*
vós	—	*vos, vosco*
elles	—	*os, as, lhes, se, si, sigo.*

(1) Grivet, *Gram. Anal.* da L. Port., pag. 96.

— Os pronomes *elle, ella* e suas variações são mais pronomes demonstrativos do que propriamente pessoaes; prova-o a historia da lingua. As fórmas *migo, tigo, sigo, nosco* e *vosco*, provindas de *mecum, tecum, secum, nobiscum, vobiscum*, se usam actualmente agglutinadas á preposição *com*, mas não existe mais pleonasmo, por se haver perdido a noção da preposição *cum*, cujos vestigios são as morphoses *go* e *co* (1).

Pronomes demonstrativos.

Pronome demonstrativo é aquelle que substitue o nome, indicando uma relação de posição no espaço ou na proposição.

Estes nomes são:

Isto, para a primeira pessoa, pois exprime uma cousa perto da pessoa que fala.

Isso, para a segunda pessoa, pois exprime uma cousa perto de quem ouve.

Aquillo, para a terceira pessoa, pois exprime uma cousa longe da primeira pessoa.

A fórma *o* é igualmente demonstrativo, desde que signifique *aquillo*, ex.: *o* que é util é caro.

Pronome articular.

Pronome articular é o proprio artigo definito, sempre que substituir na proposição um substantivo anteriormente expresso, ex.: este livro, melhor que *o* (livro) que compraste não é *o* (livro) de tua irmã.

---

(1) As expressões *você, V. S.ª, V. Ex.ª* e outras congeneres são igualmente pronomes pessoaes, pois exprimem o tratamento da pessoa a quem falamos e são por isso pronomes de **referencia**, applicando-se ao portuguez o que fez Monier Williams para o sanskrito na sua *Practical Sankrit's Grammar*.

Os pronomes articulares são *o* e as suas flexões *a, os, as*, geralmente antes de *que* ou *de*.

Si todo designativo adquire a funcção de pronome, por ellipse do nome, por que não o artigo definito?

Pronomes relativos.

Pronome relativo é aquelle que, conjuntando duas proposições, sempre se refere a um nome anteriormente expresso.

Estes pronomes, são *que, o qual, quem, cujo, onde* e ás vezes a palavra *quanto*.

As palavras *quem* e *cujo* são actualmente os unicos pronomes relativos **substantivos** ou essenciaes, pois sempre se empregam pronominalmente.

Os pronomes relativos se dizem tambem **conjuntivos**, porque servem de connectivos ás proposições, de sorte que o termo conjuntivo nos parece mais apropriado, mais caracteristico (1).

Pronomes indefinitos.

Pronome indefinito é aquelle que substitue o substantivo, porém de modo vago e indeterminado.

Estes pronomes são: *tudo, nada, ninguem, al, algo, alguem, outrem, etcetera* (etc.), *fulano, beltrano, sicrano* e as expressões *cada um, cada qual, quem quer que seja, quem quer que fosse*,

---

(1) BENSABAT, *Gram. ingleza*, pag. 42, nota 3.

o que quer que é, seja quem for, seja qual for, fosse quem fosse, fosse qual fosse (1) e a palavra *quem* sem antecedente e *que* nas interrogações e admirações, ex.: *que* queres? *que* vejo!

Verbo.

(Palavra de affirmação.)

Verbo é uma palavra de tempo que serve para affirmar e exprimir simultaneamente um facto.

Nos verbos devemos attender ás seguintes condições:

A) A' **predicação**, isto é, á integridade de sua significação ou acção;

B) A' **personalidade**, isto é, á integridade das suas fórmas;

C) A' **conjugação**, isto é, á systematização de suas fórmas regulares ou irregulares.

A predicação completa.

Verbo de predicação completa é aquelle cuja significação não exige nenhum objecto ou adjunto predicativo, ex.: *nascer, durar, morrer, occorrer.*

A predicação incompleta.

Verbo de predicação incompleta é aquelle cuja significação exige objecto ou adjunto predicativo.

(1) Vide Epiphanio Dias, *Gram. port.*

Esse verbo póde ser:

A) **Objectivo directo**, desde que a significação se transmitta a um objecto **immediatamente**, isto é, sem preposição, ex.: *estimar, morrer, impellir, depor.*

B) **Objectivo indirecto**, desde que a significação se transmitta a um objecto **mediatamente**, isto é, com preposição, ex.: *precisar* (de), *depender* (de), *privar* (de), *obedecer* (a), *tender* (a), *corresponder* (a), *acreditar* (em), *combinar* (com).

Essas preposições são geralmente *a, de, em, com.*

C) **Adjuntivo**, desde que a significação, em vez de objecto, exija apenas um adjunto predicativo: taes são — *ser, estar, andar, ir, vir, ficar, permanecer, continuar* (1-2).

A predicação dupla.

Verbo de predicação **dupla** é aquelle cuja significação exige um objecto directo e outro indirecto; ou então um objecto directo e ao mesmo tempo um **adjunto predicativo**.

Esse verbo póde ser:

A) **Biobjectivo** ou **bitransitivo**, desde que a sua significação exija ao mesmo tempo **dous** objectos: um directo, outro indirecto, ex.: *dar, attribuir, contar, unir, comprar, tirar.*

(1) Na syntaxe é que se póde estatuir a classe a que se filia o verbo, segundo as condições em que está empregado. Vide Murray, *English grammar*, pag. 71.

(2) Mais pratico fôra a esses verbos desde já chamar **predicativos** em razão da natureza do adjunto que exigem, comquanto o Sr. Julio Ribeiro, tendo applicado *mal* á lingua portugueza o quanto lera na ingleza, houvesse chamado **predicativos** a *todos os verbos excepto áquelles que tinham direito á denominação.*

Destes ha alguns cujo objecto indirecto tem sempre a preposição *a*, ex. : *dar*, *contar*; outros *tirar a* ou *de*, *arrancar a* ou *de* e *a* ou *de*, ex. : *tirar a* ou *de*, *arrancar a* ou *de* e outros geralmente *a* ou *com*, ex. : *unir*, *ligar*, *comparar*, *casar*, *alliar*, etc.

A) **Transobjectivo** ou **objectivo predicativo**, desde que, além do objecto directo, o verbo exija mais um **adjunto predicativo** que, modificando o objecto, lhe integralize ao mesmo tempo a significação, ex. : *fazer* alguem *feliz*, *julgar* alguem *bom*.

Eis os principaes : achar, appellidar, crêr, chamar, coroar, constituir, considerar, cognominar, declarar, descrever, eleger, escolher, fazer, instituir, jurar, julgar, nomear, pintar, proclamar, reputar, suppôr, sagrar, representar, tornar, ungir (1).

A antiga classificação.

A doutrina de verbo **substantivo** e **adjectivo** cahiu por estar provado que :

A) *Ser* tem fórmas de tres verbos latinos : *sedere*, *esse* e *fui* (2).

B) No estado actual da lingua os verbos adjuntivos tambem seriam **substantivos**, pois exercem igual funcção ;

C) *Ser* apparece na accepção primitiva de *existir* e na de *acontecer*, ex. : « Aqui *foi* a cidade que Meliapor se chama ». E assim *foi* que a um mesmo tempo foram ambos, elle morto e o senhor recolhido (3) » Assim *foi* e assim *havia de ser*... (4) ».

(1) Epiphanio Dias, *Gram. port.* ; Julio Ribeiro, *Gram. port.*; Giovanni Giordano, *Sintassi latina comp. con la greca*, pag. 16-21 ; Zumpt's *Latin grammar* ,pag. 284.

(2) Vide Maciel, *Philologia port.*; Fred. Diez, *Gram. des langues romanes.*

(3) Fr. Heitor Pinto, *Dialogo da Verdadeira Amizade.*

(4) Pe. Antonio Vieira, *Apud Anthologia Nacional.*

D) A maior parte dos pretensos verbos **adjectivos** nem sempre são equivalentes a *ser*, seguido de um adjectivo terminado por *nte* e, se assim fosse, haveria as seguintes monstruosidades ; *ter=ser tenente, vir=ser vinte, agir=ser agente, morrer=ser morrente* e outras.

E) *Ser* é o unico verbo que, pela sua quasi imprestabilidade syntactica e significativa, está geralmente sujeito a ellipse, posto que não tenha já sido expresso. « Não ha mais novidade que *(não seja)* arder o palacio do Lavra... »

F) *Ser* tem apenas ás vezes uma funcção grammatical, puramente formal, pois é quasi destituido de significação, limita-se apenas a ligar o adjunto predicativo ao sujeito, não existe em muitas linguas (1).

Personalidade do verbo.

Verbos ha que se não podem conjugar integralmente, já por effeito da euphonia, já por effeito de sua predicação que se não póde applicar a qualquer sujeito. Assim se dividem em :

A) **Indefectivos**, desde que tenham *todas* as fórmas constitutivas da conjugação integral, ex. : *amar*, *pôr*, *fazer*, *comer*, *mover* ;

B) **Defectivos**, desde que não tenham todas as fórmas constitutivas da conjugação integral, ex. : *poder* e *querer*, pois não têm imperativo, ex. : *brandir* e *abolir* — que não têm as fórmas da flexão *a* ou *o* (2).

Os defectivos se dividem em :

A) **Impessoaes**, desde que na sua accepção propria se usem apenas nas terceiras pessoas do singular e não possam ter sujeito determinado,

(1) Whitney, *La vie du langage*, pag. 76.

(2) A **significação** e a **euphonia** são os dous factores primordiaes da defectividade do verbo. Na phrase biblica — « *ave*, Maria, cheia de graça », occorre a unica forma do verbo latino *avere*, no imperativo intensivo, existente nas linguas romanicas e immobilizada pela lithurgia da Igreja.

pois exprimem factos que não se podem attribuir a ninguem, ex.: *chove, troveja, relampeja* (1).

Estes exprimem os factos physicos da natureza (2).

B) **Unipessoaes**, desde que na sua accepção propria se usem tanto na terceira do **singular** como na do **plural** e possam ter sujeito determinado, ex.: *sussurra* e *susurram*, *desabrocha* e *desabrocham*, *bruxoleava* e *bruxoleavam*, *zurra* e *zurram* (3).

C) **Pessoaes**, desde que os verbos tenham as tres pessoas, mas percam ás vezes uma ou algumas de suas fórmas, ex.: *brandir*, *rehaver*, *precaver*.

Todos os indefectivos são pessoaes; ha verbos que se impessoalizam e outros que se personalizam, isto é, perdem o sujeito ou o adquirem determinadamente, ex.: *faz calor*, *chovem balas*.

Pronominalidade do verbo.

Verbo pronominado é aquelle a que se acham annexados dous pronomes pessoaes da mesma pessoa, ex.: *elle se* ama, *elle se* fez, *elle se* desdisse, *eu me* louvo, etc.

Ha cinco classes de verbos pronominados:

A) **Pronominado reflexivo**, si tiver dous pronomes da mesma pessoa: um sujeito e outro objecto, ex.: *elle se* exaltou, *eu me* julgo, etc.

(1) Rouzé, *Petite grammaire de la langue latine*, pag. 166.
(2) Ayer, *Gram. française*, pag. 217.
(3) Insistimos em distinguir o verbo **impessoal** do **unipessoal**, conforme as nossas asserções concernentes aos dous casos.

Si o pronome sujeito fôr da terceira pessoa, poderá estar constituido por um substantivo, ex.: o *criado se* exaltou, *João se* conforma com a sorte.

Ás vezes póde a predicação ser **dupla**, isto é, a fórma pronominal, objectiva directa, póde coincidir com o objecto indirecto mediante as preposições *a*, *de* e ás vezes *com*, ex.: elle *se* applica á *lavoura*, tu *te* occupas *de physica*, arrependo-*me dos peccados*.

A fórma pronominal póde servir de objecto indirecto, e a palavra seguinte de objecto directo, ex.: elle *se* reserva *o direito*, « alguns se attribuem as grandes invenções » (1);

B) **Pronominado passivo**, si vier nas terceiras pessoas modificado do pronome *se*, exprimindo acção soffrida pelo sujeito, ex.: o barco virou-*se*, a casa queimou-*se*, os livros *se* vendem;

C) **Pronominado indefinito**, si fôr formado de um verbo qualquer regido da particula *se*, exprimindo o sujeito indeterminado, ex.: bebe-*se*, briga-*se*, combate-*se*, etc. (2);

D) **Pronominado reciproco**, si vier regido da fórma pronominal, exprimindo reciprocidade de acção, ex.: elles *se* estimam, elle *se* corresponde com ella por meio de cartas;

E) **Pronominado emphatico** ou expletivo, si fôr um verbo de predicação completa regido da fórma pronominal, não exprimindo funcção apreciavel, ex.: foi-*se* o homem, acordei-*me* tarde, ficou-*se* lá, etc.

O verbo pronominado diz-se mais propriamente **pronominal**, sempre que nunca puder, seja qual fôr a sua accepção, abandonar a fórma pronominal objectiva, ex.: arrepender-*se*, apoderar-*se*, abster-*se*, etc.

(1) Vide Chassang, *Gram. grecque*, pag. 81.
(2) Vide a syntaxe do pronome *se*.

A conjugação do verbo.

Os verbos quanto á conjugação se dividem em **regulares** e **irregulares**.

Regulares são aquelles cujo radical do infinitivo se adapta perfeitamente a todas as flexões da sua conjugação.

Ha quatro fórmas de conjugação: tres **geraes** e uma **especifica**.

As geraes são as dos verbos em *ar*, *er* e *ir*, e a especifica é apenas a do verbo em *ôr*, pois a esta pertence exclusivamente o verbo *pôr*, cuja conjugação é uma modalidade historica da segunda.

Irregulares são aquelles em que ha modificação, já no radical ou na flexão, já em ambos, ex.: ped + ir — *peç* + o, freg + ir — *frij* + o.

Verbos irregulares.

Os verbos irregulares se dividem em:

A) **Fortes**, isto é, aquelles cujo radical do infinitivo se modifica no preterito **perfeito**, ex.: *faz* + er — fiz, *diz* + er — diss + e, *cab* + er — coub + e;

B) **Fracos**, isto é, aquelles cujo radical do infinitivo não se modifica no perfeito, ex.: *perd* + er — perd + i, *sent* + ir — sent + i, *freg* + ir — freg + i.

A differença entre os fortes e os fracos é que estes não differem no infinitivo pessoal e no futuro do subjuntivo e aquelles differem, ex.: *caber* eu — eu *couber*, *perder* eu — eu *perder*;

C) **Graphicos**, isto é, aquelles que, apesar de regulares, possuem algumas modificações, mas

apenas na graphica do radical, ex.: marc + ar — mar*qu* + ei, proteg + er — prote*j* + a;

Anomalos ou **especificos**, isto é, aquelles cujas irregularidades não se podem submetter a classificação alguma; têm conjugação especial (1), pois não têm **normas**.

Estes verbos são *ter*, *haver*, *ser*, *estar*, *ir*, *vir* e o verbo *pôr*, constituindo a quarta fórma de conjugação (2).

As irregularidades se operam:

A) **Thematicamente**, sempre que as modificações se effectuam exclusivamente no radical, ex.: ped + ir — peç + o — peç + a, cobr + ir — cubr + a, compet + ir — compit + o;

B) **Flexionalmente**, sempre que as modificações se effectuam apenas na flexão conjugativa, ex.: cr + er — eio, prantear, pранt*eio*, remedi + ar — remed*eio*, odi*ar*, od*eio*.

São desta classe a maior parte dos terminados em *iar* e *ear*, cujas flexões coincidem no presente indicativo e no subjuntivo.

C) **Duplamente**, sempre que se operam modificações, já no radical infinitivo, já na flexão conjugativa, ex.: cab + er — coub + e, traz + er — *trag* + o — traz.

A irregularidade dupla é mais do verbo forte, pois o verbo fraco ou se modifica no radical ou apenas na raiz.

(1) Brachet, *Gram. historique*, pag. 215.

(2) Comquanto historicamente pertencesse á segunda, sob a fórma infinitiva de *poer*, actualmente, devido ao phenomeno da contracção, constitue **uma quarta** modalidade de conjugação sob a fórma contracta — *pôr*.

Expressões verbaes.

Expressão verbal é um grupo de fórmas verbaes logicamente equivalente a um verbo.

Na expressão verbal ha o **auxiliar** e o verbo fundamental que é sempre uma fórma nominal. Assim os auxiliares são **infinitivos** ou **participiaes**, conforme reajam sobre um infinitivo ou um participio.

Auxiliares infinitivos.

Os auxiliares infinitivos podem ligar-se:

A) **Immediatamente**, taes são: *dever, querer, poder, ir*, ex.: *devemos* partir, *queremos* falar, *podemos* comprar, *vamos* pedir;

B) **Mediatamente**, isto é, por preposição, geralmente *a* ou *de*, e são esses os principaes: *ter de, haver de, deixar de, cessar de, acertar de, estar a*, ou *para, tornar a*.

Nessas expressões sempre entra o **infinitivo impessoal**, e esses auxiliares se poderiam chamar **modificativos** (1), como no inglez (2).

Auxiliares participiaes.

Estes auxiliares se applicam:

A) Aos participios **passados**, e são *ter* e *ha-*

(1) MAURON and GASPLEY, *Nouvelle gramm. angl.*, pag. 23.

(2) Chamam-se **modificativos**, porque, além de darem á expressão a **noção de tempo**, modificam mais ou menos o verbo principal, tanto que muitas vezes o podemos substituir por um **adverbio**, ex.: tornou a falar — falou *de novo* ou *outra vez*; está para chegar = chegará *brevemente*; cessou ou deixou de escrever = *já não* escreve ou *não* escreve *mais*; devemos partir = partiremos *devidamente*.

Comquanto muitas vezes não possamos achar o equivalente adverbial desses auxiliares, sentimo-lhes entretanto a sua influencia e funcção modificativa quanto ao verbo principal.

ver para a voz activa; *ser, estar, andar, ir, vir* e *ficar* para a passiva, ex.: tenho ou havia falado; — era — estava — andava — ia — vinha — ficava perseguido por seus inimigos (1).

B) Aos participios **presentes**, e são *andar, estar, ir, vir, ficar*, ex.: andava — estava — ia — vinha — ficava *gritando*.

Em alguns destes verbos auxiliares, o participio póde ser substituido pelo infinitivo precedido de *a*, ex.: estava *a gritar*, ficava *a ver*, andar *a trabalhar*.

Seja esta a legitima doutrina deduzida mais consentaneamente com os factos da nossa lingua. Até se póde considerar expressão verbal toda construcção em que o infinitivo **impessoal** dependa immediatamente de qualquer verbo, ex.: *sabemos fazer*. A estas expressões tambem chamam verbos **periphrasticos**, porém é mais proprio o termo **expressão**, do mesmo modo que dizemos **expressão substantiva**, **expressão adjectiva**, e não **substantivo periphrastico**, **adjectivo periphrastico**, etc.

Do que se vê, auxiliares ha que são **infinitivos** ou **participiaes**, segundo a accepção e as condições syntacticas em que se acham empregados.

Verbo redundante.

Verbo redundante é aquelle que tem dous participios passados: um regular, outro irregular, ex.: suspender = *suspendido* — *suspenso*, eximir = *eximido* — *exempto* (2), affligir: *affligido, afflicto*.

(1) Vêde passividade na syntaxe.

(2) Os redundantes se dizem **participiaes** ou então **temporaes**, conforme a coexistencia das duas fórmas seja no participio ou em quaesquer outras fórmas conjugativas.

Ha alguns cujos participios irregulares expellem o regular que então se arcaiza, ex.: *fazido, dizido, escrevido, cobrido, abrido* e muitos outros.

O participio regular, sempre terminado em *ado* ou *ido*, se emprega geralmente com os auxiliares *ter* ou *haver*, e os irregulares nos demais casos, isto é, como adjectivos attributivos e predicativos.

Os dous participios se dizem **duplos** ou **divergentes**, ex.: *incluido* e *incluso*, *morrido* e *morto*.

São tambem redundantes *temporaes* quaesquer verbos em que occorram duas fórmas, posto que não sejam participiaes, ex.: haver — *havemos* e *hemos*, *haveis* e *eis*, construir — *construes* e *constroes*, *construe* e *constroe*, *construem* e *constroem*; consumir — *consumes* e *consomes*, *consume* e *consome*, *consumem* e *consomem*; valer — *vale* e *val*.

O verbo *jazer* tem dous perfeitos: um moderno regular, outro arcaico irregular, e por isso — dous mais que perfeitos, dous imperfeitos subjuntivos e dous futuros subjuntivos, ex.: jazi e *jouve*, etc., jazera e *jouvera*, etc., jazesse e *jouvesse*, *jouver* e jazer.

Sendo fórmas arcaicas *jouve*, *jouvera*, *jouvesse* e *jouver* mais sonoras e elegantes do que as modernas (1), se devem preferir na linguagem contemporanea.

(1) As linguas, como organismos, tendem a desprezar as fórmas irregulares, como vemos na ingleza em que o numero de verbos irregulares se torna cada vez mais exiguo.

E' pois o verbo *jazer* o mais redundante da lingua, ao passo que o verbo *soer* se tornou o mais defectivo, por haver apenas as formas — *soer*, *sóe* e *soem*, *soia* e *soiam*, comquanto podessemos estatuir as formas do futuro e condicional — *soerá* e *soerão*; *soeria* e *soeriam*.

EXEMPLOS DE PARTICIPIOS DUPLOS

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO

Acceitar	acceitado	acceito
Affeiçoar	affeiçoado	affecto
Annexar	annexado	annexo
Apromptar	apromptado	prompto
Captivar	captivado	captivo
Cegar	cegado	cego
Descalçar	descalçado	descalço
Entregar	entregado	entregue
Ganhar	ganhado	ganho

SEGUNDA CONJUGAÇÃO

Absolver	absolvido	absolto
Absorver	absorvido	absorto
Accender	accendido	acceso
Attender	attendido	attento
Convencer	convencido	convicto
Converter	convertido	converso
Corromper	corrompido	corrupto
Defender	defendido	defeso
Pender	pendido	penso
Querer	querido	quisto

TERCEIRA CONJUGAÇÃO

Affligir	affligido	afflicto
Abstrahir	abstrahido	abstracto
Confundir	confundido	confuso
Concluir	concluido	concluso
Contrahir	contrahido	contracto
Dirigir	dirigido	directo
Distinguir	distinguido	distincto
Eximir	eximido	exempto
Incluir	incluido	incluso
Inserir	inserido	inserto

Tanto se arcaizam os participios regulares como os irregulares. Assim temos arcaismos nas fórmas regulares *escrevido, gastado, pagado, cobrido, abrido, fazido, safado,* como nas irregulares *bôto, rapto, extreme, rejeito, arrepeso, coiheita, comesto, corto, despeso, escorreito, reteudo, tolheito, volto, instructo, diviso, suppresso* e as fórmas *teudo, manteudo* e *conteudo* « que se immobilizaram pela tradição juridica » (1), isto é, persistiram na linguagem forense.

Resumo synoptico.

VERBO quando á
- predicação
  - incompleto
    - objectivo directo
    - objectivo indirecto
    - adjuntivo (2)
  - completo
  - duplamente incompleto
    - biobjectivo
    - transobjectivo
- integridade
  - indefectivo
  - defectivo
    - pessoal
    - impessoal
    - unipessoal
  - redundante
    - participial
    - temporal
- conjugação
  - regular
  - irregular
    - forte
    - fraco
    - graphico
    - anomalo
- modalidade
  - auxiliar
    - infinitivo
    - participio
  - fundamental

(1) THEOPHILO BRAGA, *Hist. da Literatura portugueza.*

(2) Chame-se desde já verbos *predicativos,* pois, o conceito da proposição em que se acham, só se integraliza e se esclarece com a presença do ajunto ou nome *predicativo.*

Preposição.

(Palavra de relação)

Preposição é uma palavra intervocabular que indica a relação syntactica entre dous termos.

Estes termos são o **antecedente** e o **consequente.**

Temos preposições:

A) **Proprias ou essenciaes,** isto é, palavras de natureza preposicional, e são: *a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, por, sem, sobre, sob, trás* (1);

B) **Palavras preposicionaes,** isto é, usadas, porém *invariavelmente,* como preposição, ex.: *excepto, salvo, visto, tocante, segundo, durante, mediante, conforme, feito, tirante.*

C) **Expressões preposicionaes,** isto é, um grupo de palavras que, sempre terminando por **preposição propria,** é integralmente equivalente a uma preposição, ex.: á roda *de,* acerca *de,* defronte *de,* perto *de,* junto *a,* relativamente *a,* em attenção *a,* de concerto *com* (2), de accordo *com,* etc.

As preposições geralmente exprimem duas relações: o **estado** ou **repouso** e o **movimento,** cujas modalidades são: o ponto de **partida,** o **trajecto** e a **direcção.**

As de estado são: *ante, após, com, contra, em, entre, sem, sob, sobre, trás;* as de partida: *de, desde;* as de trajecto: *per, perante, por,* e as de direcção: *a, para* (3).

(1) Ás vezes concorrem syntacticamente **duas** preposições proprias ou essenciaes regendo o mesmo consequente, ex.: *para com, perante, de sobre, por entre,* etc.

(2) Temos usado do termo **expressão** de preferencia ao termo **locução,** como DUTREY, *Gram. latine,* pois locução indica um dos processos de formação de palavras.

(3) JULIEN, *Gram. universelle,* pag. 32.

Adverbio.

(Palavra de circumstancia)

Adverbio é uma palavra invariavel modificativa do verbo, do adjectivo e até de outro adverbio, ex.: *muito* aprendemos, *muito* alto, *muito* dignamente.

Temos adverbios:

A) **Proprios ou essenciaes**, isto é, palavras de natureza adverbial, ex.: *sempre, nunca, assim, hoje*;

B) **Palavras adverbiadas**, isto é, palavras, geralmente adjectivos exercendo a funcção de adverbio, ex.: falar *alto*, vender *caro*, chegar *primeiro*, gostar *immenso* (1), cortar *rente*, etc.

C) **Expressões adverbiaes**, isto é, um grupo de palavras equivalente integralmente a um adverbio, ex.: *com alegria, de perto, de manso, pouco a pouco, de quando em quando, ás direitas, a olhos vistos*, etc.

Os adverbios se grupam, segundo as circumstancias que exprimem. Assim são de:

A) Logar: — *aqui, alli, cá, lá, longe, perto, arriba, avante, algures, nenhures, alhures, fóra, dentro*, etc.

B) Tempo: — *hoje, hontem, amanhã, sempre, agora, então, nunca, jamais, logo, tarde, cedo, antes, já*, etc.

C) Quantidade: — *muito, pouco, mais, menos, assaz, como, quanto, tanto, quasi, tão*, etc.

(1) Os adjectivos terminados em *o* se adverbiam mais facilmente do que os terminados em *e* mas destes ha exemplos classicos, ex.: « *Doce* tanges Pierio, *doce* cantas » (Ferreira, apud *Gram. port.* Carneiro).

D) Affirmação: — *sim, effectivamente, realmente, positivamente, incontestavelmente, indubitavelmente*, etc.

E) Negação: — *não, nunca, jamais*, etc.

F) Duvida: — *talvez, quiçá, acaso, por ventura, por acaso, casualmente*, etc.

G) Exclusão: — *apenas, só, sómente, unicamente, siquer, exclusivamente*, etc.

H) Modo: — *mal, bem, tambem, outrosim, soffrivelmente*, e a maior parte dos adverbios terminados em *mente* (1).

I) Concessão: — *todavia, comtudo, entretanto, no emtanto, ainda assim, apesar d'isso, não obstante, mão-grado*.

Os adverbios, formados em *mente*, são productos das linguas novi-latinas, pois a palavra *mente*=*modo, intenção, conceito*, se usava geralmente precedida do adjectivo, e assim, juxtapondo-se a este, passou a constituir um adverbio de modo.

Na lingua erudita já havia exemplos, como em Virgilio: — « *manet altamente* repositum judicium Paridis ».

Na lingua portugueza o conceito destes adverbios se vae dilatando, tanto que vão apparecendo muitas especies, maximé de:

A) Tempo: — *frequentemente, primeiramente, diariamente, annualmente, ultimamente, successivamente, semanalmente, constantemente, provisoriamente*, etc.

B) Logar: — *internamente, externamente, interiormente, exteriormente, proximamente, lateralmente*.

(1) Aos adjectivos locativos, desinenciados em *ez*, como *francez, portuguez, inglez*, basta juntar o suffixo ou palavra *mente*=*francezmente, portuguezmente, inglezmente*, pois se formaram estes adverbios, quando ainda eram os adjectivos *invariaveis* em genero, como acontece ainda com alguns adjectivos, terminados em *ez*: — *cortez, pedrez, montez*.

Si concorrem successivamente dous ou mais, a fórma *mente* quasi sempre se juxtapõe ao ultimo adjectivo, ex.: sabia, prudente, resolutamente.

Mas actualmente se vae generalizando o uso de *mente* em todos e já Vieira usava de igual syntaxe, ex: « Vivamos neste mundo, diz o apostolo, sabia*mente*, pia*mente*, justa*mente* ». (P. Ant. Vieira).

Conjuncção.

(Palavra de ligação)

Conjuncção é uma palavra invariavel que liga duas proposições e **ás vezes** duas palavras (1).

As conjuncções se dividem em **coordenativas** e **subordinativas**: estas ligam **sempre** proposições; aquellas ligam proposições ou *palavras*, maximé as aproximativas, as adversativas e as alternativas, ex.: Paulo *e* Virginia, teu pae *nem* teu irmão, rico *mas* bom, tu *ou* elle.

Temos conjuncções:

A) **Proprias ou essenciaes**, isto é, palavras de natureza conjunccional, ex.: *e, nem, si, mas, ou, quando*, etc.

B) **Palavras conjunccionaes**, isto é, exercendo as funcções de conjuncção, ex.: *mais*=e, *quer... quer*=e, *tanto... como*=e, ex.: Pedro *mais* Paulo, *quer* Pedro *quer* Paulo, *tanto* Pedro *como* Paulo, *mal*=assim que, *apenas*=logo que;

(1) Insistimos em admittir a ligação de palavras por algumas conjuncções coordenativas, pois a definição deve abranger o todo definido.

C) **Expressões conjunccionaes**, isto é, um grupo de palavras integralmente equivalente a uma conjuncção, ex.: *posto que, por mais que, de modo que, por quanto.*

Conjuncções coordenativas.

Conjuncção coordenativa é aquella que liga duas proposições independentes ou duas palavras de igual categoria, e são:

A) Approximativas: — *e, nem* (1);

B) Alternativas: — *ou, quer...* (2);

C) Adversativas: — *mas, porém* (3);

D) Conclusivas ou illativas: — *logo, pois, portanto.*

Conjuncções subordinativas.

Conjuncção subordinativa é aquella que liga duas proposições dependentes entre si (4) e são:

A) Temporaes: — *quando, logo que, assim que, desde que, emquanto, sempre que, depois que, antes que, até que, ao mesmo passo que, todas as vezes que;*

(1) O termo **copulativa** é tão absurdo quanto improprio, pois toda conjuncção é **copulativa**, porque toda conjuncção liga, e a palavra *tambem* é adverbio de modo.

(2) O termo **disjuntivo** não serve, pois **disjuntivo** é o que separa e a conjuncção liga, por isso ha conflicto de idéas.

(3) As palavras *entretanto, comtudo* e *todavia* têm mais funcção adverbial do que de conjuncção, tanto que instituimos o novo grupo dos adverbios de **concessão** ou concessivos a que hoje pertencem.

(4) Estas conjuncções são constituidas quasi todas por uma expressão em que sempre existe o connectivo *que;* as simples são: *que, como, quando, si, embora, comquanto, porquanto, emquanto* (que) e ás vezes *pois* (que), *posto* (que) e as palavras *conforme* e *segundo* que se usam tambem como conjuncções de modo.

B) Concessivas: — *embora, com quanto, posto que, supposto que, ainda que, si bem que, bem que, nem que, por mais que, por pouco que, por muito que, por menos que, quer... quer, apesar de que, mesmo que.*

C) Condicionaes: — *si, salvo si, a menos que, dado que, comtanto que, uma vez que, sem que* (1).

D) Causaes: — *porque, já que, visto que, visto como, pois que, por quanto, por isso que*, etc.

E) Modaes: — *como, de modo que, de sorte que, de fórma que, de maneira que, a ponto que, tanto que* (modernamente), *do mesmo modo que, conforme* e *segundo* (2), *sem que.*

F) Proporcionaes (3): — *á maneira que, á proporção que, á medida que, ao passo que.*

G) Intencionaes ou finaes: — *para que, afim de que, porque* (antigamente, mas com o verbo no **subjuntivo**).

H) Integrantes: — *que* (4) e qualquer conjuncção que sirva de ligamento a uma proposição objectiva, subjectiva ou attributiva á sua principal, ex.: *como, si.*

---

(1) A conjuncção *sem que* será **condicional** quando estiver sujeita á proposição *anterior* negativa, ex.:

« *Não permitta Deus* que eu morra,
Sem que volte para lá... »

(2) Estas duas muitas vezes apparecem como conjuncções modaes, como temos observado.

(3) Este grupo de conjuncções foi classificado e donominado por nós sob a rubrica de *proporcionaes*, por ser o termo mais compativel.

(4) A conjuncção *que* exerce quasi todas as funcções das demais, como a conjuncção *e* entre as coordenativas; são as duas conjuncções fundamentaes.

Interjeição.

(Palavra de sentimento).

Interjeição é uma palavra synthetica, natural e expressiva dos nossos diversos sentimentos e sensações (1).

A interjeição não constitue categoria grammatical, propriamente dita, pois é um grito que representa os primeiros momentos da linguagem articulada (2).

Temos interjeições:

A) **Espontaneas** (3), **essenciaes** ou **proprias**, isto é, palavras destituidas de significação, mas que exprimem um sentimento ou sensação, ex.: *ai!, hui!, oh!, psiu!, irra!*

B) **Palavras interjeccionaes**, isto é, usadas interjectivamente, ex.: *Bravo! silencio! apoiado! animo! coragem! Jesus!*

C) **Expressões interjeccionaes**, isto é, um grupo de palavras interjectivamente empregado, ex.: *aqui d'el-rei! quem dera!*

As principaes sensações e sentimentos expressos pelas interjeições são o de

dôr	por	ai! hui!
admiração	—	oh! ah!
desejo	—	oxalá! pudera!
aversão	—	irra! apage!
animo	—	eia! avante! sus!
applauso	—	bravo! viva!
attenção	—	caluda! silencio!
invocação	—	psiu! olá!
repetição	—	bis!

---

(1) REGNAUD. *Origine et phil. du langage*, pag. 231.
(2) DELON, *Gram. franç.*, d'après l'*Histoire*, pag. 316.
(3) DARMSTETER, *Études Iraniennes*, pag. 255.

PTOSEONOMIA.

Ptoseonomia ou **kampenomia** é o tratado da flexão das palavras.

Flexão é a mudança ou modificação na terminação da palavra para exprimir as variações da idéa.

A flexão se divide em **nominal** e **verbal**: esta é a modificação para exprimir o modo, o tempo, o numero e a pessoa; aquella é a modificação para o genero, o numero e gráo.

As palavras em que ha flexão se dizem **variaveis** ou **organicas**, e as destituidas de flexão se dizem **invariaveis** ou **inorganicas**.

As variaveis são o **substantivo, adjectivo, pronome** e **verbo**, e as invariaveis são a **preposição**, a **conjuncção**, o **adverbio** e a **interjeição**.

Genero dos nomes.

Flexão generica é a modificação na terminação da palavra para exprimir o genero, ex.: pavão — pav*ôa*, gat*o* — gat*a*.

Genero é a distribuição dos nomes relativamente ao sexo natural ou usual.

Dous são os generos: **masculino** e **feminino**.

São do masculino os nomes applicados a individuos do sexo masculino, ex.: *Pedro, homem, pavão*, e são femininos os nomes applicados aos individuos do sexo feminino, ex.: *Iracema, mulher, pavôa*.

Analogicamente nas linguas o genero estendeu-se aos objectos inanimados, ex.: *livro, casa, vicio*, etc.

No grego, no latim, no inglez e outras linguas, ha o genero neutro applicado quasi sempre aos seres inanimados; mas nas linguas romanas perdeu-se toda a noção do neutro.

O genero dos nomes segue geralmente a declinação latina e o neutro passou para o masculino e ás vezes para o feminino.

Assim as fórmas *pira, poma, opera, viscera, folia*, pluraes das fórmas neutras *pirum, pomum, viscus, folium*, foram no latim barbaro tomadas por nomes femininos da primeira declinação e se filiaram ao feminino.

O genero muda-se na evolução da lingua. Assim é que as palavras *senhor, pastor, planeta, mar* e outras já foram femininas (1).

O genero é indicado pela **significação**, a **terminação**, a **accepção** e a **referencia** (nas palavras communs aos dous generos).

Genero pela significação.

São de genero masculino os nomes que significam:

A) Animaes machos, quer proprios, quer appellativos, ex.: *Antonio, leão, carneiro;*

B) **Anjos, demonios** e **deuses** sob á fórma de homens, ex.: *Lusbel, Satanaz, Jupiter;*

C) **Mares, rios, lagos, ventos, montes, mezes, pontos cardinaes**, ex.: *Caspio, Amazonas, Ladoga, Boreas, Sinai, Março, Este, Levante, Oriente, Norte, Sul, Poente, Occidente;*

D) As letras do alphabeto, as notas musicaes e os algarismos, ex.: o *b*, o *f*; o *mi*, o *dó*, um 7, o 4;

---

(1) Vide o *Cancioneiro da Vaticana* em que *planeta* ainda se conserva feminino, como em Camões no verso:

« Mas já *a* planeta que no céo primeiro
Habita cinco vezes *apressada*... »

E) Qualquer palavra ou expressão substantivada, ex.: o *um*, o *quando*, o *não dou dos avaros*.

São do genero feminino os nomes que significam:

A) Animaes femeas, quer proprios, quer appellativos, ex.: *Dido, Juno, Calypso, Maria, girafa, aranha.*

B) Deusas, divindades e representações allegoricas sob a fórma de mulher, ex.: *Venus, Calliope*, a *Justiça*;

C) As cinco partes do mundo, as ilhas, cidades, villas, aldeias, ex.: *America, Madeira, Petropolis, Itabiana*;

D) Letras, sciencias e artes, excepto *desenho*, ex.: *Grammatica, Physica, Pintura*;

E) As entidades abstractas, ex.: a *embriaguez*, a *perversidade*, a *antiguidade*.

Genero pela terminação.

São masculinos:

A) Os nomes terminados em *á, é, i, ó, ô, ú, y*, ex.: *cará, rapé, alcali, manto, cipó, avô, bambú, trolley*, excepto: *pá, pé, chaminé, galé, libré, maré, ralé, sé, eiró, enxó, mó, teiró, tribu*, e outros que são femininos;

B) Os nomes terminados em *al, el, il, ol, ul, k*, ex.: *areal, annel, barril, anzol, paul, almanack*.

Os nomes *cal, pastoral, moral* são femininos.

C) Os nomes terminados em *am, an, em, en, im, om, on, um*, ex.: *orgam, iman, vintem, hymen, confim, som, epiplon, atum*, excepto: *vertigem, nuvem, ordem, margem* e outros femininos;

D) Os nomes terminados em *ao, ei, éo, eu*, ex.: *grão, rei, véo, corypheu*, excepto: *náo, grei, lei*, femininos;

E) Os nomes terminados em *ar, er, ir, or, ur*, ex.: *mar, talher, nadir, pallor, catur*, excepto: *colher, flôr, dôr, côr*, femininos;

F) Os nomes terminados em *az, ez, is, iz, oz, us, uz*, ex.: *cartaz, revez, lapis, nariz, retroz, virus, arcabuz*, excepto: *paz, tenaz, fez, rez, tez, torquez, vez, cerviz, matriz, raiz, cicatriz, foz, noz, voz, pioz, cruz, luz* e outros femininos.

G) Os nomes terminados em *ão*, excepto os derivados abstractos de verbo ou adjectivo, ex.: *fixação, devoção, adoração, composição*, etc.

A) São femininos os nomes terminados em *a* inaccentuado, ex.: *lyra, cama, faca*.

São masculinos por excepção alguns nomes latinos modernos e muitos derivados dos gregos, ex.: *proclama, nauta, telegramma, cometa, planeta, systema, dilemma, poema, estratagema* e outros.

B) Os terminados em *ã, e, ê*, ex.: *romã, fome, mercê*, excepto: *monte, horisonte*, e outros.

São mais geralmente masculinos do que femininos os seguintes: *apostema, aneurisma, espia, guia, personagem, sentinella, cedilha, radical*.

Genero pela accepção.

Ha algumas palavras cujo genero se determina segundo a accepção em que se acham, exs.:

Capital, cidade principal, é feminino e na accepção de fundos monetarios é masculino, o *capital*.

Cabeça, parte do corpo, é feminino e na accepção de *chefe* é masculino, o *cabeça*.

Scisma, apprehensão erronea, é feminino e na accepção de separação de communidade religiosa é masculino, o *scisma*.

Sota, termo de jogo, é feminino e na accepção do segundo *cocheiro* ou bolieiro é masculino, o *sota*.

Espia, corda de amarrar navios, é masculino e na accepção de vigia é commum, o *espia*, a *espia*.

E assim muitos outros, cuja exposição seria longa (1).

Os nomes de instrumento do genero feminino passam ao masculino accidentalmente, sempre que se empregam para designar os individuos que os tocam, ex. : o *flauta*, o *rabeca*, o *corneta*, o *trompa*, o *viola*, etc.

Forma-se o genero por tres processos : — por palavras **differentes** (genero por **heteronymia**), por palavras **annexadas** (genero por **juxtaposição**) e por palavras **flexionadas** (genero por **flexão**).

Genero por heteronymia.

Bode	cabra	Gamo	corça
Cavalleiro	amazona	Genro	nora
Cavalheiro	dama	Macho	femea
Carneiro	ovelha	Homem	mulher
Cavallo	egua	Pae	mãe
Frei	soror ou sór	Zangão	abelha

Genero por juxtaposição.

Assim se diz a expressão do genero mediante

(1) Assim é que se dizem *o policia, o praça, o bandeiro, o perna de pão, o lanterna, o mascara, o cabeçorra.*

os adjectivos ou quaesquer outras palavras necessarias á discriminação do genero, isto é, sempre syntacticamente. Assim temos os substantivos **communs a dous** e os **epicenos**.

Communs (a dous) são aquelles cujo genero se indica mediante um determinativo ou syntacticamente, ex. : *estadista, communista, democrata, epicurista, hypocrita, interprete, martyr, publicista, socialista, selvagem* (1).

São igualmente communs a dous os sobrenomes personativos, pois tanto se applicam a homens quanto a mulheres, ex. : Antonio *Furtado*, Maria *Furtado* e assim *Peixoto, Cardoso, Carneiro, Teixeira, Pereira, Maciel, Cabral, Brito, Bastos*, etc.

Epicenos ou **promiscuos** são os nomes de *animaes*, quasi sempre silvestres e bravios, e dos in-

(1) São tambem **communs a dous** as expressões de tratamento, de conceito pronominal, ex. : *V. S.ª*, *V. Ex.ª*, *Vossa mercê* ou *Vosmecê*; *Vossa Majestade* e os pronomes pessoaes *eu, tu, nós* e *vós*.

Com estas palavras se effectua a concordancia de genero conforme o sexo da pessôa a quem se referem, ex. : V. Ex.ª é *servido* ou *servida*; Vossa mercê está *adoentado* ou *adoentada*; V. Majestade está *indisposto* ou *indisposta*; eu sou *bom* ou *bôa*: tu és *moço* ou *moça*: nós somos *estimados* ou *estimadas*.

Para explicar estas phrases em que a concordancia se faz por **semiosis**, buscaram o artificio da pretensa syllepse de genero.

Então occorreria tambem syllepse de genero nos casos de palavras cujo genero estivesse indicado pela **accepção**, como por exemplo, *cabeça* no sentido de *chefe*; *clarineta* no sentido do homem que a toca, ex. : o cabeça foi *morto*; o clarineta esteve *optimo*, etc. Assim tambem com os nomes communs a dous — *interprete, pianista, martyr*, etc.

A syllepse de genero foi sempre o subterfugio a que recorreram os que não aprofundavam os factos da lingua, para os explicarem á luz do bom senso.

A pretensa syllepse de genero não existe, porque, sendo ella uma **modalidade** da ellipse ou omissão de palavras, nenhuma existe, **subentendivel** nos casos a que nos referimos.

sectos que, designando geralmente um dos sexos, podem tambem designar o sexo opposto, ex. : a *cobra*, a *arara*, a *cotia*, o *sabiá*, o *jacaré*, o *tigre*, *borbolêta*, *besouro*, *mosca*, *mosquito*, *maribondo*.

Havendo necessidade de distinguir o sexo, juxtapôr-se-ão os adjectivos *macho* ou *femea*, ex. : o tatú *femea*, a panthera *macho*, a panthera *femea*, o pintasilgo *macho*, o pintasilgo *femea*.

Genero por flexão.

Flexão generica é a mudança na terminação da palavra para a expressão do genero.

Formarão o genero por flexão :

A) Os nomes terminados em *o*, flexionando-se em *a*, ex. : *servo — serva*, *criado — criada*, etc.

B) Os nomes terminados em *e*, flexionando-se em *a*, ex. : *infante — infanta*, *gigante — giganta*;

C) Os nomes terminados em *ão*, flexionando-se em *ôa* ou em *ã*, ex. : *leão — leôa*, *anão — anã*;

D) Os nomes augmentativos em *ão*, flexionando-se em *ona*, ex. : *valentão — valentona*, *toleirão — toleirona*;

E) Os nomes terminados em consoante, flexionando-se em *a*, ex. : *hespanhol — hespanhola*, *senhor — senhora*, *juiz — juiza*, etc.

F) Os nomes de differentes terminações, flexionando-se irregular ou heterocliticamente, ex. : *barão — boroneza*, *frade — freira*, etc.

Os seguintes nomes e outros flexionam-se irregularmente, pois se mantêm *intactas* as respectivas raizes, ex. :

Abbade	abbad*essa*	Alcaide	alcaid*essa*
Actor	act*riz*	Autocrata	autocra*triz*
Avô	av*ó*	Barão	baron*eza*

Gallo	gall*inha*	Judeu	jud*ia*
Heroe	hero*ina*	Papa	pap*iza*
Ilhéo	ilh*óa*	Perú	peru*a*
Conde	cond*essa*	Pardal	pard*oca*
Duque	duqu*eza*	Poeta	poet*iza*
Diacono	diacon*iza*	Rapaz	rap*ariga*
Frade	f*reira*	Rei	ra*inha*
Perdigão	perd*iz*	Sandeu	sand*ia*
Faisão	fais*óa*	Sultão	sul*tana*

Os seguintes têm mais de um feminino : — cantor — *cantora* — *cantarina* — *cantatriz*; prior — *priora* e *prioreza*; tabaréo — *tabarôa* e *tabaréa*; elephante — *elephanta* e *elephôa*; deus — *deusa* e *dea*; embaixador — *embaixadora* e *embaixatriz*; motor — *motora* e *motriz*; senhor — *senhôra* e *senhóra*; ladrão — *ladra* e *ladrona*, e alguns nomes em *dor* que, apesar do feminino regular, possuem um outro popular, ex. : vendedor — *vendedora* e *vendedeira*, trabalhador — *trabalhadora* e *trabalhadeira*.

Genero dos substantivos personativos.

Os nomes proprios personativos tambem se flexionam, ex. : João — *Joanna*, Romão — *Romana*, Ricardo — *Ricardina*, José — *Josepha*, Alberto — *Albertina*.

Ha outros, porém, inflexionaveis, pois se applicam exclusivamente a um dos generos, ex. : *Pedro*, *Ruben*, *Miguel*, *Moysés*, *Samuel*, *Esther*, *Adelaide*, *Margarida*, *Mariéta*, *Olga*, *Engracia* e a maior parte dos nomes modernos formados por anagramma, ex. : *Iracema*, *Nilda*, *Nilcéa*, *Dironysa*, anagrammas de *America*, *Linda*, *Celina*, *Sydronia*.

Duplas genericas.

Substantivos ha que, referentes a cousas e destituidos de sexo, possuem duas fórmas : uma para o masculino, outra para o feminino, constituindo o genero analogico.

São as fórmas duplas genericas que estão sujeitas ás seguintes condições :

A) O substantivo masculino exprime a significação **geral** e o feminino a significação **especifica** :

barca	uma especie de	barco
buraca	—	buraco
caldeira	—	caldeiro
caneca	—	caneco
canthara	—	cantharo
cesta	—	cesto
chinella	—	chinello
cinta	—	cinto
gorra	—	gorro
jarra	—	jarro
poça	—	poço
tacha	—	tacho
ria	—	rio

B) O substantivo masculino exprime a significação **individual** e o feminino a significação **collectiva** e **geral** :

fructa	em relação a	fructo
grita	—	grito
lenha	—	lenho
madeira	—	madeiro
maruja	—	marujo
rama	—	ramo

C) O substantivo feminino torna-se synonymo do masculino, exprimindo os dous cousas mais ou menos correlatas :

banca	synonymo de	banco
ceva	—	cevo
cerca	—	cerco
encosta	—	encosto
fossa	—	fosso
horta	—	horto
moda	—	modo
pendula	—	pendulo
ribeira	—	ribeiro
troca	—	troco
paga	—	pago
veia	—	veio

D) O substantivo masculino e o feminino são apenas exteriormente semelhantes, mas exprimem causas inteiramente diversas, pois os vocabulos não são **corradicaes** :

banha	cousa diversa de	banho
barra	—	barro
baga	—	bago
cortiça	—	cortiço
escolha	—	escolho
frisa	—	friso
lança	—	lanço
porta	—	porto
peita	—	peito
prata	—	prato
queixa	—	queixo

Flexão dos adjectivos.

Os adjectivos, propriamente falando, não possuem genero, porque não exprimem os seres, porém os modificam.

Comtudo os adjectivos de **primeira classe** estão sujeitos á flexão generica semelhantes ao substantivo.

Adjectivos de **primeira classe** são aquelles que têm duas fórmas genericas : uma para o masculino, outra para o feminino, ex. : *bom-bôa, justo-justa, grato-grata*, etc.

Os adjectivos de primeira classe são **biformes** e **tetraptotas ;** biformes, porque tem duas fórmas genericas, e tetraptotas, porque têm quatro flexões, duas **genericas** e duas **numericas**, ex. : *louvado-louvada, louvados-louvadas* (1).

Os adjectivos de segunda classe são aquelles que têm apenas uma fórma para o masculino e feminino, ex. : *enorme, louvavel, exemplar*.

Os adjectivos de segunda classe são **uniformes** e **diptotas : uniformes**, porque têm apenas uma fórma generica ; **diptotas**, porque têm duas flexões, uma de genero, outra de numero, ex. : *exemplar-exemplares, ingente-ingentes* (2).

---

(1) M. MEDINA, *Gram. lat. hesp.*

(2) Estas distincções dos adjectivos qualificativos consoante a desinencia se applicam mais ao latim do que ao portuguez.

Não expomos regras para a flexão generica dos adjectivos, porque seguem as mesmas regras dos substantivos e praticamente se aprendem.

Flexão numerica

Flexão nominal numerica é a modificação na terminação da palavra para indicar a pluralidade.

Esta flexão se effectua mediante o seu expoente *s*, derivado do *s* do accusativo plural latino.

A flexão numerica diz-se :

A) **Regular**, sempre que o *s* se agglutina ao singular directamente, isto é, sem modificação material, ex. : *pennas, almanacks, órphams;*

B) **Irregular**, sempre que o *s* se agglutina ao singular, mas com modificação material, ex. : annel-*annéis*, pão-*pães*.

Formarão o plural regularmente :

A) Os nomes terminados por vogal, ex. : *casas, pés, javalis, cepos, tribus;*

B) Os nomes terminados por *am, n, k,* ex. : *orgams, sotams, talismans, caftans, almanaks* e *kiosks;*

C) Alguns nomes terminados em *ão* e todos os nomes terminados em *ã*, ex. : *irmão-irmãos, cidadão-cidadãos; romã-romãs, irmã-irmãs*, etc.

Formarão a flexão numerica irregularmente :

A) Os nomes terminados em *al, ol, ul,* que perdem o *l* e tomam *es*, ex. : *animal-animaes, anzol-anzóes, paul-paues*, excepto *mal, cal, consul* e *real* (moeda) — *males, cales, consules* e *réis;*

B) Os nomes terminados por *em, im, om, um*

que mudam *m* em *ns*, ex. : *homem-homens, confim-confins, som-sons, jejum-jejuns*, etc.

C) Os nomes terminados em *r* ou *z*, que recebem *es*, ex. : *altar-altares, nariz-narizes, carácter-caractères* (1).

D) Os nomes terminados por *el*, que mudam *l* em *is*, ex. : *papel-papeis; annel-anneis*, etc.

E) Os nomes terminados por *il* **oxytono** ou agudo, que mudam o *l* em *s*, ex. : *funil-funis, anil-anis, fuzil-fuzis*, etc.

F) Os nomes terminados em *il* **paroxytono** ou grave, que mudam em *eis*, ex. : *docil-doceis, facil-faceis, exteril-estereis*, etc.

G) Os nomes terminados em *ão*, que mudam em *ões* ou em *ães*, ex. : *coração-corações, opinião-opiniões, escrivão-escrivães, charlatão-charlatães*, etc.

H) Os nomes terminados em *x* mudam *x* em *ces*, ex. : *index-indices; calix-calices*.

EXEMPLOS DE PLURAES DUPLOS

Alão-alães-alões	Faisão-faisãos-*faisões*
Ancião-*anciãos*-anciões	Sacristão-*sacristães*-sacristões
Aldeão-aldeães-*aldeões*	Charlatão-*charlatães*-charlatões
Folião-foliães-*foliões*	Vulcão-vulcães-*vulcões*
Guardião-*guardiães*-guardiões	Villão-villães-*villões*

(1) Neste ha **diastole** do accento tonico no plural como no verbo *viver* substantivadamente, ex. : viver-víveres, em que se dá a **systole**.

Plural especifico.

Ha nomes cujos pluraes se empregam apenas em condições restrictas, isto é, excepcionalmente.

1.º Assim é que os substantivos **personativos** assumirão a flexão do plural:

A) Desde que se generalizem a dous ou mais individuos de igual nome, expressos simultaneamente, ex.: Os dous *Cornelios*, os tres *Horacios*, os dous *Pedros* do Brazil, os *Cardósos*, os *Pórtos*.

B) Desde que não designem mais os proprios individuos, mas se generalizem a outros de identicos predicados, ex.: « Dae-me um rei brando, affavel e prudente e dar-vos-ei andar rodeado de *Fabricios, Scipiões, Pompeus, Ciceros, Senecas, Catões* ». (P. Paiva — *Sermões*).

2.º Os substantivos **locativos** assumirão a flexão de plural:

A) Desde que sirvam para designar paizes e regiões distinctas, mas de igual nome, ex.: as *Guyanas*, as duas *Philadelphias*.

B) Desde que sirvam para designar as divisões geographicas do mesmo paiz, ex.: as tres *Americas*, as tres *Arabias*, os dous *Egyptos*, as *Gallias*.

3.º Assumirão excepcionalmente a flexão plural:

A) Os nomes **abstractos**, maximé os dos vicios e virtudes, desde que se generalizem a exprimir actos exercidos, ou individuos, ex.: *caridades*=*actos* de caridade, *embriaguezes*=*actos* de embriaguez, *notabilidades, summidades, individualidades*.

B) Desde que a flexão plural lhes faça assumir uma significação quasi *nova*, ex.: *humanidades*=bellas letras, *amabilidades*=palavras agradaveis, *liberdades*=atrevimentos.

C) Os nomes dos *metaes* e *metalloides*, desde que se generalizem a exprimir as suas diversas especies ou os productos artefactos, ex.: *pratas, nickeis, cobres, phosphores, enxofres*.

D) Os nomes dos productos animaes, vegetaes e industriaes, desde que se generalizem ás suas diversas especies, ex.: os *leites*, as *ceras*, os *açafrões, azeites, alcooes*.

E) Os nomes das letras, sciencias e artes, desde que designem diversos tratados ou livros, ex.: duas *rhetoricas algebras*, as *physicas*, as *musicas*.

F) Os nomes dos numeros, desde que signifiquem *algarismos*, ex.: os *quatros*, os *noves*, os *onzes*.

Rejeitam a flexão plural:

A) Os adjectivos descriptivos substantivados e equivalentes aos nomes abstractos, ex.: o *bello* e o *sublime*, o *justo*, o *util*, o *honesto*.

B) Os nomes das seitas religiosas e das doutrinas philosophicas, ex.: o *judaismo*, o *christianismo*, o *positivismo*, o *espiritismo*.

C) Os pronomes indefinitos, os demonstrativos e algumas palavras inorganicas, isto é, inflexionaveis, ex.: *nada, ninguem, alguem, outrem, fulano, beltrano, sicrano, isto, isso, aquillo, o, quem*.

Fórmas sigmaticas.

Ha substantivos que, geralmente desinenciados por *s*, expoente do plural, nem sempre indicam pluralidade.

São os substantivos **sigmaticos** que podem ser constituidos:

A) Por fórmas que tanto servem para o singular como para o plural, ex.: *alferes, caes, herpes, ourives, pires, lapis*.

B) Por fórmas que, por indicarem objectos constituidos de duas partes, mais se usam no plural, ex.: *algemas, andas, cãs, ceroulas, calças, bragas, bofes, pareas, suissas, tesouras*.

C) Por fórmas que, por effeito da etymologia, são sempre desinenciadas por *s* plural, ex.: *alviçaras, ambages, arredores, arrhas, exequias, fastos, lemures, manes, nupcias, primicias*.

D) Por fórmas que mais se usam no plural do que no singular, ex.: *confins, lampas, preces, papas, tremoços, sevicias* e os naipes: *copas, paus, ouros* e *espadas*.

Todas essas fórmas, excepto as que **sigmaticamente** se prestam ao singular, tendem a perder o *s*. Assim é que já se vão usando algumas **asigmaticamente**, ex.: *calça, ceroula, confim, fauce, ovem, lampa, tesoura, treva*.

As fórmas sigmaticas tambem representam:

A) Substantivos **locativos**, ex.: *Tunis, Caldas, Alpes, Andes, Euphrates*;

B) Substantivos **personativos**, ex.: *Aristides, Euripides, Demithildes, Hercules, Jarbas*.

Plural dos compostos.

Nos substantivos compostos as duas fórmas assumirão simultaneamente a flexão do plural :

A) Desde que sejam dous substantivos, isolados por hyphen, ex. : *banhos-marias, mestres-salas, alumnos-mestres, fructas-pães.*

B) Desde que a primeira seja substantivo e a segunda adjectivo, igualmente isolados por hyphen, ex. : *amores-perfeitos, obras-primas, cornetas-mores.*

C) Desde que sejam dous verbos iguaes e isolados por hyphen, ex. : *luzes-luzes, bules-bules, ruges-ruges.*

Assumirá a flexão apenas a ultima fórma (1) :

A) Desde que a primeira seja adjectivo e a segunda substantivo, ex. : *recta-guardas, granmestres, salvo-conductos,* excepto *gentis-homens* e os dias semanaes, ex. : *segundas-feiras, terças-feiras,* etc.

B) Desde que a primeira seja verbo e a segunda substantivo, ex. : guarda-livros, *passa-tempos,* beija-mãos, *saca-rolhas.*

C) Desde que uma seja uma palavra invariavel e outra uma palavra variavel, ex. : *semi-deuses, sempre-vivas, entre-cascos, pseudo-membranas.*

D) Desde que sejam ou possam ser conjuntamente escriptas, maximé si a ultima for monosyllabica, ex. : *logartenentes, aguardentes, planaltos,*

(1) Sempre que apenas o ultimo assume o plural, as duas fórmas se podem quasi sempre escrever conjuntamente.

puxavantes, passavantes, pontapés, cantochãos, varapáos.

Assumirá a flexão apenas o primeiro, desde que haja preposição intercurrente, ex. : *pães de ló, pés de vento, autos-da-fé, fogões a gaz.*

As duas fórmas rejeitarão a flexão :

A) Desde que sejam verbaes, e ao mesmo tempo antonymas, ex. : *perde-ganha, leva-e-traz,* cantimplora (canta e chora), excepto *vaevens* que, separadamente faz *vaes-vens,* e conjuntamente *vaevens.*

B) Desde que por excepção seja uma das fórmas seguintes, ex. : *verdemar, verdeterra, verdemontanha, verdegaio, verde-Paris, meio-dia, Nortesul.*

Si o composto for adjectivo, sempre o primeiro fica invariavel :

A) Ainda que isolado por traço de união, ex. : *medico*-cirurgicos, *physico*-chimica, *luso*-brazileiros, *franco*-allemães, *novo*-latinos, *italo*-brazileiros, *medico*-cirurgica.

B) Desde que sejam escriptas conjuntamente, ex. : *boquiaberto, pernalto.*

C) Desde que a primeira fórma tenha valor adverbial, ex. : *recem*-nato, *meio*-rotos, *meio*-cahidos, *semi*-morto.

Apparece ás vezes a fórma *meio*, tendo funcção adverbial mas flexionada, em muitos escriptores, ex. : « Edificios *meios* cobertos de areia » (J. de Barros) (1).

(1) *Meio* fica invariavel significando — *um tanto*, e variavel, significando *metade*, ex. : bandeira *meia* vermelha, comquanto occorram em escriptores notaveis indifferentemente usados, por attracção, conforme o gosto, a sonoridade da phrase, a harmonia da construcção.

Flexão gradual.

Flexão gradual é a modificação organica na terminação do vocabulo para a expressão do gráo.

As palavras em que se effectua a flexão gradual são geralmente o substantivo e o adjectivo.

O gráo se effectua por dous processos :

A) **Organica** ou **syntheticamente**, isto é, mediante suffixo de funcção gradual, ex. : port*ão*, port*inha*, just*issimo*.

B) **Inorganica** ou **analyticamente**, isto é, mediante um **adjectivo** intensivo para o substantivo e um **adverbio** intensivo para o adjectivo, ex. : *cão grande = canzarrão, porta pequena = portinha, muito justo = justissimo*.

A flexão gradual do substantivo se effectua mediante :

A) Suffixos **augmentativos**, isto é, que augmentam e exageram a significação normal do nome a que se agglutinam e são : *ão, aço, alha, az, azio, astro, arrão*, etc.

B) Suffixos **diminutivos**, isto é, que diminuem e attenuam a significação normal do nome a que se agglutinam e são : *inho, ebre, ito, im, ejo, el, ello, elho, ilho, olo, ete, oto, isco, ico, colo, ulo, acho, usco*, etc.

Tres são, pois, os gráos do substantivo : o **augmentativo**, o **diminutivo** e o **normal** : mas este não é propriamente gráo, e dous são os principaes suffixos graduaes : *ão* para o augmentativo e *inho* para o diminutivo (1).

(1) O **positivo** não constitue rigorosamente gráo, pois indica o ponto de partida da significação da palavra.

Augmentativo organico.

O augmentativo organico forma-se :

A) Agglutinando-se directamente o suffixo ao normal, desde que este termine por consoante, ex. : annel + *ão*, doutor + *aço*.

B) Agglutinando-se o suffixo, mas eliminando a vogal ao normal, desde que este não termine por consoante, ex. : porta — *a* + *ão* = portão, sabio — *o* + *chão* = sabichão.

Ha diversos suffixos augmentativos : a maior parte são idiomaticamente reforçados e de uso popular.

Taes são : *araz, agão, alhão, anzil, arrão, zarrão, egão, igão, avaz, eirão, errão, ichão, iarra, oila*, ex. : lingu*araz*, espad*agão*, vag*alhão*, corp*anzil*, sant*arrão*, can*zarrão*, nar*igão*, pard*avaz*, boqu*eirão*, beb*errão*, com*ichão*, nav*iarra*, moç*oila*.

— Adjectivos ha que, assumindo idiomaticamente a flexão augmentativa, equivalem mais ou menos ao superlativo absoluto, ex. : *pobretão = pobrissimo, valentão = valentissimo, ricaço = riquissimo*.

A maior parte dos nomes mudam grammaticalmente de genero, ao assumir a flexão augmentativa, ex. : mulher*ão*, casar*ão*, mur*alha*, nav*iarra*.

Augmentativo personativo.

Alguns nomes proprios personativos assumem a flexão aumentativa, para indicarem outro nome igualmente personativo, ex. :

Ribeirão	**relativamente a**	**Ribeiro**
Gonçalão	—	**Gonçalo**
Varrão	—	**Varro**

Mourão	relativamente a	Moura
Simão	—	Simas
Ortigão	—	Ortigas

Outros ha de uso apenas familiar, ex. : Manuelão, Bellão, e alguns apenas simulam exteriormente a flexão augmentativa, ex. : Napoleão, Romão, Beltrão, Frasão, etc., que não são augmentativos.

Augmentativo inorganico.

O augmentativo inorganico forma-se analyticamente :

A) Usando-se do adjectivo *grande* ou outro de igual valor, ex. : casa *grande* = cas*ona*, cão *grande* ou *enorme* = canz*arrão*.

B) Usando-se do adjectivo *grosso* ou *forte*, ex. : tronco *grosso* = troncão, *forte* tolo = toleirão.

Diminutivos organicos.

O diminutivo organico forma-se agglutinando-se o suffixo *inho* ao thema vocabular :

A) Mediante o infixo *z*, desde que o nome terminar por duas vogaes, por sons nasaes e por vogaes oxytonas, ex. : labio*z*inho, irmão*z*inho, cão*z*inho, navio*z*inho, vagem*z*inha, sabiá*z*inho.

B) Mediante o suffixo *z* ou não, desde que o nome terminar por consoante, ex. : papel*zinho* ou papel*inho*.

C) Mediante o *z*, mas conservando a vogal; ou sem o infixo *z*, mas eliminando a vogal do positivo, ex. : livro*zinho* e livr*inho*, gato*zinho* e ga*tinho*.

Nalgumas palavras o suffixo *inha* ou *inho* agglutina-se ao positivo, mediante a vogal *a*, ex. : campa*inha*, phenomeno este mais frequente em Portugal do que no Brazil, ex. : pinta*inho*, fonta*inha*.

Os demais suffixos assim se agglutinam :

A) Directamente ao positivo que terminar por consoante, ex. : mulher*ita*, papel*ucho*.

B) Eliminando a vogal ao positivo que não terminar por consoante, ex. : cabr*ita*, velh*usco*, poe*meto*, espa*dim*, car*tilha*.

Diminutivos eruditos.

Ha nomes em que occorrem diminutivos eruditos parallelamente aos populares de formação vernacula. Assim apparecem :

POPULARES	ERUDITOS
partezinha	particula, parcella
globozinho	globulo
montezinho	monticulo
obrazinha	opusculo
corpozinho	corpusculo
raizinha	radicella, radicula
homemzinho	homunculo
pellezinha	pellica, pellicula
porçãozinha	porciuncula
questãozinha	questiuncula
cabrita	capréola

Alguns diminutivos, principalmente os eruditos, assumem significação differente relativamente aos seus positivos. Assim temos :

formula	em relação de	fórma
globulo	—	globo
granito	—	grão
molecula	—	mole
cartilha	—	carta
lingueta	—	lingua
clavicula	—	clave

A maior parte dos suffixos graduaes, augmentativos ou diminutivos terminados por *o*, corresponde geralmente uma fórma feminina, ex. :

sabich*ão*	tem por feminino	sabich*ona*
beb*arro*	—	beb*arra*
mestr*aço*	—	mestr*aça*
velh*usco*	—	velh*usca*
frang*anito*	—	frang*anita*
fin*orio*	—	fin*oria*

Ha gráos cujos normaes ou positivos não existem na lingua, ex. : *comilão, fujão, chorão, estirão, andorinha, damninho* (1).

Diminutivos personativos.

Na linguagem familiar, na lingua popular, empregam-se geralmente diminutivos correspondentes aos nomes proprios. Assim do substantivo *Anna* occorrem as fórmas — *Anninha, Anninhas, Annazinha, Annicota, Naninha, Annica, Annita, Anniquita, Annoca, Nanoca, Noca, Nita, Naná, Ná, Nazinha*, e do nome *José* as fórmas — *Zeca, Zé, Zézé, Zezinho, Zinho, Juca, Cazuza, Juquinha, Josézinho* (2).

Ha outros nomes cujo diminutivo se fórma regularmente e assim são poucos os appellidos domesticos correspondentes, ex. : *Gonçalinho, Manuelzinho, Pedrinho*, etc. (2).

Funcção dos gráos.

O augmentativo exerce duas funcções :

A) A **pejorativa**, que se conhece segundo a accepção em que está empregado ou pela natureza do suffixo, ex. : fuj*ão*, comil*ão*, poet*astro*, mestr*aço*.

---

(1) Vide P. de Souza, *Gram. portugaise*.
(2) Vide E. Carneiro, *Gram. phil. da lingua port.*
(3) Os diminutivos personativos não attenuam a sua significação ou conceito, pois são apenas formas e modismos graciosos da linguagem familiar.

B) A **propria**, que se conhece, já pelo suffixo, já pela accepção em que se acha, ex. : flor*ão*, homenz*arrão*, pap*elão*.

O diminutivo exerce tres funcções :

A) A **pejorativa**, desde que, já pela natureza do suffixo, já pela accepção, sirva para depreciar a idéa, ex. : popul*acho*, cas*ebre*, logar*ejo*, velh*usca*, doutor*aço*.

B) A **propria**, desde que designe uma cousa attenuada e pequena, ex. : ri*acho*, pedr*isco*, caz*inha*, bot*im*.

C) A **embellezativa** (1), desde que sirva para exprimir doçura, ternura ou realçar a idéa, ex. : pae*zinho*, filh*inho*, moc*ita*, veran*ico*.

Ha tanta riqueza de flexões graduaes diminutivas na linguagem popular e familiar que occorrem diminutivos puramente embellezativos, pertencentes a outras categorias grammaticaes que não ao substantivo : ex. : *umzinho, estezinho, cedinho, devagarinho* e até nos verbos como se acham em Alencar, Garrett e outros, ex. : « passean*dilo* ». « Estar dormind*inho* » (2).

Gráos dos adjectivos.

Gráos são as diversas relações que póde assumir a significação ou conceito dos adjectivos descriptivos.

Tres são os gráos :

A) O **positivo**, que exprime a qualidade normal e absolutamente, ex. : *alto, grato, bello*.

B) O **comparativo**, que exprime a qualidade mediante uma noção de comparação, ex. : *mais* bello *que*, *tão* grato *como*, *menos* justo *que*.

---

(1) Vide Parato, *Gram. normale della lingua italiana*.
(2) Julio Ribeiro, *Gram. portugueza*.

c) O **superlativo**, que exprime a qualidade na sua mais alta intensidade significativa, ex. : *bellissimo, muito* amavel, *extremamente* docil.

Comparativos inorganicos.

Tendo perdido as linguas romanas as flexões organicas *ior, ius*, constitutivas do comparativo de superioridade, formaram-se estes analytica ou inorganicamente, isto é, mediante adverbios apropriados á funcção gradual.

Os comparativos podem ser de **igualdade, inferioridade** e **superioridade**. Assim se formam :

O de igualdade antepõe ao positivo o adverbio *tão* e pospõe-lhe as conjuncções *como, quanto* e ás vezes *qual*, ex. : *tão* bravo *como, quanto* ou *qual* leão (1).

O de inferioridade antepõe o adverbio *menos* e pospõe-lhe a conjuncção *que* ou a expressão conjuntiva *do que*, ex. : *menos* bravo *que* ou *do que*.

O de superioridade antepõe o adverbio *mais* e pospõe-lhe a conjuncção *que* ou a expressão conjuntiva *do que*, ex. : *mais* bravo *que* ou *do que*...

Comparativos organicos.

Restam-nos ainda alguns vestigios da tradição latina nos seguintes adjectivos cujos comparativos se formam organica e irregularmente. Assim temos :

(1) Si a comparação for entre dous adjectivos, póde empregar-se *quão*, ex. : « tão prudente quão justo ».

POSITIVOS	COMPARATIVOS	SUPERLATIVOS
Bom	melhor	optimo
Máo	peor	pessimo
Pequeno	menor	minimo
Grande ou magno (1)	maior	maximo
Senil	senior	senilimo
Supero	superior	supremo ou summo
Infero	inferior	infimo ou imo (2)

Occorrem igualmente as expressões *mais pequeno, mais máo* e os superlativos vernaculos *bonissimo, malissimo* e *pequenissimo, grandissimo*.

A maior parte dos adjectivos em *or*, ex. : *anterior, interior, posterior, citerior, ulterior, exterior* são historicamente comparativos cujas funcções se obliteraram, de sorte que até alguns se converteram em substantivos, ex. : *senhor, prior*, de senior e prior.

Superlativos.

Ha duas especies de superlativos : o **relativo** e o **absoluto**.

Superlativo relativo.

O superlativo relativo forma-se :

A) Antepondo-se apenas *mais* ou *menos* ao positivo, desde que este se posponha ao substantivo, ex. : o homem *mais* ou *menos sabio*.

(1) A fórma *grande* substituiu a *magno; pequeno*, a *parvo;* e *supero* e *infero* existem na technologia botanica, ex. : *corolla supera, ovario infero*.

(2) A fórma *senior* usa-se como *junior*, isto é, nos nomes proprios personativos, como *sobrenomes*.

B) Antepondo-se ao positivo *o mais* e pospondo lhe *de* ou *entre* e ás vezes as duas preposições, ex. : o *mais* sabio *dos* homens, *entre* ou *d'entre* os homens.

Os adjectivos — *grande, pequeno, bom* e *máo* — têm por superlativos relativos os seus comparativos organicos — *maior, menor, melhor, peor* (1).

As fórmas *melhor* e *peor* se devem substituir pelas expressões *mais bem* e *mais mal* antes dos participios passados, ex. : o *mais bem* educado, *mais mal* vestido.

A lingua latina não possuia superlativo relativo : assim, sempre que o absoluto apparecia seguido do genitivo, do accusativo mediante *inter* ou do ablativo mediante *ex*, exercia igualmente a funcção do nosso relativo, ex. : « *altissima arborum* ou *ex arboribus* ou *inter arbores* » (2).

Esta syntaxe é ás vezes seguida por escriptores de nota e assim occorrem : — a altissima das arvores, o prudentissimo dos conselhos (3).

Superlativos organicos (4).

O superlativo absoluto diz-se :

A) **Organico** ou **synthetico**, desde que seja constituido mediante o suffixo *issimo* ou *imo*, ex. : grat*issimo*, facil*imo*, *optimo*.

B) **Inorganico** ou **analytico**, desde que seja constituido por uma expressão, ex. : *muito grato* = gratissimo, *muito amavel* = amabilissimo etc.

(1) O superlativo relativo é uma modalidade do comparativo, conforme attestam a fórma e funcção.

(2) Vêde E. Abbé, *Syntaxe latine*, pag. 14.

(3) Julio Ribeiro, *Gram. port.*

(4) Conforme o nosso trabalho, hemos sempre chamado *organicos* todos os phenomenos e factos vocabulares dependentes, dos *affixos* ou das *raizes*, por serem os orgams estructuraes e morphologicos dos vocabulos.

O adverbio *muito* póde ser substituido por outro de igual significação, ex. : *extremamente, excessivamente, extraordinariamente, completamente, grandemente*, etc., e até pelo adverbio *bem*, com o valor de *muito*, ex. : *bem alto, bem vagaroso*, etc.

Os superlativos organicos assim se formam :

A) Desde que o positivo termina por vogal (1), elimina-se esta e agglutina-se o suffixo, ex. : alto — alt-issimo, parco — parc-issimo;

B) Desde que o positivo termina por *ar, al, il* e *u*, agglutina-se directamente o suffixo, ex. : exemplar + issimo, liberal + issimo, cru + issimo.

Os demais, isto é, os desinenciados em *vel, z, ão, m* e *go*, se formam, calcando-se nas fórmas latinas intermediarias, existentes no portuguez arcaico, como se seguem, ex. :

POSITIVOS ACTUAES	POSITIVOS ARCAICOS	SUPERLATIVOS
Terrivel	terribil	terribilissimo
Amavel	amabil	amabilissimo
Veloz	veloce	velocissimo
Audaz	audace	audacissimo
Vão	van (2)	vanissimo
São	san	sanissimo
Commum	commun	communissimo
Amigo	amico	amicissimo
Antigo	antiquo	antiquissimo

Ha superlativos a que não correspondem positivos na lingua portugueza. Assim temos : *proximo* e *ultimo*; este passou aos indefinitos e aquelle ao estado de positivo.

(1) Si terminar o adjectivo por duas vogaes, o superlativo será de preferencia sempre inorganico, ex. : ferreo, idoneo, necessario, bravio, doentio, vadio.

(2) Este *n* da fórma arcaica é o *til* da fórma actual, o qual *n* reapparece na estructura, do superlativo e das formas derivadas dos adjectivos, ex. : *são-sanissimo, sanidade*.

Resumo synoptico.

GRÁOS DOS ADJECTIVOS

GRÁOS quanto á
- especie
  - positivo (1)
  - comparativo.
    - superioridade
    - igualdade
    - inferioridade
  - superlativo..
    - absoluto
    - relativo
- fórma..
  - organico ou por *suffixação*
  - inorganico ou por *adverbiação* (2)

Superlativos divergentes.

Muitos adjectivos possuem dous superlativos organicos : um de formação vernacula, na propria lingua; outro de formação latina.

POSITIVOS	SUPERLATIVOS VERNACULOS	SUPERLATIVOS LATINOS
Agil	agilissimo	agilimo
Acre	acrissimo	acerrimo
Aspero	asperissimo	asperrimo
Celebre	celebrissimo	celeberrimo
Cruel	cruelissimo	crudelissimo
Doce	docissimo	dulcissimo
Frio	friissimo	frigidissimo
Fragil	fragilissimo	fragilimo
Grácil	gracilissimo	gracilimo
Humilde	humildissimo	humilimo
Integro	integrissimo	integerrimo
Livre	livrissimo	liberrimo
Nobre	nobrissimo	nobilissimo
Negro	negrissimo	nigerrimo
Pobre	pobrissimo	pauperrimo
Salubre	salubrissimo	saluberrimo
Sémil	semilissimo	similimo

(1) O positivo não é propriamente gráo, pois assignala a significação nas suas condições semanticas de normalidade.
(2) O gráo organico é *synthetico*; o inorganico, **analytico** : aquelle por *suffixação*, este por *adverbiação*.

Superlativos convergentes.

Assim como a alguns positivos correspondem dous superlativos organicos, assim a um superlativo podem corresponder **morphologica** ou **significativamente** dous positivos geralmente **cognatos** ou ás vezes de **raizes diversas**.

Este phenomeno constitue os superlativos convergentes, ex. :

magnificentissimo	para os positivos	magnificente magnifico
benificentissimo	—	beneficente benefico
benevolentissimo	—	benevolente benevolo
maledicentissimo	—	maledicente maledico
malevolentissimo	—	malevolente malevolo
maximo	—	magno grande
pessimo	—	máo ruim
sapientissimo	—	sapiente sabio
generalissimo (2)	—	general geral
similimo	—	semil semelhante
bellacissimo	—	bellaz bellico

(1) Chamamos superlativos convergentes; mas, bem ponderados os factos, aqui se dá o phenomeno dos positivos **divergentes**, isto é, dous positivos para um só superlativo.
(2) Emprega-se substantivadamente.

Defectividade gradual.

Ha adjectivos descriptivos que, por terem significação mais ou menos definita, rejeitam o superlativo **organico** e taes são aquelles que exprimem :

A) As fórmas geometricas dos corpos, ex. : *redondo, quadrado, conico, triangular, oval, parallelo.*

B) Os diversos pontos geographicos do globo terrestre, ex. : *oriental, occidental, austral, boreal, meridional, septentrional, arctico, glacial, central.*

C) Os diversos logares e a patria dos individuos, ex. : *americano, europeu, brasileiro, sergipano, paulista, fluminense.*

D) O estado civil das pessoas, ex. : *casado, solteiro, viuvo.*

E) As diversas modalidades do tempo ou da duração, ex. : *nocturno, diurno, vespertino, matutino, diario, semanal, mensal, annual, secular, hodierno, outomnal, vernal, hibernal, perpetuo, vitalicio, eterno.*

F) As personalidades historicas celebres, ex : *homerico, dantesco, manuelino, affonsino, camoneano, socratico, ptolomaico.*

G) As qualidades immutaveis e definitas, ex. : *immortal, espiritual, perfeito, corporal, divino, maternal, paternal, filial, lunar, solar, sideral, astral, physico, infinito,* etc.

Rejeitam igualmente o superlativo organico a maior parte dos adjectivos compostos, principalmente aquelles que se referem á technologia scientifica, ex. : *cabisbaixo, grandiloquo, noctambulo, vejeto-mineral, scenographico, uroscopico, febrifugo, centripeto, sudorifico, belligero, paregorico, dynamico, psychologico,* etc.

As fórmas *supremissimo, divinissimo, principalissimo, infinitissimo, mesmissimo, muitissimo,* são superlativos apenas exteriormente, pois a flexão não lhes altera o conceito significativo.

Flexão conjugativa.

Flexão conjugativa ou verbal é a modificação na terminação do verbo para exprimir o **modo, tempo, numero** e **pessoa**.

Modos.

Modos são as diversas fórmas ou flexões proprias ao verbo, para exprimir as condições da affirmação.

Estes modos são cinco :

A) O **indicativo**, que exprime a affirmação absoluta e positivamente, ex. : *vou, saberei.*

B) O **imperativo**, que exprime a affirmação mediante noção de ordem ou mando, ex. : *dize, voltae.*

C) O **condicional**, que exprime a affirmação mediante noção de probabilidade e condição, ex. : *faria, teria.*

D) O **subjuntivo**, que exprime a affirmação mediante noção de possibilidade, e geralmente sujeito a outro modo, ex. : *venha, cante.*

E) O **infinitivo**, que exprime a affirmação vagamente, isto é, independente das noções de numero, pessoa e tempo.

O infinitivo diz-se :

A) **Impessoal**, desde que não se possa flexionar, constituindo quasi sempre **expressões verbaes**, ex. : podemos *passar*.

B) **Pessoal**, desde que se possa flexionar, assumindo as flexões de numero e pessoa.

O infinitivo impessoal e os participios são fórmas **nominaes** do verbo, pois historicamente são mais **nomes** do que **verbos** : aquelle é o **substantivo** do verbo e estes são os **adjectivos** (1).

---

(1) ZUMPT'S *Latin grammar*, pag. 120. — PEILLE, *Philology*, pag. 95. — RAINACH, *Gram. latine*, pag. 47. — DELON, *Gram. hist.*, pag. 211.

Tempos.

Tempos são as modalidades de duração expressas pelas fórmas ou flexões verbaes. São :

A) O **presente**, que exprime a affirmação ou facto effectuado no acto da palavra, ex. : *leio, amo, faze, veja.*

B) **Passado**, que exprime a affirmação ou facto effectuado anteriormente ao acto da palavra, ex. : *amava, amei.*

C) **Futuro**, que exprime a affirmação ou facto effectuado posteriormente ao acto da palavra, ex. : *amarei.*

O passado e o futuro apresentam diversas modalidades. Assim o passado se diz :

A) **Imperfeito**, que exprime um facto anterior ao acto da palavra, porém presente em relação a qualquer circumstancia, ex. : *amava, amasse.*

B) **Perfeito**, que exprime um facto posterior ao acto da palavra, ex. : *amei.*

C) **Indefinito**, que exprime a repetição actual de um facto anterior ao acto da palavra, ex. : *tenho visto, havemos andado, tenha visto.*

D) O **mais que perfeito**, que exprime um facto tanto anterior ao acto da palavra como a qualquer circumstancia passada, ex. : *tinha visto, houvesse visto.*

O futuro se diz :

A) **Absoluto** ou **simples**, que exprime um facto posterior ao acto da palavra e independente de qualquer circumstancia, ex. : *farei, direi, trarei.*

B) **Relativo** ou **composto**, que exprime um facto posterior ao acto da palavra, porém anterior a qualquer circumstancia, ex. : *terei chegado, tiver passado.*

Tempos compostos.

As fórmas compostas da conjugação se constituem com os auxiliares *ter* ou *haver* e o participio passado. Assim se formam :

A) **Presente** : do aux. + part. pas. = pret. indefinito, ex. :

tenho visto,	te	visto, etc., para	o indicativo
tenha —	tenhas	—	o subjuntivo
ter —	teres	—	o infinitivo
tendo —	tendo	—	o participio

B) **Preterito** : do aux. + part. pas. = mais que perfeito :

tinha visto,	tinhas	visto, etc., para	o indicativo
tivesse —	tivesses	—	o subjuntivo
teria —	terias	—	o condicional

c) **Futuro** : do aux. + part. pas. = futuro relativo :

terei visto,	terás	visto, etc., para	o indicativo
tiver —	tiveres	—	o subjuntivo

Numero e pessoa.

O modo e o témpo pertencem mais ao verbo; o numero e a pessoa mais ao sujeito do que ao proprio verbo.

Numero é a expressão da unidade ou da pluralidade assignaladas pela flexão verbal.

Dous são os numeros : o **singular** que indica a affirmação attinente a uma só pessoa ou cousa ; o **plural** a affirmação attinente a duas ou mais pessoas ou cousas.

Pessoa é a fórma assumida pelo verbo para exprimir as tres attitudes do sujeito em relação ás fórmas verbaes.

Ha dous numeros : o **singular** e o **plural** e para cada um ha **tres pessoas**, que são :

A) A **primeira**, isto é, aquella que fala e seus sujeitos são *eu* e *nós*.

B) A **segunda**, isto é, aquella de quem falamos e seus sujeitos são *tu* e *vós*.

C) A **terceira**, isto é, aquella de quem falamos e seus sujeitos são *elle*, *elles* ou qualquer palavra ou expressão de natureza substantiva.

A primeira e a segunda pessoa são sempre **pronominaes**; a terceira póde ser **pronominal**, **nominal** e **proposicional**, ex. : *elle* convém, a *casa* convém; convém *que partas*.

Verbos depoentes.

Ha verbos que podem indifferentemente exprimir o mesmo facto, quer mediante os auxiliares *ter* ou *haver*, quer mediante os auxiliares *ser* ou *estar*, tendo geralmente mais ou menos a significação de *ter*, ex. : « O inverno *está passado* e o verão é chegado ».

Estes verbos se podem chamar **depoentes** como em latim, pois são exteriormente passivos, mas a sua significação é integralmente **activa**.

Esses verbos são quasi sempre de predicação *completa*, exprimem *movimento* de *acção*. Assim apparecem auxiliados pelos verbos *ser* ou *estar*, syntaxe esta peculiar ás linguas romanas, ex. :

« Porém cinco soes *eram* já passados » (1).

No portuguez arcaico, segundo nos attestam os documentos, muitos existiam d'estes verbos geralmente auxiliados por *ser*.

« *Entrados sois* na grande Taprobana » (2).

Este facto occorria constantemente com o verbo *partir*, como no seguinte exemplo :

« E que sós dous dias havia que a não *era partida* » (3).

A's vezes até estes verbos possuiam objecto directo, posto que auxiliados por *ser*, ex. :

« Porque os mais *eram* passados *a terra firme* » (4).

Os principaes verbos em que se póde effectuar a *depoencia* são *chegar*, *vir*, *partir*, *passar* e quasi todos os de predicação **completa**, de movimento (5), inclusive os verbos *morrer* e *nascer*, ex. :

Nocadá Hamed este era chamado
Que na infiel Turquia *foi nascido* (6). (7).

Aqui consignamos estes phenomenos, por occorrerem constantemente na lingua viva, na maior parte dos escriptores modernos, principalmente na linguagem poetica.

---

(1) Camões, *Lusiadas*.
(2) J. Couto Macedo, *O Oriente*.
(3) M. Pinto, *Peregrinações*.
(4) João de Barros, *Decadas*.
(5) Vide M., *Philologia portugueza*.
(6) Andrade, *Primeiro Cerco de Diu*.
(7) São tambem considerados *depoentes* alguns participios *passados* de que nos utilizamos com significação *activa*, ex. : homem *lido*, pessoa *viajada*.

As formas da conjugação.

Quatro são as fórmas da conjugação, segundo as modalidades do infinito : a primeira em *ar*, a segunda em *er*, a terceira em *ir*, a quarta em *ôr* (1).

As tres primeiras dizem-se **geraes**, por se applicarem a quaesquer verbos, e a quarta diz-se **especifica** por servir exclusivamente para o verbo *pôr*, ora isolado, ora agglutinado, ex. : *depor*, *impor*, *expor*.

As Conjugações Geraes.

Flexões regulares em AR, ER\IR

INDICATIVO

PRESENTE

N. S.	Am + o	Dev + o	Un + o
	— as	— es	— es
	— a	— e	— e
N. P.	— amos	— emos	— imos
	— ais	— eis	— is
	— am	— em	— em

PRETERITO IMPERFEITO

N. S.	Am + ava	Dev + ia	Un + ia
	— avas	— ias	— ias
	— ava	— ia	— ia
N. P.	— avamos	— iamos	— iamos
	— aveis	— ieis	— ieis
	— avam	— iam	— iam

(1) Achamos mais correcto o termo — **infinitivo** do que infinito até então usado.

PRETERITO PERFEITO

N. S.	Am + ei	Dev + i	Un + i
	— aste	— este	— iste
	— ou	— eu	— iu
N. P.	— ámos	— emos	— imos
	— astes	— estes	— istes
	— aram	— eram	— iram

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO

N. S.	Am + ara	Dev + era	Un + ira
	— aras	— eras	— iras
	— ara	— era	— ira
N. P.	— áramos	— eramos	— iramos
	— areis	— ereis	— ireis
	— aram	— eram	— iram

FUTURO ABSOLUTO

N. S.	Am + arei	Dev + erei	Un + irei
	— arás	— erás	— irás
	— ará	— erá	— irá
N. P.	— aremos	— eremos	— iremos
	— areis	— ereis	— ireis
	— arão	— erão	— irão

CONDICIONAL

PRESENTE OU PRETERITO

N. S.	Am + aria	Dev + eria	Un + iria
	— arias	— erias	— irias
	— aria	— eria	— iria
N. P.	— ariamos	— eriamos	— iriamos
	— arieis	— erieis	— irieis
	— ariam	— eriam	— iriam

MODO IMPERATIVO

FUTURO

Am + a	Dev + e	Un + e
— ae	— ei	— i

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE

N. S.	Am + e	Dev + a	Un + a
	— es	— as	— as
	— e	— a	— a
N. P.	— emos	— amos	— amos
	— eis	— ais	— ais
	— em	— am	— am

IMPERFEITO

N. S.	Am + asse	Dev + esse	Un + isse
	— asses	— esses	— isses
	— asse	— esse	— isse
N. P.	— assemos	— essemos	— issemos
	— asseis	— esseis	— isseis
	— assem	— essem	— issem

FUTURO

N. S.	Am + ar	Dev + er	Un + ir
	— ares	— eres	— ires
	— ar	— er	— ir
N. P.	— armos	— ermos	— irmos
	— ardes	— erdes	— irdes
	— arem	— erem	— irem

INFINITIVO IMPESSOAL

Am + ar Dev + er Un + ir

INFINITIVO PESSOAL

N. S.	Am + ar	Dev + er	Un + ir
	— ares	— eres	— ires
	— ar	— er	— ir
N. P.	— armos	— ermos	— irmos
	— ardes	— erdes	— irdes
	— arem	erem	— irem

PARTICIPIOS

PARTICIPIO PRESENTE

Am + ando Dev + endo Un + indo

PARTICIPIO PASSADO

Am + ado Dev + ido Un + ido

A Conjugação Especifica

Verbo PÔR

MODO INDICATIVO

TEMPO PRESENTE

N. S.	Ponho	pões	põe
N. P.	Pomos	pondes	põem

PRETERITO IMPERFEITO

N. S.	Punha	punhas	punha
N. P.	Punhamos	punheis	punham

PRETERITO PERFEITO

N. S.	Puz	puzeste	poz
N. P.	Puzemos	puzestes	puzeram

PRETERITO MAIS QUE PERFEITO

N. S.	Puzera	puzeras	puzera
N. P.	Puzeramos	puzereis	puzeram

FUTURO ABSOLUTO

N. S.	Porei	póras	porá
N. P.	Poremos	poreis	porão

MODO IMPERATIVO

PRESENTE

N. S. Põe tu — N. P. Ponde vós

MODO CONDICIONAL

PRETERITO IMPERFEITO

N. S. Poria	porias	poria
N. P. Poriamos	porieis	poriam

MODO SUBJUNTIVO

PRESENTE

N. S. Ponha	ponhas	ponha
N. P. Ponhamos	ponhaes	ponham

PRETERITO IMPERFEITO

N. S. Puzesse	puzesses	puzesse
N. P. Puzessemos	puzesseis	puzessem

FUTURO ABSOLUTO

N. S. Puzer	puzeres	puzer
N. P. Puzermos	puzerdes	puzerem

FÓRMAS NOMINAES

INFINITO IMPESSOAL

Pôr

INFINITIVO PESSOAL

N. S. Pôr eu	pôres tu	pôr elle
N. P. Pôrmos nós	pôrdes vós	pôrem elles

PARTICIPIO PRESENTE

Pondo

PARTICIPIO PASSADO

Posto

As Conjugações Anomalas

HAVER, SER, IR

MODO INDICATIVO

PRESENTE

Hei	Sou	Vou
has	és	vais
ha	é	vae
havemos ou hemos	somos	vamos ou imos
haveis ou eis (1)	sois	vades ou ides
hão	são	vão

PRETERITO IMPERFEITO

Havia	Era	Ia
havias	eras	ias
havia	era	ia
haviamos	eramos	iamos
haveis	ereis	ieis
haviam	eram	iam

PRETERITO PERFEITO

Houve	Fui	Fui
houveste	foste	foste
houve	foi	foi
houvemos	fomos	fomos
houvestes	fostes	fostes
houveram	foram	foram

---

(1) Chamamos a attenção para esta fórma *eis* que, conforme o provamos pela imprensa, é **verbo** e não adverbio : Basta attendermos que lhe podemos ajuntar as variações pronominaes *me, te, nos, vos, o, as, os, as,* encliticamente, as quaes sempre gravitam em torno de uma fórma verbal. O sujeito é o pronome *vós*.

A analogia exterior de fórma e funcção fez tomar a fórma *eis* como oriunda etymologicamente do *ecce* latino : d'ahi o erro de classificação dos lexicos. Si assim não fôra, os trechos em que apparece o *eis* não offereceriam sentido comprehensivel. Entre-

MAIS QUE PERFEITO

Houvera	Fôra	Fôra
houveras	fôras	fôras
houvera	fôra	fôra
houveramos	fôramos	fôramos
houvereis	fôreis	fôreis
houveram	fôram	fôram

FUTURO

Haverei	Serei	Irei
haverás	serás	irás
haverá	será	irá
haveramos	seremos	iremos
havereis	sereis	ireis
haverão	serão	irão

CONDICIONAL

PRESENTE

Haveria	Seria	Iria
haverias	serias	irias
haveria	seria	iria
haveriamos	seriamos	iriamos
haverieis	serieis	irieis
haveriam	seriam	iriam

---

tanto são elles de facil intelligencia, como vemos no seguinte de Camões:

« *Eis* aqui, quasi cume da cabeça
De Europa, todo o reino lusitano.. »

A forma *eis* pode ás vezes ter por objecto directo *proposição conjunccional* cujo connectivo *(que)* se ache *expresso*, ou *latente*:

« Eis *que* me não conheço, eis *que* me sinto fora
Do meu proprio entender, do meu proprio pensar. »
(Daltro Santos. — *Taça Partida.*)

Eis *(que)* vem o Mestre e *(que)* o apito toca.
Camões — *Lusiadas.*

« Eis *(que)* na horrivel caverna que habito.
Rouca voz começou-me a chamar »
(G. Dias — *Canto do Piaga*).

IMPERATIVO

Ha tu	Sê tu	Vae tu
havei vós	sêde vós	ide ou vae vos

SUBJUNTIVO

PRESENTE

Haja	Seja	Vá
hajas	sejas	vás
haja	seja	vá
hajamos	sejamos	vamos ou imos
hajaes	sejaes	vades ou ides
hajam	sejam	vão

IMPERFEITO

Houvesse	Fosse	Fosse
houvesses	fosses	fosses
houvesse	fosse	fosse
houvessemos	fossemos	fossemos
houvesseis	fosseis	fosseis
houvessem	fossem	fossem

FUTURO

Houver	For	For
houveres	fores	fores
houver	for	for
houvermos	formos	formos
houverdes	fordes	fordes
houverem	forem	forem

FORMAS NOMINAES

INFINITIVO IMPESSOAL

Haver	Ser	Ir

PESSOAL

Haver eu	Ser eu	Ir eu
haveres tu	seres tu	ires tu
haver elle	ser elle	ir elle
havermos nós	sermos nós	irmos nós
haverdes vós	serdes vós	irdes vós
haverem elles	serem elles	Irem elles

PARTICIPIO PRESENTE

Havendo	Sendo	Indo

PARTICIPIO PASSADO

Havido	Sido	Ido

As Conjugações Anomalas

TER, VIR, ESTAR

MODO INDICATIVO

PRESENTE

Tenho	Venho	Estou
tens	vens	estás
tem	vem	está
temos	vimos	estamos
tendes	vindes	estaes
têm	vêm	estão

PRETERITO IMPERFEITO

Tinha	Vinha	Estava
tinhas	vinhas	estavas
tinha	vinha	estava
tinhamos	vinhamos	estavamos
tinheis	vinheis	estaveis
tinham	vinham	estavam

PRETERITO PERFEITO

Tive	Vim	Estive
tiveste	vieste	estiveste
teve	veiu	esteve
tivemos	viemos	estivemos
tivestes	viestes	estivestes
tiveram	vieram	estiveram

PRET. MAIS QUE PERFEITO

Tivera	Viera	Estivera
tiveras	vieras	estiveras
tivera	viera	estivera
tiveramos	vieramos	estiveramos
tivereis	viereis	estivereis
tiveram	vieram	estiveram

FUTURO

Terei	Virei	Estarei
terás	virás	estáras
terá	virá	estará
teremos	viremos	estaremos
tereis	vireis	estareis
terão	virão	estarão

CONDICIONAL

Teria	Viria	Estaria
terias	virias	estarias
teria	viria	estaria
teriamos	viriamos	estariamos
terieis	virieis	estarieis
teriam	viriam	estariam

IMPERATIVO

Tem tu	Vem tu	Está tu
tende vós	vinde vós	estae vós

SUBJUNTIVO

PRESENTE

Tenha	Venha	Esteja
tenhas	venhas	estejas
tenha	venha	esteja
tenhamos	venhamos	estejamos
tenhaes	venhaes	estejaes
tenham	venham	estejam

IMPERFEITO

Tivesse	Viesse	Estivesse
tivesses	viesses	estivesses
tivesse	viesse	estivesse
tivessemos	viessemos	estivessemos
tivesseis	viesseis	estivesseis
tivessem	viessem	estivessem

FUTURO

Tiver	Vier	Estiver
tiveres	vieres	estiveres
tiver	vier	estiver
tivermos	viermos	estivermos
tiverdes	vierdes	estiverdes
tiverem	vierem	estiverem

FÓRMAS NOMINAES

INFINITIVO IMPESSOAL

Ter	Vir	Estar

INFINITIVO PESSOAL

Ter eu	Vir eu	Estar eu
teres tu	vires tu	estares tu
ter elle	vir elles	estar elle
termos nós	virmos nós	estarmos nós
terdes vós	virdes vós	estardes vós
terem elles	virem elles	estarem elles

PARTICIPIO PRESENTE

Tendo	Vindo	Estando

PARTICIPIO PASSADO

Tido	Vindo	Estado

A irregularidade verbal.

Verbo irregular é aquelle em que o thema do infinitivo ou a flexão se anormaliza em algumas fórmas.

A irregularidade se diz :

A) **Thematica**, desde que apenas o radical do infinitivo se anormalize, mas a flexão se conserve regularmente, ex. : perd + er, perc + o, perc + a acudir — acode.

B) **Flexional**, desde que apenas a flexão se anormalize ou se *perca*, relativamente á fórma da conjugação a que pertence o verbo, ex. : prante + ar, prante*io*, d + ar, d + *eu*, produz + ir — produz (e).

C) **Dupla**, desde que tanto a flexão como o radical se anormalizem; este quanto ao infinitivo, aquella quanto á fórma da conjugação, ex. : traz + er — trag + o, troux + era, trouxe.

Nos verbos irregulares ha fórmas sempre *co-irregulares*. Assim no presente do indicativo :

A) Á irregularidade na 1.ª do singular corresponde outra irregularidade no presente do subjuntivo, ex. : trazer-tra*go*-tra*ga*, valer-va*lho*-va*lha*, saber-s*ei*-s*ai*ba.

B) Á irregularidade na 2.ª pessoa corresponde outra similar no imperativo, ex.: acudir, ac*o*des-ac*o*de tu; passear, passe*ia*s-passe*ia* tu; aggredir-aggr*i*des-aggr*i*de tu; crer-credes-crede vós; ver vedes-vede vós.

C) Á irregularidade thematica da 1.ª do perfeito correspondem a do **mais que perfeito** do indicativo, a do **imperfeito** e a do **futuro do subjuntivo**, ex.: pod + er — *pude* — *pud* + era, *pud* + esse, *puder*, diz + er, *disse*, *dissera*, *dis* + esse, *disser*.

As conjugações irregulares.

Ha tres especies de verbos irregulares:

A) **Graphicos**, que são aquelles que, posto sejam regulares, possuem algumas particularidades graphicas, ex.: proteger-proteja, distinguir-distinga (1).

B) **Fracos**, que são aquelles cujo thema do infinitivo não se modifica no perfeito, de sorte que as suas irregularidades se effectuam geralmente no presente do indicativo ou no do subjuntivo, ex.: acudir — *acud* + i — *acod* — es, perder — perd + i *perc* + o — *perc* + a, pratear — prate + ei — prat + e*i*o.

C) **Fortes**, que são aquelles cujo thema do perfeito se desvia do thema do infinitivo, de modo

---

(1) A estas davam, antes de os havermos classificado, o nome de apparentemente irregulares, quando apenas lhes occorre modificação na graphica.

que as irregularidades se transmittem ao **mais que perfeito** do indicativo, ao **imperfeito** e ao **futuro do subjuntivo**, ex.: cab + er — *coub* + e — *coub* + era — *coub* + esse — *coub* + er.

Irregulares graphicos.

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO

As irregularidades desta primeira conjugação têm por causa a flexão *e*.

A) Os verbos terminados em *car* ou *ccar* mudam *c* ou *cc* em *qu* antes da flexão *e*, ex.: marcar — marque — marquei; peccar — peque — pequei.

B) Os terminados em *çar* perdem o cedilha antes da flexão *e*, ex.: começar — comece — comecei.

C) Os terminados em *gar* tomam a vogal *u* antes da flexão *e*, ex.: castigar — castigue — castiguei.

SEGUNDA CONJUGAÇÃO

As irregularidades desta conjugação têm por causa as flexões *a* ou *o*.

A) Os verbos terminados em *cer* exigem o cedilha antes das flexões *o* ou *a*, ex.: descer — desço — desça, favorecer — favoreço — favoreça, etc.

B) Os terminados em *ger* substituem o *g* por *j*

antes das flexões *a* ou *o*, ex. : eleger — elejo — eleja, proteger — protejo — proteja, etc.

c) Os terminados em *guer* perdem o *u* antes das flexões *o* ou *a*, ex. : erguer — ergo — erga, etc.

TERCEIRA CONJUGAÇÃO

As irregularidades desta conjugação têm por causa as flexões *a* ou *o*.

A) Os terminados em *guir* perdem o *u* antes das flexões *a* ou *o*, ex. : distinguir — distingo — distingas (excepto o verbo *arguir*, porque o *u* é oxytono).

B) Os terminados em *gir* substituem o *g* por *j* antes das flexões *a* ou *o*, ex. : colligir — collijo — collijas, tingir — tinjo — tinjas.

C) Os terminados em *cir* tomam o cedilha antes das flexões *o* ou *a*, ex. : resarcir — resarço — resarças, etc.

D) Os terminados em *hir* perdem o *h*, sempre que a vogal da raiz constitue diphtongo com a da flexão, ex. : sahir — saio — saia, cahir — caio — caia — cae — caes.

Irregulares fracos.

Os verbos fracos se adstringem a tres phenomenos em que se baseia a irregularidade : a **deflexão**, a **epenthese** e o **abrandamento**. Assim constituem os seguintes grupos :

1.° GRUPO

1.° Deflexão do phonema *u* por *o* :

A) Por effeito da flexão *e*, ex. : s*u*m + ir — (sumo) som + *es*, som + *es* — som + *e*m, som + *e* tu (sumi vós).

Assim os verbos — ac*u*dir, sac*u*dir, c*u*spir, ent*u*pir, s*u*bir, f*u*gir, eng*u*lir, t*u*ssir, destr*u*ir (1).

2.° Deflexão do phonema *o* por *u* :

A) Por effeito da flexão *o* ou *a*, ex. : dorm + ir — durm + o, d*u*rm + *a* — d*u*rm + *a*s, — *a* — *a*mos — *a*is — *a*m.

Assim *cobrir* e outros :

B) Nos themas *não* seguidos do *i* do infinitivo, ex. : cort + ir — *curt* + *o*; c*u*rt + *e*s, c*u*rt + *e*, cort*i*mos, cort + *i*s, c*u*rt + *e*m, c*u*rt + *e* tu, cort + *i* vós.

Assim *o*rdir, s*o*rtir, p*o*lir, fl*o*rir, col*o*rir.

2.° GRUPO

Deflexão do phonema *e* por *i*, ex. :

A) Por effeito da flexão *o* ou *a*, ex. : ment × ir — m*i*nt + *o*, m*i*nt + *a* — *a*s — *a*mos — *a*is — *a*m.

Assim os verbos s*e*guir, s*e*ntir, fr*e*gir, s*e*rvir, adh*e*rir, rep*e*tir, v*e*stir, refl*e*ctir, f*e*rir e todos os calcados na fórma ferir = (ferre), ex. : trans*ferir*, re*ferir*, au*ferir*, a*ferir*, etc. (2).

B) Por transposição do accento tonico para o thema, ex. : preven + ir — prev*i*no, prev*i*nes; prev*i*ne — preven*i*mos — preven*i*s — prev*i*nem, prev*i*ne tu.

Assim *progredir* e seus cognatos, e os verbos *delir*, *sergir*, *denegrir* (3).

---

(1) Os calcados na raiz *stru* tendem a se normalizar, ex. : construir — construo — constr*ue*s (constroes), constr*ue* (constr*oe*), constr*ue*m (constro*em*).

(2) Muitos ha que pouco se usam nessas fórmas : emergir, submergir, immergir, concernir, discernir, preterir, gerir, suggerir, expellir, propellir, e os seus cognatos.

(3) Remir assume o *d* etymologico (re-*d*imere) nas mesmas fórmas, ex. : re*d*imo — re*d*imes — re*d*ime — re*d*imem — re*d*ima... re*d*ime — tu.

A epenthese.

1.° GRUPO

1.° Inserção do som *i* por effeito da flexão *o* ou *a* :

A) Nos verbos *parir, requerer* e *esvair*, ex. : pa-*i*-ro, — pa-*i*-ra — *as* — *amos* — *ais* — *am* — reque-*i*-ro — reque-*i*-ra (*as* — *a* — *amos* — *ais* — *am* (1).

B) Nos monosyllabos — *crer, rir, ler*, ex. : le-*i-o*, le-*i-a*, cre-*i-o*, cre-*i-a*... r-*i-o*, r-*i-a*... (subjuntivo).

2.° GRUPO

Inserção de *i* sempre nos terminados por *ear*, e ás vezes de *e* nos terminados por *iar* (2) :

A) Nas fórmas do presente indicativo, excepto na 1.ª e 2.ª do plural, ex. : passe*ar* — passe-*i*-o — e-*i*-as — e-*i-a* (passeamos — passe-ais) passe-i-am ; od*iar* od-*e*-io — as-a *(odeamos — odiais)* od-*e*-iam.

B) Nas mesmas fórmas do subjuntivo, ex. : passe-*i*-e — e-*i*-es — e-ie (passe-emos — passe-eis) passe-*i*-em ; od-e-io — *eias-eie (odiemos-odieis)* od-eiem.

Este mesmo phenomeno sempre se effectua na 2.ª do imperativo singular, ex. : nome*i*a tu, od*e*ia tu.

Abrandamento.

O abrandamento se effectua por effeito da flexão *o* ou *a* :

A) No verbo va*ler* e seus compostos, ex. : va*lh*+o, va*lh*a...

B) Nos phonemas *d* ou *v* por *c*, ex. : perder, perc-o, perca... me*d*+ir — meç+o, meça... ou*v*+ir — ouç-o — ouça...

---

(1) Os terminados por *ahir* seguem a mesma lei ex. : sa*i*o, sa*i*a, sa*i*as, sa*i*a, sa*i*amos, sa*i*ais, sa*i*am.

(2) Ha poucos, e quasi sempre terminados por *enciar*, ex. : sentenciar, penitenciar e alguns mais ex. : commerciar.

Este phenomeno se dá em *pedir*, e em *impedir* e *despedir* (1) por **interferencia.**

Os verbos terminados por *uzir* ou *azer* perdem a flexão na 3.ª do singular do presente indicativo, ex. : prod*uzir* — produz (e), comprazer — compraz (e) e assim *reluzir, conduzir, aprazer.*

Irregulares fortes.

Tratando nós destes verbos, restringimo-nos a expor-lhes as fórmas fortes, isto é, aquellas em que se effectua a irregularidade, para não alongarmos o nosso trabalho.

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO

Dar. — Dou, dás dá. Dei, deste, deu, demos, destes, deram. Dê, dês, dê..., dêm. Der, deres, der, dermos, derdes, derem.

Fórmas fortes

SEGUNDA CONJUGAÇÃO

Caber. — Caibo — Coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam. Coubera, couberas, coubera, couberamos, coubereis, couberam. Caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam. Coubesse, coubesses, coubesse, coubessemos, coubesseis, coubessem. Couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.

Crer. — Creio, crês, crê... credes, crêm. Cria, crias, cria, criamos, crieis, criam. Creia, creias, creia,creiamos, creiaes, creiam.

Dizer. — Digo...diz... Dissera, disseras, dissera, disseramos, dissereis, disseram. Direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão. Diria, dirias, diriamos, dirieis, diriam. Diga, digas, diga, digamos, digais, digam.

---

(1) Vide a pag. 51.

Fazer. — Faço... faz. Fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram. Farei, farás, fará, faremos, fareis, farão. Faça, faças, faça, façamos, façais, façam. Fizesse, fizesses, fizesse, fizessemos, fizesseis, fizessem.

Jazer. — Jaz, jouve, jouveste, jouve, jouvemos, jouvestes, jouveram. Jouvera, jouveras, jouvera, jouveramos, jouvereis, jouveram. Jouvesse, jouvesses, jouvesse, jouvessemos, jouvesseis, jouvessem. Jouver, jouveres, jouver, jouvermos, jouverdes, jouverem.

Poder. — Posso. Pude, pudeste, poude, pudemos, pudestes, puderam. Pudera, puderas, pudera, puderamos, pudereis, puderam. Possa, possas, possa, possamos, possais, possam. Puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem.

Prazer (impessoal) — Praz, prouve, prouvera, prouvesse, prouver.

Querer. — Quero... quer. Quiz, quizeste, quiz, quizemos, quizestes, quizeram. Queira, queiras, queira, queiramos, queiraes, queiram. Quizesse, quizesses, quizesse, quizessemos, quizesseis, quizessem. Quizer, quizeres, quizer, quizermos, quizerdes, quizerem. Não tem imperativo actualmente.

Saber. — Sei... Soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam. Soubera, souberas, soubera, souberamos, soubereis, souberam. Saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam. Soubesse, soubesses, soubesse, soubessemos, soubesseis, soubessem. Souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.

Trazer. — Trago... traz. Trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram. Trouxera, trouxeras, trouxera, trouxeramos, trouxereis, trouxeram. Trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão. Traria, trarias, traria, trariamos, tarieis, trariam. Traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam. Trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxessemos, trouxesseis, trouxessem. Trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.

Ver. — Vejo, vês, vê, vemos, vedes, vêem. Vi, viste, viu, vimos, vistes, viram. Vira, viras, vira, viramos, vireis, viram. Veja, vejas, veja, vejamos, vejaes, vejam. Vir, vires, vir, virmos, virdes, virem (1).

(1) A lingua possue apenas os verbos **fortes** ou verbos **velhos** (*old verbs* dos Inglezes) que lhe transmittiu o latim, verbos que se conservam como verdadeiras reliquias; não se arcaizam, pois são frequentemente usados.

ETYMOLOGIA.

Etymologia é o tratado da origem e da formação dos vocabulos (1).

Os vocabulos portuguezes se originam:

A) Da lingua latina, como base organica do nosso lexico;

B) Das linguas extrangeiras, como elementos subsidiarios e exteriores;

C) De outras palavras da propria lingua, constituindo os elementos vernaculos.

Etymologicamente os vocabulos se dizem:

A) **Primitivos**, desde que não se originam de outros da lingua vernacula, isto é, provenham directamente do latim ou das linguas extrangeiras, ex.: *pedra = petra, barca, trenó;*

B) **Derivados**, desde que se originem ou se formem de outros da lingua vernacula, ex.: *teclado*, de *tecla + ado, tristonho*, de *triste + onho; cantochão = canto + chão, usofructo = uso + fructo.*

A etymologia estuda, pois, a constituição do lexicó da lingua, isto é, de todos os seus vocabulos constitutivos que podem ser de origem **latina**, origem **vernacula**, origem **extrangeira.**

(1) *Lexiogenia* seria termo mais expressivo e mais proprio, porém o termo etymologia está geralmente consagrado.

Synopse historica

Ninguem contesta que a lingua latina, depois de haver Roma perdido o seu dominio politico, se tenha desdobrado em outras linguas, desde que teve de ser falada por diversos povos barbaros que, posto possuissem seus idiomas proprios, eram inferiores em civilização aos Romanos e por isso acceitaram a lingua latina, orgam do Direito e da Igreja.

Assim cahiram pois as phantasiosas hypotheses de ser o portuguez de origem celtica, sustentadas pelo Cardeal Saraiva, Ribeiro dos Santos e outros.

E certo que o portuguez possue palavras dê quasi todas as linguas, por effeito das suas relações internacionaes e do progresso da civilização, mas todos esses vocabulos se sujeitam ás leis da formação do lexico e se adaptam á sintaxe vernacula, do mesmo modo que os individuos extrangeiros estão sob a acção das leis do paiz em que se acham.

Assim, pois, do latim se originaram os idiomas — **portuguez, francez, italiano, hespanhol, valachio**, e o **provençal** (1) que tomaram o nome de linguas romanas (2) cujas leis de formação mais ou menos são identicas, ou differentes apenas segundo as influencias mesologicas (3).

Os Lusitanos falavam o celtico dos seus avoengos, habitantes primevos da Lusitania.

Esta lingua modificou-se com a chegada dos Phenicios, dos Gregos e com as invasões successivas dos Alanos, Suevos, Arabes e Godos e muito principalmente sob a longa dominação dos Romanos.

Na Castella, Gallisa e Lusitania, em virtude dessa mistura de linguas, falava-se um latim inteiramente corrompido em relação ao latim classico; essa lingua alterada tomou o nome de lingua **romance** ou **romanica**.

---

(1) O provençal se reduziu ao estado de **dialecto** da lingua franceza, por não haver conseguido assumir os fóros de lingua de uma **nacionalidad**e politicamente constituida.

(2) Ch. Seignobos, *Histoire de la civilisation*; Meyer Lubke, *Gram. des langues romanes*; Brunot, *Gram. historique*; Diez, *Grammaire des langues romanes*.

(3) Marc, *Manuel de littérature française*; Adolpho Coelho, *Questões da lingua portugueza*; Theophilo Braga, *Hist. da lit. portugueza*.

O portuguez se deriva do latim e no seculo XII apparecem os seus primeiros monumentos escriptos; vae seguindo vacillantemente até fixar-se no seculo XVI sob a acção dos grandes escriptores, hoje denominados classicos.

Na chrestomathia podemos acompanhar todas as phases por que passou a lingua até a actualidade, mas não entramos nesse estudo, por ser descriptiva a nossa grammatica.

Leis da etymologia.

As alterações por que passou o latim nos seus diversos periodos se effectuaram mais ou menos regularmente, de sorte que aos phenomenos attinentes á passagem dos vocabulos latinos para o portuguez presidiram as seguintes leis etymologicas (1):

A A immutabilidade do accento tonico, ex.:

órdinem	órdem
pérfidus	pérfido
limpidus	límpido
hóminem	hómem
imáginem	imágem
sónitus	sóm
animále	animál

Essa lei é uma dentre as mais importantes, pois por ella se regeram todos os vocabulos de **fundo popular** e, por maiores alterações que soffressem estes no seu organismo, sempre o accento tonico persiste na mesma syllaba: assim os poucos casos de deslocamento se explicam mediante **interferencias** exteriores á evolução regular do vocabulo, taes como:

---

(1) São verdadeiras **leis** e não regras, pois exprimem e synthetizam a constancia dos phenomenos na variedade dos factos.

ACCENTO LATINO	ACCENTO VIGENTE
idólo	ídolo
ínvoco	invóco
régimen	regímen
atómo	átomo
pantáno	pántano
adamántino	adamantíno

B) A immutabilidade da consonancia inicial, ex. :

*l*audare	*l*ouvar
*g*allina	*g*allinha
*c*aballus	*c*avallo
*f*ratre	*f*rade
*v*erecundia	*v*ergonha
*n*itidus	*n*edio

Raros são, porém, os phenomenos em desaccôrdo com essa lei, taes como :

camella	*g*amella
catus	*g*ato
curculio	*g*urgulio
*v*agina	*b*ainha
*v*astare	*g*astar
*l*axiare	*d*eixar
*l*ibellum	*n*ivel

Em algumas fórmas começadas por *cl, fl, pl,* cahiu a consonancia inicial; o som *l* geminou-se e se transmutou por *ch* = x, ex. :

clamare	llamar	chamar
clave	llave	chave
flamma	llama	chamma
flagrare	llagrare	cheirar
plorare	llorare	chorar
pluvia	lluvia	chuva

c) A syncope ou abrandamento da consonancia medial principalmente das intervocalicas :

coro*n*a	corôa
sa*g*itta	setta
se*p*tem	sete
me*d*io	meio
a*q*ua	a*g*ua
leu*c*a	le*g*ua
di*c*ere	dizer
ha*b*ere	ha*v*er
pa*ss*ione	pai*x*ão
pa*t*ien*t*ia	paciencia
liber*t*a*t*e	liber*d*a*d*e
ca*p*itale	ca*b*edal

D) A suppressão de vozes breves, gerando a contracção do vocabulo, ex. :

amar*e*	amar
bon*i*tate	bondade
ang*e*lo	anjo
reg*u*la	regra

Phenomenos differenciaes.

Além destas quatro leis organicas a que se adstringiu a constituição do lexico, effectuaram-se os seguintes phenomenos differenciaes, a saber :

A) O apparecimento dos artigos *o, um,* por extensão do conceito dos designativos *ille* e *unus.*

B) A obliteração do genero neutro, sendo substituido mais pelo masculino do que pelo feminino, ex. : templum = templo, corpus = corpo, pirum = pera (1), *insignia, mobilia, virilia* (2).

---

(1) O neutro continua a ser utilizado, mas eruditamente e sujeito ás condições do masculino, ex. : *maremagnum, memorandum, criterium,* etc.

(2) Vide AMPÈRE, *Formation de la langue française,* e CLEDAT, *Grammaire de la vieille langue.*

c) A mudança definitiva na significação de muitas palavras, ex.:

jumentum	era	animal de carga	e hoje	jumento
pacare	—	abrandar	—	pagar
valente	—	sadio	—	valente
admorsus	—	mordedura	—	almoço
mittere	—	enviar	—	metter
litera	—	carta	—	letra
testa	—	caco de pote	—	testa
perna	—	só de porco	—	perna

d) A substituição de uma palavra latina por outra synonyma cujo emprego era mais vulgar e popular, ex.:

PALAVRAS SUBSTITUIDAS		PALAVRAS SUBSTITUINTES
pecunia, nummus	por	denarius = dinheiro
lacessere	—	provocare = provocar
hyems	—	hybernus = inverno
imber	—	pluvia = chuva
numisma	—	moneta = moeda
flere, lugere	—	plorare = chorar
aegritudo, aegrotatio	—	dolentia = doença
egere, indigere	—	carescere = carecer
ve, sive, seu, vel	—	aut = ou
atque, que, ac.	—	et = e
flumem, amnis	—	rivo = rio

A substituição ás vezes se effectuou por uma dilatação organica das fórmas, gerando outras, quasi sempre diminutivas e calcadas na mesma raiz, ex.:

acus	acucula	=	agulha
apes	apicula	=	abelha
cicada	cicadula	=	cigarra
ovis	ovicula	=	ovelha
cors	coratio	=	coração
acuere	acutiare	=	aguçar (1)

(1) Estas palavras substituintes eram as do latim popular, usado em Roma, a que os escriptores chamavam *sermo rusticus, vulgaris, castrensis* ou *pedestris*, pois o classico desapparecera com a quéda do Imperio e da aristocracia romana, remanescendo apenas como lingua do *Direito* e da *Egreja*. — Vede A. Soromenho, *Origem da lingua portugueza*.

e) A obliteração das declinações, devida ao estrago flexional, sendo estas substituidas por preposições, de modo que se substituiram as relações do:

Genitivo pela preposição *de*, ex.: rosae = da rosa, aquilaram — das aguias;

Dativo por *a* ou *para*, ex.: rosae = á rosa ou para a rosa, aquilis = ás ou para as aguias;

Ablativo por diversas proposições, ex.: *de, por, com* a rosa, etc.

Até o proprio accusativo appareceu regido de preposição; ora idiomaticamente, ora para clareza.

f) A mudança na ordem das palavras, passando o verbo para o meio da proposição, precedido do sujeito e seguido das demais relações syntacticas, ex.:

« Lupus et agnus siti compulsi ad eundem rivum *venerant* » (1). O lobo e o cordeiro, compellidos pela sêde, *vieram* ao mesmo rio.

Evolução etymologica.

Nas fórmas que se elaboraram, ao emigrarem do latim ao portuguez, se effectuaram modificações regulares tanto das vozes como das consonancias.

A systematização dessas mudanças attinentes ás vozes, diz-se **vocalismo**, e ás consonancias, **consonantismo** (2).

Vocalismo.

A voz *a* mudou-se em

e — T*a*gus = Tejo, alacre = alegre.
o cer*a*to = ceroto, f*a*me = fome.

(1) Phedri Fabularum; T. Esch, *Rud. de gram. latina*.
(2) O vocalismo e o consonantismo não se devem dizer **origem de letras**, pois são phenomenos phonicos e não graphicos: será confundir *som* com a sua notação, segundo já explanámos na Phonologia

A voz *e* mudou-se em
a — ebeno = eb*a*no, regina = r*a*inha,
i esca = *i*sca, mecum = m*i*go,
o per = p*o*r, vipera = vib*o*ra.

A voz *i* mudou-se em
a — pamp*i*no = pamp*a*no, b*i*rreto = b*a*rreto,
e s*i*cco = secco, c*i*to = cedo.

A voz *o* mudou-se em
a — locusta = l*a*gosta, n*o*vacula = n*a*valha,
e r*o*tundo = r*e*dondo (rarismo),
u toto = t*u*do, coperio = c*u*bro.

A voz *u* mudou-se em
a — tr*u*ncare = tr*a*ncar, trib*u*lare = trab*a*lhar,
o m*u*sca = mosca, s*u*m*u*s = somos.

As mudanças ou permutas mais geraes são do *i*, por *e*, de *u* por *o*; as demais são phenomenos raros na evolução da lingua.

Consonantismo.

Mudaram-se:

b por v ha*b*ere = ha*v*er, fa*b*a = fa*v*a.
c — g cato = *g*ato, acuto = a*g*udo (1).
c — z jacere = jazer, lucerna = luzerna.
d — z pre*d*a = preza, gau*d*iare = gozar.
d — *v*(2) au*d*ire = ou*v*ir, lau*d*are = lou*v*ar.
f — v auri*f*ex = ouri*v*es, pro*f*ecto = pro*v*eito.
f — b a*f*rico = a*b*rego.
l — *d* *l*axiare = *d*eixar, o*l*ore = o*d*or.
l — *n* *l*ibellare = *n*ivelar.

(1) Referimo-nos ao *c* gutural ou *q*.
(2) O som gryphado indica mudança excepcional e rara, por ser heterorganico ou por ser forte em relação ao som latino.

l por *r* c*l*avo = c*r*avo, p*l*aga = p*r*aga.
m — *l* *m*emorare = *l*embrar.
m — n co*m*putare = co*n*tar, so*n*ito = so*m*.
n — nh li*n*o = lin*h*o, ara*n*ea = aran*h*a.
n — l a*n*ima = a*l*ma, a*n*ima*l*ia = a*l*ima*r*ia.
n — *r* sa*n*are = sa*r*ar.
p — b ca*p*ere = ca*b*er, na*p*o = na*b*o.
p — v po*p*ulo = po*v*o, sco*p*a = esco*v*a.
r — l ra*r*o = ra*l*o, a*r*bitrario = a*l*vitre.
s — j ba*s*io = bei*j*o, cera*s*ia = cere*j*a.
s — x cap*s*a = cai*x*a, fa*s*cia = fa*x*a.
s — z *s*onire = *z*unir, *z*arpar = *s*arpare.
t — d ca*t*ella = ca*d*ella, ro*t*a = ro*d*a.
t — ç pla*t*ea = pra*ç*a, cap*t*iare = ca*ç*ar (1).
v — b *v*agina = *b*ainha, *v*olia = *b*oia.
v — g *v*astare = *g*astar, *v*omitare = *g*omitar (2).
x — s di*x*it = di*ss*e, e*x*agiare = en*s*aiar.

No consonantismo e vocalismo limitamo-nos a tratar apenas dos sons que se transmutaram; por isso não exemplificamos os casos de conservação e quéda, como succedeu aos phonemas *g*, *l*, *n*, *d*, *c* e *p*, segundo a lei da syncope da consonancia medial, ex.: ma*g*is = mais, ma*g*ister = mestre, mu*l*tum = muito, mo*l*ere = moer, ave*n*a = aveia, mo*n*strare = mostrar, me*d*io = meio, la*c*te = leite, no*c*te = noite, se*p*tem = sete, conce*p*to = conceito (3).

(1) Os sons *te* ou *ti* antevocalicos e o *s* intervocalico degeneraram na baixa latinidade.
(2) Este phenomeno é popular e assim occorre *cagalume* por *vagalume*.
(3) Não achamos plausivel a opinião dos que admittem a vocalização, pois, ao nosso ver, a quéda do phonema consonantico alonga a voz anterior, por **compensação prosodica**, conforme observaram na lingua latina Chassang, Reinach e outros philologos.

Origem dos diphtongos.

Os diphtongos resultaram:

A) De um diphtongo latino, ex.: auctore = autor, auro = ouro, meus = meu.

B) Da attracção da voz tonica sobre a da syllaba subsequente, ex.: rabia = raiva, palm*aria* = pal*meira*, pot*uit* = p*ou*de, h*a*b*uit* = *hou*ve.

C) Da syncope da consonancia medial, ex.: me*dio* = meio, ve*lo* = veo, da*te* = d*ae*, vegeta*les*, veget*aes*, sa*lu*tare = sa*u*dar.

D) Do alongamento da voz, devido geralmente á quéda da consonancia subsequente, ex.: d*o* = d*ou*, st*o* = st*ou*, su*m* — s*o* = s*ou*, fre*n*o — freo = fr*ei*o, m*ul*tum = mu*i*to, acto — ato = *au*to, ba*l*lare — balare = b*ai*lar, lacte = le*i*te.

Do alongamento da vogal antes de *x* ou *sc*, ex.: *saxo* = *seixo*, fa*sce* = f*ei*xe, pi*sce* = p*ei*xe.

O caso lexiogenico.

Desde que o portuguez se originou mais do latim barbaro do que do classico, não achamos motivo para as divergencias attinentes ao caso lexiogenico, pois a noção de caso se obliterara. Assim, salvo o plural dos nomes cuja origem se prende ao accusativo do plural, as fórmas no singular se devem explicar por aquelle caso que mais se reflectir e transparecer no organismo do vocabulo do que por outro qualquer.

Não achamos base para servir exclusivamente o accusativo á explicação da origem do nome no singular, principalmente quando o seu expoente *m* não resistira á prosodia popular, como se opera ainda entre nós.

Assim occorrem vestigios de todos os casos, ex.:

Nominativos: *serpe, regimen, specimen, Jupiter, Cicero.*

Genitivos maximé na composição; *juris*prudencia, *legis*lação, *aquae*ducto, escola *regis*, *sui*cidio.

Dativos: lhe = illi, mim = mihi, ti = tibi.

Accusativo: *mãe* = matrem, *lontra* = lutram, *nuvem* = nubem, *origem* = originem, *homem* = hominem, *imagem* = imaginem.

Ablativos: *casa* = *casa*, *fogo* = foco, *logo* = loco, *agora* = *hac hora*, *fide*digno, *sinecura* e a maior parte dos vocabulos, pois deste caso mais se aproximam as fórmas vocabulares.

Essa é a doutrina mais consentanea com os factos e, por derivar-se o plural do accusativo, não se deduz que o singular igualmente sempre o seja.

O sigmatismo do plural.

Os nomes em *ão* formam o plural por tres modos, segundo o accusativo do plural for em *anos, anus, ones* e *anes* em que o *n* passa ao estado de accento nasal, ex.; herm*anos* = irmãos, m*anus* = mãos, opini*ones* = opiniões, devoti*ones* = devoções, p*anes* = pães, c*anes* = cães.

No singular as terminações *ano, ane, one* perderam a vogal final e se converteram em *an, on* que depois passaram a ter a fórma *ão* e seus pluraes calcaram-se nos accusativos pluraes latinos por onde se explica historicamente o sigmatismo de qualquer plural. E até os proprios neutros, que se passaram através do plural, se flexionaram sigmaticamente, pois a flexão *a*, indicativa do plural neutro, perdeu toda a sua funcção pluralizante, ex.: insignia + s, lenha = ligna, vinha + s, mobilia + s, alimaria + s, sina + s = signa, pera = pira.

Fórmas divergentes.

Ha palavras que, posto se derivem do mesmo typo etymologico, se apresentam sob duas ou mais fórmas mais ou menos similares e parallelas, ex.: *clave* e *chave* de *clavis*, *catar* e *captar* de *captare* (1).

(1) Ás fórmas divergentes conferem os philologos italianos o nome de *typos allotropicos*, conforme me ponderou o meu illustrado collega Dr J. Geraldo Bezerra de Menezes.

Essas fórmas dizem-se **divergentes**, e, si lhes forem apenas dous os aspectos phonicos, se podem dizer **duplas**, ex. : *sarar* e *sanar*, *pisar* e *pilar*.

As fórmas divergentes se dispõem em duas camadas : uma de **fórmas populares**, por se haverem elaborado segundo as leis que presidiram á formação do lexico, outra de fórmas eruditas, por se haverem introduzido pelo estudo e cultura da lingua latina, isto é, sem a menor alteração phonica.

As divergentes se adstringem ás seguintes leis :

A) A fórma erudita conserva mais ou menos a accepção latina : a popular assume novo sentido devido ao seu novo aspecto, ex. :

F. ERUDITAS	F. POPULARES	F. LATINAS
clamar	chamar	clamare
causa	cousa	causa
recitar	rezar	recitare
implicar	empregar	implicare
somno	sonho	somnio
assignar	acenar	assignar
persico	pecego	persico
minuto	miudo	minuto
estivar	estiar	estivare
plaga	praia	plaga

B) As fórmas assumem significação semelhante, de sorte que uma póde ser substituida por outra, ex. :

F. ERUDITAS	F. POPULARES	F. LATINAS
flamma	chamma	flamma
silva	selva	silva
sanar	sarar	sanare
memorar	lembrar	memorare
sibilo	silvo	sibilo

F. ERUDITAS	F. POPULARES	F. LATINAS
gluten	grude	gluten
entretinimento	entretimento	entretinimento
cumulo	combro	cumulo
tenso	teso	tenso

C) As fórmas assumem significação semelhante, mas nem sempre uma se póde substituir por outra, ex. :

F. ERUDITAS	F. POPULARES	F. LATINAS
pausar	pousar	pausare
pensar	pesar	pensare
cogitar	cuidar	cogitare
raro	ralo	raro
foco	fogo	foco
impregnar	emprenhar	impregnare
correcção	correição	correctione
espectar	espreitar	spectare
latino	ladino	latino
turba	turma	turba

D) Uma fórma popular póde derivar-se de outra fórma popular, servindo-lhe esta de intermediaria ao latim, ex. :

F. POPULARES	F. INTERMEDIAS	F. LATINAS
caveira	calveira	calvaria
dom	dono	domino
frei	frade	fratre
tombo	tomo	tomo
grão	grande	grandi
são	santo	sancto
preito	pleito	placito

E) As duas fórmas populares se podem derivar directa e simultaneamente da fórma latina, ex. :

F. POPULARES				F. LATINAS
chumbo	e	prumo	de	plumbo
coronha	—	corôa	—	corona
cabeça	—	cabaça	—	capitia
geada	—	gelada	—	gelata

F) Uma fórma se deriva do nominativo e a outra de qualquer caso obliquo, ex.:

F. DO NOMINATIVO	F. DOS CASOS ALIQUOS
serpe = serpens	serpente = serpente
leo = leo	leão = leone
drago = draco	dragão = dracone
tredo = traditor	traidor = traditore
ladro = latro	ladrão = latrone

G) Uma fórma se deriva do singular e a outra do plural, ex.:

lenho = lignum	linha = ligna
ramo = ramum	rama = rama
tormento = tormentum	tormenta = tormenta
folho = folium	folha = folia
foz = fauce	fauces = fauces
senho = signo	sina = signa

H) As duas fórmas podem pertencer a categoria grammatical diversa, ex.:

mais	mas	magis
local	logar	locale
hora	ora	hora
laudo	louvo	laudo
tango	tanjo	tango
credo	creio	credo
fluxo	frouxo	fluxus

Divergentes extrangeiras.

A's vezes as fórmas que tomamos ás linguas novi-latinas coincidem com as fórmas vernaculas, derivadas do mesmo typo latino, ex.:

F. PORTUGUEZAS	F. ITALIANAS	F. LATINAS
raiz	raça	radice
entremeio	entremez	intermedio
obra	opera	opera
dous	duo	duos
soberano	soprano	superano
frasco	fiasco	flacido

F. PORTUGUEZAS	F. HESPANHOLAS	F. LATINAS
fronte	frente	fronte
castello	Castilho	castellum
badalo	badajo	batalo
santo	Sancho	sancto
humero	hombro	humero
tracto	trecho	tracto

F. PORTUGUEZAS	F. FRANCEZAS	F. LATINAS
capello	chapéo	capillo
maior	major	majore
cabo	chefe	caput
geral	general	generale
geada	geléa	gelata
mar	maré	mare
arrogar	arrojar	ad + rogare
mercante	marchante	mercante
empatar	empachar	impactare

Este phenomeno tambem se effectua:

A) Entre vocabulos **germanicos**, já assimilados ao organismo da lingua, ex.: *rapar* e *raspar*; *batoque* e *bodoque*;

B) Entre vocabulos **arabes**, ex.: *zero* e *cifra*, *fulano* e *fuão*, *cabiz* e *cafiz*, *botija* e *botelha*, *balais* e *balache*, *cabilda* e *cabilla*, *alvazir* e *aguazil*;

C) D'entre vocabulos **indianos**, ex.: *bonzo* e *bonze*, *caril* e *cari*, *dervis* e *derviche*;

D) Entre vocabulos **indigenas**, introduzidos no lexico brazileiro, ex.: *bicuiva* e *bicuiba*, *inhambú* e *nhambú*, *juruty* e *jurity*, *piassoava*, *piassava* e *piassaba*.

As fórmas divergentes chamavam-se **duplas**, segundo os autores francezes — **doublets**, mas na lingua portugueza essa denominação se achou em desaccôrdo com os factos, por se haverem descoberto vocabulos de **tres** e até de **quatro** fórmas. Assim temos:

A) Divergentes constituidas por tres fórmas de significação mais ou menos differenciada, ex.:

findo	fino	finito
chegar	pregar	plicar
artelho	artigo	articulo
ladinho	ladino	latino
folho	folha	folio
ranger	rengir	renhir
ficar	fincar	fixar
seio	sino	seno
parola	palavra	parabola
geada	geléa	gelada

B) Divergentes constituidas por quatro fórmas de significação ás vezes differente e ás vezes aproximada, ex.:

magoa	mancha	malha	macula
praia	praga	chaga	plaga
Hermano	Germano	irmão	mano
plano plaino	lhano	piano	chão porão (1)

Divergentes personativas.

Ha vocabulos divergentes entre uma fórma personativa e uma appellativa ou adjectiva:

Regina	rainha
Estella	estrella
Hermano	irmão
Castilho	castello

(1) Estas offerecem seis fórmas, pois todas decorrem do elemento latino — *planus*, no ablativo *plano*.

Angelo	anjo
Laura	loura
Fagundo	facundo
Mello	melro

Outras ha divergentes: porém todas sempre personativas, ex.:

Godofredo	Gofredo
Isidoro	Isidro
Isabel	Isabella, Isbella, Elisabeth.
Eleonora	Leonora, Leonor, Lenora.
Randulpho	Radulpho, Ranulpho, Rodolpho, Raul.
Amalia	Amelia, Emelia, Annalia.
Ataulpho	Adolpho, Ataul.

Nos nomes proprios não ha regras e por isso occorrem muitas divergentes quasi sempre sem razão plausivel, ex.:

Cavalcanti e Cavalcante, Durão, Durães e Duran; Rabello e Rebello; Curvello e Cruvello.

Fórmas convergentes.

Assim como um vocabulo se desdobra em duas ou mais fórmas divergentes, assim fórmas latinas, inteiramente distintas, convergem para a lingua portugueza, tomando o mesmo aspecto phonico e graphico.

Essas fórmas se dizem **convergentes** e mais não são do que homonymas historicas cuja etymologia se estatue de accôrdo com a sua funcção ou significação, ex. (1):

(1) Não se dizem convergentes as que, derivando-se de linguas diversas, se confundam no portuguez: lima (fructo) e lima (ferro).

*por*² (1)	derivado de	per pro
quem²	—	que homem quem
*aza*²	—	ansa ala
*thymo*²	—	thymum thymus
*vao*²	—	vano vadunt
*sao*²	—	sunt *sano* sancto
*re*²	—	rea retro
*como*²	—	cómedo quomodo
*pregar*²	—	praedicare plicare
*agro*²	—	ager = campo acer = acre

Formação vernacula.

As palavras se formam por derivação e por composição: « A derivação para as simples e a composição para as compostas » (2).

O seguinte schema nos mostra os diversos processos a que recorre a lingua para originar palavras:

---

(1) Esse expoente indica as funcções das fórmas existentes.
(2) Régnier, *Traité de la formation des mots dans la langue grecque*, pag. 74.

Resumo synoptico

FORMAÇÃO..	composição	organica inorganica espontanea
	derivação. .	justaposição agglutinação locução

Derivação vernacula.

Derivação é o processo etymologico applicado á formação das palavras simples.

A derivação se diz:

A) **Organica** ou **propria**, desde que o vocabulo provenha de outro da lingua, mediante a acção de um suffixo agglutinado ao thema, ex.: valor + *oso*, grat + *issimo*, pedr + *ada*;

B) **Inorganica** ou **impropria**, desde que o vocabulo se derive de outro, mas sem suffixo, isto é, passe de uma para outra categoria grammatical, ex.: a *surra*, a *meia*, a *ida*, a *clara*, o *toque*,

C) **Espontanea** ou **popular**, desde que o vocabulo seja formado apenas por influencia popular, isto é, produzido espontanea e imitativamente, ex.: *bilontra*, *encalistrar*, *tic-tac*, *zig-zag*, *zum-zum*, *catucar*, etc.

A derivação inorganica é um processo de adaptação, pois o vocabulo se accommoda á nova categoria, ao passo que a derivação organica é um processo de suffixação.

A onomatopéa exerce salientissima funcção neste processo de formação de palavras, pois é o effeito da evolução fatal das linguas em que se reflectem os phenomenos da natureza, ex. *zum-zum*, *chechéo*, *chuchar*, *fonfonar*, *tintinar*.

Derivação organica.

As palavras que se formam por este processo são o **substantivo**, o **adjectivo descriptivo** e o **verbo**.

Assim o substantivo derivado póde provir:

A) Do thema de outro **substantivo**, ex. : *rocha* + edo = rochedo, *ferro* + eiro = ferreiro, *dente* + ição = *dent*ição.

B) Do thema de um **adjectivo descriptivo**, ex. : nobre + *eza* = *nobr*eza, brando + *ura* = *bran*dura, azedo + *ume* = *azed*ume.

C) Do thema de um **adjectivo numeral**, ex. : *mil*hão, *mil*heiro, *bil*hão, *vin*tena, dez*ena*.

D) Do thema de um **verbo**, ex. : *cobr*ança, *mat*ador, *consult*orio.

O adjectivo derivado póde provir :

A) Do thema de outro **adjectivo**, ex. : *azul* + ado, *velh* + aco = *velhaco*, *pardo* + ento = *pardento*.

B) Do thema de um **substantivo**, ex. : ferro + enho = *ferrenho*, purpura + ino = *purpurino*, lisonja + eiro = *lisongeiro*.

C) Do thema de um **verbo**, ex. : *am*ante, *te*mente, *lou*vavel, *so*ffrivel.

O verbo derivado póde provir :

A) Do thema de um **verbo**, ex. : *ge*melicar, *ch*oviscar, *cant*arolar (1).

---

(1) Os verbos que se vão formando se agrupam na 1.ª ou 2.ª conjugação, pois as outras são conjugações estaticas ou *mortas*; têm apenas ou verbos latinos, ao passo que as duas primeiras são dynamicas ou **vivas**, porque progridem e se desenvolvem.

B) Do thema de um **substantivo**, ex. : *cart*ear, *evangel*izar, *chamm*uscar.

C) Do thema de um **adjectivo**, ex. : *fals*ear, *innoc*entar, *escur*ecer.

Derivação inorganica.

Este processo de formação se estende a todas as categorias, pois na evolução linguistica as palavras passam de uma a outra categoria, principalmente á do substantivo :

1.º A' categoria do substantivo se adaptam :

A) Os adjectivos descriptivos, ex. : *meia, jornal, periodico, clara;*

B) Algumas fórmas verbaes, ex. : *espera, embarque, ida, dever, accordam, provarás;*

C) Algumas preposições, ex. : o *pró*, o *contra;*

D) Alguns adverbios, ex. : o *sim*, o *não*, o *como;*

E) Algumas conjuncções, ex. : o *porque*, o *quando;*

F) Algumas interjeições, ex. : um *ai*, um *psiu*, um *irra;*

2.º A' categoria do adjectivo se adaptam :

Alguns substantivos, ex. : cobras *monstro*, vestidos *carmezim*, o azul *ferrete*, o verde *mar*, cobras *coral* (1).

3.º A' categoria dos pronomes se adaptam :

Os adjectivos designativos : o *meu*, *aquelle*, *nenhum*, os *outros*.

4.º A' categoria da preposição se adaptam :

A) Alguns **participios** passados irregulares, ex. : *excepto, salvo, visto, conforme;*

B) Alguns **adjectivos verbaes**, ex. : *mediante, durante, segundo* (seguindo).

5.º) Á categoria da conjuncção se adaptam :

A) Alguns **adverbios**, ex. : *logo, ora, como, mais;*

B) Alguns **participios**, depois de perderem o connectivo

---

(1) Os substantivos adjectivados, para exprimirem as côres quasi nunca variam.

que, ex. : *visto* (que) *posto* (que) e alguns verbos, mas alternadamente, ex. : *quer... quer, seja... seja.*

6.º A' categoria do adverbio se adaptam :

A) Alguns **adjectivos** descriptivos, ex. : *alto, caro, forte, rente;*

B) Alguns **adjectivos** indefinitos, ex. : *quanto, tal, tanto, pouco.*

7.º A' categoria da interjeição se adaptam :

A) Alguns substantivos, ex. : *coragem! silencio!*

B) Alguns adjectivos, ex. : *bravo! apoiado!*

C) Algumas fórmas verbaes, ex. : *viva! pudera!*

D) Alguns adverbios, ex. : *bem! como!*

A composição.

Composição é o agrupamento de duas ou mais fórmas equivalentes a uma só palavra.

As palavras compostas se formam :

A) Por **juxtaposição**, desde que as fórmas constitutivas tenham cada uma a respectiva accentuação tonica, por não estarem organicamente fundidas, ex. : *anglo-normando, contramestre, lusco-fusco, porta-voz, salvo-conducto, pomba-rôla, peixe-boi.*

B) Por **agglutinação**, desde que as fórmas constitutivas tenham apenas um accento tonico, por estarem fundidas e mais ou menos alteradas, ex. : *puxavante, fidalgo, malvado* (1) *pernalta, planalto* (2).

(1) A prefixação é a modalidade mais importante da agglutinação como a suffixação o é da derivação e ha palavras em que coincidem os dous processos lexiogenicos, ex. : *en*+velh+*ecer*, *a*+doc+*icar*. E'a formação por **parasynthese.**

(2) Na nomenclatura scientifica se torna extraordinario o processo da composição em que se utilizam elementos latinos e gregos, ex. : *auricollo, rufaxilla, crassirostro, longicaudado, thysanuro, macruro, microcerco, cyanoleuco, maculipennis, xanthogaster*, etc.

C) Por **locução**, desde que duas ou mais fórmas se agrupem, constituindo uma expressão, ex. : *pé de vento, lingua de vacca, alma de gato, dente d'alho, quem quer que, visto que, de quando em quando.*

Ha tantas locuções ou expressões quantas as categorias grammaticaes, isto é : expressões **substantivas, adjectivas, pronominaes, verbaes, preposicionaes, conjunccionaes, adverbiaes** e **interjeccionaes.**

Substantivos verbaes.

Na derivação inorganica, um dos phenomenos mais importantes é a substantivação das fórmas verbaes. Assim se derivam os substantivos :

A) Do presente do indicativo na 1.ª ou 3.ª pessoa do singular, ex. : *suspiro, sobejo, ensino; trava, semeia, surra* (1).

B) Do presente do subjunctivo na 1.ª ou 3.ª, ex. : *embarque, toque, venda, corte, supporte, baile;*

C) Do participio passado, ex. : *chegada, vinda, dictado, vestido, tecido, calçado* (2);

D) Do participio presente moderno ou das antigas fórmas participiaes, ex. : *considerando, estante, nascente, corrente;*

E) Dos infinitivos impessoaes, ex. : *prazer, dever, ser, viveres, poder.*

(1) A's vezes se substantivam outras fórmas do verbo, taes como : o *accordam*, os *provaris*, usados na tradição juridica.

(2) Si fôr **abundante** o verbo, o substantivo será sempre a fórma **participial** irregular, ex. : *escripto, dito, ganho, junta.*

Ha verbos de que decorrem dous ou mais substantivos e sempre :

A) Um se deriva da 1.ª do indicativo ou da 2.ª e o outro de quaesquer outras fontes do verbo, ex. : *risco — risca; tiro — tira; ajusto — ajuste; lustro — lustre; trato — tratado, resultado — resulta; commando — commandante;*

B) Ambos se derivam dos participios, ex. : *corrida — corrente; nascida — nascente; escripto — escripta; posto — posta.*

Alguns verbos dão tres, ex. : *chamado — chamada — chama; calçado — calçada — calço; traço — traça — traçado* (1).

Hybridismos.

As palavras se devem formar de elementos da mesma lingua, mas com os progressos da civilização novos phenomenos sociaes que se vêm reflectir no organismo da lingua só se podem exprimir mediante vocabulos de constituição hybrida, isto é, formados de elementos de linguas *diversas*, até ás vezes sem a menor relação glotologica.

Esses vocabulos se dizem **hybridos**, pois têm a sua lexiogenia em especies gloticas diversas.

Assim temos hybridismos de :

Latim + grego :	Grego + latim :
areo + metro	*mon + oculo*
socio + logia	*anti + religioso*

(1) Os substantivos **cognatos** do verbo têm sido impropriamente considerados verbaes, taes como : *esperança, adoração,* que se relacionam com os verbos *esperar* e *adorar* apenas por identidade de thema ou radical.

Latim + grego	Grego + latim
oleo + graphia	*pseudo + membrana*
deci + metro	*archi + duque*
copo + phonio	*neo + latino*
taxi + metro	*auto + movel*

Tupy + latim :	Grego + tupy :
cipó + chumbo	*cara + peva*

Arabe + grego :	Francez + grego :
alcool + metro	*bureau + cracia*

Arabe + sanskrito :	Chinez + latim :
assucar + candi	*chá + perola*

Á formação dos hybridismos, salvo aos constituidos *superfluamente*, não se podem oppôr os grammaticos, desde que constituam uma necessidade imposta pelo desdobramento da civilização, com as creações industriaes e scientificas, ex. : *automovel, bicyclèta, motocyclo, radiographia.*

Os mais geraes são os de elementos latinos e gregos, por serem linguas mais proximas, mais em contacto com a portugueza, mais prestantes ás nossas necessidades de expressão.

Etymologia applicada

Lexiogenia dos substantivos.

O substantivo appellativo se deriva :

1.º) De palavras latinas, ex. : pedra = *petra,* mesa = *mensa,* bocal = *buccale,* senhor = *seniore.*

2.°) De palavras extrangeiras, ex. : *crepe*, *pudim*, *zarzuela*, *metro*.

3.°) De palavras da propria lingua :

A) Por derivação inorganica, ex. : a *clara*, o *toque*, um *ai*, o *sim*;

B) Por derivação organica, ex. : chu*veiro*, pa-lh*aço*, fac*ada*.

C) Por agglutinação, ex. : pux*avante*, fid*algo*, plan*alto*.

D) Por juxtaposição, ex. : *mestre*-escola, *porta*-voz, *bota*-fogo.

E) Por locução, ex. : *olho de boi*, *cabo de esquadra*, *dente d'alho*.

Lexiogenia dos substantivos proprios.

A ONOMASTICA EXTERNA (1)

Os substantivos personativos se podem derivar de qualquer lingua. Assim temos de :

A) Origem **latina** : — Maria, Pedro, Julio, Horacio, Cicero, Caio, Apollo, Diana.

B) De origem **grega** : — Theophilo, Themistocles, Philippe, Hyppolyto, Helena.

C) De origem **hebraica** ou **biblica** : — Moysés, Ruben, Joaquim, Malaquias, José, Esther, Sara, David, Anna.

(1) Assim designamos a theoria attinente á origem e á formação dos nomes personativos.

D) De origem **arabe** : — Myriam, Hermengarda, Alcindo, Almeirindo;

E) De origem **italiana** : — Cavalcanti, Accioli, Espindola,

F) De origem **hespanhola** : — Sancho, Quixote, Juarez, Bolivar, Baldomero.

G) De origem **visigothica** ou **germanica** : Duarte, Elvira, Izabel, Carlos, Affonso, Clotilde, Luiz, Brandão, Guimarães, Magalhães, Godofredo.

H) De origem **indigena**, maximé no Brasil : Moema, Coema, Jacy, Aracy, Pery.

I) De origem **vernacula** : — Figueiredo, Rosa, Flora, Clara, Placida.

A ONOMASTICA INTERNA.

Os personativos vernaculos se formam por derivação inorganica :

A) De um **adjectivo** descriptivo, ex. : Benigno Dino, Brasiliense, Nerval, Verissimo, Felicissimo;

B) De um **substantivo** appellativo, ex. : Flora, Rosa, Silva, Pereira, Figueira, Silveira, Saraiva.

C) Por **anagramma**, isto é, mediante letras de um vocabulo, ex. : Nilda (linda), Nilcéa e Cilnéa (Celina), Dezila (Ezilda), Elmano (Manoel) (1), Ramilia (Marilia).

E por derivação organica, tirando-os :

A) Do thema de outro **nome proprio**, ex. : Mar-

(1) Este processo de formação é todo artificial, mas é hoje um facto; cumpre assim registral-o.

ques e Marcolino (Marco), Fernandes, Fernandino, Fernão (Fernando), Paulino (Paulo);

B) Do thema de um **adjectivo descriptivo** ou de um substantivo **appellativo**, ex. : Tranquil*lino* Grat*ulino*, *Font*oura, *Figue*redo.

Lexiogenia dos adjectivos.

Os adjectivos descriptivos se derivam :

1.° De um adjectivo latino, ex. : louvavel = *laudabilis*, pedrez = *petrensis*, justo = *justus*, selvagem = *silvaticus*.

2.° De palavras da propria lingua :

A) Por derivação organica, ex. : trist*onho* (triste), manue*lino* = (Manoel), sergi*pano* = (Sergipe);

B) Por derivação inorganica, ex. : *amado*, *punido*, *composto*, *temente*;

C) Por juxtaposição, ex. : *des* + favoravel, *mal* + creado, *carni*voro.

Os adjectivos designativos originam-se das fórmas latinas correspondentes, segundo os processos de transformação glotica, isto é, o vocalismo e o consonantismo de accordo com as leis etymologicas.

Assim se originam :

A) Os possessivos : meu, teu, seu, nosso, vosso, de *meus*, *tuus*, *suus*, *noster*, *vester* (1).

B) Os demonstrativos : este, esse, aquelle, de *iste*, *ipse*, *hac* + *ille*;

(1) *Tuus* e *suus* soffreram a interferencia da fórma *meu*; *vester*, da fórma *noster*.

C) Os artigos *o* e *um*, de *ille* e *unus*;

D) Os indefinidos : outro, mesmo, nenhum, todos, quanto, pouco, menos, tal, muito, de *altero*, *metipsum*, *nec* + *um*, *totus*, *quantus*, *paucus*, *minus*, *talis*, *multos*.

Aos indefinitos passam muitos descriptivos, ex. : *certo*, *numerosos*, *alheio*, *diversos*, *differentes*, *varios*; *cada* provém do grego *cata*.

E) Os numeraes :

CARDINAES		ORDINAES	
Um	de unus	Primeiro	de primarius
dous	— duos	segundo	— secundus
tres	— tres	terceiro	— terciarius
quatro	— quatuor	quarto	— quartus
cinco	— quinque	quinto	— quintus
seis	— sex	sexto	— sextus
sete	— septem	setimo	— septimus
oito	— octo	oitavo	— octavus
nove	— novem	nono	— nonus
dez	— decem	decimo	— decimus
onze	— undecim	undecimo	— undecimus
doze	— duodecim	duodecimo	— duodecimus
treze	— tredecim	decimo terceiro	— decimus + tercus
quatorze	— quatuordecim	decimo quarto	— — + quartus
quinze	— quindecim	decimo quinto	— — + quintus
dezeseis	— dez + e + seis	decimo sexto	— — + sextus
dezesete	— dez + e + sete	decimo setimo	— — + setimus
dezoito	— dez + oito	decimo oitavo	— — + octavus
dezenove	— dez + e + nove	decimo nono	— — + nonus
vinte	— vigente	vigesimo	— vigesimus
trinta	— triginta	trigesimo	— trigesimus
quarenta	— quadraginta	quadragesimo	— quadragesimus
cincoenta	— quaquaginta	quindragesimo	— quinquagesimu'
sessenta	— sexaginta	sexagesimo	— sexagesimus
setenta	— septuaginta	septuagesimo	— septuagesimus
oitenta	— octoginta	octogesimo	— octogesimus
noventa	— nonaginta (1)	nonagesimo	— nonagesimus
cem	— centum	centesimo	— centesimus
duzentos	— ducentos	ducentesimo	— ducentesimus
trezentos	— trecentos	tricentesimo	— tricentesimus
quatrocentos	— quatro + centos	quadrigentesimo	— quadrigentes
quinhentos	— quingentos	quingentesimo	— quigentesimus
seiscentos	— seis + centos	sexcentesimo	— sexcentesimus

(1) Este soffreu a interferencia da fórma *nove*.

CARDINAES		ORDINAES	
setecentos	de sete+centos	septingentesimo	de septingentes
oitocentos	— oito+centos	octigentesimo	— octigentesimus
novecentos	— nove+centos	nongentesimo	— nogentesimus
mil	— mille	millesimo	— millesimus

Lexiogenia dos pronomes.

Os pronomes substantivos se derivam das fórmas latinas correspondentes. Assim :

A) Os demonstrativos : isto, isso, aquillo e o, de *isto, ipso hac + illo, o = illud.*

B) Os relativos que, qual, quem, cujo, de *que, qualis, quem, cujus.*

C) Os pessoaes : eu = *ego*, me = *me*, mim = *mihi*, *migo* = *mecum*, tu = *tu*, te = *te*, ti = *tibi*, elle = *ille*, ella = *illa*, o = *illum*, a = *illam*, os = *illos*, as = *illas*, se = *se*, *sibi*, sigo = *secum* (1) nós = nos, nos = nos, nosco, nosco = nobiscum, vós = vos, vos = vos, vosco = vobiscum.

D) Indefinitos : alguem = aliquem, outrem = *all'*hem (altero + hominem) algo + *aliquo*, al = *aliud*, nada = *(res) nata*, etc. = *etcetera* e as fórmas *beltrano* e *sicrano* se criaram por analogia a *fulano*, de origem arabe.

Lexiogenia das preposições.

As preposições se derivam :

A) De uma preposição latina : — por = *per*, a = *ad*, sob = *sub;*

(1) O pessoal da 3ª pessoa era *sui, sibi*, que, por não ter nominativo, era substituido nessa funcção por um dos demonstrativos *ille, iste, hic.*

B) De preposições latinas reunidas : deante = *de + ante*, perante = *per + ante*, desde = *de + ex + de*, para = *per + ad;*

C) De participios irregulares ou dos antigos participios presentes, ex. : *salvo, excepto, durante, mediante, consoante.*

D) De expressões da propria lingua, ex. : *a respeito de, perto de, relativamente a.*

— As preposições primitivas são : — a = *ad*, até = *ad + tenus*, após = *ad + post*, com = *cum*, contra = *contra*, de = *de*, desde = *de + ex + de*, em = *in*, entre = *inter*, para = *per + ad*, per = *per*, por = *per* e *pro*, sem = *sine*, sob = *sub*, sobre = *super*, tras = *trans*.

Lexiogenia dos adverbios.

O adverbio se deriva :

A) De um adverbio latino : bem = *bene*, hoje *hodie*, sempre = *semper*, nunca = *nunquam.*

B) De uma expressão adverbial latina : arriba = *ad-ripam*, amanhã = *ad-manen*, assim = *ad-sic*, agora = *hac-hora*, avante = *ab + ante*, *hontem* = *ad + noctem?*

C) De um adjectivo descriptivo adverbiado ex. : cantar *alto*, falar *baixo*, cortar *rente.*

D) De um adjectivo juxtaposto á palavra *mente*, ex. : perfeita + mente, grande + mente, sabia + mente.

E) De expressões adverbiaes : *ante-hontem, por emquanto, de manso, de longe, ontr'ora, tal + vez.*

Lexiogenia das conjuncções.

A conjuncção se deriva :

A) De uma conjuncção ou palavra latina, ex : e = *et*, nem = *nec*, ou = *aut*, pois = *post*, mas = *magis*, porém = *pro* + *inde*, como = quo + modo, quando = *quando*.

B) De uma palavra empregada conjunccionalmente, ex. : *logo*, *ora*, *quer*, *como*.

C) De uma expressão sempre formada de *que*, ás vezes obliterado, ex. : *porque*, para *que*, de sorte *que*, posto *que*, sempre *que*, emquanto (*que*), embora (*que*), por quanto (*que*).

As conjuncções primitivas são : *e*, *nem*, *pois*, *mas*, *porém*, *ou*, *como*, *quando*, *si*, *embora* = (in + *bona* + *hora*), *que* = *quo*.

Lexiogenia da conjugação.

O portuguez é a lingua romana cuja conjugação mais proxima se acha da latina e assim nos limitamos a expor os phenomenos mais geraes attinentes á transformação da conjugação latina.

A nossa primeira conjugação deriva-se da primeira latina em *are* : *plicare* = *pregar*, *clamare* = *clamar*.

A segunda deriva-se da segunda em *ere* (longo) ou da terceira em *ere* (breve) : *movére* = *mover*, *fácere* = *fazer* e a terceira deriva-se da quarta em *ire*, ou da terceira em *ere* (breve) : *vestire* = *vestir*, *convergere* = *convergir*.

A terceira latina, de infinitivo proparoxytono, tinha de desapparecer do latim, sendo absorvida pela segunda, mais geral e mais regular. Assim foi que no latim barbaro os verbos da terceira se passaram para a segunda ou para a quarta em *ire*.

Actualmente os verbos, de formação erudita, que se tiram da 3.ª assumem a fórma *ire*, ex. : *explodere* = *explodir*, *admittere* = *admittir*, *protraere* = *protrahir*.

No singular os phenomenos mais constantes são :

A) Na 1.ª pessoa, a apocope do *m*, expoente do pronome *eu*, isto é, m = eu, salvo no presente indicativo em que o *m* já se havia perdido no proprio latim classico, ex. : amo = amo, amaba*m* = amava.

B) Na 2.ª a persistencia do *s*, expoente do pronome *tu*, isto é, *s* = *tu* e a transformação do *ti* = *tu* em *te* nos perfeitos, ex. : dici*s* = dize*s*, dixis*ti* = disses*te*.

C) Na 3.ª pessoa apocope do *t*, expoente do pronome *elle*, isto é, t = *elle*, ex. : move*t* = move, clamat = clama.

No plural os phenomenos mais constantes são :

A) Na 1.ª pessoa, a transformação de *mus* em *mos*, expoente do pronome *nós*, isto é, mus = *m* + *s* ou *eu* + *tu*, ex. : move*mus* = move*mos*, regi*mus* = rege*mos*.

B) Na 2.ª pessoa, a transformação, até o seculo XIV, de *tis*, em *dis*, expoente do pronome *vós*, isto é, *tis*, = *t* + *s*, ou *elle* + *tu* = *vos* (1).

---

(1) Os vestigios da terminação *des* intermediaria se acham nos presentes indicativos dos verbos monosyllabicos, como pon*des*, ve*des*, cre*des*, ri*des*, le*des* (excepto *daes* e *sois*), nos infi-

c) Na 3.ª pessoa, a apocope do *t*, da terminação *nt* e a substituição do *n* por *m* nas fórmas paroxytonas e por *ão* nas oxytonas, principalmente nas monosyllabas, ex. : ama*nt* = ama*m*, move*nt* = move*m*, vad*unt* = v*ão*, s*unt* = s*ão*, sta*nt* — est*ão*.

Expostos os principaes phenomenos, bastanos a simples inspecção das tres fórmas de conjugação para estatuirmos o confronto :

amo	impleo	unio
amas	imples	unis
amat	implet	unit
amamus	implemus	unimos
amatis	impletis	unitis
amant	implent	uniunt

Correspondentes a :

amo	encho	uno
amas	enches	unes
ama	enche	une
amamos	enchemos	unimos
amais	encheis	unis
amam	enchem	unem

IMPERFEITO

amabam	implebam	uniebam
amabas	implebas	uniebas
amabat	implebat	uniebat
amabamus	tmplebamus	uniebamus
amabatis	implebatis	uniebatis
amabant	implebant	uniebant

---

nitivos pessoaes e futuros subjuntivos, ex. fazer*des* e fizer*des* e assim se vê :

Mays poys vós mui bem sabe*des*
O torto que mi faze*des*.

(*Cancioneiro* de D. Diniz, seculo XIII).

Correspondentes a :

amava	enchia	unia
amavas	enchias	unias
amava	enchia	unia
amávamos	enchiamos	uniamos
amaveis	enchieis	unieis
amavam	enchiam	uniam

O phenomeno mais importante foi a systole do accento tonico para a antepenultima na 1.ª e 2.ª do plural.

PERFEITO

amavi	implevi	univi
amavisti	implevisti	univisti
amavit	implevit	univit
amavimus	implevimus	univimus
amavistis	implevistis	univistis
amaverunt	impleverunt	univerunt

Correspondentes a :

amei	enchi	uni
amaste	encheste	uniste
amou	encheu	uniu
amamos	enchemos	unimos
amastes	enchestes	unistes
amaram	encheram	uniram

Os perfeitos seguiram os typos latinos mais geraes em *avi*, *evi* e *ivi* em que o *v*, syncopando-se, produziu *ei* para a 1.ª e *i* para a 2.ª e 3.ª.

Os diphtongos *au*, *eu*, *iu* provieram da confusão do *v* com o *u* : amavit — ama*v* — am*au* — am*ou*; implevit — implev — ench*eu*; univit — uni*v* — uni*u*.

MAIS QUE PERFEITO

amaveram	impleveram	univeram
amaveras	impleveras	univeras
amaverat	impleverat	univerat
amaveramus	impleveramus	univeramos
amaveratis	impleveratis	univeratis
amaverant	impleverant	univerant

Correspondentes a :

amara	enchera	unira
amaras	encheras	uniras
amara	enchera	unira
amaramos	encheramos	uniramus
amáreis	encheras	unireis
amaram	encheram	uniram

A syncope do *ve* já era phenomeno vulgarissimo na latinidade classica, segundo se vê nos escriptores do tempo, ex. : « Et superjecto pavidae *natarunt* aequore damae » — Horatius — Ode II.

FUTURO

amar + *hei*	encher + *hei*	unir + *hei*
amar + *has*	encher + *has*	unir + *has*
amar + *ha*	encher + *ha*	unir + *ha*
amar + *hemos*	encher + *hemos*	unir + *hemos*
amar + *eis*	encher + *eis*	unir + *eis*
amar + *hão*	encher + *hão*	unir + *hão*

Devido ao estrago das flexões, os futuros latinos em *bo* e *am* se confundiram organicamente com outras fórmas temporaes, e então as linguas romanas agglutinaram o presente de *haver* ao infinitivo, constituindo um futuro organico

Condicional.

amar + *havia*	encher + *havia*	unir + *havia*
amar + *havias*	encher + *havias*	unir + *havias*
amar + *havia*	encher + *havia*	unir + *havia*
amar + *haviamos*	encher + *haviamos*	unir + *haviamos*
amar + *havieis*	encher + *havieis*	unir + *havieis*
amar + *haviam*	encher + *haviam*	unir + *haviam*

O condicional é um **modo novo** e peculiar ás linguas romanas ; o latim não o tinha, de sorte que o seu conceito era expresso pelo imperfeito do subjuntivo.

No portuguez antigo o verbo *haver* possuia o imperfeito contracto *hia*, devido á quéda do thema *av* e assim facilmente se agglutinaram as duas fórmas, constituindo o condicional.

IMPERATIVO

ama	imple	uni
ama*te*	imple*te*	uni*te*

Correspondentes a :

ama	enche	une
amae	enchei	uni

As fórmas imperativas em *to* e *tote* perderam-se, por se haverem inutilizado, e a do plural teve, até o seculo xv, a terminação *de*, ex. : ama*de* e uni*de*, como actualmente ainda os verbos monosyllabicos, excepto *dar*, ex. : vin*de*, i*de* ou va*de*, ten*de*, se*de*, cre*de*, ri*de*, vestigio de fórmas arcaicas, como se vê :

> Saca*de*-me, madre, destas prisões.
> Ca non ave*des* de que vos temer (1).

SUBJUNTIVO PRESENTE

amem	impleam	un*i*am
ames	impleas	un*i*as
amet	impleat	uniat
amemus	impleamus	uniamus
ametis	impleatis	uniatis
ament	impleant	uniant

---

(1) *Cancioneiro da Vaticana*, pag. 154, seculo xv.

Correspondentes a :

ame	encha	una
ames	enchas	unas
ame	encha	una
amemos	enchamos	unamos
ameis	enchais	unais
amem	encham	unam

Os phenomenos mais importantes foram a syncope da vogal *e* na 2.ª e de *i* na 3.ª.

IMPERFEITO

ama*v*issem	imple*v*issem	uni*v*issem
amavisses	implevisses	univisses
amavisset	implevisset	univisset
amavissemus	implevissemus	univissemus
amavissetis	implevissetis	univissetis
amavissent	implevissent	univissent

Correspondentes a :

amasse	enchesse	unisse
amasses	enchesses	unisses
amasse	enchesse	unisse
amassemos	enchessemos	unissemos
amasseis	enchesseis	unisseis
amassem	enchessem	unissem

Assim se vê que o **imperfeito** do subjuntivo se deriva do **mais que perfeito**, contracto por effeito da quéda de *vi*.

Effectuou-se a **systole** na 1.ª e 2.ª do plural, como no imperfeito e no mais-que-perfeito do indicativo.

FUTURO

amaverim	impleverim	univerim
amaveris	impleveris	univeris
amaverit	impleverit	univerit
amaverimus	impleverimus	univerimus
amaveritis	impleveritis	univeritis
amaverint	impleverint	univerint

Correspondentes a :

amar	encher	unir
amares	encheres	unires
amar	encher	unir
amarmos	enchermos	unirmos
amardes	encherdes	unirdes
amarem	encherem	unirem

Este tempo provém do perfeito do subjuntivo e serviu de norma á creação dos infinitivos pessoaes.

Os phenomenos mais constantes são a syncope do *ve*.

INFINITIVO

Ama=amar implere=encher unire=unir

Houve apenas a perda da terminação *e*, ainda existente na dialectação lusitana.

AS FÓRMAS GERUNDIVAS

amando implendo uniendo

deram os participios presentes :

amando enchendo unindo

Estes absorveram as funcções do participio presente activo que então passou ao estado de adjectivo e de substantivo, ex. : *tenente, pedinte, estante, agente*.

AS FÓRMAS PARTICIPAES

amatus impletus unitus

deram :

amado enchido unido

Estas serviram para a formação dos tempos compostos com os auxiliares *ter* ou *haver*, ex. : *tenho* amado, *havia* enchido, *terei* unido, etc.

O supino perdeu-se de todo e o participio do futuro deixou alguns vestigios, ex. : *futuro, nascituro* e outros, destituidos da funcção verbal.

Lexiogenia dos verbos SER e IR.

As fórmas organicas do verbo *ser* e as de *ir* se derivam de tres verbos : — *esse* e *sedere* para *ser*; *vadere* e *ire* para *ir*, e *fui* para os dous.

PRESENTE

Sou	sum	vou	vado
és	es	vas	vadis
é	est	vae	vadit
somos	sumus	vamos	vadimus (1)
sois (2)	sedetis	vades	vaditis
são	sunt	vão	vadunt

IMPERFEITO

Era	eram	ia	ibam
eras	eras	ias	ibas
era	erat	ia	ibat
eramos	eramus	iamos	ibamus
ereis	eratis	ieis	ibatis
eram	erant	iam	ibant

PERFEITO

Fui	fui
foste	fuisti
foi	fuit
fomos	fuimus
fostes	fuistis
foram	fuerunt

(1) As fórmas *imos* = *imus* e *ides* = *ites*.
(2) E' admissivel que na linguagem popular do latim barbaro houvesse occorrido uma forma *sutis* do verbo sum, pois, emquanto hypothetica, explica mais plausivelmente a elaboração glotica da forma *sois* do que *sedetis*.

MAIS QUE PERFEITO

Fora	fueram
foras	fueras
fora	fuerat
foramos	fueramus
foreis	fueratis
foram	fueram

IMPERATIVO

Sê = sede, sêde = sedete, va = vade, vade = vadite.

PRESENTE

Seja	sedeam	va	vadeam
sejas	sedeas	vás	vadeas
seja	sedeat	vá	vadea
sejamos	sedeamus	vamos	vadeamus
sejais	sedeatis	vades	vadeatis
sejam	sedeant	vão	vadeant

IMPERFEITO

Fosse	Fuissem
fosses	fuisses
fosse	fuisset
fossemos	fuissemus
fosseis	fuissetis
fossem	fuissent

FUTURO

For	fuerim
fores	fueris
for	fuerit
formos	fuerimus
fordes	fueritis
forem	fuerint
Ser = sedere	ir = ire
Sendo = sedendo	indo = eundo
Sido (1)	ido = itus, a, um

(1) E' de formação vernacula, porque *sedere* não tinha participio **aoristo** ou **passado**.

Constituição do lexico.

A maior parte dos vocabulos antigos são de origem latina; derivaram-se da lingua popular dos Romanos, segundo os processos que expuzemos e, até através do latim, muitos vocabulos antigos nos vieram de linguas primévas, anteriores á romanização da Peninsula Iberica, os quaes actualmente se acham assimilados á base organica do nosso lexico.

Depois do seculo XV, a importação é inteiramente artificial e devida ao trabalho e á elaboração dos classicos.

Havia no latim, como em todas as linguas, duas camadas de vocabulos : uma **erudita**, outra **popular**, de que se derivou o portuguez.

CAMADA ERUDITA	CAMADA POPULAR	DERIVADOS
Docere	insignare	ensinar
os	bucca	boca
ignis	focus	fogo
flumen-fluvius amnis	rivus	rio
felix	catus	gato
equus	caballus	cavallo
janua	porta	porta
aequor, pontus	mare	mar
cubile	lectus	leito
lenire	mitigare	mitigar
incipere	cominitiare	começar

O elemento erudito reapparece em vocabulos formados por influencia classica e assim temos *flumin*ense, *fel*ino, *doc*ente, *leni*tivo, *incipi*ente, *ingni*vomo.

Linguas subsidiarias da portugueza.

Além do elemento latino, base organica do nosso vocabulario, outras linguas collaboraram na constituição do lexico, por effeito de varias causas cuja exposição incumbe mais á grammatica historica do que á descriptiva, pois o objecto desta é apenas a exposição dos factos.

A derivação extrangeira se faz mediante as linguas subsidiarias.

Linguas subsidiarias.

Arabes: a maior parte têm o artigo *al* prefixado : assucar, açougue, adarve, *al*fandega, *al*ecrim, *al*finete, alambique.

Germanicos:
- **antigos** e ás vezes através do latim barbaro : tomar, roubar, ganhar, orgulho, guerra, luva.
- **modernos** e através das linguas: **allemã** : potassa, cobalto, walsa, zinco; **ingleza** : pudim, parque, dollar, club. **slava** : czar, dolman, cossaco, steppe.

Gregos:
- **antigos** e de origem obscurecida : tio, ermo, cara, taleiga, gruta, golfo, bolsa.
- **modernos** e geralmente attinentes á sciencia e á technologia : physica, rhombo, phonema, dialyse, metro, electrico, botanica, glotica.

ROMANICOS { **hespanhóes** : zarzuella, fandango, lhano, eldorado, manilha, merinó. **francezes** : lacaio, chapéo, tartufo, cadete, cadastro. **italianos** : soneto, escorso, aletria, pastel, adagio, banco.

Elementos secundarios.

Esses elementos, salvo o indigena na dialectação brazileira, « mal se devem mencionar », diz o erudito Dr. Alfredo Gomes, pois raros são os specimens, mas offerecemos os seguintes :

A) CELTICOS : dolmen, cambaio, druida, bardo.

B) HEBRAICOS : alleluia, satanaz, cherubim, hosana, sabado, jubileu.

C) PERSAS : catre, pagode, chale, azul, jasmim, tulipa, balcão, lima (fructo).

D) TURCOS : kiosque, horda, pachá, janizaro, formão.

E) MALAIOS : bambú, sagú, beliche, mangue, orangotango.

F) INDICOS : chá, anil, setim, bonzo, nankim, mandarim.

G) BASCOS : esquerdo, morro, cachorro, charco, griseta, bezerro, mandrião, bizarro, quiniella.

H) AFRICANOS : batuque, moleque, cangica, samba, lundú, cachaça, vatapá, angú, inhame.

I) INDIGENAS : jaty, mandioca, caipira, caroba, pagé, trahira, sabiá (1).

Alterações lexicas.

As linguas, como organismos, estão sujeitas ás duas grandes leis da biologia : a **assimilação** e a **dissimilação**; aquella constititue o neologismo, pois adapta ao organismo da lingua novos elementos exteriores; esta constitue o arcaismo, pois expelle os elementos gastos, imprestaveis ao seu organismo.

Essas duas grandes funcções, essas duas forças oppostas, mantenedoras do equilibrio da lingua, se dizem **alterações lexicas**.

Alterações lexicas são pois a adaptação ou a eliminação de vocabulos, e se dividem em **neologismos** e **arcaismos**.

Neologismos.

Neologismos são os vocabulos modernos que, até então desconhecidos, se vão introduzindo na linguagem contemporanea. Assim se dizem :

A) **Technicos**, desde que, sendo constituidos geralmente por elementos gregos e latinos, sir–

---

(1) O elemento africano se estendeu por todo o norte do Brazil e o indigena por toda parte, pois orça a perto de 6.000. Este indigenismo lexico predomina nos termos locativos e nos attinentes ao reino vegetal e ao animal, ex. : Niteroy, Andarahy, Paraná, Sergipe, Aracajú, Itabaiana, jucá, capim, abacate, caroba, cajú, goiaba, sabiá, onça, jaguar, nandú, maguary, jabirú, siriema, *rucuria*, jararaca, perereca, matamatá, sacy, cotia, mico, saguim, etc.

vam para exprimir as necessidades da sciencia e da arte, ex. : *microbio*, *phonema*, *propedeutica*, *philogenetico*, *monismo*, *variola*, *phonographo*, *semaphorico* e *reophoros*.

B) **Literarios**, desde que sejam introduzidos na lingua por influencia dos escriptores, tirando-os já da lingua latina, já das extrangeiras, ex. : *convescote*, *cardapio* (1), *evolução*.

FÓRMAS NEOLOGICAS		FÓRMAS VIGENTES
aculeo	empregado por	estimulo
acuminado	—	ponteagudo
derelicto	—	desamparado
excidio	—	destruição
inupta	—	donzella
modio	—	alqueire
tentorio	—	barraca
tribulo	—	abrolho
prandio	—	almoço
jugular	—	degollar
parvulo	—	minino

C) **Populares**, desde que sejam creados ou formados pelo povo e introduzidos na lingua para exprimir novas creações, novas idéas, ex. : *quiniela*, *pareo*, *jockey*, *bilontra*, *esbodegar*, *encalistrar*, *debicar*, *escafeder-se*, *buginganga*, *pernostico*.

(1) O eminente latinista Dr. Castro Lopes, amante da pureza e intangibilidade da lingua portugueza, nos legou numerosos neologismos que se vão acceitando e assimilando á lingua com o correr dos tempos, porquanto d'elles nos imprescindem a maior parte, afim de não andarmos a tomar ás linguas extrangeiras vocabulos de graphica e prosodia antipathicas ao genio da nossa.

Antes de C. Lopes tambem a lingua se opulentou com Araujo Porto Alegre nos seus trabalhos, principalmente no poema *Colombo*, Odorico Mendes nas traducções dos autores latinos e Gonçalves Dias, um dos mais eminentes vultos da literatura brasileira.

D) **Semanticos**, desde que sejam constituidos por uma palavra já *existente*, mas cuja significação se generalize e assuma então uma accepção **moderna**, geralmente impropria, ex. :

ACCEPÇÃO PROPRIA	ACCEPÇÃO MODERNA
tratante = negociante	*tratante* = velhaco
tabefe = uma iguaria	*tabefe* = bofetada
brusco = escuro	*brusco* = violento
gazeta = jornal	*gazeta* = falta ás aulas
amolar = afiar	*amolar* = molestar
quarentena = 40 dias	*quarentena* = estadia
sabatina = nos sabados	*sabatina* = recordação
pastel = uma iguaria	*pastel* = preguiçoso
chuva = meteoro	*chuva* = embriaguez
puxado = arrastado	*puxado* = augmento á casa
esdruxulo = proparoxytono	*esdruxulo* = extraordinario

Todo neologismo se diz :

A) **Intrinseco**, sempre que seja formado de elementos já pertencentes á **lingua vernacula**, isto é, por composição ou por derivação, ex. : *ferro-via*, *sentimentalismo*, *abrilada*, *movimentar*;

B) **Extrinseco**, desde que seja formado de elementos não pertencentes á lingua vernacula, ex. : *ravina*, *jockey*, *abracadabrante*, *quiniela*, *poule*.

A esses tambem pertencem os derivados das linguas classicas, ex. : *phonographo*, *electrolyse*, *sociologia*, *explodir*, *altruismo*, *anazotose*, *alcoyla*.

As causas do neologismo são :

A) A **moda**, isto é, muitas palavras apparecem e desapparecem, como, succede aos costumes, ás maneiras, ao vestuario, ex. : *baptista* = cassa, *anquinha*, *madapolão*, *morim* = madrasto;

B) A **influencia literaria**, isto é, muitas palavras são pelos escriptores introduzidas sem necessi-

dade, ex. : *movimentar* = mover, *intriga* = enredo, *garantir* = afiançar, *dessert* = sobremesa *educacionista* = educador.

c) A **creação do objecto**, isto é, cream-se ou se introduzem na linguagem contemporanea as palavras para exprimir creações novas, ex. : *pareo, quiniela, caleça, berlinda, cafeina, theina* (1), *automovel, cinematographo, taximetro, garage*.

Arcaismos.

Arcaismos são os vacabulos antigos de construcções que, tornando-se desusados, se eliminaram da linguagem contemporanea. Podem ser **extrinsecos** e **intrinsecos**.

Os arcaismos intrinsecos são :

A) **Flexionaes**, desde que o vocabulo tenha sido eliminado, mas deixe outro de *igual raiz*. Assim temos :

FÓRMAS ARCAICAS		FÓRMAS VIGENTES
fals*ilho*	substituido por	falso
jud*engo*	—	judaica
soffr*enca*	—	soffrimento
perdo*ança*	—	perdão
menti*deiro*	—	mentiroso
conhec*ença*	—	conhecimento
vizin*dade*	—	vizinhança
cora*çom*	—	coração
avisa*mento*	—	aviso
camb*ador*	—	cambista
semelh*avel*	—	semelhante
fals*ura*	—	falsidão
dul*cidão*	—	doçura

(1) Assim é que se cream, na Chimica Organica principalmente, numerosas palavras para exprimir corpos novos, etc. : *protargol, dormiol, euquinina, piperazina, lysidina*, etc.

B) **Graphicos**, desde que os vocabulos existentes estejam graphados á moda dos antigos textos, ex. : *onra, Joham, sey, direy, veerey, u, hunha, tan, ben, foy, he, muyto, tẽpo, q* (1) ;

C) **Phoneticos**, desde que sejam constituidos por fórmas antigas intermediarias a uma moderna, ás vezes conservadas na prosodia popular.

FÓRMAS ARCAICAS	VIGENTES
fremosa	formosa
prez	preço
moimento	monumento
morer	morrer
soidão	solidão
entonces	então
questã	questão
des que	desde que
assi	assim

D) **Semanticos**, desde que sejam empregados com significação *antiga*, apesar de actualmente terem novo conceito significativo, ex. :

SIGNIFICAÇÃO ARCAICA	SIGNIFICAÇÃO VIGENTE
demandar = pedir	demandar = litigar
vivenda = modo de vida	vivenda = habitação
talhar = cortar	talhar = apropriar
attender = esperar	attender = deferir, etc.
acordar = recordar	acordar = despertar, etc.
britar = partir	britar = quebrar pedras
falar = dizer	falar = exprimir-se
volta = tumulto	volta = retrocesso
brocha = peça de armadura	brocha = pincel

(1) A graphia da Academia de Letras muito se parece com as graphias arcaicas do periodo da indisciplina da lingua antes de chegar á fórma actual que tentam anarchizar.

Os arcaismos extrinsecos são constituidos por palavras integralmente revogadas e substituidas por outras synonymas, de raizes differentes (1).

Esses podem ter :

FÓRMAS ARCAICAS		FÓRMAS MODERNAS
mentre	substituido por	emquanto
adur	—	apenas
estugar	—	apressar
bofé	—	certamente
coudel	—	capitão
mentar	—	lembrar
infanção	—	moço fidalgo
trigança	—	pressa
consum	—	juntamente
atimar	—	acabar
forrejar	—	saquear
ucha	—	arca
governalho	—	leme
longura	—	comprimento
pompear	—	ostentar

As causas do arcaismo são :

A) A **degradação semantica**, isto é, a significação se vae corrompendo e a palavra cahindo em desuso, ex. : *feder, obrar, surdir, cornos, tratante.*

B) A **synonymia**, isto é, uma das fórmas de uso mais geral e mais nobre vae expellindo a outra, ex. : *arteirice* e astucia, *botar* e collocar, *barriga* e ventre, labio e *beiço, chifre* = *guampas* = *chavelhos* = *pontas* = *aspas, safado* e livrado (2).

(1) Muitas fórmas deixaram vestigios na composição, como diz o douto philologo João Ribeiro, e assim temos *jeitar* em *rejeitar, sujeitar, coitar* em *coitado, cata* em *catavento, catacega.*

(2) Salvo si uma for da giria popular, e outra da scientifica, como — *congestão* e *hypermia, antidoto* e *contraveneno, ema* e *rhéa.*

C) A **perda da idéa ou objeto**, isto é, a palavra torna-se imprestavel, por nada mais exprimir, ex. : *adail, corregedor, alcaide, almotacel.*

As vezes algumas fórmas, até então arcaicas, reapparecem na linguagem contemporanea, ex. : *queixume, confortar, gafo, algures, nenhures, alhures, algo, quejandas ;* outras se immobilizam e apenas se usam em certas expressões, ex. : mau *grado,* a seu *talante,* terra de *hereo,* à *puridade,* bem*quisto ;* finalmente outras se corrompem ou se arcaizam apenas em certas zonas geographicas da lingua, ex. : *dama, tabaco, esguião, mandapolão, madrasto* = morim.

PARTE III

SYNTAXOLOGIA

Syntaxologia é o tratado das palavras, consideradas collectivamente, isto é, nas suas diversas funcções ou relações logicas.

A syntaxologia considera as palavras :

A) Como orgams elementares, exercendo funcções no organismo da proposição;

B) Constituido proposições integraes, necessarias á expressão de um pensamento;

C) Como grupos estheticos cuja fórma exterior se accommoda ás condições individuaes e á natureza do assumpto.

A syntaxologia, pois, se divide em syntaxe **relacional**, syntaxe **phraseologica** e syntaxe **literaria**.

SYNTAXE RELACIONAL

Syntaxe relacional é o tratado das funcções e relações das palavras, isto é, da sua concordancia e posição no organismo da proposição simples.

Diz-se **funcção** o papel que na proposição exerce a palavra, como resultado syntactico das suas relações.

Seis são as funcções das palavras ou expressões no organismo da proposição, a saber :

A) Funcção **subjectiva**,
B) Funcção **predicativa**,
C) Funcção **attributiva**,
D) Funcção **objectiva**,
E) Funcção **vocativa**,
F) Funcção **adverbial**.

As duas primeiras são **fundamentaes**, pois a ellas se reduz a proposição no seu menor desenvolvimento, e as demais são **accessorias**, pois apparecem apenas para modificar e desenvolver, ora o sujeito, ora o predicado.

Funcção subjectiva.

A palavra ou expressão em funcção subjectiva diz-se **sujeito**.

Sujeito é o ser de quem se diz alguma cousa, ex. : « Appareceram de repente *os Barbaros* sobre os lugares dos Christãos » (1).

O sujeito póde ser expresso :

A) Por um **substantivo**, ex. : « O céo fere com gritos nisto *a gente* » (2).

B) Por um **pronome**, ex. : « *Algum* d'alli tomou perpetuo somno » (3).

C) Por um **infinitivo substantivado**, ex. : « Mas o *seu dormir* é **tranquillo** » (4).

D) Por qualquer palavra substantivada, ex. : « O *já* da rainha seria mais já do que ella pro-

(1) Lucena, *L. Classica*.
(2-3) Camões, *Lusiadas*.
(4) A. Herculano, *Eurico*.

pria pensava » (1). « O *que* e os *es* estão por duas syllabas » (2).

E) Por uma expressão substantivada, ex. : « ... Era já passada *mais de hora e meia* » (3).

F) Por qualquer palavra interjectiva ou citação, ex. : « Allah! Almoleimar » era o que dizia a grita » (4). « Na porta do templo rustico lia-se : « *Aqui todos são iguaes* » (5).

G) Por uma proposição conjunccional, ex. : « Pesa-me *que* não viesseis mais cedo » (6).

H) Por uma proposição indefinita, ex. : « *Qual* a materia seja não se enxerga » (7).

I) Por uma proposição infinitiva, ex. : « *Fazer* cada um seu officio é maxima importantissima » (8).

Funcção predicativa.

A palavra ou expressão em funcção predicativa diz-se **predicado**.

Predicado é aquillo que se diz a respeito do sujeito e póde ser constituido :

A) Por um verbo de predicação **completa** isoladamente, ex. : Arvoredo gentil *sobre ella pende* » (9).

B) Por um verbo de predicação **completa** modificado por um ou mais **adjuntos adverbiaes**,

(1) A. Herculano, *Lendas e Narrativas*.
(2) Garrett.
(3) F. Pinto, *Livraria Classica*.
(4) A. Herculano, *Lendas e Narrativas*.
(5) O autor.
(6) R. Lobo, *Côrte na Aldeia*.
(7) Camões, *Lusiadas*.
(8) Manoel Bernardes, *A. Classicos*.
(9) Camões, *Lusiadas*.

ex. : *Na primavera de 1556* partia Camões *para a China* na *frota* de Francisco Martins » (1).

c) Por um verbo de predicação incompleta, integralizado por objecto directo ou indirecto, ex : « Todos os homens estimam grandemente o *ouro* e a *prata* » (2). « A *Joaquim Antonio de Aguiar* succederam annos depois os governos menos tolerantes » (3).

d) Por um verbo de predicação incompleta, integralizado por adjunto predicativo, referente ao sujeito, ex. : « Como são *melancolicas* e *solemnes*, ao pino do sol, as vastas campinas! ... » « *Mais profunda* parece aqui a solidão e *mais pavorosa* do que na immensidade dos mares » (4).

e) Por um verbo de predicação dupla, integralizado ao mesmo tempo pelo objecto directo e o indirecto, ex. : « Quem dá *graças aos Céos* ao sol posto? » (5).

f) Por um verbo de predicação dupla, integralizado por adjunto predicativo referente ao objecto, ex. : « Pintam os antigos ao *Amor menino* » (6). « Logo el-rei Frisol armou *cavalleiros* ao *príncipe* Florendo e a *Platir* seu irmão... » (7).

Funcção attributiva.

A palavra ou expressão em funcção attributiva diz-se **adjunto attributivo**.

(1) O. Martins, *Camões e a Renascença*.
(2) Manoel Bernardes, *Nova Floresta*.
(3) Latino Coelho, *Republica e Monarchia*.
(4) J. de Alencar, *O Gaucho*.
(5) A. F. de Castilho, *Cantico da Manhã*.
(6) Vieira, *Sermões*.
(7) F. Moraes, *Palmeirim da Inglaterra*.

Adjunto attributivo é toda palavra ou expressão que, embora modifique o **substantivo**, não constitue **asserção**.

O adjunto attributivo póde ser expresso :

a) Por adjectivo **descriptivo**, ex. : « O nordeste *secco* e *regelado* corria as campinas do espaço » (1).

b) Por adjectivo **designativo**, ex. : « Esta é a ditosa patria *minha* amada (2).

c) Por um **substantivo** (ou palavra substantivada) precedido de preposição, ex. : « O espirito *dos primeiros* causa a distracção da pessoa » (3).

d) Por um apposto, ex. : « Iracema, *a virgem dos labios de mel*, que tinha os cabellos mais negros... » (4).

e) Por uma proposição relativa, ex. :
« Mas aquella, *a quem fora em sorte dado*
Magriço, *que não vinha*, com presteza se veste » (5).

f) Por uma proposição conjunccional, ex. : « Não ha asserção de *que a prisão fosse ordenada pelo conde* Lisboa » (6).

g) Por uma proposição infinitiva, ex. : « É tempo *de nos passarmos á Africa* » (7).

h) Por uma expressão qualquer, ex. : « Um digno commendador *não sei de que ordem* » (8).

(1) A. Herculano, *Eurico*.
(2) Camões, *Lusiadas*.
(3) C. Oliveira, *Cartas*.
(4) José de Alencar, *Sel. Literaria*.
(5) Camões, *Lusiadas*.
(6) João F. Lisboa, *Obras*.
(7) F. Luiz de Souza, *A. Classicos*.
(8) A. Herculano, *Lendas e Narrativas*.

Funcção objectiva.

A funcção objectiva é exercida por uma palavra ou expressão a que se transmitte immediata ou mediatamente a acção do verbo de predicação incompleta.

A palavra em funcção objectiva diz-se objecto, que póde ser **directo** ou **indirecto**.

O objecto directo póde ser expresso :

A) Por um substantivo, ex. : « Deu *signal* a trombeta castelhana » (1).

B) Por um pronome, ex. :

« Mas que funesto azar correra o filho
Elle *o* via; elle *o* tinha alli presente » (2).

C) Por adjectivo substantivado, ex. :
« A alma é como a noute escura, immensa e azul,
Tem o *vago*, o *sinistro*, e os canticos do sul » (3).

D) Por um infinitivo substantivado, ex. : « O velho tentou *responder;* porém não poude » (4).

E) Por uma proposição infinitiva, ex. : « *Tirar Ignez ao mundo* determina » (5).

F) Por uma proposição conjunccional, ex. : « Espero com grande alvoroço *que venhais para esta cidade* » (6).

---

(1) Camões, *Lusiadas*.
(2) Gonçalves Dias, *Poesias*.
(3) Gomes Leal, *Claridades do Sul*.
(4) A. Herculano, *Eurico*.
(5) Camões, *Lusiadas*.
(6) Rodrigues Lobo, *Côrte na Aldeia*.

G) Por uma proposição indefinita, ex. : « Examina bem e dize-me *qual é para os corações puros e nobres o motivo immenso, irresistivel das ambições de poder, de opulencia e renome* » (1).

H) Por uma expressão interjectiva, ex. :

« Mas, *oh que luz tamanha* que abrir sinto,
Dizia a nympha e a voz alevantava » (2).

I) Por uma expressão não interjectiva, ex. : « Sentia *um não sei que* que me partia o coração (3).

J) Por uma proposição ou periodo inteiro, servindo de citação a outro, ex. :

« Sahindo uma criada, lhes disse :
— *Sera necessario esperarem, porque dorme* » (4).

« Voltou-se então p'ra Deus o meu espirito
E a minha voz queixosa perguntou-lhe : —
— *Senhor, por que do nada me tiraste?* » (5) (*).

---

(1) A. Herculano, *Eurico*.
(2) Camões, *Lusiadas*.
(3) Almeida Garrett.
(4) Manoel Bernardes, *Nova Floresta*.
(5) G. Dias, *Obras Poeticas*.

(*) É muito commum, no **estylo directo**, occorrerem proposições simples ou compostas que, embora independentes, se prendem ao periodo anterior, por lhe servirem de objecto.

Estas proposições assignalam portanto sempre uma como **citação**, em que se acham transcriptas, como foram expressas, ex. :

« Estatuarios de colossos
Cançado d'outros esboços,
Disse um dia Jehovah : »
« Vae, Colombo, abre a cortina
Da minha eterna officina...
Tira a America de lá ».

Castro Alves, *Esp. Fluctuantes*).

Funcção vocativa.

A palavra ou expressão que, posta interjectivamente na proposição, indica a pessoa ou cousa a que nos dirigimos, chama-se **vocativo**, ex. :

> « O *terra! ó céos! ó muda natureza!*
> Transbordae de alegria » (1).

O vocativo geralmente póde ser :

A) **Subjectivo**, isto é, ter por termo fundamental o pronome sujeito occulto ou claro, ex. : « Corre, *D. Jayme*, não pares... » (2). « Agora tu, *Calliope*, me ensina » (3).

B) **Objectivo**, isto é, servir de objecto ou ter por termo fundamental o pronome objecto, ex. : « Olhando para as muralhas onde reluziam immoveis as lanças dos christãos, chamou : — *Atanagildo!* » (4). « Amo-*te*, *ó cruz*, no vertice firmada de esplendidas igrejas » (5).

Nas narrações animadas duplica-se o vocativo, ex. : « *Rei dos godos, rei dos gados*, exclamou elle, és covarde! » (6).

Ha o vocativo **epistolar** que, quasi sempre posto exteriormente ao periodo, assignala o individuo a quem nos dirigimos, ex. :

> « *Excellentissimo senhor*,
> É fallecido Diogo Lopes de Ulhoa » (7).

(1) Padre Caldas, *P. Sacras*.
(2) Thomaz Ribeiro, *D. Jayme*.
(3) Camões, *Lusiadas*.
(4) A. Herculano, *Eurico*.
(5) A. Herculano, *Harpa do Crente*.
(6) A. Herculano, *Eurico*.
(7) Antonio Vieira, *Cartas*.

Funcção adverbial.

A funcção adverbial é exercida por uma palavra ou expressão que, mediante uma circumstancia, modifica o verbo, o adjectivo e até outro adverbio.

A palavra ou expressão em funcção adverbial diz-se **adjunto adverbial**.

O adjunto adverbial póde ser expresso :

A) Por um adverbio, ex. : « A estrella de Napoleão pairou *lentamente* sobre a Europa » (1).

B) Por um adjectivo adverbiado, ex. :

> « Não olheis para a sombra que passa
> Quero *triste* viver, *ermo* e *só* » (2).

C) Por uma palavra mediante preposição, ex., « *No correio passado* escrevi a Vossa Senhoria » (3).

D) Por uma palavra sem preposição, ex. :

> « O vencedor Joanne esteve *os dias*
> *Costumados* no campo em grande gloria » (4).

E) Por uma expressão adverbial, ex. : « *Desde então* ninguem mais lhe seguiu os passos » (5).

F) Por uma expressão do verbo *haver*, exprimindo tempo, ex. : « Eu sou o sacristão que *poucas horas ha* sahi de casa » (6).

(1) Latino Coelho, *Republica e Monarchia*.
(2) Tobias Barreto, *Dias e Noites*.
(3) Antonio Vieira, *Cartas*.
(4) Camões, *Lusiadas*.
(5) A. Herculano, *Eurico*.
(6) Manoel Bernardes, *Nova Floresta*.

G) Por uma proposição conjunccional, ex. : « *Com tanto que me não retrates*, fala ou berra quanto quizeres » (1).

H) Por uma proposição infinitiva, ex. : « Tem se apresentado uma immensidade de razões, *para combater a possibilidade de uma união iberica* » (2).

I) Por uma phrase do participio passado, ex. : « *Acabadas estas batalhas*, Palmeirim se foi ao castello » (3).

J) Por uma phrase do participio presente, ex. : « *Cahindo a noite*, entrei na abobada » (4).

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

1.° O sujeito diz-se **simples**, desde que seja constituido por :

A) Um substantivo, ex. : « Já chega a Portugal o *mensageiro* » (5).

B) Um pronome, ex. : « *Eu* profano a majestosa sombra » (6).

C) Um infinitivo substantivado, ex. : « E o meu *meditar* era profundo como o céu » (7).

D) Uma palavra substantivada, ex. :

« De sangue está banhado.
O *justo* em affrontosa cruz pendente » (8).

2.° Diz-se **composto**, desde que seja constituido por :

(1) OLIVEIRA, *Cartas*.
(2) PINHEIRO CHAGAS, *Vermelhos, Brancos e Azues*.
(3) F. MORAES *Palmeirim da Inglaterra*.
(4) M. BERNARDES, *Nova Floresta*.
(5) CAMÕES, *Lusiadas*.
(6) J. A. MACEDO, *Liv. Classica*.
(7) A. HERCULANO, *Eurico*, *Autores Classicos*.
(8) PADRE CALDAS, *Poesias Sacras*.

A) Mais de um substantivo, ex. : « O *estado* e o *templo* eram dous aspectos da mesma nação » (1).

B) Mais de um pronome, ex. : « *Eu* e os *meus* nos alegraremos summamente » (2).

C) Mais de um pronome, ex. : « *Perdoar* os erros e *engrandecer* os bons intentos é do espirito generoso » (3).

D) Mais de uma palavra substantivada, ex. : « O *que* e o *es* estão por duas syllabas » (4).

3.° Diz-se **complexo**, desde que seja constituido por expressão ou citação qualquer substantivada, ex. : « Parece-me que o *ouvir a leitura dos annaes do teu illustre reinado* te allivia e revoca á vida » (5).

4.° Diz-se **proposicional**, desde que seja constituido por :

A) Uma proposição conjunccional, ex. : « Da de Eumenes se escreve *que tinha duzentos mil volumes* » (6).

B) Uma proposição infinitiva, ex. : « *Fazer cada um seu officio* é maxima importantissima » (7).

C) Uma proposição indefinida, ex. : « Logo virá *quem te responda* » (8).

Tanto o sujeito simples como o composto se dizem **ampliados**, e assim os **adjuntos attributivos** ou **adverbiaes**, ex. : « *O* pé *gracil e nu, mal roçando*, alisava apenas a verde pellucia » (9).

(1) LAT. COELHO, *Republica e Monarchia*.
(2) ANTONIO VIEIRA, *Cartas*.
(3) RODRIGUES LOBO, *A. Classicos*.
(4) ALMEIDA GARRETT.
(5) A. HERCULANO, *Eurico*.
(6-7-8) P. MANOEL BERNARDES, *N. Floresta*.
(9) JOSÉ DE ALENCAR, *apud Sel Literaria*.

A CONSTITUIÇÃO DO OBJECTO

O objecto directo tem a mesma constituição do sujeito e a sua theoria está consignada na exposição geral das funcções, e assim passemos ao indirecto.

O objecto diz-se **indirecto**, sempre que a acção do verbo a elle se transmitta mediante preposição, ex. :

« Houve tempo em que meus olhos
Góstavam *do* sol brilhante » (1).

As preposições que mais constituem o objecto indirecto são *a, de, por, em, com, para com*, ex. : presidir *a*, depender *de*, responder *por*, ser *para*, consistir *em*, concordar *com*, proceder *para com*.

O objecto indirecto póde ser expresso :

A) Por um substantivo, ex. :

« Como succede *á não* no mar, succede
Aos homens na ventura e na terra » (2).

« Procedia o Conde *nas cousas* atrás ditas com a sua vehemencia natural » (3).

B) Por um pronome, ex. :

« Fumegava-*lhe* aos pés tartareo lume
Crespa serpe as entranhas *lhe* roia » (4).

(1) G. Dias, *Obras Poeticas*.
(2) Antonio Gonzaga, *Poesias*.
(3) Fr. Luiz de Souza, *A. Classicos*.
(4) Manoel Bocage, *Poesias*.

C) Por uma proposição conjunccional, ex. : « Não dais lugar *a que vos peça*, porque me mandais tudo » (1). « Queixam-se os politicos *de que o parlamentarismo deu de si* quanto podia desentranhar » (2).

D) Por proposição infinitiva, ex. : « O juramento forava-o *a reconhecer* publicamente uma crença » (3).

Ha muitos verbos pronominaes e ao mesmo tempo biobjectivos, cujo objecto directo é constituido pela variação pronominal e o indirecto por um substantivo (ou por outra palavra ou expressão equivalente) regido de uma das preposições *a, de, em, com*, ex. : applicar-*se a*, adaptar-*se a*, valer-*se de*, soccorrer-*se de*, esmerar-*se em*, metter-*se em*, investir-*se em*, accommodar-*se com*, conformar-*se com*.

« Bem disse S. Elevedo que metter-*se* o sacerdote *nos* negocios seculares e o rei *nos* espirituaes seria o mesmo que o sol e a lua trocarem de officio » (4).

« Nenhum dos cavalheiros se atreveu *a sahir contra elle* » (5).

O objecto nominal.

Ha substantivos e adjectivos cuja significação se torna incompleta e assim se integralizam mediante objecto indirecto, ex. : inclinação *ao mal*, vocação *ás artes*, disposição *para o trabalho*.

Assim succede aos adjectivos — *avido de, desejoso de, amante de, dependente de, dotado de, proprio a, propenso a, commum a, util a, caro a, caridoso para com*, etc. (6).

(1) Rodrigues Lobo, *A. Classicos*.
(2) Lat. Coelho, *Republica e Monarchia*.
(3) Latino Coelho, *obra cit*.
(4) Manoel Bernardes, *Nova Floresta*.
(5) Rebello da Silva, *Contos e Lendas*.
(6) O objecto nominal, pertencente ao **substantivo**, póde ser dado como **adjunto attributivo**, e os objectos pertencentes aos adjectivos, como — dotado de *prudencia*, avido *de gloria*, propenso *ao mal*, se devem analysar conjunctamente, como si constituissem uma expressão.

Tanto nos casos de substantivos, como de adjectivos, as relações syntacticas são verdadeiros adjuntos syntacticos.

Além disso, desde que o verbo objectivo seja substituido por expressão equivalente, o directo passa a ser indirecto, ex. : extimar *alguem* = ter estima *a alguem*; amar *o bello* = ter amor *ao bello* = ser amante *do bello*; amedrontar *alguem* = metter medo *a alguem*.

Si o objecto for uma proposição, esta póde assumir a funcção attributiva, modificando o substantivo a que se liga pela proposição *de*, clara ou occulta, ex. :

« Deram-me nova (de) que ajuntaveis poderosos exercitos de todas vossas gentes e das alheias, isto e, *noticiaram-me* que... » (1).

Prova de que a analyse attende mais á forma exterior da proposição do que ao seu conceito logico.

Objecto directo preposicional.

Casos ha em que, geralmente para clareza syntactica, o objecto directo apparece modificado por preposição.

Nestas condições, o objecto directo diz-se preposicional e occorre geralmente :

A) Nos nomes personativos, ex. : « Dous principes da Persia, andando á caça, encontraram *a Mileto*, monge santo » (2). « Choro... tambem Jesus chorou *a* Lazaro » (3).

B) Nos nomes indicando *pessoa* ou *ser vivo*, ex. : « O tigre ataca ao leão ».

C) Nas phrases ou proposições infinitivas, ex. : « A cascata ensinou-me *a gemer* » (4). « Comecei então a *escutar* attentamente » (5).

---

(1) RODRIGUES LOBO, *A. Classicos.*
(2) MANOEL BERNARDES, *A Classicos.*
(3) G. DIAS, *Obras Poeticas.*
(4) TOBIAS BARRETO, *Dia e Noite.*
(5) CAMÕES, *Obras completas.*

« Gigante do porvir, ó Mocidade,
Aprendei *a entoar* de Deus o nome » (1).

D) Nos pronomes pessoaes, substituindo as variações pronominaes correspondentes, ex. : « Nem elle entende *a nós* nem nós *a elle* » (2).

E) No pronome *quem* em vez de *que*, para clareza da expressão, ex. :

« A ti *a quem* sempre em idyllios.
Sublimo em phrases ternas » (3).

« O Senhor do céo manda ás vezes áquelles *a quem* ama um bom pensamento » (4).

F) Nas transposições em que o objecto preceda ao verbo, ex. : « A todos os autores, diz S. Ambrosio, enganam os seus escriptos (5).

G) Nos idiomatismos da lingua, em que a preposição é pura particula *decorativa*, ex. : « Restam-nos para concluir *com* os successos da Asia darmos conta da viagem » (6). « Começaram a abalar *contra* as portas da Ribeira » (7).

Esse phenomeno é vulgarissimo e assim temos as expressões — olhar *para*, chamar *por*, puxar *por*, acabar *com*, cumprir *com*, pegar *em*, fazer *de* e outras, ex. : « E os anjos *chamam por* mim » (8).

« A matta *faz* do lavrador uma sentinella alerta » (9).

---

(1) J.G. MAGALHÃES, *Suspiros Poeticos.*
(2) CAMÕES, *apud F. Barreto.*
(3) GOMES LEAL, *Claridades do Sul.*
(4-5) ANTONIO VIEIRA, *Obras.*
(6-7) FR. LUIZ DE SOUZA, *A. Classicos.*
(8) A GARRETT, *apud Aulete.*
(9) ALBERTO RANGEL, *Inferno Verde.*

Ha verbos que tanto occorrem no estado de objectivos directos, como indirectos, ex. : usar *de*, mudar *de*, soffrer *de*, ex. : « A religião soffre d'esta flacidez morbida do nosso caracter » (1). « Os homens começaram a mudar *de* rumo » (2).

Assim como ha objectos proposicionaes, ha tambem proposições objectivas directas, regidas idiomaticamente de uma preposição, ex. :

« E o força do pesado cabrestante
Faz *com* que ella se abaixe ou se alevante » (3).

Esse facto igualmente se póde effectuar, desde que a proposição seja ligada por connectivo **indefinito**, regido de preposição, ex. :

« Não sabia *em que* modo festejasse
O Rei pagão os fortes navegantes » (4).

« Vejamos agora *em que* apparece principalmente cifrada a justificação e a apologia » (5).

Adjuntos syntacticos.

O adjunto attributivo tambem se diz :

A) **Simples**, desde que seja constituido por um só adjectivo, palavra ou expressão adjectivada, ex. : « Seus olhos que exprimem *tão doce* harmonia » (6).

B) **Composto**, desde que seja constituido por mais de um adjectivo, palavra ou expressão adjectivada, ex. :

« Como cantarei eu novas cantigas
Em terras *tão estereis, cheias d'ira* » (7).

(1) Bispo do Pará, *Liberdade de Cultos*.
(2) A. Herculano.
(3) Andrade, *Primeiro Cerco de Diu*.
(4) Camões, *Lusiadas*.
(5) Lat. Coelho, *Republica e Monarchia*.
(6) A. Gonçalves Dias, *Poesias*.
(7) Camões, *Obras completas*.

C) **Ampliado**, desde que seja modificado por outros adjuntos, attributivos ou adverbiaes, ex. : « O Brazil proclamou a definitiva abolição de uma *deshumana* e *cruel* instituição » (1).

D) **Proposicional**, desde que seja constituido por uma proposição, ex. :

« O nome lhe puzeram *que inda dura*
Dos amores de Ignez *que alli passaram* » (2).

Os adjuntos predicativos e os adverbiaes tambem pódem ser **simples, compostos, ampliados** e **proposicionaes**, nas mesmas condições em que o adjunto attributivo.

Adjunto predicativo.

(DO SUJEITO)

Adjunto predicativo é toda palavra ou expressão que, integralizando o **conceito do verbo**, se refere ao sujeito ou ao objecto, constituindo **asserção** através do verbo ex. : « Do triumvirato literario que então florescia na patria lusitana, Herculano, Garrett e Castilho, o autor da « Harpa do Crente « foi a *figura mais alta e mais dominativa, mais illustre e mais poderosa* (3).

Assim pois ha adjuntos predicativos pertencentes ao sujeito, e outros ao objecto.

Pedem adjuntos predicativos, além do verbo *ser*, os verbos — *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, *ficar*, *sahir*, *permanecer*, *parecer*, *continuar;* mas tra-

(1) Latino Coelho, *Republica e Monarchia*.
(2) Camões, *Lusiadas*.
(3) Candido Jucá, *Centenario de A. Herculano*.

temos do verbo *ser*, por exigir muitas modalidades de adjuntos.

O adjunto predicativo póde ser expresso :

A) Por adjectivo descriptivo, ex. : « *Terribilissimos* foram os sonhos que Deus mandou ao presbytero » (1).

B) Por adjectivo designativo, ex. : *Tal* foi a historia do anno de 22, a data da emancipação politica do Brazil » (2).

C) Por expressão adjectivada, ex. : « A alliança da Hollanda era *das mais naturaes* » (3).

D) Por substantivo appellativo, ex. : « Sem ti a ordem é *desordem*, a vida é *morte*, o descanço é *trabalho*, a gloria é *infamia*, o bem é *mal* » (4).

E) Por substantivo proprio, ex. : Eu não sou *o fatal e triste Beaudelaire* » (5).

F) Por pronome, ex. : « Mas, tu *quem* és, ó chaos tenebroso » (6).

G) Por infinitivo ou phrase infinitiva, ex. : « Do mesmo modo o levar imposições e tributos injustos, é *chupar o sangue dos povos* » (7).

H) Por proposição relativa, ex. : « Eu, o Silencio e a Solidão eramos *quem estava ahi* » (8). « E o ambiente *que o impelle irresistivelmente á decadencia e á ruina* » (9).

(1) A. Herculano, *Eurico*.
(2) O. Martins, *O Brazil e as C. Portuguezas*.
(3) J. Francisco Lisboa, *Obras*.
(4) Fr. Heitor Pinto, *apud. Sel. Literaria*.
(5) Gomes Leal, *Claridades do Sul*.
(6) Padre Caldas, *Poesias Sacras*.
(7) Manoel Bernardes, *Nova Floresta*.
(8) A. Herculano, *Eurico*.
(9) Latino Coelho, *Republica e Monarchia*.

Os demais verbos pedem adjunctos predicativos, geralmente constituidos por adjectivos ou expressões equivalentes.

Assim temos adjuntos predicativos pertencentes :

A) Ao verbo *estar*, ex. : « Acaba a fala, *estiveram* todos *calados* por um espaço » (1).

B) Ao verbo *andar*, ex. : « As legiões godas andavam *intrepidas* » (2).

C) Ao verbo *ir*, ex. :

« O bellissimo corpo abraça e creio
Que disto o Souza *cioso iria* » (3).

D) Ao verbo *vir*, ex. :

« Tão *temerosa vinha* e *carregada*
Que poz nos corações um grande medo » (4).

E) Ao verbo *ficar*, ex. :

« *Confuso* o Rei ficava e *esmorecido*
Com a voz medonha do Tartareo Nume » (5).

F) Ao verbo *jazer*, ex. :

« ... Bêbê a um canto da sála
Jazia *livida, exangue* » (6).

G) Ao verbo *sahir*, ex. : « A empreza sahiu *victoriosa* » (7).

(1) Diogo do Couto, *Decadas*.
(2) A. Herculano.
(3) Corte Real, *Naufragio de Sepulveda*.
(4) Camões, *Lusiadas*.
(5) J. A. Macedo, *O Oriente*.
(6) G. Junqueiro, *apud Aulette*.
(7) Epiph. Dias, *Gram. Port*.

H) Ao verbo *parecer*, ex. : Parece o mundo *um tumulo* » (1).

I) Ao verbo *continuar*, ex. : « Os punhos continuavam *cerrados* e os braços *tesos* » (2).

J) Ao verbo *permanecer*, ex. : « A administração publica permanecia *quasi inalterada* » (3).

Adjunto predicativo.

(DO OBJECTO)

Ha verbos objectivos que, além do objecto directo, precisam geralmente de um adjunto predicativo para lhes integralizar o conceito, ex. : *nomear* alguem *consul*, *constituir* alguem *herdeiro*, *proclamar* alguem *presidente*, *julgar* alguem *perverso*, etc.

A maior parte dos verbos que assim se empregam deixamos consignada na pag. 130.

Essa palavra ou expressão que, modificando o objecto, integraliza ao mesmo tempo o conceito do verbo, diz-se **adjunto predicativo** (do objecto), ex. : « A hora do meio dia *fizera* o lugar *solitario* » (4).

O adjunto predicativo ás vezes é constituido por uma expressão integral, ex. : « Os historiadores reputam D. João III *de intelligencia apoucada* » (5).

(1) A. F. Castilho. *Estréas-Poetico-Musicaes*.
(2) Julio Ribeiro, *A Carne*.
(3) Latino Coelho, *apud Aulette*.
(4) Manoel Bernardes, *apud Selecção Lit.*
(5) Epiph. Dias, *Gram. Port.*

Ás vezes o adjunto predicativo se liga ao verbo mediante um dos connectivos *como*, *para*, *por* e *de*, ex. : considerar alguem *(como)* amigo.

D'ahi se segue que o adjunto predicativo póde integralizar o verbo :

A) **Immediatamente,** isto é, sem intervenção de connectivo, ex. : « Ignez, a triste Ignez, *seu vate* o acclama » (1).

B) **Mediatamente,** isto, é mediante um dos connectivos, ex. : « A Europa consagrou *como* instituição fundamental a monarchia » (2). « Na Europa a nação-chefe tres vezes a proscreveu *como fórma incompativel* » (3). « Os povos da Gangarida, terra além do Ganges, elegiam *para* rei o mais formoso » (4). « *Por* seu arauto musico o estio *te* elegeu » (5). « Ingrata!... Oh! não *te* chamarei *de* ingrata!... » (6).

O adjunto predicativo, referente ao objecto, passa a pertencer ao sujeito :

A) Nas vozes passivas, ex. : « Em 1635 *foi* Vieira *ordenado presbytero* » (7).

> « *Gidá se* chama o porto aonde o tracto
> De todo o Roxo mar mais florecia » (8).

B) Nos **verbos pronominaes**, pois referir-se ao pronome **objecto,** substituto do sujeito, é o mesmo que referir-se a este, ex. : « Com esta nova *se*

(1) J. Maria Velho, *Poesias, A Camões*.
(2-3) Lat. Coelho, *Rep. e Monarchia*.
(4) Manoel Bernardes, *Nova Floresta*.
(5) Thomaz Ribeiro, *A Cigarra*.
(6) Alm. Garrett, *Poema*.
(7) J. F. Lisboa, *Vida do Padre Antonio Vieira*.
(8) Camões, *Lusiadas*.

mostraram os amigos *mais alvoroçados* » (1). « ...Esta geração vaidosa e má que *se crê grande e forte...* » (2). « Chamei-*me Adamastor* e fui na guerra... » (3).

O adjunto constituido por **adjectivo**, pertencente aos verbos *fazer* ou *tornar*, equivale a um verbo **factitivo**, ex. : tornar fraco = *enfraquecer*, fazer-se rico = *enriquecer*, ex. : « A fortuna me *faz* o engenho *frio* » (4). « O cavalleiro saiu da especie de torpor que o *tornava immovel* » (5).

O adjunto predicativo póde referir-se a uma proposição inteira, ex. : Fazer *publico* que... tornar *patente* que... etc., ex. : « Que tal seja o alcance e a significação desse projecto, ficou *patente* das discussões do Senado » (6).

> « Mas já *razão* parece que saibamos
> Si entre vós a verdade não se nega » (7).

A apposição geral.

A apposição se exprime mediante um substantivo ou expressão substantivada que se annexe a outro, especificando-a.

A palavra a que se appõe outra se diz **termo fundamental**, ex. :

> « Vê *Cathigão*, cidade das melhores
> De *Bengala*, provincia que se presa » (8).

(1) Rod. Lobo, *Côrte na Aldeia*.
(2) A. Herculano, *Eurico*.
(3-4) Camões, *Lusiadas*.
(5) A. Herculano, *Eurico*.
(6) Bispo do Pará, *A Liberdade de Cultos*.
(7-8) Camões, *Lusiadas*.

A apposição se diz :

A) **Immediata**, desde que o termo fundamental se siga ao apposto, ex. : « Perante Philippe, *rei da Macedonia*, requeria Machetas sua justiça » (1).

B) **Mediata**, desde que o termo fundamental esteja separado do apposto por expressão intercurrente, ex. :

> « Entre *a zona*, que Cancro senhorea,
> *Meta septentrional de sol luzente* » (2).

> « Eu nunca vi *Lisboa*, e tenho pena,
> *Mãi de sabios, de heróes, crime* e *virtude* » (3).

Assim como a um termo fundamental podem referir-se dous ou mais appostos, assim um unico apposto se pode referir a dous ou mais termos fundamentaes, simultaneamente expressos, ex. : « De um lado é o *telephonio* e o *phonographo*, estes dous prodigios da sciencia » (4).

A apposição póde ás vezes ter por termo fundamental uma proposição inteira, principalmente quando expressa pelo pronome *o*, ex. : « Procede bem, *o* que te tornará estimado ». « Ambas vêm pela mão, *igual partido* » (5).

O apposto cujo termo fundamental é um **vocativo**, assume o caracter de um **compellativo**, isto é, um vocativo secundario, ex. : « Eu te saudo, ó *sol, bello astro amigo!* » (6).

(1) M. Bernardes, *Autores Classicos*.
(2) Camões, *Lusiadas*.
(3) Thomas Ribeiro, *D. Jayme*.
(4) Latino Coelho, *Republica e Monarchia*.
(5) Camões, *Lusiadas*.
(6) Gomes Leal, *Claridades do Sul*.

Ás vezes, sendo o termo fundamental pronome pessoal, póde estar occulto por elegancia, ex. : « Eis aqui o que eramos *(nós) as gentes antes da lei evangelica* » (1). « *Deputado provincial e geral*, tomou *(elle)* assento no Senado, como representante do Rio Grande do Norte. *Pamphletista mordaz*, publicou *(elle)* o *Libello* do povo sob o pseudonymo de Timandro » (2).

A apposição ás vezes se transfere emphaticamente para antes do termo fundamental, ex. : *Realidade* ou *desejo incerto*, o amor é o elemento primitivo da actividade interior » (3).

« *Do mundo as illusões, vaidade, engano*
Da vida a mesquinhez, prazer ou *pranto*,
Tudo esse nome arrasta, prostra e some » (4).

« *Poesia e saudade*, eis a synthese affectiva que nos vêm destas encantadoras plagas... » (5).

Geralmente esse facto póde effectuar-se :

A) Sempre que o termo fundamental for expresso por um dos pronomes *tudo, nada, ninguem, cada um*, ou outra expressão indefinita equivalente, servindo de sujeito, ex. : « *Jogos, conversações, espectaculos, nada* o tirou do seu retiro » (6). « O ouro, os diamantes, as perolas, *tudo* é terra da terra » (7). « Commandante (8), officiaes, soldados, *ninguem* escapou com vida naquelle dia luctuoso » (1).

« Plantas, rios, flores, prados, fontes
Cada um com lingua muda ao sol falava » (2).

B) Sempre que o termo fundamental for uma variação pronominal, ex. : « *Senhor* dos segredos da harmonia, corriam-*lhe* os versos com a fluidez da lympha » (3).

C) Sempre que o termo fundamental é constituido por um vocativo, ex. :

« Flor de belleza, luz de amor, *Coema*,
Murmurava o cantor, onde te foste
Tão doce e bella, quando o sol raiava? » (4).

Neste caso nem sempre se effectua a transposição do apposto para antes do termo fundamental.

O adjunto attributivo simula ás vezes um apposto quando tem por funcção explicar uma modalidade, um modo de ser do termo fundamental, servindo para descrevel-o, ex. :

« As flores da aldeia são puras e bellas
Suaves aromas, vivissimas cores » (5).

---

(1) Manoel Bernardes, *Nova Floresta*.
(2) Carlos de Laet, *Anth. Nacional*.
(3) A. Herculano, *Eurico*.
(4) G. Dias, *Poesias*.
(5) Candido Jucá, *O Norte*.
(6) A. Castilho, *A. Classicos*.
(7) Ant. Vieira, *Sermões*.
(8) Tambem podemos representar o apposto com proposição inteira-*infinitiva*, como no seguinte trecho camoneano em que a proposição infinitiva — *levantar-se* no ar... serve de apposto ao objecto pleonastico *o* pertencente á fórma verbal *vi*.

Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava) *levantar-se*
No ar um vaporzinho e subtil fumo...

Ou então com proposição *conjunccional* referente a substantivo que lhe serve de *termo fundamental*, como no seguinte exemplo de Rodrigues Lobo :

« *Uma cousa* vos confessarei, Snr. Lourenço, disse a isto D. Julio, *que os Portuguezes são homens de ruim lingua* ».

(1) E. Carneiro, *Gram. Port.*
(2) Gabriel Pereira, *Ulysséa*.
(3) Conego Joaquim, *F. Pinheiro, apud Selecção Lit.*
(4) Gonçalves Dias, *Poesias*.
(5) Thomaz Ribeiro, *D. Jayme*.

Estes casos se explicam como por ellipse da preposição *de* que ás vezes póde estar expressa, ex.:

« Não acaba, quando *uma figura*
Se mostra no ar, robusta e valida,
De disforme e grandissima estatura » (1).

A apposição se póde achar ligada ao termo fundamental pela palavra *como*, significando em *qualidade de*, ex.: « E porque os republicanos, *como gentes fóra da lei monarchica*, são sempre adversarios da parceria... » (2).

Esta especie de apposição separa-se constantemente do termo fundamental, tanto para antes como para depois, ex.: « A *monarchia* na America apenas ainda se levanta no Brazil, *como excepção ephemera e desnatural*... » (3) (4). « *Como formula de transição egoista* entre o passado e o futuro, *a realeza* já não conta um crente verdadeiro » (5).

« Eis aqui se descobre a nobre Hespanha
Como cabeça ali da Europa toda » (6).

Outras vezes, porém, quando um ou mais appostos ou adjuntos attributivos occorrem *sem possuirem no periodo termo fundamental expresso* a que se refiram, assumem então o caracter syntactico de verdadeiro **anacolutho** ou phrase quebrada, como neste elegante exemplo de Fabio Luz: « *Cumpridor escrupuloso de deveres, assiduo ás aulas, interno de clinica, amador de laboratorios*, seu cabedal scientifico era maior do que o de grande numero de seus collegas... » (7).

A apposição especifica.

A apposição especifica é aquella que se emprega para especificar e restringir o conceito de um termo fundamental

Esta modalidade de apposição póde ser **personativa** ou **locativa**.

A personativa é constituida:

A) Por um nome **personativo**, apposto immediatamente a um pronome pessoal ou a um appellativo, ex.: « *Eu Annibal* peço a paz; a rainha *Victoria*, o papa *Leão XIII*, o professor *Horacio*. »

B) Por um **cognome**, ex.: Joaquim da Silva Xavier, o *Tiradentes*, Izabel — *Redemptora*. Camões, o *epico portuguez*.

A locativa é constituida:

A) Por um nome locativo, apposto a um appellativo immediatamente, ex.: o rio *Purús*, o rio *Danubio*, a serra *Leoa*.

B) Por um termo locativo ligado ás vezes a uma das palavras: cidade, villa, aldeia, ilha, pela preposição *de*, ex.: a cidade *de* Paris, a villa *do* Rosario, a ilha *de* Marajó, etc. (1).

(1) Camões, *Lusiadas*.
(2-3) Lat. Coelho, *Republica e Monarchia*.
(4) As apposições, para alguns professores, são modalidades de proposições *reduzidas*.
(5) Lat. Coelho, *Republica e Monarchia*.
(6) Camões, *Lusiadas*.
(7) Fabio Luz, *Sergio*.

Adjunto adverbial.

O adjunto adverbial é o phenomeno mais geral, por servir para exprimir numerosas circumstancias, a saber:

TEMPO	sahir *de noite*, dormir *algumas horas*.
LOGAR	andar *no jardim*, *por montes*.
MODO	falar *com cuidado*, *de manso*.
MEIO	alcançar *com protecção*, viver *de esmolas*.
CAUSA	morrer *de fome*, adoecer *por máos tractos*.
EXCLUSÃO	estar *sem dinheiro*, ficar *sem recursos*.
ORDEM	vir *uns após os outros*.
INTENSIDADE	andar *bastante*, falar *muito*.
SUBSTITUIÇÃO	ensinar *por outro*, ir *em vez de outro*.

(1) Seja como for, a apposição sempre constitue um caso especial do adjunto attributivo.

FAVOR morrer *pela patria*, luctar *em prol da idéa*.
ASSUMPTO falar *em moral*, discorrer *sobre direito*.
CONCESSÃO morrer *apesar de moço*, *não obstante forte*.
INSTRUMENTO luctar *á espada*, ferir *com pedra*.
PREÇO vender *por seis mil réis* e comprar *a quatro*.
CONFORMIDADE proceder *conforme*, *segundo*, *de accordo com a lei*.
TROCA dar papel *por ouro*, um objecto *por outro*.
MEDIDA cavar *seis metros*, vender *aos kilos*.
OPPOSIÇÃO luctar *contra o inimigo*, competir *com outrem*.
COMPANHIA viver *com outrem*, estar *com elle*.
DIVISÃO distribuir *com os pobres*, repartir *por todos*.
ESTIMATIVA passar *por sabio*, ter outrem *por honesto*.
MUTUALIDADE discutir *entre si*, corresponder-se *com outrem*.
PROPORÇÃO o pobre está *para o rico* como o pequeno *para o grande*.
ATTESTAÇÃO prometter *sob palavra*, jurar *sob a fé*.
QUALIDADE adoptar *por filho*, receber *por marido*.
ESPECIFICAÇÃO ruivo *de cabellos*, ligeiro *de mãos*.
EXCESSO oito *sobre cem*, quatro *d'entre vinte*, *além d'*isso.

DISTANCIA a *quatro leguas*, a *dois kilometros*.
ESTADO estar *de guarda*, por-se *de joelhos*.
CONFRONTO parecer *com outrem*, confrontar *com outro*.
MATERIA bordar *a ouro*, pintar *de oleo*.
EXPOSIÇÃO estar *á venda*, andar *ao sol*.
MUDANÇA *de feio* estar bonito, converter *em outro*.
DOMINIO estar *com uma faca*, ficar *com um objecto*.
TAXAÇÃO a quatro *por cento*, a oito *por cento*.
FINALIDADE viver *para outro*, estudar *afim de saber*.

Concordancia.

Concordancia é a conformidade das flexões das palavras no organismo da proposição.

Sendo toda flexão — **nominal** ou **verbal**, ha portanto duas especies de concordancia : a **nominal** e a **verbal**.

Concordancia nominal é a conformidade da flexão nominal com o **genero** e **numero** do substantivo, ex. : « *As* festas *da* industria, como *as da* intelligencia, são sempre *um grande* e *nobre* espectaculo no seio *das* nações *cultas* » (1).

As palavras sujeitas á concordancia nominal são — o **adjectivo** e o **pronome** e ás vezes o **substantivo**.

(1) HOMEM DE MELLO, *Escriptos Historicos*.

Concordancia verbal é a conformidade da flexão verbal ou conjugativa com o **numero** e **pessoa** do sujeito, ex. : « *Espalhavam-se* ainda as suas *colonias* por toda a parte do mundo » (1).

Ao verbo pertence exclusivamente esta espécie de concordancia.

Nas expressões verbaes de sentido passivo, constituidas por participio passado, a concordancia verbal se effectua com o **participio** em **genero** e **numero**; com o **verbo** em **numero** e **pessoa**, ex. : « Os Samaritanos *eram* tão *desprezados* e *odiados* dos judeus » (2).

Este facto se effectua igualmente com os verbos *depoentes*, ex. : « Porém cinco *soes eram* já *passados* (3). « *Mensageiros* após *mensageiros*, *cartas* sobre *cartas são vindos* de Toledo a Inigo Guerra » (4).

A concordancia nominal.

(DO SUBSTANTIVO.)

O substantivo em funcção predicativa ou attributiva não se sujeita geralmente á lei da concordancia nominal, ex. : « A arte é *um gemido* epico » (5).

Assim o adjunto póde ter :

A) Numero diverso do substantivo, ex. : « As epopéas são *a historia* do sentir dos povos » (6).

B) Genero diverso do substantivo, ex. : « O espirito nacional é *uma fabula*, o suffragio po-

(1) PEREIRA DA SILVA, *Hist. da F. do Imp. do Brazil.*
(2) BITTENCOURT SAMPAIO, *Divina Epopéa.*
(3) CAMÕES, *Lusiadas.*
(4) A. HERCULANO, *Lendas e Narrativas.*
(5-6) O. MARTINS, *Camões e a Renascença.*

pular *uma apparencia*, o parlamento *uma fugaz visualidade* » (1).

c) Genero e numero diversos dos do substantivo, ex. : « Os esquadrões arabes eram *a flor* do exercito de Tarik » (2).

Mas, si o substantivo possuir flexão de genero, então se effectuará a concordancia, ex. : « A historia foi sempre *a mestra* da vida » (3).

(DO ADJECTIVO.)

O adjectivo, de funcção predicativa ou attributiva, assume a flexão do genero e numero do seu substantivo, ex. : « *Os primeiros* trabalhos da assembléa foram *tranquillos* e *pacificos* » (4).

Os adjectivos substantivados assumem o genero masculino e o numero singular ou plural, e exigem ao adjectivo as flexões correspondentes, ex. : « *Os* grandes do mundo são *escravos* de sua grandeza » (5).

As palavras, as expressões ou proposições substantivadas assumem geralmente o genero masculino e o numero singular, e exigem aos adjectivos ou palavras adjectivadas o masculino singular, ex. : « O justo é *rei* e *senhor* e, ainda que *idiota*, é verdadeiramente *sabio*; o peccador é *subdito* e *idiota* » (6).

(1) LAT. COELHO, *Rep. e Monarchia.*
(2) A. HERCULANO, *Eurico.*
(3) LAT. COELHO, *Rep e Monarchia.*
(4) HOMEM DE MELLO, *Escriptos Historicos.*
(5-6) MANOEL BERNARDES, *Ant. Classicos.*

Dous ou mais substantivos no singular e do
mesmo genero exigem ao adjectivo a flexão plu-
ral, e o genero correspondente, ex. : « A *não* e a
mulher nunca se dão por bastante *equipadas* » (1).
Dous ou mais substantivos no singular e de
genero diverso exigem ao adjectivo a flexão do
masculino plural, ex. : « O *manto* e a *roupeta*, além
de *rotos*, estavam *velhos* e *gastados* » (2).
Dous ou mais substantivos no plural e de
genero diverso, exigem ao adjectivo o masculino
plural, ex. : « As armas e os barões *assignala-dos* » (3).

Ás vezes o adjectivo assume apenas a flexão
do substantivo mais proximo, ex. : « As *estu-pendas arcadas* e zimborios ou as arcadas e *zim-borios estupendos* » (4).

Dous ou mais adjectivos no **singular** e do
mesmo genero podem concordar com um sub-
stantivo no plural, ex. : « O *quarto* e *quinto*
Affonsos e o terceiro » (5).

Esta syntaxe, modernamente mais usada, de-
vemos acceital-a, pois occorre na maior parte dos
escriptores.

A syntaxe classica, mais correcta, exige o
substantivo no singular e a repetição do artigo
antes do segundo adjectivo, ex. : « O patriotismo
romano e o *portuguez*, formado á sua imagem,
foram das mais bellas flores » (6).

---

(1) Manoel Bernardes, *apud Select. de Coutinho.*
(2) Frei Luiz de Souza, *apud. Carneiro.*
(3) Camões, *Lusiadas.*
(4) *Apud* Epiph. Dias.
(5) Camões, *Lusiadas.*
(6) O. Martins, *Camões e a Renascença.*

Os adjectivos designativos se adstringem á
concordancia nas mesmas condições que os de-
scriptivos, ex. : « *Esta* é a ditosa patria *minha*
amada » (1).

Dous ou mais substantivos, de genero e nu-
mero *diversos*, exigem ao adjectivo a *flexão* do
substantivo *plural*, ex. : « Não são vossos *poderes*
e liberdade tão *limitados* » (2). « O ouro e as *fa-zendas* eram *muitas* » (3).

Depois de dous ou mais substantivos, o adje-
ctivo póde apenas assumir a flexão do ultimo :

A) Desde que os substantivos sejam *synony-mos*, ex. : « ... Affrontou-se o orador com a di-
vindade com uns *meneios* e *fórmas estranhas* » (4).

B) Desde que os substantivos constituam grada-
ção, ex.: «Gritos, *imprecações profundas* soam» (5).

C) Desde que se achem ligados por *ou*, alter-
nando, ex. : « Estava nos braços *do* ancião um
menino *ou menina encantadora* » (6).

(DO PRONOME.)

Os pronomes assumem a flexão de genero
e numero do substantivo que substituem, ex. :
« Mas *elles* não *o* escutavam » (7).

Os pronomes relativos *que* e *quem* não pos-
suem flexão, mas *o qual* e *cujo* se flexionam.

---

(1) Camões, *Lusiadas.*
(2-3) E. Carneiro, *Gram. Port.*
(4) J. F. Lisboa, *Vida do Padre A. Vieira.*
(5) Gonçalves Dias, *Poesias.*
(6) E. Carneiro, *Gram. Port.*
(7) A. Herculano, *Eurico.*

A) O pronome *o qual* assume a flexão de numero e genero do substantivo substituido, ex. : « Era este canto doloroso e tetrico, *o qual* lhe transudava do coração » (1).

B) O pronome *cujo* assume a flexão de genero e numero do substantivo consequente, ex. : « Os amores de uma mulher *cujo nome* traz no escudo o trazem apertado » (2).

(DO PARTICIPIO PASSADO.)

O participio passado, em funcção predicativa ou attributiva, assume o genero e numero do substantivo modificado, ex. : « Estavas, linda Ignez, *posta* em socego » (3).

Ficará, porém, invariavel nas expressões constituidas com os verbos *ter* e *haver*, ex. :

« E vós, Tagides minhas, pois *creado*
Tendes em mi um novo engenho ardente » (4).

No portuguez arcaico o participio passado concordava com o objecto directo, sempre que **este o precedia**, ex. :

« No reino de Bintão que *tantos damnos*
Terá a Malaca muito tempo *feitos*... » (5).

A concordancia verbal.

Concordancia verbal é a conformidade da flexão verbal com o numero e pessoa do sujeito, ex. : « Todos os *effeitos* do estado de sitio *desapparecem* com a sua terminação » (6).

A flexão do verbo, pois, se adapta ao numero e á pessoa do sujeito, isto é, aquelle concorda com este em numero e pessoa, ex. : « Já *sobe* ao grande mastro *o bom gageiro* » (1).

(1) A. HERCULANO, *obra cit.*
(2) FRANC. DE MORAES, *Palmeirim de Inglaterra.*
(3-4-5) CAMÕES, *Lusiadas.*
(6) RUY BARBOSA, *E. de Sitio.*

Dous ou mais sujeitos do singular exigem ao verbo a flexão plural, ex. : » O *urso* ferocissimo, o *javali* indomavel, a leve *corça abastecíam* a grosseira mesa desses Godos » (2).

Mas o verbo póde ficar no singular :

A) Desde que preceda aos sujeitos, ex. : « *Falta*-me o *tempo* e o *alento* para escrever » (3).

« *Sirva* a real grandeza
A prata, o ouro, a fina pedraria » (3.ª).

B) Desde que se interponha entre os sujeitos, ex. :

« Amor é um brando affecto,
Que *Deus* no mundo *poz* e a *natureza* » (4).

C) Desde que os sujeitos estejam ligados por *ou*, alternando, ex. : « O *riso* ou *alegria* do peccador não *é* animado com vida do espirito » (5).

D) Desde que os sujeitos sejam *synonymos*, ex. : « A *instabilidade* e *incerteza* do governo *trazia* os animos em continua hesitação » (6).

E) Desde que os sujeitos estejam ligados por *nem*, alternando, ex. : « *Nem foi* o infante *nem* seu irmão el *rei* D. Duarte » (7).

(1) GONZAGA, *M. de Dirceu.*
(2) A. HERCULANO, *Eurico.*
(3) A. VIEIRA, *Cartas.*
(3ª) J. ALVARENGA PEIXOTO, *Obras Poeticas.*
(4) CAMÕES, *Obras.*
(5) Pe M. BERNARDES, *A. Classicos.*
(6) LAT. COELHO, *Rep. e Monarchia.*
(7) ALM. GARRETT, *Camões.*

F) Desde que constituam uma enumeração ou especificação, ex. : « Cada terra, cada rio, cada cidade, é caracterizada pela feição que a define » (1).

Nos sujeitos coordenados.

Assumirá sempre o plural o verbo cujos sujeitos são coordenados pelos equivalentes da conjuncção *e* :

Esses equivalentes são :

A) *Tanto... como*, ex. : « *Tanto* a fuga *como* a perseguição *eram* um phrenesi, um delirio » (2).

B) *Assim... como*, ex. : « *Assim* Saul *como* David debaixo de seu saial *eram* homens de tão grandes espiritos » (3).

C) *Nem... nem*, ex. : « Nem a proposição do Marquez d'Alorna nem a de V. Ex.ª *mereceram* a menor acceitação aos nossos Ministros de Estado » (4).

D) *Quer... quer*, ex. : « Quer a materia quer o espirito se *regem* por leis fataes » (5).

E) A conjuncção *ou* equivalente a *e* ou a *nem*, ex. :

« Onde nem frio inverno *ou* quente estio
As *murcharam* jámais *ou* seccas *viram* » (6).

---

(1) O. Martins, *Camões e a Renascença*.
(2) A. Herculano, *Eurico*.
(3) Pe Antonio Vieira, *Sermões*.
(4) A. Gusmão, *Sel. Literaria*.
(5) O autor.
(6) Camões, *Obras*.

F) A preposição *com*, interposta ás vezes a dous sujeitos diversos, ex. : « Potocasir *com* todos seus *padeceram* grande fome » (1).

Mas, sempre que neste caso o verbo precede ao sujeito, occorre geralmente o singular, ex. : « Acabadas as vodas, *veio* Jesus *com* sua Mãe para Capharnaum... » (2).

Concordancia por attracção.

Diz-se que a concordancia se effectua por **attracção**, sempre que o verbo não concorda com o sujeito, mas com o adjunto d'este.

Este phenomeno effectua-se com o verbo *ser* que póde concordar com o adjunto predicativo :

A) Sempre que os sujeitos sejam infinitivos, ex. : « *Perdoar* os erros e *engrandecer* bons intentos *é* do *espirito generoso* » (3). « *Ler, escrever* e *caçar é* o seu unico divertimento ».

B) Sempre que o adjunto predicativo seja identico ao sujeito, isto é, um possa exprimir a funcção do outro, invertida a ordem, ex. : « A renda de Pedro *são mil escudos* » (4).

C) Sempre que o sujeito seja constituido por um dos pronomes *tudo, isto, isso* e *aquillo*, com o verbo *ser*, ex. : « *Isto* não *são* contos arabicos, mas factos certos » (5). « O ar *são gritos*, fumo o céo, e a terra fogo » (6).

Sujeitos collectivos.

A concordancia tanto se póde effectuar com o collectivo como com o seu adjunto attribu-

---

(1) D. de Goes, *apud Carneiro*.
(2) Rebello da Silva, *Fastos da Igreja*.
(3) Rodrigues Lobo, *Obras*.
(4) A. Freire, *Gram. Port.*
(5) A. Gusmão, *apud Sel. de F. Barreto*.
(6) G. Dias, *Obras Poeticas*.

tivo por **attracção**, ex. : « Dos Mouros *pereceu* a maior *parte;* uns no conflicto, outros na retirada » (1). « Uma chusma de *aduladores* me cercavam noite e dia » (2-3).

Desde que o collectivo não tenha adjunto attributivo no plural, parece-nos melhor o singular, e assim nos classicos ha phrases que devemos reprovar, ex. : « Toda esta clerezia *tinham* tochas accesas nas mãos » (4).

A attracção tambem se effectua, sempre que o pronome *que* é o sujeito, e assim o verbo da proposição relativa assume o numero e a pessoa do antecedente, ex. :

Sou	*eu*	que	*digo*	Somos	*nós*	que	*dizemos*
Es	*tu*	que	*dizes*	Sois	*vós*	que	*dizeis*
E	*elle*	que	*diz*	São	*elles*	que	*dizem*

Assim occorrem, ex. : « *Eu* fui aquelle que *préguei* os primeiros annos no reinado de V. Majestade » (5).

Este phenomeno ás vezes se dá com o relativo *quem*, segundo se acha em muitos escriptores, ex. : « Dize que *sou* quem te *mando* » (6). « *Nós*

---

(1) Jac. Freire, *apud Carneiro.*

(2) Theod. de Almeida, *apud Sel. de F. Barreto.*

(3) Seja como fôr, na concordancia por attracção, o verbo concorda ou com o adjunto **predicativo** quando se trata do verbo *ser*, ou com o adjunto **attributivo**, expresso ou subentendido, pertencente a collectivo, ex. : « Uma multidão de *aduladores* me cercava (ou *cercavam*); *Dos inimigos* parte morreram; parte (dos inimigos) fugiram. »

Nos dous casos o adjunto **predicativo** e o **attributivo**, por se acharem no plural, preponderam e impõem a concordancia, attrahindo a si o verbo.

(4) G. de Rezende, *Liv. Classica.*

(5) Antonio Vieira, *Obras.*

(6) Gonzaga, *M. de Dirceu.*

somos quem *somos* » (1). Mas *tu* és, oh meu Deus, quem me *soltaste* das maternaes entranhas » (2).

Mas o pronome *quem* equivale a *pessoa que, as pessoas que,* e assim apparece mais geralmente com o verbo na terceira do singular, ou do plural, ex. : « Sou eu *quem assiste* ás luctas » (3).

As vezes até ha casos em que o verbo está no singular, quando poderia estar no plural, ex. : « Eu, o Silencio e a Solidão eramos quem *estava* ahi » (4).

Concordancia semiotica.

Concordancia **semiotica** ou **latente** é aquella em que as flexões não se governam pelas palavras expressas, mas por outras accommodadas ao sentido.

Assim nos tratamentos politicos e familiares, constituidos pelas expressões — V. S.ª, V. Ex.ª, V. Alteza, V. Majestade, V. Mercê, Você, os adjectivos e participios concordam nessas expressões conforme a pessoa a quem ellas se referem, e assim dizemos : V. Ex.ª é *amado* ou *amada*. V. Alteza está *grata* ou *grato*, pois são communs aos dous sexos.

Os *autores*, *imperantes*, *professores*, *escriptores*, os *bispos*, etc., empregam o verbo na 1.ª pessoa do plural, mas os adjectivos e participios podem assumir a flexão do singular, ex. : « Antes sejamos *breve* que *prolixo* » (5).

Sempre que o pronome *eu* se coordena aos pronomes *tu*, *vós* ou *elle*, o verbo assume a 1.ª pessoa do plural, ex. : « *Eu* e os *meus* (nós) nos *alegraremos* » (6).

Assim temos as seguintes equações da concordancia semiotica, ex. : eu + tu = nós; eu + elle = nós, ex. : « E quasi que *vós* e *eu* estavamos em um mesmo pensamento » (7).

---

(1) Pe Paiva, *apud Freire.*

(2) Pe Caldas, *Poesias.*

(3) Tobias Barretto, *Dias e Noites.*

(4) A. Herculano, *Eurico.*

(5) João de Barros.

(6) Antonio Vieira, *Cartas.*

(7) Rodrigues Lobo, *A. Classicos.*

Este facto se póde effectuar, ainda que o pronome *eu* se ligue a qualquer outra palavra mediante a preposição *com*, ex.:

« Eu *co'o* grão Macedonio e co'o Romano,
Demos lugar ao nome lusitano » (1).

Sempre que o pronome *tu* se coordena a uma palavra da 3.ª pessoa, o verbo assume a segunda do plural, concordando semioticamente com o pronome *vós*, e as palavras expressas passam a ser appostos, ex.: « Tu e Tullia *estaes* bons » (2), isto é, *vós*.

Syntaxe do substantivo.

O substantivo emprega-se:

A) Como sujeito, ex.: « Brilha a *lua* scintillante » (3).

B) Como objecto directo, ex.: « Fr. Ruy curvou a *cabeça* » (4).

C) Como objecto indirecto, ex.: « Então Aidano disse para o *cocheiro* » (5).

D) Como adjunto predicativo, ex.: « Este mundo é *mar*, esta vida *viagem* » (6).

E) Como adjunto attributivo, ex.: « As flores *d'aldeia* são puras e bellas » (7).

F) Como adjunto adverbial, ex.: « *Alta noite* escutei o carpir funebre » (8).

G) Como apposto, ex.: « Athenas, a *princeza* da Grecia tinha por zimborio um céo esplendido » (9).

---

(1) Camões, *Obras*.
(2) Pe Pereira, *Grammatica lat.*
(3) G. Dias, *Poesias*.
(4) A. Herculano, *L. e Narrativas*.
(5-6) Manoel Bernardes, *A. Classicos*.
(7) Thomaz Ribeiro, *D. Jayme*.
(8) A. Garret, *Camões*.
(9) José M. Velho, *Selecção Lit.*

H) Como vocativo, ex.: « Faze, *ó razão*, soar a voz angusta » (1).

O substantivo exerce, pois, todas as funcções.

Syntaxe dos adjectivos.
O artigo definito.

O artigo definito antepõe-se attributivamente:

A) Aos nomes appellativos, ex.: *o* homem, *a* mulher.

B) Aos adjectivos ou palavras substantivadas, ex.: *o* justo, *o* ideal, *o* amar, *o* partir.

C) Ás expressões substantivadas, ex.: o não posso.

D) Aos nomes locativos, ex.: *a* America, *o* Brazil, salvo alguns nomes, ex.: *Sergipe, Minas, Pernambuco, S. Paulo, Portugal, Castella.*

E) A quaesquer nomes locativos, modificados por adjunto attributivo, ex.: *o* Portugal de D. Manoel.

F) Aos nomes personativos, modificados por adjectivos ou adjuntos attributivos, ex.: *o grande* Napoleão, *o poeta* Castro Alves.

G) Aos personativos de individuos celebres, ex.: « *o* Christo, *o* Dante.

Póde geralmente omittir-se:

A) Nas sentenças e maximas, ex.: *Pobreza* não é deshonra.

B) Nos vocativos, ex.: faz-te mercê, *barão*, a Sapiencia...

---

(1) Pe Caldas, *Poesias Sacras*.

c) Nas exclamações, ex. : *Dia feliz! rosa suave!*

d) No substantivo da definição, ex. : *Biologia* é a sciencia da vida.

e) Antes de nomes predicativos, ex. : A historia é *mestra* da vida.

f) Antes do indefinito *que*, nas interrogações e exclamações, ex. : « *Que* tira ella emfim de ser ou parecer formosa?! » (1). « E *que* direi dos que vão descobrir nas tortuosidades da preoccupação politica o fio desta iniciativa?! » (2).

A's vezes occorre o artigo em escriptores celebres, ex. : « O que parece ao villão ? » (3). « O *que* dirão a isto os todo poderosos do mundo » (4).

O artigo indefinito.

O artigo indefinito póde antepor-se :

a) Aos appellativos, ex. : *uma* mulher, *um* sabio.

b) A's expressões substantivadas, ex. : um *não sei*, um *como*, um *não posso*.

c) Aos nomes personativos, ex. : *um* Napoleão, *um* Vieira.

d) Aos nomes locativos, ex. : *um* Paris, *uma* Athenas.

---

(1) Manoel Bernardes, *A. Classicos*.
(2) Ruy Barbosa, *Estado de Sitio*.
(3) Rebello da Silva.
(4) A. Herculano.

Omissão do artigo.

Póde geralmente omittir-se :

Nos nomes predicativos, ex. : Mariana é *poetisa*.

b) Depois da palavra *como* significando *em qualidade de*, ex. : *como homem* somos imperfeitos.

c) Antes do adverbio *tão*, ex. : elle é tão bom professor.

d) Antes de nomes appostos, ex. : Sapho, *poetisa* maviosa.

e) Antes de substantivos constituindo expressões verbaes, ex. : Dizer *adeus*, pedir *desculpa*, dar *parte*, fazer *caminhos*, dar *licença*.

Repetição dos artigos.

O artigo definito ou indefinito póde repetir-se :

a) Antes de adjectivos indicando um nome anterior, ex. : a guerra franceza e *a* brasileira : um homem justo e *um* injusto.

b) Nas palavras **antonymas**, ex. : o vicio e *a* virtude, um justo e um peccador.

c) Nos nomes, exercendo as mesmas funcções, ex. : *a* fome e a sêde o prostravam. Sentiam um frio e *um* cançaço.

d) Nos nomes de generos oppostos, ex. : *o* homem e *a* mulher, *um menino* e *uma* menina.

Adjectivos descriptivos.

Os adjectivos descriptivos empregam-se:

A) Como adjuntos attributivos, ex.: « A imagem da patria *santa* e *melancolica* » (1).

B) Como adjuntos predicativos, ex.: « A palavra é mais *nitida* e *expressiva* » (2).

C) Como substantivos, ex.: « Antes, disse o *velho*, me mandaram recado » (3).

D) Como adverbios, ex.: « Mas eu que falo *humilde, baixo* e *rudo* » (4).

Posição dos adjectivos descriptivos.

Os adjectivos tanto se antepõem como se pospõem ao substantivo, ex.: « O templo *catholico* é commummente o symbolo da *completa* igualdade » (5).

Mas geralmente succede que:

A) Os intrinsecos tanto se antepõem como se pospõem conforme o gosto, o capricho do escriptor e a esthetica da expressão, ex: « Quando as vagas *sonoras* arremesso » (6).

B) Os extrinsecos geralmente se pospõem, ex.: « A unidade *religiosa* é o penhor mais seguro da unidade *nacional* » (7).

---

(1) A. Herculano, *obra cit.*
(2) O. Martins, *C. e a Renascença.*
(3) R. Lobo, *Autores Classicos.*
(4) Camões, *Lusiadas.*
(5) A. Herculano, *L. e Narrativas.*
(6) A. Castello Branco, *Poesias.*
(7) Bispo do Pará, *Liberdade de Cultos.*

C) Os extrinsecos, no estylo elevado, mais geralmente se antepõem do que se pospõem, ex.: « O Brazil proclamou a *definitiva* abolição de uma *deshumana* e *cruel* instituição » (1).

D) Alguns extrinsecos, desde que se anteponham, assumem nova accepção, ex.: homem grande e *grande* homem, mulher pobre e *pobre* mulher, cousa simples e *simples* cousa, casa santa e *santa* casa.

Os adjectivos designativos.

Os adjectivos designativos empregam-se:

A) Como adjuntos **attributivos**, ex.: « *Algumas* doces cytharas tocavam » (2).

B) Como adjuntos **predicativos**, ex.: *Minha* foi só a desgraça, respondeu elle » (3).

C) Como **pronomes**, ex.: « Buscae outro irmão, que *este* era *meu* » (4).

Posição dos adjectivos designativos.

A maior parte dos designativos se antepõem geralmente ao substantivo, ex.: « As *minhas* paixões não podiam morrer » (5).

D'onde se segue que sempre se antepõem:

A) Os **possessivos**, salvo no estylo elevado ou no verso, ex.: « Esta é a ditosa patria *minha* amada » (6).

---

(1) L. Coelho, *R. e Monarchia.*
(2) Camões, *Lusiadas.*
(3) R. Lobo, *A. Classicos.*
(4) Manoel Bernardes, *Nova Floresta.*
(5) A. Herculano, *Eurico.*
(6) Camões, *Lusiadas.*

B) Os **demonstrativos**, salvo nas expressões exclamativas, ex. : Meu Deus ! que gelo ! que frieza *aquella!* » (1)

C) Os numeraes **cardinaes**, salvo substituindo os ordinaes correspondentes e deixando o substantivo no singular, ex. : pagina *dous*, livro *dez*, seculo *quatorze*, Carlos *doze*.

D) Os numeraes **ordinaes**, salvo si, além de indicar a ordem, indicam a divisão ou a distribuição, ex. : livro *segundo*, capitulo *sexto*, tomo *oitavo*.

E' uso posporem-se, sempre que indicam a successão de personagens celebres, ex. : Carlos *quinto* (V), Pedro *segundo* (II).

Sempre se antepõem ao substantivo os indefinitos *cada*, *certo*, *demais*, *muito*, *quanto*, *pouco*, *outro*, *tanto*, *que*, ex. : *cada* terra, *certo* mancebo, as *demais* nações, *muitas* pessoas, *quantos* rostos, *outro* homem, *pouco* vinho, *tanto* damno, *que* gloriosas palmas.

Pospõem-se ao substantivo os indefinitos :

A) *Algum*, desde que signifique *nenhum*, ex. : « Não lhe aconteceu mal *algum* » (2).

Nos classicos antigos apparece ás vezes posposto, mas com significação **positiva**, ex. : « Desta gente refresco *algum* tomamos » (3). « Palavra *alguma* arabica se conhece » (4).

B) *Mesmo*, desde que signifique, *proprio* ou seja reforço intensivo, ex. : « Céos ! elle *mesmo*, elle » (5). Aqui *mesmo*, hoje *mesmo*, etc.

---

(1) C. DE ABREU, *Primaveras*.
(2) AULETE, *Dicc. Cont.*
(3-4) CAMÕES, *Lusiadas*.
(5) ALM. GARRETT, *Camões*.

C) *Ultimo*, mas apenas em expressões consagradas, ex. : « Symptomas *ultimos*, fim *ultimo* (1).

D) *Qualquer*, desde que o substantivo assuma o artigo *um*, ex. : *um* dia *qualquer*, *uma* mulher *qualquer*.

E) *Todo*, que, seguido de alguns designativos ou dos artigos *o* ou *um*, se póde deslocar, ex. : *toda* a casa = *a* casa *toda*; *todo* um povo = *um* povo *todo*; tadas as illusões se dissipam = as nossas illusões todas.

Os pronomes pessoaes, *eu*, *tu*, *elle*, *nós*, *vós*, *elles* se empregam :

A) Como **sujeitos**, expressos ou subentendidos, ex. :

> *Eu*, sim, devo morrer, pequei: mas *ella*
> ha de morrer : pobre, coitada ? (2).

« Do que precisamos (*nós*), é de progresso moral » (3). « Acho (*eu*) o Helio agora com outros modos : parece (*elle*) mais commedido e menos malcreado... » (4).

A) Como **adjuntos predicativos**, ex. : « Eu sou *tu* e tu és *eu* » (5) « Sou *eu vós* para ter tal habitação » (6).

As variações *me*, *te*, *nos*, empregam-se :

A) Como **objectos directos**, ex. : « Levanta-*te*, rapaz dos meus peccados » (7).

---

(1) FR. DOMINGOS VIEIRA, *Dicc.*
(2) T. RIBEIRO, *D. Jayme.*
(3) CANDIDO JUCÁ, *Fraternidade Americana.*
(4) FABIO LUZ, *Virgem Mãe.*
(5) MANOEL BERNARDES.
(6) E. CARNEIRO, *Gram. Port.*
(7) A. HERCULANO, *L. e Narrativas.*

B) Como **objectos indirectos**, ex.: Como V. Exª *me* pede novidades, ahi vão finalmente » (1).

As variações *o, a, os, as* empregam-se:

A) Como **objectos directos**, ex.: « Favoreci-*os* logo e alegrae-*os* » (2).

B) Como **sujeitos** dos **infinitivos**, ex.: « Mandem-*os* frequentemente *visitar* e *falar* com algum varão pio e prudente » (3).

Este phenomeno é puro latinismo e se estende aos pronomes *me, te, nos* e *vos*.

As variações *lhe, lhes* empregam-se como **objectos indirectos**, ex.: Affonso Henrique fez-*lhe* um signal com a mão » (4).

As variações *mim, ti, si,* e as fórmas *nós, vós, elle, ella, elles, ellas,* mediante proposições apropriadas, empregam-se:

A) Como **objectos indirectos**, ex.: « Só me fallece ser a *vós* acceito » (5).

B) Como **adjuntos adverbiaes**, ex.: « Em *mim* é attributo da natureza » (6).

As fórmas *me, te, lhe, nos, vos, lhes,* posto que usadas como objectos, equivalem ás vezes:

A) A adjuntos attributivos constituidos pelos possessivos *meu, teu, seu,* ou *delle, nosso, vosso,* ex.: « Fumegava-*lhe* aos pés tartareo lume », isto é, aos pés *delle* (7). « Fechem as janellas...

(1) Antonio Vieira, *Selecção Lit.*
(2) Camões, *Lusiadas.*
(3) Manoel Bernardes, *Nova Floresta.*
(4) A. Herculano, *L. e Narrativas.*
(5) Camões, *Lusiadas.*
(6) A. Vieira, *Cartas.*
(7) Bocage, *Poesias.*

a luz doe-*me* nos olhos... gela-*me* as carnes » (1) isto é, nos *meus* olhos... as minhas carnes.

B) A adjuntos adverbiaes, constituidos pelas fórmas *mim, ti, elle, nós, vós* com uma preposição apropriada, ex.: Dar-*lhe* bordoadas, isto é, *nelle;* applica-*me* cauterio, isto é, *em mim.*

As fórmas *migo, tigo, sigo, nosco* e *vosco,* sempre exigem a preposição *com* e são adjuntos adverbiaes, ex.: « Quebras *commigo* a flecha da paz? » (2).

O pronome.

O pronome demonstrativo — *o,* emprega-se:

A) Como **sujeito,** ex.: « Ora aqui está *o* que não admitto » (3).

B) Como **objecto directo**, ex.:

« Agora tu, Calliope, me ensina
O que contou ao Rei o illustre Gama » (4).

C) Como **objecto indirecto,** ex.: « Mas tornando *ao* que começamos a dizer » (5).

D) Como **adjunto predicativo,** ex.: « E *o* que presumimos friamente *é* que aquelle corpo foi templo do Espirito Santo » (6).

Desde que não esteja seguido de proposição relativa, o pronome *o* substitue:

A) A uma **proposição** ou **expressão,** ex.: « O padre *o* sabe e Lampethusa *o* sente » (7).

(1) Fabio Luz, *Virgem Mãe.*
(2) José de Alencar, *O Guarany.*
(3) Ruy Barbosa, *Est. de Sitio.*
(4) Camões, *Lusiadas.*
(5) Lucena, *Liv. Classica.*
(6) Manoel Bernardes.
(7) Camões, *Obras.*

B) A **adjectivo** ou **expressão adjectivada**, ex. : « Tu és *infeliz* e eu sei porque tu *o* és » (1).

A's vezes esse pronome está occulto, em certas expressões idiomaticas, em que ao relativo se segue o infinitivo, ex. : « E a esse cargo não tenho (o) *que responder* » (2).

O pronome *SE*.

O pronome *se*, proveniente de *se* accusativo, passou na lingua portugueza a exercer varias funcções e assim serve para constituir :

1.° O objecto **directo reflexo** :

A) Sempre que o sujeito for nome de *pessoa* e exerça a acção do verbo, ex. : « Levantou-*se* o Cardeal e subiu ao estrado do Principe » (3).

B) Sempre que o sujeito for nome de *ser vivo* e exerça a acção do verbo, ex. : « Os peixes lá *se* mergulham nos seus pégos, lá *se* escondem nas suas grutas (4).

C) Sempre que o sujeito seja nome de cousa, mas esteja personificado, ex. : « Sumiu-*se* o sol esplendido » (5). « De ambas as partes *se* move a primeira ala » (6).

2.° O objecto **indirecto reflexo** :

A) Sempre que o verbo possuir objecto directo e o *se* significar *a si*, ex. : « Onde elle o rosto e o nariz *se* cortava » (7). « Quem *se* propuzesse a

(1) A. Herculano, *Lendas e Narrat.*
(2) Manoel Bernardes, *Aut. Classicos.*
(3) Fr. Luiz de Souza, *Annaes de D. João.*
(4) Antonio Vieira, *Louvor dos Peixes.*
(5) A. F. Castilho, *Sel. Literaria.*
(6-7) Camões, *Obras.*

dar-lhe feição historica, notaria já de ha muito a organização effectiva de sociedades humanitarias em varios centros adiantados » (1).

3.° A **passividade pronominal** :

A) Sempre que o sujeito, por ser *inanimado*, não possa exercer a acção do verbo, ex. : « Mil praticas alegres *se* trocavam » (2).

B) Sempre que o sujeito, *apesar de ser animado*, não exerça a acção, ex. : « Vejam-*se as tribus* da America do Norte » (3). « Entre os parciaes de D. Leonor viam-*se* porém *muitos fidalgos* » (4).

C) Sempre que o sujeito for um infinitivo, um pronome demonstrativo ou palavra substantivada, ex. : « Só a Deus *se* deve *amar* » (5). « *Isto se* póde ver muito claramente » (6). « Compare-*se o* que se passa em Portugal » (7). « Nem a Deus... *se* podem perguntar os *porques* » (8).

D) Sempre que o sujeito for proposicional, ex. : « Sente-*se que Vieira tinha os olhos nos seus ouvintes* » (9). « *Qual a materia seja* não *se* enxerga » (10).

4.° **Sujeito indeterminado** :

A) Sempre que, exprimindo indeterminação, não haja na phrase palavra adaptada á funcção de

(1) Candido Jucá, *Fraternidade Americana.*
(2) Camões, *Obras.*
(3) Lat. Coelho, *Obras.*
(4) A. Herculano, *Hist. de Portugal.*
(5) Lucena, *A. Classicos.*
(6) Andrade, *Primeiro Cerco de Diu.*
(7) Lat. Coelho, *Republica e Monarchia.*
(8) Ant. Vieira, *Obras.*
(9) A. Castilho, *Sel. Literaria.*
(10) Camões, *Lusiadas.*

sujeito, ex. : « Escreve-*se* da maneira que *se* lê e assim *se* fala » (1).

« Durante largos annos *se* viveu em Portugal sob este regimen de tolerancia » (2).

B) Sempre que, exprimindo indeterminação, o verbo seja de predicação completa ou tenha objecto **indirecto**, ex. : « Entre-*se* em uma escola » (3). « Havendo fallecido D. Henrique de Menezes... falou-*se* de suas prendas em roda de outros fidalgos » (4).

> « E assim *se* vive... de qualquer modo
> Ama-*se*; vive-*se*, abre a vida em flores,
> Soffre-*se*; vive-*se* e o universo todo
> Traduz-*se* em dores » (5) (6).

---

(1) Rod. Lobo, *Côrte na Aldeia.*
(2) Lat. Coelho, *obra cit.*
(3) A. Castilho, *apud. Carneiro.*
(4) Manoel Bernardes, *A. Classicos.*
(5) Alberto de Oliveira, *Poesias.*
(6) Ao publicarmos as edições anteriores, já tinhamos sentido necessidade de admittir o *se* como sujeito, pois, tendo a lingua a sua individualidade syntactica, não importa que o *se* provenha de *sui, sibi, se* que não possue nominativo, adaptado á funcção de sujeito.

Si assim fosse, então jámais poderiam servir de sujeitos as palavras que se derivam directamente do *accusativo*, ex. : *homem, nuvem, ordem, alguem* e todos os pluraes em que o *s* representa o expoente do accusativo.

Não o admittindo como sujeito, seremos obrigados a recorrer a subterfugios para explicarmos muitas phrases, taes como: *vive-se, vae-se, precisa-se de, trata-se de*, etc.

Alguns professores, sem minimo fundamento, reputam erroneas taes construcções, como si a grammatica não fosse o registro dos factos da lingua.

Além disso, todas as linguas têm um pronome monosyllabico, de funcção subjectiva para exprimir o sujeito indeterminado.

Assim é que no Francez existe o pronome *on*, no Inglez *one*, no Allemão *man*.

5.° Particula **expletiva**:

A) Sempre que, servindo apenas para exornar o verbo, se possa eliminar sem offensa ao sentido, ex. : « Vão-*se* os reis, mas as nações ficam » (1). « Dias mais tranquillos *se* seguiram aos desesperos da molestia de Alipio » (2).

B) Sempre que *se* constituir com o verbo uma expressão equivalente a verbo **depoente,** ex. : « Chega-*se* (é chegado) o prazo e dia assignalado » (3). « Uns e outros annos *se* passaram (foram passados » (4).

C) Sempre que seja facultativo o seu emprego e o verbo se possa factitivamente substituir por seu participio passado e o verbo *ficar*, ex. : « Os campos seccam-*se*, as flores murcham-*se*, as aves emmudecem-*se* » (5), isto é, *ficam seccas... murchas... mudas...*

E assim temos : « O meu sangue gelou-*se* nas veias » (6). « Cerrou-*se* a noite clara e serena » (7). « Calou-*se* a musica sagrada » (8).

Como, pois, nos querermos obstinar em não darmos *se* por sujeito nos casos de que tratamos acima?

O pronome *se*, symbolo da indeterminação impessoaliza o verbo e ideologicamente equivale ao *povo, alguem*, um *individuo*, etc.

(1) Lat. Coelho, *obra cit.*
(2) Fabio Luz, *Os Emancipados.*
(3) Camões, *Lusiadas.*
(4) Corte Real.
(5) E. Carneiro, *Gram. Port.*
(6) Gonçalves Dias, *Poesias.*
(7) Fr. Luiz de Souza, *A Classicos.*
(8) B. de Paranapiacaba, *Sel. Literaria.*

Pronomes relativos.

Os pronomes relativos, ao mesmo tempo que ligam as proposições, exercem funcções syntacticas.

O pronome *que* emprega-se como:

A) **Sujeito**, ex.: « A este ponto faz o apologo *que* se conta das cotovias *que* tinham seus ninhos entre as searas » (1).

B) **Objecto directo**, ex.: « Não ha nada *que* tanto repugnem os homens como o pedir » (2).

C) **Objecto indirecto**, ex.: « Só a palavra nas artes *a que* é materia prima, fala ao mesmo tempo... » (3).

D) **Adjunto predicativo**, ex.: « Não sabemos o que somos » (4).

E) **Adjunto adverbial**, ex.: « A nau grande *em que* vae Vasco da Gama » (5).

Os pronomes *o qual* e *quem* têm as mesmas funcções, notando-se apenas que:

A) *Quem*, mais se refere ás pessoas, ex.:

> Tal embaixada dava o capitão,
> *A quem* o Rei gentio respondia (6).

B) *Quem*, por ser fórma synthetica, póde servir ás vezes de sujeito e ter **preposição**, ex.:

> « Aqui espero tomar, si não me engano,
> *De quem* me descobriu, summa vingança (7).

(1) MANOEL BERNARDES, *A. Classicos.*
(2) VIEIRA, *apud Aulete.*
(3) LAT. COELHO, *apud Sel. Literaria.*
(4) Pe PAIVA, *Sermões.*
(5-6-7) CAMÕES, *Lusiadas.*

C) *O qual*, serve mais para a clareza, referindo-se a um termo afastado, ex.: « Vae preso por culpas, muitas *das quaes* consta serem falsas » (1).

O pronome *cujo* emprega-se:

Tanto para as cousas como para ás pessoas, ex.:

> « Vós, poderoso rei, *cujo* alto imperio
> O *sol*, logo em nascendo, vê primeiro » (2).

O pronome *onde* emprega-se:

A) Equivalendo a *em que, no qual*, ex.: « Na manhã de 20 alvejou-nos o dia na igreja de Gaparú *onde* dissemos missa » (3).

B) Precedido de preposição, ex.:

> « Já a manhã clara dava nos outeiros
> *Por onde* o Ganges murmurando sôa » (4).

Quanto emprega-se como relativo:

A) Precedido de *tudo*, ex.:

> « De *tudo quanto* passei,
> Em summa vos contarei » (5).

B) Precedido de *todo*, ex.: « *Todos quantos* predios elle tem, herdou de seu irmão » (6).

A's vezes a palavra *todos* attrae o substantivo, ex.: « *Toda* doçura *quanta* nos dá o mundo converte-a elle em amargo absintho » (7).

Os relativos passam a indefinitos, desde que não tenham antecedente, ex.: « *Que* é a formo-

(1) VIEIRA, *apud Carneiro.*
(2) CAMÕES, *Lusiadas.*
(3) BISPO DO PARÁ, *Memorias.*
(4) CAMÕES, *Lusiadas.*
(5) CAMÕES, *Obras.*
(6-7) CARNEIRO, *Gram. Portugueza.*

sura humana? » (1). « *Quem* quizer saber *quantos* ao todo os filhos de Adão, conte primeiro *quantos* são os afflictos e attribulados » (2). « Põe-me *onde* se use toda a feridade » (3) « Lá vae! chegou, cingiu *quem* via e amava » (4).

A's vezes o relativo liga uma proposição, mas exerce funcção em outra, ex.: Aqui estão os livros *que* (elle pensava que) *se tinham* perdido » (5). « Mas ha alguns nescios *que* não basta que *a falem mal* » (6).

Funcções da palavra *quê*.

A palavra *que*, além de se empregar para exprimir diversas funcções, póde substituir a mór parte das conjuncções circumstanciaes, de modo que funcciona de **modal, causal, temporal, final, concesiva, comparativa, consecutiva** ou **correlativa.**

Funcções da palavra *que*:

- Pronome
  - relativo
  - indefinito
- Adjectivo indefinito
- Adverbio de quantidade
- Conjuncção
  - integral
    - subjectiva
    - objectiva
    - attributiva
  - circumstancial
- Particula decorativa
  - optativa
  - iterativa

(1-2) Manoel Bernardes, *A. Classicos.*
(3) Camões, *Lusiadas.*
(4) Alberto de Oliveira, *Poesias.*
(5) Epiph. Dias.
(6) Rodrigues Lobo, *Dialogo.*

A vista do exposto, torna-se-nos imprescindivel conhecermos as diversas funcções da palavra *que*, pois constantemente se nos deparam trechos onde ella occorre.

Será **pronome relativo**, quando se referir ao nome ou pronome antecedente, podendo ser substituida por *o qual, a qual, os quaes, as quaes*, ex.:

« A este ponto faz o apologo *que* (o qual) se conta das cotovias *que* (as quaes) tinham seus ninhos entre as searas » (1).

« Por ventura haverá alguem *que* possa levar o golpe da adversidade sem algum premio? » (2).

Será **pronome indefinito,** quando praticamente significar *que* cousa, que objecto, ex.:

« Que me importa a branca lua?!
Que me importa o sol formoso?! » (3).

« *Que* succede ao corpo quando d'elle se aparta a alma? » (4).

Neste caso, até em escriptores notaveis, occorre precedida expletivamente de *o*, ex.:

« *O* que dirão a isto os todo poderosos do mundo? » (5).

« *O* que lhes restava para se dirigerem? » (6)

(1) M. Bernardes, *A. Classicos.*
(2) F. M. Mello, *Ornamentos da Mem.*
(3) G. Dias, *Obras Completas.*
(4) Pe A. Vieira, *Sermões.*
(5) A. Herculano, *A. Classicos.*
(6) Rebello da Silva, *Fastos da Igreja.*

Será **adjectivo indefinito**, quando significar *quanto* ou *qual*, modificando o substantivo, ex. :

« Não sabia em *que* modo festejasse
O Rei pagão os fortes navegantes » (1).

« *Que* sons funereos de sagrados bronzes
Longos vão reboando
Nestas immensas, lugubres arcadas! » (2).

Será **adverbio de quantidade**, quando, modificando a adjectivo ou a adverbio, significar *como*, *quanto* ou *quão*, ex. :

« Oh, *que* lindamente canta! Oh que enganados andam os homens! » (3).

« *Que* alegre, *que* suave, *que* sonora
Aquella fontezinha aqui murmura » (4).

« *Que* lindas as margens do rio possante » (5).

« *Que* triste a noite vem, com o lume baço
De seus pisados olhos, pela altura » (6).

Será **conjuncção integrante**, quando estiver ligando a outra uma proposição que lhe sirva de **sujeito, objecto**, ou de **adjunto attributivo**, ex. :

« Parece *que hoje o céo me vem pintando*
A magua triste que meu peito sente » (7).

Exemplos de *que*, como **conjuncção subjectiva** :

« Não tardou muito tempo *que* a vingança
Não visse Pedro das mortaes feridas » (8).

(1) CAMÕES, *Lusiadas*.
(2) G. MAGALHÃES, *Suspiros Poeticos*.
(3) M. BERNARDES, *Autores Classicos*.
(4) C. M. DA COSTA, *Sonetos*.
(5) C. ALVES, *Obras completas*.
(6) ALBERTO DE OLIVEIRA, *Poesias*.
(7) C. M. DA COSTA, *Obras completas*
(8) CAMÕES, *Lusiadas*.

« Verdade seja *que* a poesia por toda essa Europa se anda já de annos descurando notavelmente » (1).

« É nestas barreiras formidaveis *que* se despedaçam todos esses oppressores... » (2).

« Da razão desta viagem não ha cabal certeza, mas presume-se *que* Christovam Vieira Ravasco viera despachado a servir algum emprego... » (3).

Exemplos de *que*, como **conjuncção objectiva**, indirecta no primeiro *que* e directa no segundo :

« O caso engraçado consiste em *que* o capitalista ficou furioso, quando soube *que* a figura do poeta ia ser collocada de frente para o mar » (4).

« Concordo *que* a acção parece ás vezes desenvolver-se pelo accidente natural » (5).

Exemplos de *que*, como **conjuncção attributiva** :

« Estranha e sublime cousa — *que* a desgraça nos prenda e *que* o homem, apenas esbulhado d'uma choça, seja o que mais anhela o tecto paternal! » (6).

« Uma cousa vos confessarei eu, Snr. Lourenço, disse a isto D. Julio, *que* os portuguezes são homens de ruim lingua... » (7) (8).

(1) A. F. DE CASTILHO, *Conversação Preambular*.
(2) MONT'AVERNE, *Sermões*.
(3) J. F. LISBOA, *Vida do P.e Vieira*.
(4) A. DE AZEVEDO, *Contos Ephemeros*.
(5) M. DE ASSIS, *Carta a J. de Alencar*.
(6) THOMAS RIBEIRO, *D. Jayme*.
(7) Nos dous exemplos, a palavra *que*, embora conjuncção liga ao substantivo *cousa* as proposições respectivas, tornando-as **conjunccionaes, adjectivas, attributivas**.
(8) RODRIGUES LOBO, *Côrte na Aldêa*

« Recusaste sob pretexto de *que* não devias prejudicar » (1).

« Deram-me nova de *que* ajuntaveis poderosos exercitos de todas vossas gentes e das alhêas » (2).

Será **conjuncção circumstancial**, quando substituir qualquer das conjuncções subordinativas circumstanciaes.

Assim occorrem exemplos de *que* :

A) **Causal** = porque, visto que, etc. :

« Não me atterrou, *que* do almejado porto
Me alumiava o pharol de luz amiga » (3).

« Da terra que te deixo não percas uma pollegada, *que* a ganhei eu com grande fadiga e trabalho... » (4).

B) **Concessiva** = embora, posto que, etc. :

« Qualquer *que* seja a especie cardiaca, ha alguns elementos geraes de raciocinio » (5).

« Por pouquissimo *que* houvessemos entremeado nos quadros — uns defeitos daquelle teor, já o publico nol-os houvera todo repugnado... » (6).

« Talvez que a chuva passe e o tempo mude
E, *que* não mude, um tecto aqui nos cobre » (7)

(1) Fabio Luz, *O Ideologo.*
(2) Rodrigues Lobo, *Côrte na Aldêa.*
(3) A. Garrett, *Poema — Camões.*
(4) A. Feliç. de Castilho, *Anth. Nacional.*
(5) Franc. de Castro, *Propedeutica.*
(6) A. Feliç. de Castilho, *Anth. Nacional.*
(7) Alberto de Oliveira, *Poesias.*

C) **Temporal** = quando, depois que :

« Porém, já cinco sóes era passados
Que d'ali nos partiramos, cortando... » (1).

« Não andam muito *que* no erguido cume
Se acharam onde um campo se esmaltava... » (2).

D) **Modal** = de modo que :

« Antes em vossas naus vereis cada anno
(Si é verdade o que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte » (3).

« Deus, ó Deus, onde estás, *que* não respondes » (4).

E) **Final** = para que :

« Dae-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa a que Marte tanto ajuda,
Que se espalhe e se cante no universo,
Si tão sublime preço cabe em verso » (5).

F) **Comparativa**, quando integrar o conceito de uma das palavras *mais, menos, maior, menor, melhor, peor,* isoladamente ou com as particulas *de* ou *do,* ex. :

« Não ha cousa *mais* escrupulosa no mundo do *que* papel e penna » (6).

« Não ha *maior* erro *que* não conhecer um homem o seu erro » (7).

(1-2-3 5) Camões, *Lusiadas.*
(4) Castro Alves, *Espumas Fluctuantes.*
(6) Pe Ant. Vieira, *Sermões.*
(7) Fr. Heitor Pinto, *apud Orn. da Memoria.*

« Mas ha uma calamidade *peor do que* a loteria e a bolsa » (1).

« Nada é *melhor que* este pranto
Em silencio gôttejando... » (2).

G) **Correlativa** ou **consecutiva** a uma das palavras — *tal, tão, tanto, tamanho*, ex. :

« A variedade d'ellas é *tanta*, *que* não sei onde havia thesouro de *tão* differentes idéas *que* as desenhasse » (3).

« Sentiu *tamanha* fraqueza *que* cahiu no chão » (4).

« Eu farei de improviso *tal* castigo
Que seja mór o damno que o perigo » (5).

H) Será particula **optativa**, quando figurar nas proposições principaes, de verbo no subjuntivo, exprimindo desejo, ex. :

« Ah, *que* me *seja* perdoada a rude franqueza » (6).

« Ah! *que* eu não morra sem provar ao menos
Siquer por um instante nesta vida
Amor igual ao meu! » (7).

I) Será particula **iterativa**, quando denotar a repetição de outro *que*, anteriormente expresso, ex. :

« Que prantos *que* não regaram
As faces de D. Martinho! » (8).

(1) Ruy Barbosa, *apud Prosadores Brasileiros*.
(2) G. Dias, *Obras Poeticas*.
(3) Manoel Bernardes, *Anth. Nacional*.
(4) F. Moraes, *Palmeirim da Inglaterra*.
(5) Camões, *Lusiadas*.
(6) Bispo do Pará, *Liberdade de Cultos*.
(7) G. Dias, *Obras Poeticas*.
(8) Thomaz Ribeiro, *D. Jayme*.

« Oh que saudades *que* tenho
Da aurora da minha vida... » (1).

— Além destes casos, occorre o *que*, principalmente depois do verbo *haver*, **nas expressões de tempo**, como elemento apenas **decorativo** e **pleonastico**, sem prestabilidade syntactica, ex. :

« Talvez, presado amigo *(que)* nós hoje
Sintamos os castigos dos insultos » (2).

« Quantos montes então *que* derribaram
As ondas que batiam denodadas » (3).

« Ha mais de sessenta annos *(que)* nasci detrás daquelle penedo... » (4).

« Eu sou o sacristão que poucas horas ha *(que)* sahi » (5).

Haverá duas horas *que* entrei na sua camara » (6).

Syntaxe do verbo.

O verbo emprega-se como **predicado** :

1.° Isoladamente, desde que seja de predicação **completa**, ex. : « O moço duque *vela* porém » (7).

(1) C. de Abreu, *Primaveras*.
(2) *Cartas Chilenas*.
(3) Camões, *Lusiadas*.
(4) R. Lobo, *Côrte na Aldeia*.
(5) M. Bernardes, *Nova Floresta*.
(6) Alm. Garrett, *apud M. dos Remedios*.
(7) A. Herculano, *Eurico*.

2.° **Integralizado**, desde que seja de predicação incompleta :

A) Por **objecto directo**, ex. : « *Condemnava* a arte *esta anciedade de saber* » (1).

B) Por **objecto indirecto**, ex. : « Então a Mãe *disse para elle* maguado » (2).

C) Por **adjunto predicativo**, ex. : « *Era* o dia *chuvoso* e os caminhos muito *lodosos* » (3).

3.° **Duplamente integralizado**, desde que seja de predicação **dupla** :

A) Por um **objecto directo** e outro **indirecto**, ex. : « Agora as esperanças e os votos dos monarchistas *tiveram por objecto um general* mais ou menos reluctante » (4). « A grande flor *o seio* á *borboleta* entrega » (5).

B) Por **objecto directo** e **adjunto predicativo**, ex. : « Ignez, a triste Ignez *seu vate o acclama* » (6).

Syntaxe dos auxiliares.

A predicação ás vezes é representada por um grupo de fórmas, constituido por um verbo **fundamental**, expresso em uma das suas **formas nominaes**, e modificado por um ou mais **auxiliares**, formando a **expressão verbal**, ex. : « elle *podia ser amado* ».

(1) O. Martins, *Camões e a Renascença.*
(2) R. da Silva, *Fastos da Igreja.*
(3) Manoel Bernardes, *Nova Floresta.*
(4) Latino Coelho, *Republica e Monarchia.*
(5) Alberto de Oliveira, *Poesias.*
(6) J. Maria Velho, *Sel. Literaria.*

Os auxiliares são **infinitivos** ou **participiaes**.

Os infinitivos auxiliam :

A) Immediatamente ao infinitivo impessoal e podem ser : *dever, querer, poder, ir* e ás vezes *vir*, ex. : « Ao mesmo tempo novos perigos *vinham reclamar* os cuidados do governador » (1). « As minhas paixões não *podiam morrer* » (2).

B) Mediatamente ao infinitivo, isto é, com preposição e podem ser : *ter de, haver de, cessar de, acabar de, acertar de, estar a, para* ou *por, tornar a*, etc., etc., ex. : « Meu Pae não *cessa de fazer* bem » (3). « A mesma consideração *ha de vigorar* então para com os escriptores » (4). « *Estava para dar* ao Gama aviso » (5). « Altos varões que *estão por vir* ao mundo » (6). « *Tornára eu a apostar* que não haveria ponto no territorio » (7). « Mas uma atroz mensagem *acaba de* me *ser mandada* » (8).

Os auxiliares participiaes empregam-se :

1.° Antes dos participios passados e são :

A) *Ter* e *haver* para a voz activa, ex. : « Os dous cheiks e o centenario *tinham chegado* ao pé de Suintilla » (9). « Estes farrapos de familias diversas se *haviam reunido* ali naquelle recanto florido... » (10).

B) *Ser, estar, andar, ir, ficar* para a voz passiva, ex. : « As leis ecclesiasticas de Pombal *estão*

(1) V. de Porto Seguro, *Historia do Brazil.*
(2) A. Herculano, *Eurico.*
(3-4) Rebello, *Fastos da Igreja.*
(5-6) Camões, *Lusiadas.*
(7) A. Castilho, *C. Preambular.*
(8-9) A. Herculano, *Eurico.*
(10) Fabio Luz, *Os Emancipados.*

abrogadas por ventura?! » (1). « A questão *ficará posta* e *definida* perante a opinião » (2).

« *Vinha* o padre Oceano *acompanhado*
Das filhas e dos filhos que gerara » (3).

2.° Antes dos participios presentes e são *andar, estar, ir, vir, ficar*, ex. :

« ... Me *anda* Thetis *cercando* destas aguas » (4).

« *Estava* o sol nas armas *rutilando* » (5).

« Assim *fomos abrindo* aquelles mares » (6).

« Quando a fé... Thomé *vinha prégando* » (7).

« Alli *ficou mostrando* á estranha gente
Do poder lusitano a immensa gloria » (8).

Ser e estar.

As principaes differenças entre *ser* e *estar* se manifestam nas seguintes asserções :

Elle *é* doente (effectivamente)	Elle *está* doente (actualmente)
Elle *é* morto (ha muito tempo)	Elle *está* morto (agora mesmo)
Elle *é* de Sergipe (lugar d'onde)	Elle *está* em Sergipe (lugar onde)
Elle *é* de X (posse)	Elle *está* de guarda (estado)
Elle *é* por mim (favor)	Elle *está* por mim (substituição)

Além disso, o verbo *ser* é de sentido mais amplo e assim se emprega :

A) Por *estar*, ex. : « O senhor *seja* comtigo »

B) Por *existir*, ex. : « Si não *fosses* tu... »

(1-2) LAT. COELHO, *Republica e Monarchia*.
(3-4-5-6-7) CAMÕES, *Lusiadas*.
(8) MACEDO, *O Oriente*.

C) Por *acontecer*, ex. : « Si assim *for*... »

D) Por *ter*, ex. : « Como ainda não *fosse* chegada a hora » (1).

E) Com um sujeito proposicional, ex. : « *Foi* então *que* o *celebre Ruderico se apossou da corôa* » (2).

F) Sem sujeito, isto é, impessoalmente, ex. : « *É* tarde! » (3).

G) Com um sujeito referente ao tempo, ex. : « *Era alta noite* ».

Mas casos ha em que *estar* póde substituir a *ser*.

Ás vezes é quasi indifferente empregar-se *estar* por *ser*, ex. : « Lisboa *é* ou *está* situada á margem do Tejo ». « *Está* claro que... ou *é* claro que... »

Syntaxe da preposição.

As preposições e as expressões preposicionaes empregam-se para exprimir as diversas relações syntacticas a que se deu o nome de **adjuntos adverbiaes.**

São tantas e tão diversas que qualquer systematização se torna impossivel em um compendio elementar. Assim a pratica nol-as irá ensinando.

As principaes relações são as de :

Assumpto — discutir *sobre* moral, discursar *acerca dos* deveres.

---

(1) REBELLO DA SILVA, *Fastos da Igreja*.
(2) A. HERCULANO, *Eurico*.
(3) B. DE PARANAPIACABA, *Sel. Literaria*.

Causa — morrer *de sêde*, não sahir *por motivo de* molestia.

Companhia — morar *com* outrem, viver em *companhia de* outrem.

Conformidade — proceder *segundo* a lei, escrever *de accordo com* a sciencia.

Distancia — *desde* a cidade *até* o campo, andar *cerca de* oito leguas.

Exclusão — *excepto* tu, todos foram; todos *menos* eu.

Fim — estudar *para* saber, *em honra* da sociedade.

Favor — morrer *pela* patria, interceder *por* outrem.

Instrumento — matar *com* uma pedra, luctar *á* espada.

Logar onde — viver *na* cidade e *perto* do mar.

Logar d'onde — partir *do* porto, sahir *de detrás da* porta.

Logar por onde — andar *por* montes, passar *por cima* do telhado.

Logar para onde — partir *para* a Europa, marchar *sobre* a cidade.

Materia — bordar *a* ouro, pintar *de* oleo.

Medida — vender *aos* metros, *cerca de* oito palmos.

Meio — conseguir *com* empenho, destruir *á força de* golpes.

Modo — passar *de* manso, andar *com* todo o cuidado.

Opposição — luctar *com* o inimigo, bater *contra* o rochedo.

Origem — nascer *de* paes pobres, provir *da* natureza.

Preço — vender *pelo* custo, comprar *por mais de* oito mil réis.

Quantidade — comer *com* abundancia, beber *mais do* natural.

Tempo — era *sobre* a tarde, *por volta das* quatro horas.

Substituição — *ir por* outrem, estar *em logar de* outrem.

Relatividade — conduzir-se bem *para com* outrem.

— Sempre que fôr possivel, considere-se mais **objecto indirecto** do que **adjunto adverbial** toda relação em que a preposição fôr igual ao prefixo do verbo, ex.: *a*presentar-se *a*..., *a*daptar-se *a*..., *de*mover *de*..., *de*duzir *de*..., *com*binar *com*..., *con*formar *com*..., *im*miscuir-se *em*..., *em*penhar-se *em*...

Syntaxe do adverbio.

O adverbio emprega-se para modificar:

A) Aos verbos, ex.: « Eu *sempre estive* em boa fé » (1).

B) Aos adjectivos, ex.: « E foste *menos pontual* do que costumas » (2).

C) A outro adverbio, ex.: O mais velho começára *muito cedo* as suas conquistas » (3).

---

(1) MANOEL BERNARDES, *A. Classicos.*
(2) A. HERCULANO, *Lendas e Narrativas.*
(3) O. OLIVEIRA, *Cartas.*

Os adverbios se devem, sempre que for possivel, empregar antes da palavra a que modificam, principalmente os de **tempo** e os de **logar**, ex. : *Aqui* espero tomar, si não me engano... (1). « *Outrora* escreviam-se, carteavam-se os reis... » (2).

Concorrendo dous ou mais adverbios, terminados por *mente*, esta fórma apenas se agglutina, quasi sempre, ao ultimo, ex. : « Monotona e tristemente passavam a vida habitual » (3).

Mas actualmente os escriptores contemporaneos usam da fórma — *mente* em todos os adverbios, syntaxe esta de que muitas vezes usava Vieira, ex. : « Vivamos neste mundo, diz o Apostolo, *sabiamente, piamente, justamente* » (4).

Alguns adverbios estão sujeitos aos gráos, principalmente os de modo, como os adjectivos descriptivos de que se derivaram, ex. : *levissimamente, exemplarissimamente, cedinho, devagarinho.*

Desde Camões, mas principalmente com Alexandre Herculano e a mór parte dos escriptores modernos, ao envez de recorrer-se ao uso do adverbio, desinenciado em *mente*, é mais elegante substituil-o pelo adjectivo descriptivo ou qualificativo correspondente, fazendo-o até concordar com o sujeito, ex. :

« Oh lavradores bemaventurados!
Si conhecessem seu contentamento
Como vivem no campo *socegados* » (5).

« A aurora rompeu *meiga* e *serena*... » (6).

« As sombras da noite, cahindo *pesadas* e *lentas*, traziam calefrios e calenturas » (7).

« Em meus cabellos ciciavam *languidos*
Os sopros da manhã... » (8).

---

(1) Camões, *Lusiadas*.
(2) Lat. Coelho, *Republica e Monarchia*.
(3) V. de Porto Seguro, *Historia do Brazil*.
(4) Antonio Vieira, *Cartas*.
(5) Camões, *Obras completas*.
(6) A. Herculano, *Eurico*.
(7) Fabio Luz, *Chloé*.
(8) F. Varella, *Lenda do Amazonas*

Syntaxe das conjuncções.

As conjuncções coordenativas empregam-se para ligar :

A) Palavras e expressões quasi sempre de igual categoria, ex. : O vicio *e* a virtude ; tu *ou* elle, rico *mas* rude.

« Oh quanta graça *e* formosura adorna
Teu rosta eloquente *e* vivo » (1).

« Meus annos hei passado, uns após outros
Sem paz *e* sem amor » (2).

B) Proposições de igual categoria, ex. :

« Oh, quão perto a velhice está da infancia
E quão perto da infancia a morte adeja! « (3).

« O homem e o cidadão não são entidades distintas : *mas* têm distintas regalias e distintos deveres » (4).

C) Periodos que, embora independentes, ás vezes se relacionam, se esclarecem e se completam entre si, ex. :

Tanto se apressa que na quarta aurora
Por veredas occultas viu de longe
A doce Patria e os conhecidos montes
E o Templo que tocava ao céo co'as grimpas.
Mas não sabia que a fortuna emtanto
Lhe preparava a ultima ruina » (5).

(1-2) A. Gonçalves Dias, *Poesias*.
(3) G. Magalhães, *Suspiros Poeticos*.
(4) Thomaz Ribeiro, *D. Jayme*.
(5) J. Basilio da Gama, *Uruguay*.

As subordinativas empregam-se para ligar:

A) Uma proposição subordinada a uma **principal**, ex.: « Soavam onze horas, *quando* chegou o paciente ao Campo » (1).

B) Duas subordinadas entre si, ex.: « Chorarão as pedras da rua, como diz Jeremias *que* choravam as de Jerusalem destruida » (2).

Syntaxe da interjeição.

A interjeição, palavra de sentimento, não tem syntaxe, por assim dizer, passivel de systematização, pois exprimem sensações indefinidas e momentaneas, destituidas de idéas ou conceitos.

SYNTAXE PHRASEOLOGICA

Phraseologia.

Phraseologia é o tratado das proposições e das suas diversas relações.

Proposição é um pensamento expresso por uma ou mais palavras.

Dous são os termos da proposição: **sujeito** e **predicado**, ex.: (3).

« Os céos resoam do Senhor a gloria » (4).

« O Douro é bem carregado e triste » (5).

(1) J. Norberto, *Sel. Literaria.*
(2) Pe A. Vieira, *Sel. Literaria.*
(3) Spencer, *Principes de Psychologie*, t. II, pag. 413 — Ayer, *Grammaire de la Langue Française*, p. 381 — Zumpt's *Latin Grammar*, p. 267 — Mason's *English Grammar*, p. 241.
(4) Pe. Caldas, *Poesias.*
(5) A. Herculano, *L. e Narrativas.*

SUJEITOS	PREDICADOS
Os céos	resoam do Senhor a gloria (1)
O Douro	é bem carregado e triste (2)

Sujeito é o ser de quem se diz alguma cousa, ex.: *Os céos...*

Predicado é o que se diz a respeito do sujeito, ex.: *resoam do Senhor a gloria.*

Ha proposições constituidas pelo verbo *ser*, em que os dous termos têm a mesma extensão, isto é, o adjunto predicativo póde substituir ao sujeito, ex.: « O maior dos males é *a subversão dos principios* » (3).

A proposição póde ser **simples** ou **composta**, segundo tenha uma ou mais asserções, constituidas por proposições simples.

A proposição simples.

A proposição simples póde ser:

A) **Expositiva**, si exprime e assevera um facto e é expressa pelo modo indicativo ou condicional, ex.: A numerosa cavalgada *atravessou* o territorio por entre o povo apinhado » (4). « As sortes *seriam* quaesquer á ventura » (5).

B) **Imperativa**, si exprime uma ordem, uma noção de mando, e é expressa pelo modo **imperativo**, ex.: *Inclinae* por um pouco a majestade » (6).

(1) Pe. Caldas, *Poesias Sacras.*
(2-4) A. Herculano, *obra cit.*
(3) Bispo do Pará, *L. de Cultos.*
(5) A. Vieira, *Sermões.*
(6) Camões, *Lusiadas.*

c) **Optativa** si exprime permissão, desejo, e é expressa pelo modo subjunctivo, ex. : (1)

« *Cessem* do sabio grego e do troiano,
As navegações grandes... (2)

d) **Interrogativa**, si serve para interrogar ácerca de um facto, ex. : « Que são as honras e as dignidades? » (3).

e) **Exclamativa**, si exprime o facto sob a forma interjectiva, ex. : « Quantos rostos alli se vêem sem côr! » (4).

A proposição composta.

Proposição composta é aquella que é constituida por duas ou mais proposições simples (5).

As proposições tambem se dizem **clausulas, phrases, sentenças** ou **orações**; mas todos esses termos se devem substituir pelo de **proposição**, por ser este mais geral e estar mais de accordo com as theorizações da logica (6) e simplificar mais a aprendizagem.

---

(1) A proposição optativa não se deve explicar por **ellipse** de um verbo no indicativo a que esteja sujeita, ainda que ás vezes comece por *que*, pois este se torna particula decorativa, ex. : *Que* Deus vos abençoe, D. Martinho ». (Thomaz Ribeiro).
(2) Camões, *Lusiadas*.
(3) Manoel Bernardes.
(4) Camões, *obra cit.*
(5) A proposição simples tambem se diz **periodo simples**, e a composta **periodo composto**.
(6) Além disso, o termo **oração** se refere mais a um discurso inteiro, a uma successão de periodos; **phrase**, a uma expressão peculiar á indole de uma lingua; **clausula**, á contextura dos contractos juridicos, as expressões que, dependentes subjectivamente entre si, se esclarecem e se completam.

A proposição póde ser composta :

a) Por **coordenação**, desde que as proposições sejam independentes entre si, ex. : « Levantou-se o Cardeal e subiu ao estrado do principe » (1).

b) Por **subordinação**, desde que as proposições sejam dependentes entre si, ex. :

« Eu amo seus olhos *que* choram sem causa
Um pranto sem dor » (2).

c) Por **coordenação** e **subordinação**, desde que occorram duas ou mais proposições que, além de independentes ou **coordenadas** entre si, se acham, entretanto, cada uma dellas, desenvolvidas por proposições **subordinadas**, ex. :

« *Arde o sol pelo campo*, onde o bravio
Gado se dessedenta nas ribeiras;
A *beira d'agua*, como em desafio,
Cantam, batendo roupa, *as lavadeiras* » (3).

A proposição coordenada.

As proposições coordenadas exprimem pensamentos independentes, relacionados apenas pelo **sentido** ou por **conjuncção coordenativa**.

Tanto a classificação das coordenadas como das subordinadas se baseam em tres caracteres : o **connectivo**, a **natureza** e a **funcção**.

Os connectivos proposicionaes são — os **pronomes relativos**, as **conjuncções** e os **indefinitos conjuntivos**.

---

(1) Fr. Luiz de Souza, *A. Classicos*.
(2) Gonçalves Dias, *Poesias*.
(3) Alberto de Oliveira, *Poesias*.

Assim as coordenadas se classificam:

1.° Segundo o connectivo, em:

A) **Syndeticas**, desde que estejam ligadas por conjuncção coordenativa expressa, ex.: « Na igreja primitiva os calices eram de pão, *mas* os sacerdotes de ouro » (1).

B) **Asyndeticas**, desde que nās estejam ligadas por conjuncção coordenativa expressa, ex.: « A sua tez não é pallida, os seus olhos não perderam o brilho (2).

2.° Segundo a natureza, em:

A) **Aproximadas**, desde que sejam (ou possam ser) ligadas por conjuncção aproximativa, ex.: « Era eu vestida de riquissimas galas; (*e*) alva c'roa de rosas me toucava » (3).

B) **Alternadas**, desde que sejam (ou possam ser) ligadas por conjuncção alternativa, ex.: « Os monarchas indultam *ou* toleram facilmente a republica americana » (4).

C) **Adversativas**, desde que sejam (ou possam ser) ligadas por conjuncção adversativa, ex.:

« Ás torturas da dor resiste a vida
Da linda Branca, *mas* razão lhe foge » (5).

D) **Illativas**, desde que sejam (ou possam ser) ligadas por conjuncção illativa ou conclusiva, ex: « Jesus Christo nasceu do Espirito Santo, *logo* era espirito » (6).

---

(1) M. Bernardes, *A. Classicos.*
(2) A. Herculano, *Lendas e Narrativas.*
(3) A. Garrett, *Camões.*
(4) Lat. Coelho, *Republica e Monarchia.*
(5) A. Garrett, *D. Branca.*
(6) Bittencourt Sampaio, *Divina Epopéa.*

3.° Segundo a funcção, em:

A) **Expositivas**, si o verbo estiver no modo indicativo ou condicional, ex.: « O favo da jaty não era tão doce como seu sorriso, *nem* a baunilha *rescendia* no bosque... » (1).

B) **Imperativas**, si o verbo estiver no imperativo, ex.: « Levantae-vos, Telmo, e *ouvi*-me » (2).

C) **Optativas**, si o verbo estiver no subjuntivo, ex.: « Confiemos no poder energico, irresistivel da liberdade, no progresso incessante da liberdade e *creiamos* firmemente... » (3).

« Talvez que eu *encontrasse* as alegrias
Dos tempos que lá vão
E *afogasse* na luz da nova aurora
A dor do coração » (4).

A proposição subordinada.

Os termos da proposição simples expandem-se, desenvolvem-se e assim a elles se ligam proposições accessorias, mediante connectivos subordinantes, isto é, **pronomes relativos**, **conjuncções subordinativas**, e ás vezes os **adjectivos** ou os **pronomes indefinitos**.

No periodo de subordinação diz-se **principal** a proposição cujos termos estão desenvolvidos por uma ou mais proposições subordinadas (5).

---

(1) José de Alencar, *Iracema.*
(2) A. Garrett, *Sel. Literaria.*
(3) Lat. Coelho, *Republica e Monarchia.*
(4) Casimiro de Abreu, *Primaveras.*
(5) Ha **principal** apenas no periodo de subordinação, pois no de coordenação as proposições são de igual categoria.

Os caractéres da principal são :

A) O verbo em um dos modos — **indicativo, imperativo, condicional** e **subjuntivo** (1).

B) Não tem connectivos subordinantes : **pronomes relativos, connectivos indefinitos** e conjuncções **subordinativas** (2).

Assim a subordinada se classifica :

1.° Segundo o connectivo, em :

A) **Conjunccional**, sempre que se liga a outra mediante conjuncção subordinativa, ex. : « O padra Christiano tomou depressa a porta, *porque* não podia reprimir o riso » (3).

B) **Relativa**, sempre que se liga a outra mediante pronome relativo, ex. : « Oh, como é grande o Senhor Deus *que* os mundos equilibra nos ares... » (4). « O berço é a barca *que* encalhou na vida » (5).

« Era a Bahia então, *d'onde* imperava
O bom Gupeva, povoada em roda
Pelos Tupinambás, *de quem* contava
Trinta mil arcos, brava gente toda » (6).

C) **Indefinita**, sempre que se liga a outra mediante pronome ou adjectivo indefinito, ex. : « *Qual* a materia seja não se enxerga » (7).

---

(1) As proposições de **subjuntivo** não se devem explicar por ellipse de uma principal, como se fazia antigamente, pois a ellipse é um facto em que domina a consciencia das palavras latentes.

(2) Os connectivos indefinitos são : *que, qual, quem, onde* e *quanto* sem antecedente.

(3) MANOEL BERNARDES, *Nova Floresta*.

(4) G. DIAS, *Obras Poeticas*.

(5) CASTRO ALVES, *Esp. Fluctuantes*.

(6) Sº RITA DURÃO, *Caramurú*.

(7) CAMÕES, *Lusiadas*.

« E' melhor, minha bella, ser lembrada
Por *quantos* hão de vir sabios humanos » (1).

Põe-me *onde* se use toda a feridade » (2).

2.° Segundo a natureza, em :

A) **Substantiva**, sempre que valha logicamente por um substantivo, ex. : « Vê *como sobe o incenso* (a subida do incenso) » (3).

B) **Adjectiva**, sempre que valha logicamente por um adjectivo, ex. : « O sibilo das balas *que gemiam*... (gementes) » (4).

C) **Adverbial**, sempre que valha logicamente por um adverbio ou expressão adverbial, ex. :

« Hontem á tarde, *quando o sol morria*,
A natureza era um poema santo » (5).

3.° Segundo a funcção, em :

A) **Subjectiva**, desde que sirva de sujeito a outra, ex. : « Prouvera a Deus *que eu mentisse* hoje » (6).

B) **Objectiva**, desde que sirva de objecto directo ou indirecto a outra, ex. : « Ninguem póde contestar *que as monarchias estão chronicamente enfermas* » (7).

C) **Attributiva**, desde que sirva de adjunto attributivo a outra, ex. : « Ergue a virgem os olhos *que o sol não delumbra* » (8).

---

(1) ANTONIO GONZAGA, *M. de Dirceu*.

(2) CAMÕES, *Lusiadas*.

(3) J. FREIRE, *Sel. de Aulete*.

(4) MAGALHÃES, *Suspiros Poeticos*.

(5) C. ALVES, *E. Fluctuantes*.

(6) A. HERCULANO, *Lendas e Narrativas*.

(7) LATINO COELHO, *Republica e Monarchia*.

(8) JOSÉ DE ALENCAR, *Iracema*.

D) **Predicativa**, desde que sirva de adjunto predicativo a outra, ex.:

« Eram elles *que o verbo do Messias*
Prégavam desde o valle ás serranias » (1).

« Fôra a traição *que o perdera*, mas era a honra *que o guiava* » (2).

E) **Circumstancial**, desde que sirva de adjunto adverbial, ex.:

« *Emquanto tudo explora com cuidado,*
Vae dar co'os olhos na gentil donzella » (3).

Funcções da proposição adverbial.

Ha diversos typos de proposições adverbiaes, segundo a natureza da sua conjuncção subordinativa, e assim a proposição adverbial é de funcção:

A) **Temporal**, isto é, ligada por conjuncção de tempo, ex.: « *Emquanto que* eu tropeço, um grito ao longe rola » (4).

B) **Concessiva**, isto é, ligada por conjuncção concessiva, ex.:

« Mas alembrou-lhe uma ira que o condemna,
Posto que a fama sua o mundo cerque » (5).

« Não esperes, amigo, não esperes,
Por mais galantes casos *que* te conte,
Mostrar no teu semblante um ar de riso » (6).

(1) C. Alves, *E. Fluctuantes.*
(2) Thomaz Ribeiro, *D. Jayme.*
(3) Sta Rita Durão, *Caramurú.*
(4) C. Alves, *E. Fluctuantes.*
(5) Camões, *Lusiadas.*
(6) *Cartas Chilenas.*

C) **Condicional**, isto é, ligada por conjuncção condicional ou suppositiva, ex.: « *Si* eu morresse, que comprido choro! » (1).

D) **Causal**, isto é, ligado por conjuncção causativa, ex.: « Diziam isto, *porque* se temiam dos judeus » (2).

E) **Modal**, isto é, ligada por conjuncção modal, ex.: « A sociedade nos trabalhos aligeira o peso delles, *como* a singularidade os aggrava » (3).

F) **Proporcional**, isto é, ligada por conjuncção proporcional, ex.: « A decomposição cresce, *á medida que* se caminha para o Oriente » (4). « *A' proporção que* se avizinha a hora, cresce a anciedade » (5). « *A' maneira que* o extremo norte do Brasil se colonizava e explorava, iam apparecendo os phenomenos... » (6).

G) **Intencional** ou **final**, isto é, ligada por conjuncção de **fim**, ex.: « É necessario que haja Saues liberaes, *para que* haja Davids animosos » (8).

Além disso apparecem:

A) Proposições **comparativas**, ex.: « Nada mais falso *do que* (seja) a pretenção de valor » (7).

B) Proposições **correlativas**, ex.:

« *Tão* temerosa vinha e carregada,
Que poz nos corações um grande medo » (9).

(1) Gomes Leal, *Claridades do Sul.*
(2) Per. da Silva, *Fastos da Igreja.*
(3) Manoel Bernardes, *A. Classicos.*
(4) O. Martins, *Camões e a Renascença.*
(5) Reb. da Silva, *obra cit.*
(6) O. Martins, *O Brasil e as C. Portuguezas.*
(7-8) Pe Vieira, *Sermões.*
(9) Camões, *Lusiadas.*

Schema das proposições.

A PROPOSIÇÃO SUBORDINADA

Quanto ao **connectivo** { conjunccional, relativa, indefinita

Quanto á **natureza** { substantiva, adjectiva, adverbial

Quanto á **funcção** { subjectiva, objectiva, attributiva, predicativa, circumstancial.

A PROPOSIÇÃO COORDENADA

Quanto ao **connectivo** { syndetica, asyndetica

Quanto á **natureza** { aproximada, alternada, adversativa, illativa

Quanto á **funcção** { expositiva, imperativa, optativa (1).

(1) As proposições **interrogativa** e **exclamativa** apparecem quasi sempre isoladamente, e assim raros são os casos em que se coordenam: são, pois, modalidades da proposição simples.

Leis da classificação.

A) As proposições subjectivas e as objectivas são **substantivas**, porque o sujeito e o objecto são sempre logicamente constituidos por substantivos, palavras, ou expressões substantivadas.

B) As proposições attributivas e as predicativas são **adjectivas**, porque os adjuntos attributivo e predicativo são logicamente constituidos por adjectivos, palavras ou expressões adjectivadas.

C) As proposições adverbiaes são sempre **circumstanciaes**, por ser o adjunto adverbial sempre constituido por adverbios, palavras ou expressões adverbiadas.

A proposição reduzida.

Diz-se **reduzida** ou **abreviada** toda proposição constituida por uma das fórmas nominaes do verbo, isto é, o **infinitivo** e os **participios** (1).

A reduzida se diz:

A) **Infinitiva**, desde que o verbo esteja no infinitivo geralmente no pessoal, ex. : « Não é preciso *revolver* (que se revolvam) os *annaes preciosos da Igreja* » (2). « Sancion foi o derradeiro *a passar* (que passou) » (3).

(1) A proposição reduzida constitue syntacticamente uma modalidade da **subordinada**, na qual não intercorre o connectivo subordinante, porque os infinitivos e os participios já têm sentido suspenso.

(2) MONT'ALVERNE, *Sermões*.

(3) A. HERCULANO, *L. e Narrativas*.

B) **Participial**, desde que o verbo seja o participio presente ou passado, ex.: « *Dizendo isto* (emquanto dizia isto), viu tres cervos *correndo* ao longe (que corriam ao longe) » (1).

Essas proposições se chamam reduzidas, por se poderem **levar á fórma conjuntiva**, isto é, substituil-as por proposições **relativas** ou **conjunccionaes**, como se acha exemplificado entre parenthese, ex.: « Atalhado assim o primeiro impeto *(logo que foi atalhado assim o primeiro impeto)*, o caracter do moço monarcha revelou-se inteiro » (2).

A substituição serve apenas para logicamente estatuirmos — a **natureza** e a **funcção** da reduzida.

A reduzida de participio passado é quasi sempre de natureza **adverbial** e de funcção **temporal**.

A de participio presente, além de ser ás vezes adjectiva e attributiva, póde ser **adverbial** e exercer as seguintes funcções:

A) De **tempo**, ex.: « *Acabando* pois el-rei de cear *(assim que* acabou), sahiu disfarçado » (3).

B) De **modo**, ex.:

> « Ao longe o mar bramia horrendamente,
> *Quebrando* as ondas... »
> *(de sorte que* quebrava as ondas) (4).

C) De **causa**, ex.: « E, *falando* neste nome de cortezia *(já que* falamos), é um vocabulo... » (5).

---

(1) Manoel Bernardes, *A. Classicos.*
(2) A. Herculano, *obra cit.*
(3) Rodrigues Lobo, *A. Classicos.*
(4) G. Castro, *Sel. de Aulete.*
(5) Rodrigues Lobo, *obra cit.*

D) De **concessão**, ex.: « Bernardes, ainda *falando* das creaturas *(ainda que* falasse das creaturas), estava absorto no Creador » (1).

E) De **condição**, ex.: « *Lendo*-os com attenção *(si* os lermos com attenção) sente-se... » (2).

F) De **meio**, ex.:

> « Tambem Sequeira, as ondas Erythreas
> *Dividindo*, abrirá novo caminho... » (3).

A reduzida de **meio** é a unica a que não corresponde proposição conjunccional, por **não existir conjuncção de meio**; mas póde substituir-se por outra reduzida infinitiva ligada pela preposição *com*, ex.: « ... *Com o dividir* as ondas Erythréas ».

A proposição latente.

A maior parte dos autores chamam erroneamente **latente** a proposição **reduzida**; mas, ao nosso ver, latente ou **semiotica** é toda proposição que, integralmente occulta, apenas se torne necessaria á integração do pensamento e á exigencia da analyse, ex.: « Estes males não sinto, é bem verdade » (que os não sinto) (4). « Do latim que, sendo estudado, como cumpre *(que seja estudado)*, é só por si um bom curso... passou para as palestras da philosophia » (5).

« Nelles havia um Mal a que eu davo meu culto como — quem vae rezar dentro de um cemiterio » (6).

(1-2) A. F. de Castilho, *Sel. Literaria.*
(3) Camões, *Lusiadas.*
(4) J. A. Peixoto, *Obras Poeticas.*
(5) A. F. Castilho, *Sel. Literaria.*
(6) Daltro Santos, *Taça Partida.*

Muitas vezes ha proposições objectivas latentes que se poderiam substituir pelo pronome *o*, ex. : « Eu passo como permitte *(que eu passe)* o rigor do tempo » (1).

Entre a expressão — *como si* — geralmente occorre uma proposição latente, ex. : « Depois levou o punho cerrado á fronte *como (o levaria) si* quizesse ahi uma idéa » (2).

As proposições latentes servem, na generalidade dos casos, ou de objecto ou de sujeito a outra, ex. : « Seja pois como quereis *(que seja)* » (3). « Dá-me tu as que te parecer *(que me sejam dadas)* » (4).

« Abolimos o captiveiro material. Foi muito *(que o tivessemos abolido)* » (5).

Assim é que se deve entender a proposição **latente** para não confundirmos com a **reduzida**; nesta ha apenas substituição, naquella ha integralização geral, pois assim como ha a ellipse de um vocabulo, ha **de toda a proposição**.

A proposição contracta.

Contractas são duas ou mais proposições a que por effeito da ellipse corresponde um termo ou uma parte commum, expressa **apenas uma vez.**

Assim, a contracção proposicional se effectua :

A) Por identidade do sujeito, ex. :

« *As faces* vão perdendo as vivas côres
E vão-se sobre os ossos enrugando » (5).

(1) ANTONIO VIEIRA, *Cartas.*
(2) A. HERCULANO, *Eurico.*
(3) A. HERCULANO, *Lendas e Narrativas.*
(4) MANEOL BERNARDES. *Liv. Classica.*
(5) GONZAGA, *M. de Dirceu.*

B) Por identidade do objecto, ex. : « Os sabios do Egypto, quando pintavam os esculpiam a *Marte*, lhe ajuntavam um abutre » (1).

C) Por identidade do verbo, ex. : « O dia *é* claro, o ar purissimo, a luz esplendida » (2).

D) Por identidade do adjunto adverbial, ex. : « *Outr'ora* escreviam-se, carteavam-se de longe os monarchas » (3).

Não se consideram **contractas** nem tão pouco **compostas** aquellas proposições que, tendo o verbo no plural, possuem dous ou mais sujeitos ou objectos coordenados, pois esses se podem mentalmente considerar explanações de um termo mais geral, mais extensivo, ex. :

« *O horror, a confusão, gritos, suspiros,*
Eram como uma orchestra a seu ouvidos! (4).

E' uso classico omittir o auxiliar participial ou infinitivo pertencente a duas ou mais proposições, ex. : « *Haviam* os cavalheiros da Cruzada aceitado as offertas de Aleixo e *annuido* ás suas proposições » (5). Os Arabes *começavam* a sahir d'entre os arvoredos e a *aproximar-se* dos Christãos » (6)

A contracção é uma ellipse, phenomeno quasi constante na proposição comparativa e, sempre que esta tenha uma das palavras — *maior, menor, peor, melhor*, se deve integralizar mediante a fórma positiva correspondente, ex. : « Sou *maior*

(1) MANOEL BERNARDES, *A. Classicos.*
(2) O. MARTINS, *C. e a Renascença.*
(3) LATINO COELHO, *Republica e Monarchia.*
(4) MAGALHÃES, *Suspiros Poeticos.*
(5) THEOD. DE ALMEIDA. *Sel. Literaria.*
(6) A. HERCULANO, *Eurico.*

do que tu (és *grande*). Tua irmã é *menor* do que eu (sou *pequeno*). Es *peor* do que elle (é *máo*). Falas *peor* do que eu (falo *mal*). Não são *melhores* do que nós (somos *bons*). Procedo *peor* do que tu (procedes *mal*) ». « Que póde haver *maior* do que o Oceano? » (1). « Vós bem sabeis que ha desgostos peores que cem punháes » (2).

As proposições *modaes* e as *comparativas* são as mais attingidas pela ellipse *do verbo*, tornando-se frequentemente *contractas*, ex. : « A estatua fala ; mas *(fala)*, como *(fala)* uma interjeição. (Latino Coelho).

A proposição interferente.

Ás vezes intercorrem proposições, exteriores á contextura organica do periodo, e destituidas de connectivos, ex. : « Dos sobejos, *atalhou Solino*, não posso eu calar um » (3).

Essas proposições são sempre constituidas pelo verbo *dizer* ou seus equivalentes semanticos — *responder*, *acudir*, *tornar*, *murmurar*, *exclamar*, *bradar*, *proseguir*, *continuar* e outros a que já os Latinos chamavam verbos **intercalares**, ex. : « Poetas na mocidade academica, *repito*, não escasseavam » (4). « A mim me parece, *tornou Leonardo*, que os titulos é cousa conveniente e necessaria » (5).

Essas proposições se dizem **adventicias, intercaladas** ou **interferentes** e apparecem nos casos em que o pensamento equivale a uma citação textual, ex. : « Velho assassino, *exclamou D. Fernando*, cubriste de lucto eterno o coração do pae! » (1).

(1) C. de Abreu, *Primaveras*.
(2) Thomaz Ribeiro, *D. Jayme*.
(3) Rodrigues Lobo, *A. Classisos*.
(4) A. F. de Castilho, *Conversação Preambular*.
(5) Rodrigues Lobo, *A. Classicos*.

Essas proposições ás vezes têm por objecto directo uma palavra, uma expressão; outras vezes o periodo em que intercorrem, ex. : « *Bem vindo*, Gonçalo Mendes, *disse Mem Moniz* » (2).

Na generalidade dos casos, porém, as proposições intercaladas têm apenas funcção explicativa, ex. : « O que vos digo é a verdade, *continuou* Pacheco » (3). « O segundo ponto, *perguntou Pindaro*, me parece a mim que fica declarado nessa primeira parte » (4).

A ordem das palavras.

O verbo é o centro de attracção do systema proposicional e por elle se dirigem as palavras, de modo que fica, na ordem analytica, precedido do sujeito e seguido dos seus adjuntos ou do objecto, ex. : « O Cardeal Reginaldo foi aquella firmissima columna de fé » (5).

Esta disposição das palavras no organismo da proposição, diz-se *ordem*.

A ordem proposicional póde ser :

A) **Directa ou analytica**, desde que ao sujeito se posponha o predicado, ex. : « A *estrella de Napoleão* pairou lentamente sobre a Europa » (6).

(1-2-3) Herculano, *Lendas e Narrativas*.
(4) R. Lobo, *A. Classicos*.
(5) Manoel Bernardes, *Liv. Classica*.
(6) Latino Coelho, *Republica e Monarchia*.

B) **Inversa** ou **synthetica**, desde que ao sujeito se anteponha o predicado, ex. : « Pairou lentamente sobre a Europa *a estrella de Napoleão* ».

C) **Transposta** ou **interrupta**, desde que o sujeito se intercale no predicado, ex. : « Pairou *a estrella de Napoleão* lentamente sobre a Europa ».

A transposição na ordem das palavras na proposição simples, diz-se **anastrophe**, ex. : « *Da lua* os claros raios rutilavam » (1).

A transposição na ordem das proposições, o seu deslocamento na proposição composta, diz-se **hyperbato**, ex. : « Nuno Gonçalves, *como si não tivera ouvido as reflexões do filho*, chamou então » (2).

A transposição do sujeito.

O principio organico da construcção funda-se na attracção exercida pelo verbo sobre as demais palavras da proposição.

A ordem sempre depende do rythmo phraseologico, isto é, da somma de todos os accentos tonicos que, constituindo a accentuação geral da proposição, conferem á expressão belleza e harmonia.

Assim pois a inversão do sujeito geralmente se effectua nos seguintes casos :

A) Nas proposições exclamativas ou nas interrogativas, ex. : « Que largas são *as praias!* » (3). « Que são *as honras* e *dignidades?* » (4).

---

(1) CAMÕES, *Lusiadas*.
(2) A. HERCULANO, *Lendas e Narrativas*.
(3) LUCENA, *L. Classica*.
(4) MANOEL BERNARDES.

B) Nas proposições imperativas e nas optativas, ex. : « Dize — *tu*, severa Musa » (1). « Bemvindo seja o *estrangeiro* aos campos dos Tabajaras » (2).

C) Nas proposições reduzidas, quer participiaes, quer infinitivas, ex. : « Atravessados *estes perigos*... apresentou-se o Padre Antonio Vieira na côrte » (3). « Acabando o *religioso* de referir este successo, pediu aos circumstantes o encommendassem a Deus » (4).

D) Nas proposições intercaladas, ex. : « Calculo, rezam *etymologistas*, vem de calculus, pedrinha » (5).

E) Nas proposições cujo predicado for menos extenso do que o sujeito com seus adjuntos, ex. : « Lá vão *cincoenta annos de merecimento e de penitencia* em um instante » (6). « Terribilissimos foram *os sonhos que Deus mandou ao presbytero* » (7).

A correlação das palavras.

Correlação é a correspondencia syntactica de duas palavras na proposição.

A correlação se faz :

A) **Similarmente**, isto é, repetindo a mesma palavra, ex. : *Tal* pae, *tal* filho ».

---

(1) CASTRO ALVES, *Poesias*.
(2) J. DE ALENCAR, *Sel. Literaria*.
(3) J. F. LISBOA, *Vida do Padre Antonio Vieira*.
(4) MANOEL BERNARDES, *obra cit.*
(5) CARLOS DE LAET, *Sel. Literaria*.
(6) MANOEL BERNARDES, *obra cit.*
(7) A. HERCULANO, *Eurico*.

B) **Dissimilarmente,** isto é, mediante palavras differentes, ex. : « *Tal* mulher tu sejas, *qual* te eu sou marido » (1).

A correlação similar se faz, empregando-se :

A) *Tal... tal*, ex. : « *Taes* somos nós, *taes* sereis vós » (2).

B) *Qual*=um... *qual*=outro, ex. :

« *Qual* do cavallo voa que não desce,
Qual, co'o cavallo dando em terra, geme » (3).

C) *Quem*=um... *quem*=outro, ex. :

Quem se afoga nas ondas enraivadas;
Quem bebe o mar e deita juntamente » (4).

D) *Tanto... tanto*, ex. : « *Tanto* tens, *tanto* gastas ».

E) *Assim... assim*, ex. : « *Assim* disse, *assim* o fez ».

F) *Quanto... quanto*, ex. : « *Quantas* cabeças, *quantas* sentenças ».

A correlação dissimilar se faz, empregando-se :

Tão	*que* :	« *tão* bella *que* encanta »
	como :	« *tão* bella *como* tu »
	qual :	« *tão* bella *qual* rosa ».
Tal	*que* :	« E' *tal* o seu valor *que...* »
	qual :	« *tal* mulher, *qual* marido »
	assim como :	

(1) *Apud Gram. Carneiro.*
(2) Fr. D. Vieira, *Dic. da L. Portugueza.*
(3-4) Camões, *Lusiadas.*

« *Assim como* a bonina que cortada
Antes do tempo foi candida e bella
. . . .
Tal está a pallida donzella » (1).

Ás vezes occorre *qual*, isoladamente, tendo força comparativa, ex. :

« As estrellas os céos acompanhavam
Qual campo revestido de boninas » (2).

Tanto	*que* :	« *tanto* estudas *que* saberás »
	como :	« *tanto* trabalhas *como* ganhas »
	quanto :	« *tanto* tens *quanto* elle ».

Além dessas correlações, ainda occorrem as seguintes :

A) *Assim... como*, ex. : « *Assim* na linguagem *como* em tudo » (3).

B) *Um... outro*, ex. :

« *Um* cae além do alfange atravessado;
Outro vinga e mata o que matára » (4).

C) *Tamanho... que*, ex. : « Sentiu *tamanha* fraqueza nelle *que* cahiu no chão » (5).

D) *Não só... como* ou *sinão*, ex. : « *Não só* trabalhas *como* cantas ».

E) *Qual... assim*, ex. : « *Qual* se esvoaça a pomba junto do ninho, *assim* se ostenta e passa o foragido » (6).

(1-2) Camões, *Lusiadas.*
(3) R. Lobo, *A. Classicos.*
(4) Camões, *Lusiadas.*
(5) F. Moraes, *Palmeirim da Inglaterra.*
(6) Thomaz Ribeiro, *D. Jayme.*

A correlação dos verbos.

Correlação verbal é a coexistencia de dous tempos iguaes, correspondendo-se syntacticamente na proposição composta (1).

Assim, nas proposições coordenadas os verbos estão geralmente no mesmo tempo, ex. :

« Bramindo duro *corre* e os olhos *cerra*.
Derriba, fere, mata e *põe* por terra » (2).

. . . .

« Lenita *levantou*-se muito cedo; *tomou* um côpo de leite; *deu* um passeio pelo pasto » (3).

Nas proposições subordinadas, os tempos do verbo são na generalidade dos casos governados pelo da principal.

Assim é que se correlacionam entre si tempos do mesmo ou de differentes modos :

A) Dous presentes, ex. :

« Eu *sinto* que esta vida já *me foge* » (4).

. . . .

« Elle *espera* que os convivas *saiam* » (5).

B) Dous **preteritos**, ex. : « Os primeiros que *entraram* no tormento *foram* dous soldados » (6).

. . . .

(1) Antes da publicação da nossa Grammatica, este ponto tinha impropriamente a denominação de **correspondencia dos verbos**.
(2) CAMÕES, *Lusiadas*.
(3) JULIO RIBEIRO, *A Carne*.
(4) CASIMIRO DE ABREU, *Primaveras*.
(5) CASTRO ALVES, *Espumas Fluctuantes*.
(6) MANOEL BERNARDES, *A. Classicos*.

« Lenita *mandou* que a mucama se *afastasse* um pouco » (1).

C) Dous **futuros**, ex. : « Á medida que as acções e os milagres do Salvador o *forem* pedindo, *iremos* desenhando os logares e o aspecto das paizagens, theatro dos seus trabalhos e martyrios » (2).

Mas casos ha em que com o da principal não se correlaciona o verbo da subordinada, cujo emprego depende das condições do facto, ex. : « Si ainda *vive*, tirar-lhe-ão o burel e a corda de esparto, o seu capital » (3).

Na substituição da proposição reduzida por uma conjunccional, devemos attender á correlação, isto é, por-lhe o verbo de accordo com o tempo da principal, ex. : « E, largando o frankisk, (assim que *largou* o frankisk) *levou* as mãos ao capacete de bronze » (4).

Na integralização da proposição a que por ellipse falte o verbo, a correlação se faz repetindo a fórma verbal, ex. : « O favo da jaty não *era* tão dôce como *(o era)* seu sorriso : nem a baunilha *rescendia* no bosque, como *(rescendia)* seu halito perfumado » (5).

Mas, si a proposição elliptica exprime um facto positivo, maximé nas comparações, integraliza-se independentemente da correlação, pondo-se o verbo no presente, ex. : « Mais rapida que a ema selvagem, *(corre* rapida) a morena virgem *corria* o sertão e as mattas do Ipú » (6).

(1) JULIO RIBEIRO, *A. Carne*.
(2) REBELLO DA SILVA, *Fastos da Igreja*.
(3-4) A. HERCULANO, *Lendas e Narrativas*.
(5-6) JOSÉ DE ALENCAR, *Iracema*.

Este é que deve ser **conceito** grammatical da correlação: mas não o entendemos eu, na minha primeira grammatica, e o Sr. Julio Ribeiro a quem seguimos neste ponto, pois explicamos nós ambos o facto apenas na proposição objectiva e de modo illogico.

A substituição dos tempos.

Os tempos verbaes se empregam de accordo com as condições em que se expõem os factos; mas ás vezes se podem substituir uns por outros, para maior realce de expressão.

Assim, o **presente do indicativo** póde substituir:

A) Ao **perfeito** nas narrações, constituindo o presente **historico** ou narrativo, ex.: « Junot *deixa* Lisboa e *reune* toda a sua força em Torres-Vedras. *Delibera-se* a atacar os Inglezes em *Vimieiro* » (1).

B) Ao **futuro** do indicativo, ex.:

« Não serei triste; si te ouvir a fala,
Tremo e *palpito* como treme o mar » (2).

C) Ao **futuro** do subjuntivo, ex.: « Quem *sobe* para Nazareth... *terá* diante dos olhos Tiberiades e o lago de Galiléa » (3).

D) Ao **imperfeito** do subjuntivo, ex.: « Si *sei*, não lhe tinha dado dinheiro » (4).

— O **imperfeito** póde substituir:

A) Ao **presente** do condicional, principalmente nos escriptores brasileiros, ex.: « Si eu tivesse

(1) P. da Silva, *Historia da F. do Imp. do Brasil*.
(2) C. de Abreu, *Primaveras*.
(3) Reb. da Silva, *Fastos da Igreja*.
(4) Julio Ribeiro, *Gram. Port.*

filha, você já *tinha* noiva » (1). « Si eu conhecesse a minha ultima hora, *mandava* queimar os meus papeis e morreria em paz... » (2).

B) Ao **presente** do indicativo, maximé nas expressões familiares e populares, ex.: « Vossas excellencias *podiam* ficar para jantar hoje comnosco » (3).

Esta substituição data desde o seculo XV, segundo se vê em escriptores do tempo, porquanto o imperfeito apparecia em correlação com o presente, ex.:

« Deste Deus-Homem, alto e infinito,
Os livros, que tu pedes não *trazia* (não *trago*).
Que bem posso escusar trazer escripto
Em papel, o que nalma andar *devia (deve)* » (4).

O **mais que perfeito** póde substituir:

A) Ao **presente** do condicional, ex.:

« Pois não *fôra* melhor vivesse a planta
Cujo perfume a solidão encanta » (5).

B) Ao **imperfeito** do subjuntivo, ex.: « Assim na linguagem como em tudo ficaramos satisfeitos, si daquelles tres generos... nos *(dèra) dèsse* alguns exemplos » (6).

No mesmo periodo podem ás vezes occorrer dois mais que perfeitos: um em vez do condicional, outro em vez do imperfeito do subjuntivo,

(1) Julio Ribeiro, *A Carne*.
(2) Thomaz Ribeiro, *D. Jayme*.
(3) Julio Ribeiro, *Gram. Port.*
(4) Camões, *Lusiadas*.
(5) C. de Abreu, *Primaveras*.
(6) R. Lobo, *A. Classicos*.

ex.: « Que *fôra (seria)* a vida, si nella não *houvera (houvesse)* lagrimas? » (1).

O **futuro do indicativo** póde substituir:

A) Ao **presente** do indicativo, nas proposições exclamativas e dubitativas, ex.: « Si só precisamente o não amar é de espirito diabolico, que *será* o não amar a Deus? » (2).

B) Ao **imperativo** nos preceitos biblicos, ex.: « Honrarás teu pae e tua mãe ».

Ao **imperativo** substituem:

1.º O **presente do subjuntivo**:

A) Nas proposições **negativas**, ex.: « Da terra que te deixo *não percas* uma pollegada » (3).

B) Na proposição de **voz passiva**, ex.: « Por piedade explica-me *(seja-me* explicado) este horroroso mysterio » (4).

2.º **Infinitivo impessoal** nas proposições intimativas, e exclamativas, nas vozes de commando, ex.: « *Preparar! Apontar! Descançar* armas! (5).

. . . .

« *Trabalhar*, meus irmãos, que o trabalho
E' riqueza, é virtude, é valor » (6).

« *Marchar!* Mas como a Allemanha
Na tyrannia feudal! » (7).

---

(1) A. Herculano, *Eurico*.
(2) Manoel Bernardes, *A. Classicos*.
(3) A. Castilho, *Quadros Hist.*
(4) A. Herculano, *Eurico*.
(5) Julio Ribeiro, *Gram. Port.*
(6) A. Castilho, *Hymno do Trabalho*.
(7) C. Alves, *Espumas Fluctuantes*.

É uso empregar-se o infinitivo precedido da fórma verbal *é* constituindo uma expressão equivalente ao imperativo ou subjuntivo, ex.: « Agora *é tratar* de casar, de ter filhos, de galgar posição (1).

O infinitivo pessoal.

A lingua portugueza, além de ter o infinitivo impessoal, possue o infinitivo pessoal, isto é, flexionado.

Esta peculiaridade da lingua é um dos seus **idiotismos**, a qual se observa desde o seculo XII, tanto assim que existe no dialecto gallego, pois este é um estadio por que passou a lingua portugueza antes de attingir á fórma actual.

O **infinitivo pessoal** emprega-se:

A) Sempre que, constituindo proposição reduzida, se possa substituir por **uma conjunccional** ou **pronominal relativa**, ex.: (2). « Trabalhae, meus filhos, para *agradarem* suas obras a Deus (para que *agradem*) » (3). « É tempo de nos *passarmos* á Africa (de que nos *passemos*) » (4).

« Oh Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Baccho no teu reino *receberes* (porque recebes) » (5).

« Foi o segundo a *jurar* (que *jurou*) o infante D. Fernandes » (6).

---

(1) Julio Ribeiro, *A Carne*.
(2) Esta é condição primordial que regula a syntaxe do infinitivo pessoal.
(3) M. F. Pinto, *Obras*.
(4) Fr. Luiz de Souza, *A. Classicos*.
(5) Camões, *Lusiadas*.
(6) Fr. Luiz de Souza, *Obra citada*.

Por esse penultimo exemplo se prova ser indifferente ter o infinitivo sujeito proprio, tornando-se pois o unico criterio a **substituição** da proposição reduzida, pela conjunccional ou relativa, ex. : « Folgarás de *veres* a policia » (porque *vês*) (1). « Os cabeços negros que ás vezes lhe parecera *debruçarem-se* (que *se debruçavam*), no cimo dos despenhadeiros » (2). « Foram dous amigos á casa de outro, afim de *passarem* (afim de que *passassem*) as horas da sésta... » (3).

O infinitivo **impessoal** emprega-se :

1.º Sempre que, não podendo ser levado á fórma conjuntiva, constitua uma **expressão verbal**, ex. : « Vão *terminar* doze annos de agonia » (4). « Começavam a *abalar* contra as portas da Ribeira » (5) (6).

2.º Substituindo geralmente ao infinitivo **pessoal**, quando d'esta substituição não decorrer obscuridade :

A) Depois dos verbos de **movimento**, indicando finalidade, ex. : « Fingiu serem vindos os embaixadores de el-rei da Persia a *cobrar* o tributo » (7).

B) Sempre que o sujeito do infinitivo fôr (ou se possa tornar) objecto indirecto do verbo principal, ex. : « A muitos manda ver (que *vejam*) o

(1) Camões, *Obras completas*.
(2) A. Herculano, *Eurico*.
(3) Manoel Bernardes, *A. Classicos*.
(4) T. Ribeiro, *D. Jayme*.
(5) Fr. Luiz de Souza, *A. Classicos*.
(6) Estas expressões são constituidas geralmente pelos verbos — *poder, dever, querer, saber, ter de, haver de, acentar de, cessar de, deixar de, estar a* ou *por* ou *para*, etc.
(7) Manoel Bernardes, *Liv. Classicas*.

Estygio Lago » (1). « Ao outro dia... a princeza, tanto que eramos chegados, nos mandou *assentar* (que nos *assentassemos*) » (2).

C) Sempre que os dous verbos, por estarem **proximos**, não tornem obscuro o sentido, ex. : « Os raios matutinos faziam *alvejar* (*alvejavam*) os turbantes » (3).

Tanto nesse como no caso anterior, os verbos que mais frequentemente têm essa syntaxe são *mandar*, *fazer* e *deixar*, e *ver*, ex. : « *Deixae*-os (ou lhes) *morder* uns aos outros » (4). « *Verão morrer* com fome os filhos caros » (5).

A impessoalidade verbal.

Verbo impessoal é aquelle que, apenas empregado na 3.ª pessoa do singular, *não tem sujeito conhecido*.

A maior parte dos impessoaes denotam phenomenos *meteorologicos* e assim o sujeito é uma incognita, é uma especie de *x* syntactico, cujo valor é independente de qualquer theorização grammatical, ex. : *chove, troveja, amanhece, alvorece, neva, venta, gela, relampeia*.

Impugnamos, pois, a opinião daquelles que, em desaccordo flagrante com os factos da lingua, explicam a proposição impessoal já mediante illipse do sujeito, já mediante o pro

(1) Camões, *Lusiadas*.
(2) F. M. Pinto, *Peregrinações*.
(3) A. Herculano, *Eurico*.
(4) A. Herculano, *Lendas e Narrativas*.
(5) Camões, *Lusiadas*.

nome *elle* que, dizem, occorre na lingua do vulgo ignaro, á maneira do *il* francez.
Assim é logico que, desde que ao verbo se der o sujeito, deixa de ser elle impessoal, porque a defectividade ou falta do sujeito é o caracter fundamental da impessoalidade.

Apesar disso, os verbos impessoaes se podem, pois, **personalizar**, isto é, passar a ter sujeito nas proposições imitativas, ex. : « No ardor do combate *relampeam* as espadas, *chovem* as metralhas e *trovejam* os canhões ».

Camões empregou :

> « Da espessa nuvem *setas* e *pedradas*
> *Chovem* sobre nós outros ».

Além dos verbos, **semanticamente** impessoaes, attinentes ao estado *meteorologico* a que nos acabamos de referir, occorrem os seguintes que accidentalmente se **impessoalizam**, perdendo portanto o sujeito, conforme a accepção que lhes regula o conceito :

A) *Dar*, desde que sirva para exprimir as horas, ex. : « Já tinha *dado* oito horas, quando lá chegámos » (1).

B) *Fazer*, desde que tenha por objecto uma palavra referente ao estado meteorologico — *calor, frio, vento, neve*, etc., ex. : « *Faz* frio, calor; *fazia* luar ». « *Fazia* hontem já tarde um *nevoeiro* espesso » (2).

Não se **pluraliza** o verbo *fazer*, quando, servindo-lhe de objecto uma palavra de tempo, lhe fôr sujeito uma proposição conjunccional.

(1) Si, porém, ao verbo *dar* conferirmos a accepção de *soar*, assumirá então o plural, passando a sujeito o que era objecto, ex. : « *deram* oito horas », por attração.
(2) G. de Azevedo, *Selecta de Aulete*.

Assim, em vez de *fazem*, se dizem — *faz* dias, semanas, mezes, annos, etc., *que* não nos vemos, ex. : « *Faz* alguns annos *que* visitei o norte » (1).

> « Quantos annos *faz*, oh minha lavadeira,
> *Que* tua energia gastas nessa lida » (1).

C) *Ser*, desde que, não tendo sujeito, se ache modificado por adjunto adverbial de tempo, ex. : « *Era* por uma destas noites vagarosas de inverno, em que o brilho do céo sem lua é vivo e trémulo » (3).

D) *Bastar*, desde que esteja isoladamente empregado ou ligado a substantivo pela preposição *de*, ex. : « *Basta*, não quero mais » (4). « Não *basta* inda de dôr, ó Deus terrivel?! » (5).

E) *Haver*, desde que, implicando noção de existencia, signifique latentemente — *ter, possuir*, em relação ao seu objecto directo, ex. : « Si não *houvesse* ingratidões, como *haveria* finezas? » (6). « Si *ha* doces sonhos no viver celeste... » (7).

Tambem erroneamente se diz **impessoal** o verbo que tem por sujeito uma proposição conjunccional, ex. : « Não tarda muito *que* ella desappareça mergulhada na vermelhidão da aurora » (8).

(1) Candido Juca, *O Norte*.
(2) Goulart de Andrade, *Poesias*.
(3) A. Herculano, *Eurico*.
(4) M. Bernardes, *A. Classicos*.
(5) C. Alves, *Vozes d'Africa*.
(6) Pe Antonio Vieira, *Sermões*.
(7) Casimiro de Abreu, *Primaveras*.
(8) A. Herculano, *Eurico*.

Os principaes são os seguintes em qualquer dos seus tempos, ex. : *Occorre* que... *Acontece* que... *Succede* que... *Parece* que... *Convém* que... *Basta* que... e assim muitas expressões em que entra o verbo *ser* ou *estar*, taes como : *É justo* que... *É bom* que... *É logico* que... *É claro* que... *É certo* que... *É de notar* que... *É de parecer* que... *Está patente* que... *Está provado* que...

Nestes verbos se podem dar dous phenomenos :

A) Substituição da proposição conjunccional por uma reduzida infinitiva, ex. : «E acontece *chegarem* (que chegam) por seus degraos e merecimentos aos maiores officios » (1).

B) A anastrophe do sujeito da proposição subjectiva para antes do verbo impessoal, ex. : « *Eu* é que *sou* heroe, Marilia bella » (2).

Este facto é frequente com os verbos *parecer* e *ser*, constituindo idiomatismos, taes como : *Eu* é que *digo*, *nós* é que *somos*, *vós* é que *fizestes*, *elles* parece que *partem* amanhã, ex :

> « *Dos cavallos* o *estrepito* parecé
> Que *faz* qué o chão debaixo todo *treme* » (3).

> « *A casa* onde habita o grande Chefe
> Parace, Dorotheu, que *vem* abaixo » (4).

« *O cidadão* nas republicas antigas era força que *fosse* ao mesmo passo um crente » (5).

---

(1) FR. LUIZ DE SOUZA, *Vida do Arcebispo*.
(2) GONZAGA, *Marilia de Dirceu*.
(3) CAMÕES, *Lusiadas*.
(4) *Cartas Chilenas*.
(5) LAT. COELHO, *Rep. e Monarchia*.

Este facto se póde effectuar igualmente com os verbos cuja impersonalidade é assignalada pelo *se* appassivando, ex. : « E *toda esta energia*, *todo este recordar-se da rica herança d'esforço*, dir-se-ia que *eram* suscitados pela Providencia » (1).

Syntaxe do verbo *haver*.

O verbo *haver* emprega-se :

A) Sempre no singular, quando, embora encerre a noção de existencia, tenha objecto directo, mas seja destituido de sujeito, por estar impessoalizado, ex. : « Quando *ha* frio e neve na serra, tambem *ha* lenha nestes montes e fogo nestas pedras... » (2). « Si não *houvesse* ingratidões, como haveria finezas? » (3).

B) Na accepção de *adquirir*, *alcançar*, *obter*, *conseguir*, *ter*, ex. :

> « De onde *houveste*, ó pelago revôlto
> Esse teu rugido? » (4).

> « Troam na Iberia os hymnos da victoria
> Que Isabel e Fernando do Mouro *houveram* » (5).

C) Na accepção de *portar-se*, *conduzir-se*, por effeito da variação pronominal, que lhe modifica o sentido, ex. : « Com mulheres não sabe o homem como *ha de haver-se* » (6). « O Sr. Castro Alves

---

(1) LATINO COELHO, *Republica e Monarchia*.
(2) F. RODRIGUES LOBO, *Anth. Nacional*.
(3) Pe VIEIRA, *Sermões*.
(4) GONÇALVES DIAS, *Poesias*.
(5) A. PORTO ALEGRE, *Colombo*.
(6) *Monarchia Lusitana*.

houve-se com a mesma arte em relação sos outros conjurados » (1).

D) Na accepção de *ter*, servindo então de auxiliar ao participio **passado**, ex. : « *Haviam* os cavalheiros da Cruzada *acceitado* as offertas de Aleixo » (2).

> « O viço dos meus annos se *ha murchado*
> Nas fadigas, no ardor do sevo Marte » (3).

E) Na accepção de *ter*, mas ligado ao infinitivo por preposição, formando **expressão verbal** como : hei *de* ir, havia *de* passar, houver *de* morrer, ex. : « E noções que hoje timidamente se enunciam, *hão de*, com o correr dos tempos, *apostar* evidencia com as verdades consagradas » (4). « Finalmente, si fosse invejoso, *havia de morder-me*, mordel-o e estourar » (5).

F) Como **adjunto adverbial** em phrases ou expressões em que apenas indica circumstancia de *tempo*, seguido ás vezes do *que expletivo*, ex. : « Para os interesses da sua celebridade devera ter morrido *ha mais de vinte annos* » (6). « Perguntamos *ha pouco* si podiam tornar-se em fazendas as feitorias da Africa continental portugueza » (7).

> « Quando as infidas gentes se chegaram
> As naus que *pouco havia que* ancoraram » (8).

> « E busca successor que te encaminhe
> Ao teu logar que *ha muito que* te espera » (9).

---

(1) MACHADO DE ASSIS, *Carta a J. d'Alencar*.
(2) Pe THEOD. D'ALMEIDA, *Autores Classicos*.
(3) ALM. GARRETT, *Poema Heroico*.
(4-6) FRANCISCO DE CASTRO, *apud. A. Brasileiros*.
(5) A. F. CASTILHO, *Conv. Preambular*.
(7) OLIVEIRA MARTINS, *O Brazil e as Colonias*.
(8) CAMÕES, *Lusiadas*.
(9) BASILIO DA GAMA, *Uruguay*.

« As portas do templo monastico estavam cerradás *havia* tambem tres dias » (1).

Não resiste á analyse a velha doutrina segundo a qual o verbo *haver* tem um sujeito occulto, latente, representado pelas palavras a *sociedade, o genero humano, elle, o mundo, o espaço*, etc.

O verbo *haver* é impessoal e por isso não tem sujeito, do mesmo modo que *chove, troveja, faz calor, está fazendo frio* e outras phrases similares e analogas.

Além disso, deixaria de ser impessoal desde que tivesse sujeito, pois o criterio da impessoalidade é estatuido pela falta do sujeito.

Assim a qualquer proposição impessoal se dê por sujeito uma incognita, um *x* cujo valor e substituição independem da grammatica.

A incognita syntactica *x* significa : — « a proposição de que se trata não tem sujeito ».

Na dialectação lusitana, na prosodia dos Portuguezes, o verbo *haver*, na 3.a do presente do indicativo apparece seguido do antigo adverbio *hi* (ahi), que o acompanhava no portuguez arcaico. Assim sempre ouvimos : *ha hi* agua, *ha hi* gente, ex. :

> « Si peste não fosse, todos meus erros
> Não conheceriam que *hi havia* » (2).

Na dialectação brasileira dous são os phenomenos irregulares e anomalos, referentes ao emprego do verbo *haver* :

1.º A pluridade que o fazem assumir, até mesmo pessoas de certa cultura, tomando erroneamente o objecto por sujeito, ex. : « *Haviam* pessoas, *houveram* festas » em vez de *havia... houve...*

A essa infracção syntactica nota-se que sempre resiste a fórma monosyllabica *ha*, pois nunca a substituem pelo seu plural *hão*.

2º A sua substituição pelo verbo *ter*, um dos phenomenos mais constantes, mais geraes que se observa até mesmo en-

---

(1) A. F. DE CASTILHO, *Quadros Historicos*.
(2) CAMÕES, *Nau dos Amores*.

tre pessoas doutas, ex. : « Na festa *tem (ha)* muito povo. *Tinha* muita agua na rua ».

A indeterminação do sujeito.

Aos verbos impessoaes se filiam aquelles que, embora se possam adaptar a um sujeito pronominal, comtudo exprimem o facto de modo vago e inapreciavel. Têm por sujeito um pronome cujos equivalentes que representa não nos é possivel precisar, constituindo assim sujeito indeterminado.

A indeterminação se enuncia :

A) Com o pronome *se* indefinito, ex. : « Havendo fallecido D. Henrique de Menezes... falou-*se* de suas prendas... » (1-2).

B) Com os verbos que, significativamente analogos ao verbo *dizer* e aos seus synonymos e postos na terceira pessoa do plural, exprimem os rumores publicos, ex. : « *Dizem* que ha gozos no correr dos annos » (3).

> *Contam* que certa raposa,
> Andando mui esfaimada,
> Viu roxos, maduros cachos
> Pendentes d'uma latada » (4).

C) Com qualquer verbo que, estando empregado na terceira pessoa do plural, declare o facto

(1) MANOEL BERNARDES, *A. Classicos.*
(2) Vêde o *se* sujeito á pag. 303.
(3) C. DE ANDREU, *Primaveras.*
(4) BOCAGE, *Autores Classicos.*

de modo vago e geral, ex. : « *Recommendem* aos mestres que tenham especial vigilancia sobre elles » (1).

A negação.

Tres são as modalidades da negação : — a simples, a reforçada e a apparente :

Negação { simples / reforçada { similar / dissimilar / semiotica } / apparente }

A negação simples apenas é formada por uma só palavra de sentido e funcção negativa, ex. :

> « Este mundo *não* vale um só dos beijos
> Tão doces de uma mãe » (2).

« *Ninguem* lhe abriu as portas de seus lares » (3).

A negação reforçada é constituida por duas ou mais palavras de sentido e funcção negativa, ex. : « Demais a verdade toda *nunca ninguem* a possuiu » (4).

> « Eu, Marilia, *não* sou *nenhum* vaqueiro
> Que viva de guardar alheio gado » (5).

(1) MANOEL BERNARDES, *Nova Floresta.*
(2) CAS. DE ABREU, *Primaveras.*
(3) C. ALVES, *Esp. Fluctuantes.*
(4) CANDIDO JUCA, *O Refugio da Alma.*
(5) GONZAGA, *M. de Dirceu.*

A negação reforçada se diz:

A) **Similar**, desde que sejam **identicas** as palavras negativas, ex.: « *Não* era Sancho, *não*, tão deshonesto » (1).

B) **Dissimilar**, desde que as fórmas negativas sejam differentes, ex.: « *Não* julgue *ninguem nunca* outrem por si » (2).

C) **Semiotica**, desde que metaphoricamente seja reforçada por uma palavra, de sentido quasi sempre pejorativo, ex.:

« De mosca ou de verme *não* tendo *migalha*
Procura a formiga rogando que a valha » (3).

As principaes palavras que assim se usam para reforço da negativa são: *ceitil, cabello, aranha, bocado, dedo, beira* e *eira, fumo, pada, signal, sombra, patavina, pitada, rastro, fuso, figo, tremoço, mosca, unha, pello, gota, palha, migalha, vintem, x*, etc., ex.: « Não saber *x*... *patavina*... *pitada*... », « não ver *rastro* nem *sombra* », « sem *eira* nem *beira* », « não dar *palhas* », « não saber *dous dedos* de latim ».

As palavras *passo, ponto* e *rem* já constituiram negação semiotica na lingua antiga, mas actualmente se immobilizaram na lingua franceza sob as fórmas *pas, rien* e *point*, ex.:

« Triste pranto até Belem
Nem *passo* não se esquecia » (4).

A negação similar é mais restricta, menos constante do que a dissimilar, e geralmente se faz, usando-se de:

(1) Camões, *Lusiadas*.
(2) Sá de Miranda, *A. Classicos*.
(3) B. de Paranapiacaba, *Fabulas*.
(4) Gil Vicente, *Obras Poeticas*.

A) *Nem... nem*, ex.: « *Nem* flores tenho *nem* prazer tambem » (1).

B) « *Nada... nada*, ex.: « *Nada* de Grego, *nada*... » (2).

C) *Não... não*, ex.: « *Não* toques, minha musa, *não*... » (3). « *Não* fiquei homem *não*, mas mudo e quedo » (4).

Sendo este processo vulgarissimo no Brasil, não o podemos impugnar, por occorrer nos classicos mais notaveis, como já o vimos. Ha outro processo de negação similar, vulgarissimo, o qual se faz mediante a repetição da palavra *qual*, ex.:

« *Qual* medico, *qual* doutor!
Não passa de um rachador » (5).

A negação dissimilar offerece varias modalidades, devidas á combinação das fórmas *não* ou *nem* com palavras negativas, ex.: « O abysmo onde uma luz *siquer não* arde » (6).

A negação dissimilar quasi sempre se constitue de accordo com este schema:

Não. . . / Nem . .	ninguem nenhum algum (proposto ao nome) jámais nunca siquer nenhures

(1) C. de Abreu, *Primaveras*.
(2) A. G. Garção, *Obras Poeticas*.
(3) A Gonzaga, *Dirceu*.
(4) Camões, *Lusiadas*.
(5) A. F. de Castilho, *apud T. Brandão* — Syntaxe.
(6) C. Alves, *Esp. Fluctuantes*.

Diversos processos de negação se arcaizaram, taes como a negação *nunca jámais* de que usavam constantemente os escriptores, ex. : « *Nunca jámais* naquelles claustros se experimentou nem sentiu ar contaminado » (1).

Esse e outros processos de negação só podem apparecer por affectação de arcaismo, ex. : *Nunca ninguem jámais* a Deus *não* vira » (2).

Além desses processos, occorre a negação **apparente**, em que o sentido da expressão é inteiramente positivo, apesar das palavras negativas.

Essa negação occorre.

A) Nas proposições **exclamativas** e **interrogativas**, ex. : « Quando tantas delicias ha na terra, que *não* será no céo ! » (3).

B) Nas proposições em que a funcção negativa do adverbio *não* ou da palavra negativa é destruida por uma expressão, geralmente : *sinão*, *mais que* ou *do que*, ex. : « *Não* vimos *mais* emfim *que* mar e céo » (4). « A reforma philosophica de Luthero *não* produziu *senão* desunião e discordia na familia humana » (5). « *Não* ha outro Deus *senão* só um » (6).

---

(1) FREI LUIZ DE SOUZA, *A. Classicos*.
(2) BITTENCOURT SAMPAIO, *Divina Epopéa*.
(3) A. CASTILHO, *A. Classicos*.
(4) CAMÕES, *Lusiadas*.
(5) R. ORTIGÃO, *Prefacio aos Lusiadas*.
(6) B. SAMPAIO, *Divina Epopéa*.

A voz passiva.

Todo verbo objectivo póde exprimir a acção sob duas modalidades que se chamam **vozes**, ex. :

A voz.. { activa : « Os delatores começavam o seu reinado » (1).
passiva : « Pelos delatores era começado o seu reinado ». }

Na activa o sujeito exerce a acção ; na passiva recebe-a.

A passividade se exprime por tres processos : o **analytico** ou **participial**, o **pronominal** e o **semiotico** ou **infinitivo**.

A passividade analytica se forma com uma expressão, em que entram o verbo *ser* e o participio passado, ex. :

« Minha campa *será* entre as mangueiras
Banhada do luar » (2).

Além do verbo *ser*, tambem os verbos *estar*, *ficar*, *andar*, *ir* e *vir* pódem constituir expressões de sentido passivo, ex. : « Em outra parte *esculpida estava* a guerra » (3). « A realidade ahi *fica historiada* nas suas feições caracteristicas » (4).

« *Vinha* o Padre Oceano *acompanhado*
Das filhas e dos filhos que gerara » (5).

---

(1) R. DA SILVA, *Fastos da Igreja*.
(2) C. DE ABREU, *Primaveras*.
(3) CAMÕES, *Lusiadas*.
(4) RUY BARBOSA, *Finanças e Politica da Republica*.
(5) CAMÕES, *Lusiadas*.

A passividade **pronominal** se exprime mediante o pronome *se*, cuja funcção apassivante se exerce:

A) Sempre que o sujeito for nome de **cousa** ou ser **abstracto**, ex.: « *Alli... se passava* o *tempo, se gozavam* as *noites, se sentiam menos* as *importunas chuvas* e *ventos de Novembro* » (1). « Na edade média a imaginação epica orienta-*se* por um rumo diverso » (2).

B) Sempre que o sujeito, posto seja pessoa, não exercer a acção do verbo, ex.: « *Entre os parciaes de D. Leonor... viam-se* (eram vistos) *fidalgos* » (3).

C) Sempre que o sujeito for constituido por *proposição* ou expressão equivalente, ex.: *Julga-se* (é julgado) *que Simão fosse natural de Cyrene, na Lydia* » (4).

A passividade **semiotica ou latente** se exprime apenas pelo sentido, pois o verbo exteriormente não possue signal de passividade, ex.: « *De Portugal mandou el-rei despachar* (ser despachada) *formosa frota* » (5).

Esse processo de apassivamento é privativo do **infinitivo** que, por não ser **activo** nem **passivo,** segundo Reinach, se adapta a qualquer das funcções, ex.: « Si alguma cousa, pois, ha, para *admirar* (*ser admirada*) é que a baixa não fosse mais rapida, mais violenta ainda » (6).

---

(1) R. Lobo, *Côrte na Aldeia.*
(2) O. Martins, *Camões e a Renascença.*
(3) A. Herculano, *Hist. de Portugal.*
(4) R. da Silva, *Fastos da Igreja.*
(5) F. Luiz de Souza, *A. Classicos.*
(6) Ruy Barbosa, *F. e Politica da Republica.*

Nos Lusiadas occorre um caso de **participio presente** latentemente passivo, ex.: «... Se deixam ir dos galgos *alcançando* (*sendo alcançados*) » (1).

A passividade semiotica apparece geralmente:

A) Depois dos verbos: — *deixar, fazer, ouvir* e *ver*, taes como: « *Deixei-o ver por todos* ». « *Fizemol-o carregar pelo criado* ». « *Ouviu-o* e *viu-o louvar por todos* » (2), ex.:

« *Deixa-te* sacudir do temporal violento,
Copa verde! » (3).

B) Depois de *ser, estar, levar, trazer,* taes como: « *E' de admirar que...* » « *Seria para desejar que ...* » « A caso *está* para *vender* ». « *Traze* ou *leva* agua para *beber* ». « *E levae-o a depositar* (*ser depositado*) *em sepulcro sempre virgem* » (4). « *E'* para *saber* que nos primeiros tempos escreviam os homens nas folhas das arvores » (5).

C) Depois de certos adjectivos descriptivos, taes como: *bello, bom, facil, difficil, duro, agradavel* e outros, ex.: « Isto é facil de *fazer* »... « O osso é duro de roer ». « *A casa é difficil de construir* ». « *Brevemente facil foi de* perceber o *tropear de milhares de cavallos* » (6). « Mas em vão, porque o porco é bom só para *assar* (ser assado » (7).

---

(1) Camões, *Lusiadas.*
(2) Julio Ribeiro. *Grammatica.*
(3) Alberto de Oliveira, *Poesias.*
(4) M. Bernardes, *Liv. Classica.*
(5) Rodrigues Lobo, *A. Classicos.*
(6) A. Herculano, *Eurico.*
(7) Bocage, *Poesias.*

Note-se que :

A) Na voz passiva o adjunto efficiente, sujeito da voz activa, geralmente é governado pelas preposições *por*, *per* ou *de*, mas casos ha em que ás preposições *a*, *em* e *com* não se póde recusar a funcção efficiente, taes como : « A fabrica era movida *a* vapor ». « O carro é puxado *a* quatro cavallos » (1). « Estava o monte *em* herva revestido » (2).

« Pede-lhe mais que aquelle porto seja
Sempre *com* a sua frota visitado » (3).

B) Ao passarmos a proposição para a passiva, não devemos deslocar as palavras ; ao que se oppõem ás vezes as proposições relativas, ex. : « Ergue a virgem os olhos que o sol não deslumbra » (4). « São erguidos pela virgem os olhos que pelo sol não são deslumbrados ».

A transpredicação do verbo.

A maior parte dos verbos, apesar de terem a sua predicação propria, podem assumir nova predicação, isto é, perder ou adquirir **objecto directo**.

Chama-se **transpredicação** a mudança por que passa o conceito ou significação do verbo, conforme a sua accepção na phrase em que se acha.

---

(1) A preposição *a* não constitue gallicismo ; é syntaxe correcta de accordo com o latim que neste caso usava de *a* ou *ab*, e, quanto ás preposições *em* e *com*, adquirem a funcção de *por* ou *per*.

(2-3) CAMÕES, *Lusiadas*.

(4) J. DE ALENCAR, *Iracema*.

A transpredicação se opera por **subjectivação** e por **objectivação** : no primeiro caso apparece o verbo destituido **de objecto**, embora lh'o exija a significação **geral**; no segundo se acha, ao contrario, o verbo integrado por objecto que, adaptando-se-lhe ao conceito, lhe **restringe** a accepção.

Assim o verbo póde perder o objecto, isto é, **subjectivar-se** :

A) Desde que não precise de objecto, por estar empregado em sentido geral e indeterminadamente, ex. : « Por isso bem *fazem* os verdadeiros liberaes, celebrando publicas e numerosas reuniões » (1).

B) Desde que se possa substituir o objecto directo por adjunto adverbial de lugar *onde* ou por *onde*, ex. :

« Mas logo ao outro dia seus parceiros,
Descendo *pelos* asperos outeiros... » (2).

« *Descendo* elle um dia o *rio* em una canoa... viu um homem mettido em um cacaoal » (3).

E assim os verbos *habitar* (*em*), *saltar* (*por*), *subir* (*por*), *trilhar* (*por*), *rolar* (*por*) e quasi todos cujo objecto indica noção de lugar, ex. : « O mundo *em* que eu *habito* tem mais sonhos » (4).

O verbo póde adquirir objecto directo, isto é, **objectivar-se** :

---

(1) LAT. COELHO, *Republica e Monarchia*.

(2) CAMÕES, *Lusiadas*.

(3) BISPO DO PARÁ, *Memorias*.

(4) C. DE ABREU, *Primaveras*.

A) Dando-lhe syntaxe diversa da que lhe exige a predicação, fazendo-o assumir um objecto, ex.: « As ruas *corriam sangue* » (1).

« E o sol, sem ser preciso pelo braço
Alguem trazel-o, *entra a* celeste esphera » (2).
« Emergem flôres as campinas » (3).

« A tela oceanica, sempre majestosa e esplendida, resumbra *possante vitalidade* » (4).

« O chão brotará *flores* » (5).
« Evola a flor o *perfume* » (6).

Em qualquer destes exemplos, de extraordinaria belleza para a lingua, poderiamos antepor ao **sujeito** a preposição conveniente, conforme exige a significação do verbo; então os objectos se converteriam em sujeito, ex.: *da* tela oceanica sempre majestosa e esplendida, resumbra possante vitalidade; *do* chão brotarão flores; evola *da* flor o perfume; *pelas* ruas corria sangue.

« Deus não *corre a mesma lei* que entre nós e o mundo » (7).

B) Dando-se-lhe por objecto directo o seu substantivo *cognato*, isto é, de igual raiz á do verbo, ex.:

« *Cantigas* pastoris em prosa ou rima
Na sua lingua *cantam* concertadas » (8).
« E hei de *viver* a mesma *vida*, a mesma! » (9)

(1) Julio Ribeiro, *Gram. Port.*
(2) Alberto de Oliveira, *A. G. de Andrade.*
(3) O Hudson, *Poesias.*
(4) J. de Alencar, *O Gaucho.*
(5) José Bonifacio, *Ode aos Bahianos.*
(6) Para se operar este facto, perde geralmente o adjunto adverbial a preposição e assume a funcção de **sujeito** ou **objecto**, ex.: « Emergem flôres *(de)* as campinas ».
(7) Pe Paiva, *apud E. Carneiro.*
(8) Camões, *Obras Completas.*
(9) Daltro Santos, *Taça Partida.*

« Si já *viveste vida* de combate em cidade sitiada, tereis visto muitas vezes um vulto » (1). « Que *sonhos* que a mente *sonhara* tão placidos » (2).

C) Dando-lhe por objecto directo um substantivo de sentido mais ou menos analogo e correlato ao do verbo, ex.: « *Chorava* alli minhas *magoas* » (3). « Os olhos *faiscando raios* de amor » (4). « Oh ! *canta* e *canta* sempre esses teus *hymnos!* » « Uns olhos que *irradiam fogo* e *luz* » (5).

É este um dos phenomenos mais elegantes, um dos processos a que constantemente recorre a lingua.

Assim é que dizemos: dormir um *somno*, andar *terras*, pelejar *combates*, navegar *mares* ou *ondas*, pois ha relação entre o sentido do verbo e o do objecto, ex.:

« *Dorme*, cidade maldita,
Teu *somno* de escravidão » (6).

« *Dorme* o teu *somno*, coração liberto
Dorme na mão de Deus eternamente » (7)

« Si os antigos philosophos que *andaram*
Tantas *terras* por ver segredos dellas...
« As *ondas navegaram* do Oriente » (8).

« E os instrumentos palpitantes *soam*
Frenetica *harmonia* » (9).

(1) A. Herculano, *L. e Narrativas.*
(2) Thomaz Ribeiro, *D. Jayme.*
(3) Bernardino, *A. Classicos.*
(4) Rodrigues Lobo, *Poesias.*
(6) C. Alves, *Esp. Fluctuantes.*
(7) Anthero do Quental, *Sonetos.*
(8) Camões, *Lusiadas.*
(5-9) G. Dias, *Obras Poeticas.*

« Tinha *já caminhado* um bom *espaço* do Monte Olivete » (1).

« *Echoa* a bronzea tuba duras *vozes*... (2)

« *Vae caminho* de Hespanha o foragido
sem esperança nem fé » (3).

Collocação de pronomes.

(SYNCLITISMO PRONOMINAL)

As variações pronominaes — *me, te, se, nos, vos, lhe, lhes, o, a, os, as* são fórmas syncliticas que, por não terem accentuação tonica, giram em torno do *verbo* a que pertencem, de sorte que se antepõem (**proclise**), se interpõem (**mesoclise**) e se pospõem (**enclise**).

Assim, pois, o facto geral da **synclise** offerece tres modalidades syntacticas : **proclise, mesoclise** e **enclise** (4).

A theorização attinente ás tres posições das fórmas syncliticas, isto é, o conjunto de condições que se devem observar, segundo a analyse dos modelos classicos, diz-se **synclitismo**. As fórmas pronominaes se dizem **procliticas, mesocliticas** e **encliticas**, conforme lhes seja na phrase a posição quanto ao verbo, como centro de attracção do systema pronominal.

---

(1) Pe Antonio Vieira, *Sermões*.
(2) G. Dias, *Poesias*.
(3) Th. Ribeiro, *D. Jayme*.
(4) Essa theoria é o resumo do nosso trabalho publicado na « Revista Pedagogica », no qual systematizamos a collocação de pronomes sob o titulo de **synclise**.

A proclipse (anteposição).

A proclise sempre occorre :

1.° Nas proposições negativas, ex. : « Não vos *esperava tão de salto* » (1). « *Em* nenhuma *outra região* se *mostra o céo mais sereno* » (2). « *A tua filha nunca te accusara ante o supremo juiz* » (3).

2.° Nas proposições subordinadas :

A) Nas conjunccionaes, seja qual for a sua natureza, ex. : « *Não daes lugar* a que vos *peça*, pois me *mandais tudo* » (4). « *O Sempiterno nos* *creou*, quando a *nossa primeira mãe* nos *converteu em reprobos* » (5). « ... *Chegando a confessar* que lhe *diziam respeito aquelles dous versos* » (6).

B) Nas proposições pronominaes relativas, ex. : « E *puzeram fogo á cidade* que se *queimou em duas horas* » (7). « *É elle mesmo* quem nos *refere circumstanciadamente o deploravel estado* » (8). « ... *Os mudos clamores desta maravilha*, a qual se *duplicou, entrando o santo* ... » (9). « *Unico é este em* cuja *casa* me *dou por respeito* » (10). « *Então o demonio lhe tocou no rosto* onde lhe *deixou impresso um signal* » (11).

C) Nas proposições indefinitas, pois os connectivos destas são modalidades dos relativos,

---

(1-3-5) A. Herculano, *Eurico*.
(2) Rocha Pitta, *Sel. Literaria*.
(4) Rodrigues Lobo, *Côrte na Aldeia*.
(6) J. F. Lisboa, *Vida do Padre Vieira*.
(7) F. M. Pinto, *Liv. Classica*.
(8) J. F. Lisboa, *Obra cit.*
(9-11) Manoel Bernardes, *Liv. Classica*.
(10) Alm. Garrett, *Liv. Classica*

ex. : « *Põe-me* onde se *use toda a feridade* » (1). « Quem me *dera poder morrer, logo que te levou a morte* » (2).

Tanto nas proposições relativas como nas conjunccionaes sempre se deve manifestar a proclise, porque as variações pronominaes são como que attrahidas pelos relativos e pelas conjuncções subordinativas.

Até nos casos em que a fórma pronominal está separada do connectivo proposicional por palavras intercurrentes, esta attracção se opera, ex. : « Mas *ordenou juntamente* que, *quando tivesse a carta*, lhe *chegassem as novas* » (3). « O *mundo actual nunca poderá entender plenamente o affecto* que, *vibrando-me dolorosamente as fibras do coração*, me *arrastava para as solidões marinhas do promontorio* » (4).

Além dessas duas causas primordiaes, a proclise sempre occorre :

A) Nos verbos, precedidos de **adverbio** ou expressão equivalente, ex. : « Então *o demonio* lhe *tocou no rosto* » (5). « Já me *combatem molestias por mil partes* » (6). « Alli nos *agasalhamos aquella noite* » (7). « Sobre modo se *enfureceu aqui o governador* » (8). « Assim se *verificou á risca a prophecia de Isaias* (9).

(1) CAMÕES, *Lusiadas*.
(2) FR. B. DE BRITO, *apud Aulete*.
(3) R. LOBO, *Autores Classicos*.
(4) A. HERCULANO, *Eurico*.
(5) MANOEL BERNARDES, *A. Classicos*.
(6) B. DE BRITO, *Sel. de Aulete*.
(7) F. MENDES, *Peregrinação*.
(8) MANOEL BERNARDES, *Liv. Classica*.
(9) REBELLO DA SILVA, *Fastos da Igreja*.

B) No verbo cujo sujeito for pronome **pessoal**, principalmente nos **pronominaes**, ex. : Eu o *vi certamente* e *não presumo* (1). « Eu me *assento nas pedras do caminho* » (2). « *Nós mesmos* nos *deshonramos* » (3).

Nestes dous casos a proclise não é muito de rigor; póde, pois, occorrer outra modalidade synclitica, ex. : *Outrora escreviam*-se, *carteavam*-se *de longe* » (4). « Lá, converteu-*se* numa cousa insignificante e impertinente » (5).

C) Nas fórmas verbaes **proparoxytonas**, isto é, nas 1as e 2as pessoas do plural dos imperfeitos do indicativo e do subjuntivo, do condicional e do mais que perfeito.

E assim devemos dizer — *Nós* o *viamos*, *vós* lhe *dizieis*, *nós* te *louvariamos*, *vós* me *chamarieis*, *nós* te *chamaramos*, *vós* a *chamareis*, *nós* vos *louvassemos*, etc.

Mesoclise (interposição).

A mesoclise e a enclise pertencem exclusivamente ás proposições principaes e ás coordenadas, porém **affirmativas**.

Occorre, portanto, a mesoclise :

A) No futuro e no condicional, pois estes sempre repellem a enclise ou assumem a proclise,

(1) CAMÕES, *Lusiadas*.
(2) C. DE ABREU, *Primaveras*.
(3) C. OLIVEIRA, *Cartas*.
(4) L. COELHO, *R. e Monarchia*.
(5) A. HERCULANO, *L. e Narrativas*.

ex. : (1) : « *Emfim* acabar-se-á *no Brazil* a *christandade catholica* » (2). « Ah! senhor, tiral-o-ei de boa mente » (3). « *Dir-se-ia então que Portugal inteiro accordava para o arrependimento* » (4).

B) Nos tempos compostos de participio passado ou presente, ex. : « *A frecha tinha*-se-lhe *embebido no lado* » (5). « *Ia-se pouco e pouco accrescentando* » (6). *Estava*-se *co'as ondas ondeando* » (7).

Enclise (posposição).

Nenhum periodo ou proposição começa por variação pronominal, taes como : *me* dizem... *lhe* trago... (8) *o* vejo... *nos* consta, etc.

Portanto occorre a enclise :

A) Na proposição começada pelo verbo, ex. : « *Assusta*-me *a tormenta* e a *noite escura* » (9). « *Alegrae*-vos *mais de eu não estar mal* » (10). « *Faze*-te *mais ao largo e deita as redes* » (11). « *Traziam*-na os *horrificos algozes* » (12). « *Cerrou-se* a *noite clara* e *serena* » (13).

---

(1) A ruptura do futuro e do condicional, nos seus elementos historicos, por effeito do pronome, constituindo essa modalidade de mesoclise, chama-se *tmése*.
(2) A. VIEIRA, *Sel. Literaria*.
(3) MANOEL BERNARDES, *Aut. Classicos*.
(4) O. MARTINS, *C e a Renascença*.
(5) A. HERCULANO, *L. e Narrativas*.
(6-7) CAMÕES, *Lusiadas*.
(8) Salvo o caso de proposições subordinadas.
(9) C. DE ABREU, *Primaveras*.
(10) RODRIGUES LOBO, *Côrte na Aldeia*.
(11) REBELLO DA SILVA, *Fastos da Igreja*.
(12) CAMÕES, *Lusiadas*.
(13) FR. LUIZ DE SOUZA, *Annaes de D. João III*.

B) No participio presente, constituindo proposição reduzida, salvo si precedido da preposição *em*, por arcaismo, ex. : « *Achando*-se *Jesus pela segunda vez do outro lado... cresceu grande concurso de povo* » (1). « *Ouvindo*-os *murmurar, voltou-se Jesus* e *respondeu* » (2). « *Em* nos *avistando, vieram ao nosso encontro* ».

C) No infinitivo que, não constituindo expressão verbal, tenha funcção syntactica propria, ex. : « A *França parece agora encaminhar*-se *para* a *consolidação* » (3). » *Para elle não ha abraçar*-se *com a cruz* em *impeto de agonia* » (4). « Ora, *acreditar*-se *num ente infinito creador* é *o mesmo que suppol-o na eternidade* » (5).

É facultativo o empregar-se proclise ou enclise; mas, desde que não se infringem as normas exaradas :

A) Nas proposições independentes : principaes ou coordenadas, ex. : « *Chagas interiores devoravam*-lhe (ou *lhe devoravam*) *as entranhas; um fogo ardente queimava-o* (ou o *queimava*) *por dentro* » (6).

B) Nas proposições interferentes ou intercalares, ex. : « *A cortezia*, lhe *respondeu elle*, é *o sobrescripto* » (7). « *Debalde rogas*, me *responderam-os anjos, porque nenhum...* » (8). « *Não te turbes*, lhe *disse, pondo nelle os olhos* » (9).

(1-2) REBELLO DA SILVA, *obra cit*.
(3) LAT. COELHO, *Rep. e Monarchia*.
(4) A. HERCULANO, *Lendas e Narrativas*.
(5) BITTENCOURT SAMPAIO, *Divina Epopéa*.
(6) REBELLO DA SILVA, *Fastos da Igreja*.
(7) ROD. LOBO, *Côrte na Aldeia*.
(8-9) M. BERNARDES, *Liv. Classica*.

c) Nos infinitivos preposicionaes, ex. : « Para *servir*-vos, *braço* ás *armas feito* » (1). « *Lucio Crasso*, por lhe *morrer uma lampreia... deitou dó* » (2).

D) Nas expressões constituidas por infinitivo e um auxiliar modificativo, ex. : « *Isto se póde ver mui claramente* » (3).

Esse phenomeno constantemente occorre nas expressões cujo auxiliar é um dos verbos — *querer, dever, poder* e ás vezes *deixar, ir, vir*, em que a variação pronominal se antepõe ao auxiliar ou se pospõe ao infinitivo, ex. : « *Si as effigies e os vultos dos grandes homens* se *devem perpetuar...* » (4). « O *mesmo philosopho* me *foi buscar com a lanterna* » (5). « O *principe, vendo el-rei*, o *viera ver á porta* » (6). « *E um absurdo pretender que as nações* se *deixem arrastar por uma cega fatalidade* » (7).

Este deslocamento se póde dar até na proposição negativa, ex. : « *Elle não podia despregal*-os *desses cahos infernaes das aguas* » (8). « O *mal não póde ennojar*-me (9).

O que é raro é encontrar-se a fórma pronominal entre os dous verbos, e assim não se deve dizer : « *Elle vem* me *visitar, elle quer* se *instruir, eu posso* te *ensinar* » por quanto a variação pronominal deve ser proclitica ao auxiliar ou encli-

(1) CAMÕES, *Lusiadas*.
(2) MANOEL BERNARDES, *Sel. Literaria*.
(3) F. DE ANDRADE, *A. Classicos*.
(4) LAT. COELHO, *Republica e Monarchia*.
(5) C. DE OLIVEIRA, *Cartas*.
(6) G. DE REZENDE, *Liv. Classica*.
(7) MONT'ALVERNE, *Sel. Literaria*.
(8) A. HERCULANO, *Eurico*.
(9) CAMÕES, *Obras completas*.

tica ao infinitivo, como : « *Elle* se *quer instruir* ou *quer instruir*-se ; *elle* me *vem visitar* ou *visitar* me ». « *Tão grande era de membros que bem posso certificar*-te *que este era o segundo* » (1).

Contracção das variações pronominaes

As variações pronominaes *me, te, nos, vos, lhe, lhes*, nos verbos bi-objectivos, se contrahem com as variações objectivas *o, a, os, as*, do seguinte modo :

me + o = *m'o*	nos + o = *nol-o*
te + o = *t'o*	vos + o = *vol-o*
lhe + o = *lh'o*	lhes + o = *lh'o*

A fórma *se* sempre precede ás outras fórmas syncliticas, gerando as contracções : — *se* me, *se* te, *se* lhe, *se* nos, *se* vos, *se* lhes, ex. : *Converte*-se-me *a carne em terra dura* » (2). « *Aqui* se lhe *apresenta que subia* » (3).

A fórma *lhes* se assimila ao singular antes de *o, a, os, as*. Além disso este plural é posterior a Camões, tanto assim que neste e noutros escriptores *lhe* apparece com a dupla funcção de singular e plural, ex. :

« Vinde salvar estes pardaes castiços
Mas poupar-*lhe* as filhas delicadas » (4).

As variações *te, lhe, lhes, nos, vos*, postas encliticamente á 1ª do plural, eliminam o *s* da ter-

(1-2-3) CAMÕES, *Lusiadas*.
(4) BOCAGE, *Obras Poeticas*.

minação *mos*, ex. : *vimo-te*, da*mo*-lhe, julga*mo*-nos, cre*mo*-vos.

As variações *o, a, os, as* substituem por *l*, o *r*, *s* ou *z*, das fórmas a que se agglutinam encliticamente, ex. : ama*l*-o, vimo*l*-o, ei*l*-o, di*l*-o-á, fa*l*-o.

Essas mesmas variações, postas encliticamente nas 3^as do plural, *podem* assumir um *n* euphonico, como : vendem-*no*, chamam-*nos*, faziam-*nas*, ex. : « Traziam-*na* os horrificos algozes » (1).

SINTAXE LITERARIA

Syntaxe literaria ou estylistica é o tratado do estylo nas suas diversas manifestações.

Estylo é o modo original, proprio e peculiar a cada individuo na expressão do pensamento.

Como nota caracteristica da personalidade literaria, o estylo é innato ao individuo; mas aperfeiçoa-se e corrige-se, á proporção que o individuo se exercita no conhecimento da lingua e no cultivo de seus principaes escriptores.

A syntaxe é um processo geral; o estylo é um processo individual : este, pois, se subordina a aquella.

A syntaxe literaria estuda a fórma exterior e artistica da expressão, de accordo com as condições individuaes e a natureza do assumpto.

(1) Camões, *Lusiadas*.

Toda fórma de expressão se diz :

A) **Precisa**, desde que o pensamento seja expresso mediante palavras apropriadas e ao mesmo tempo com brevidade e justeza.

B) **Concisa**, desde que seja expresso apenas com o numero de palavras estrictamente necessarias á comprehensão do assumpto.

C) **Prolixa**, ou diffusa, desde que o pensamento seja expresso por mais palavras do que as necessarias, isto é, a mesma idéa esteja desenvolvida, explanada por palavras, mais ou menos equivalentes.

D) **Correcta**, desde que as palavras e as proposições estejam de accordo com as normas grammaticaes impostas pela lingua vernacula (1).

As fórmas de expressão

Todo pensamento se exprime por palavras cuja contextura constitue a **fórma de expressão.**

Duas são as fórmas de expressão : a **prosa** e o **verso**.

Prosa é a fórma de expressão não sujeita á medida regular, isto é, a um certo numero de syllabas e ao rythmo.

A prosa diz-se **solta** ou **poetica**.

(1) As denominações de estylo **asiatico, rhodio, attico** são velharias da antiga rethorica; estão, pois, em desaccordo com as doutrinas modernas e nada significam.

A prosa solta ou corrente é a linguagem fluente, simplesmente expressa, ex. :

« *Os factos que principalmente caracterizam a evolução da Renascença na Europa são o predominio do commercio e da industria sobre todos os factos sociaes e o predominio da arte sobre todos os phenomenos da intelligencia* » (1).

A prosa poetica é a linguagem ornada, vibrante, em que se engrandece e exalta o assumpto, dando-se-lhe certo colorido, vivacidade, harmonia e cadéncia á expressão, ex. :

« *Era por uma destas noites vagarosas do inverno, em que o brilho do céo sem lua é vivo e tremulo; em que o gemer das selvas é profundo e longo; em que a soledade das praias e ribas fragosas do oceano é absoluta e tetrica* » (2).

Verso é a fórma de expressão sujeita á medida regular, isto é, ao rythmo e a um certo numero de syllabas.

O verso póde ser **rimado** ou **solto**.

O verso rimado é aquelle em que ha conformidade na terminação das palavras finaes de cada um, ex. :

« *Ha duas cousas neste mundo santas :*
— O rir do infante, — o descançar do morto.
O berço — é a barca que encalhou na vida;
A cova — é a barca do siderio porto... » (3).

(1) R. Ortigão, *Prefacio aos Lusiadas.*
(2) A. Herculano, *Eurico.*
(3) Castro Alves, *Esp. Fluctuantes.*

O verso solto é aquelle em que não ha conformidade na terminação das palavras finaes, ex. :

« *Saudade! gosto amargo de infelizes,*
Delicioso pungir de acerbo espinho,
Que me estás repassando o intimo peito
Com dor que os seios d'alma dilacera,
— Mas dor que tem prazeres! — Saudade! » (1).

Figuras de Syntaxe.

Chamam-se **figuras syntacticas** as modificações que, **apparentemente** irregulares, occorrem no organismo das proposições, para maior effeito e elegancia da expressão.

Comquanto lhes seja improprio o nome de figuras, por serem factos syntacticos proprios ao estylo individual, entretanto persiste-lhes o titulo, por ter a sancção do tempo e do uso geral. Operam-se estas modificações por tres processos geraes — **omissão, excesso** e **transposição** de palavras.

(1) A. Garrett, *Camões.*

Ellipse é a omissão de uma ou mais palavras que, facilmente **subentendiveis,** apenas se tornam necessarias á integração analytica da proposição, ex. :

« No mar tanta tormenta, tanto damno
Tantas vezes a morte apercebida » (1).

« Faça-se como Baccho determina *(que se faça)* » (2).

« Não ha mais novidade que *(não seja)* arder o palacio do Lavra » (3).

Zeugma é a omissão de uma ou mais palavras, geralmente verbos só ou com os seus adjuntos por já terem sido expressas em proposição proxima — **anterior** ou **posterior,** ex. : « A moral legisla para o homem; o direito *(legisla)* para o cidadão » (4).

« O sol, *perdendo* o brilho e a natureza,
Não luz; mas puro fogo *ha de accender-se*,
Como o fogo sagrado que se prende
Nas cortinas do templo » (5).

« Ali então, livres *(voam)* as mãos, livres *(voam)* os olhos, livres *voam* as palavras » (6).

« Todos tres obraram generosamente : Pythias, sujeitando-se ao perigo; Damão, entregando a vida » (7).

Asyndeto é a omissão de elementos **connectivos** ou palavras de ligação, representados por **preposições** ou **conjuncções**, ex. : « Trajava de setim escuro, *(com)* fitas nas nas madeixas, *(com)* diamantes nas orelhas, *(com)* um laço nos cabellos, envôlta em uma capa alvadia e roçagante » (1).

(1-2) Camões, *Lusiadas*.
(3) A. Gusmão, *apud Anth. Nacional*.
(4) Thomaz Ribeiro, *D. Jayme*.
(5) Gonçalves Dias, *Poesias*.
(6-7) Pe M. Bernardes, *Nova Floresta*.

« Era uma moça franzina,
Bella visão matutina
Daquellas que é raro ver :
(de) Corpo esbelto, *(de)* collo erguido,
Molhando o branco vestido
Nas rosas do amanhecer » (2).

Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar robusta e válida
De disforme e *(de)* grandissima estatura » (3).

« As flores d'aldêa são puras e bellas
(de) Suaves aromas, *(de)* vivissimas côres » (4).

« Mas já que as aguias lá no sul tombaram
E *(já que)* os filhos d'aguia o poder esquece,
E' grande, é nobre, é gigantesco, é santo!
Lançae a esmola e colhereis a prece » (5).

« Do actual para o seguinte esperamos *(que)* seja mais breve » (6).

« Não te esqueças de mim quando á tardinha
Se cobrirem de nevoa as serranias
E *(quando)* na torre alvejante o sacro bronze
Docemente soar nas freguezias » (7).

« Eis *(que)* nisto sobrevem o pae turbado » (8-9).

(1) C. Castello Branco, *apud Anth. de F. Barreto*.
(2) Tobias Barreto, *Poesias*.
(3) Camões, *Lusiadas*.
(4) Thomaz Ribeiro, *D. Jayme*.
(5) C. Alves, *E. Fluctuantes*.
(6) Franc. de Castro, *Propedeuctica*.
(7) F. Varella, *Obras Poeticas*.
(8) G. Dias, *Obras Poeticas*.
(9) O asyndeto dos connectivos subordinantes, isto é, os relativos e as conjuncções subordinativos, torna-se frequente nas

Reticencia é a omissão propositada ou intencional de uma ou mais palavras que se não querem ou se não devem exprimir, ex. : (*)

« Quem quer vae... » « Agua molle em pedra dura... » « — Mas, Snr. Juiz... » « — Nem mas nem meio mas, entregue o filho, sinão cadêa » (1).

« Mas morra emfim nas mãos das brutas gentes
Que pois eu fui... e nisto de mimosa... » (2).

« Porque os frades... repetiu em voz baixa o velho sem concluir » (3).

Syllepse é a omissão do termo fundamental ou expressão com que se tem de effectuar latentemente a concordancia, de sorte que as palavras expressas passam a ser **appostos,** ex. : « E quasi vós e eu *(nós)* estavamos em um mesmo pensamento » (4). « Todos os filhos de Adão, padecemos as nossas mutilações e fealdades » (5). « Eis ahi o que eramos, *(nós)* as gentes antes da lei evangelica » (6).

Este é que actualmente deve ser o conceito da syllepse, conforme o que estatuimos á pagina 153.

---

proposições subordinadas que se ligam a outra anterior de *igual categoria* mediante conjuncção coordenativa cuja presença lhe elimina a subordinativa, ex. : « Si a fama do amigo padece com razão *ou* (si) eu acho nelle defeitos reprehensiveis, corre-me obrigação de o avisar em secreto ». M. Bernades. Dizem-se então subordinadas *equipolentes*.

(*) A reticencia a que chamam os Gregos **aposiopése** é bastante usada nos proverbios e expressões sentenciosas em que apenas nos basta enunciar-lhes o começo, ex. : « Vintem poupado... (vintem ganhado) ».

(1) Martins Penna, *Comedias*.
(2) Camões, *Lusiadas*.
(3) A. Herculano, *Hist. de Portugal*.
(4) Rodrigues Lobo, *A. Classicos*.
(5-6) Manoel Bernardes, *Nova Floresta*.

Pleonasmo é o emprego de uma ou mais palavras que, embora desnecessarias ao sentido, no emtanto reforçam e adornam o conceito da expressão, ex. : « Tantos outros assombros da natureza e prodigios inauditos, vistos *com os* olhos, palpados *com as mãos*, pisados *com os pés* » (1).

A adjectivação **intrinseca** e a manifestação da mesma idéa com palavras ou expressões **equivalentes** constituem elegantes exemplos de pleonasmos, principalmente no verso, exs :

« Houve tempo em que os meus olhos
Gostavam do sol *brilhante*
E do *negro* véo da noite
E da aurora *scintillante* » (2).

« E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas *choradas* transformaram » (3).

« A matutina luz *serena* e *fria*
As estrellas do pólo já apartava... » (4)

« Ha dous mil annos, eu soluço um grito,
Escuta o brado meu lá no infinito
Meu Deus, *Senhor*, *Meu Deus !* » (5).

Repetição é o emprego da mesma palavra ou expressão que, exercendo a mesma funcção, nenhum conceito novo confere ao sentido geral da proposição, ex. : « Pedi, *pedi* a graça ao Pae Celeste » (6). « Abri, *abri* estas entranhas, vêde (7), *vêde* este coração » (8). « Jámais, *jámais* mortal subiu tão alto » (9).

---

(1) Pe A. Vieira, *Sermões*.
(2) G. Dias, *Obras Poeticas*.
(3-4) Camões, *Lusiadas*.
(5) Alves, *E. Fluctuantes*.
(6) B. Sampaio, *Divina Epopéa*.
(7) Nas correlações o adverbio *assim*, da proposição modal, repete-se elegantemente na *principal*, ex. : *Assim* como o fogo prova o ouro, *assim* a adversidade o amigo ». Fr. Heitor Pinto, *Comparações*.
(8) Pe Ant. Vieira, *Sermões*.
(9) G. Magalhães, *Suspiros Poeticos*.

« Oh, piedade! *piedade!* exangue, fria
Grita a infeliz nas sombras d'agonia » (1).

« Corre a vida pressurosa
Como a rosa
Como a rosa, na corrente » (2).

Polysyndeto é o emprego de maior numero de conjuncções do que o necessario á ligação das palavras e expressões, ex.:

« Tão formosa nos gestos se mostrava
Que as estrellas *e* o céo *e* o ar vizinho
E tudo quanto a via namorava » (3).

« *E* param cheios de temor ao longe,
E nem se atrevem a chamal-a *e* temem
« Que desperte assustada *e* irrite o monstro
E fuja *e* apresse no fugir a morte » (4).

« *E* vae *e* corre *e* lucta *e* não se cança
aquelle coração » (5),

Particulas decorativas ou **de realce** são palavras, geralmente **monosyllabicas,** de natureza interjeccional, pronominal ou adverbial, que servem para ornar a phrase ou expressão, ex.:

« *Oh* quantas horas *não* gastei sentado
Sobre as costas bravias do Oceano » (6).

« Não *te* partas, não me fujas
Que a vida me foge *a mim* » (7).

(1) FAG. VARELLA, *Obras Poeticas.*
(2) G. DIAS, *Obras Poeticas.*
(3) CAMÕES, *Obras completas.*
(4) J. BASILIO DA GAMA, *Uruguay.*
(5) THOMAZ RIBEIRO, *D. Jayme.*
(6) F. VARELLA, *Cantico do Calvario.*
(7) G. DIAS, *Obras Poeticas.*

« Custou-me *a* conhecer-lhe as feições » (1).

«Ao avarente não *lhe* peço nada..., ao pobre não *lhe* devo, ao rico não *lhe* peço, ao vão nem *o* gabo nem *o* reprehendo... » (2).

« Que prantos *que* não regaram
As faces de D. Martinho » (3).

« Repousa *lá* no céo eternamente...
E viva eu *cá* na terra sempre triste » (4).

« Feliz *d'*aquelle que no livro d'alma
Não tem folhas escriptas... » (5).

Anastrophe é a transposição na ordem analytica das palavras na proposição, de sorte que se não acham no logar em que o exigem a analyse e a successão natural das idéas, ex.:

« *Da lua* os claros rutilavam
Pelas argenteas ondas neptuninas » (6).

« *Do horror* a ferrea fria mão abate
E o sangue represado
Nas assustadas veias mal me bate » (7).

« *Terribilissimos* foram os sonhos que Deus mandou ao presbytero » (8).

« E, *da esp'rança* que eu via tão donosa
Sorrir dentro em minha alma, *as longas azas*,
Doido e nescio cortei » (9).

Hyperbato é a transposição na ordem analytica das proposições dentro do periodo, de sorte

(1) A. HERCULANO, *Monge de Cister.*
(2) Pe M. BERNARDES, *Nova Floresta.*
(3) THOMAZ RIBEIRO, *D. Jayme.*
(4) CAMÕES, *Sonetos.*
(5) ALVARES DE AZEVEDO, *Obras Poeticas*
(6) CAMÕES, *Lusiadas.*
(7) Pe CALDAS, *Poesias Sacras.*
(8) A. HERCULANO, *Eurico.*
(9) G. DIAS, *Obras completas.*

que não occupam o logar que lhes assignala a analyse, ex. : « *Que naveguemos todos é preciso* » (1). « *Que os tribunaes não podem rever os actos politicos*, não contestei, não contesto » (2). « *Mais do que a infancia desamparada*, os ricos devem venerar D. Boscó » (3).

Vicios de expressão.

Dá-se o nome de **vicios de expressão** ou de linguagem a quaesquer incorrecções no modo por que nos utilizamos das palavras em si mesmas ou no modo de construil-as nas phrases, infringindo a syntaxe e a esthetica da lingua.

Estas incorrecções ou vicios se dizem **barbarismos** quando se referem á palavra ou vocabulo tomado **isoladamente; solecismos,** quando se referem ás palavras, tomadas **collectivamente,** isto é, dispostas no corpo da proposição.

Os vicios são, portanto, **lexicos** ou **syntacticos.**

VICIOS DE EXPRESSÃO
- lexicos ou barbarismos
  - cacoepia
  - cacographia
  - dialectismo
  - extrangeirismo
- syntacticos ou solecismos
  - de construcção
    - synchyse
    - cacologia
    - anacolutho
    - dyssynclise
    - perissologia
  - de audição
    - eco
    - assonancia
    - hiato
    - collisão
    - cacophato

(1) Pe Manoel Bernardes, *Nova Floresta.*
(2) Ruy Barboza, *Est. de Sitio.*
(3) Pe Julio Maria, *Livro do Centenario.*

Vicios lexicos.

Cacoepia ou corrupção prosodica é a incorrecção na pronuncia dos vocabulos ou palavras, observada entre o povo, geralmente nos individuos analphabetos e nos extrangeiros, ex. :

trabaíar	por	trabalhar
téve	—	esteve
ad(e)vogado	—	advogado
diguinidade	—	dignidade
questã	—	questão
pantáno	—	pántano
Jupitér	—	Júpiter
amare	—	amar
quale	—	qual

Cacographia é a incorrecção no modo por que está graphada ou escripta a palavra, contrario ao uso geral, sanccionado nos melhores lexicos, conformes com a tradição da lingua, ex. :

GRAPHICA INCORRECTA		GRAPHICA CORRECTA
Sachristão	por	sacristão
cathegoria	—	categoria
posthumo	—	postumo
thesoura	—	tesoura
satyra	—	satira
lyrio	—	lirio
estygma	—	estigma
faser	—	fazer
visinho	—	vizinho
caza	—	casa
roza	—	rosa
Nictheroy	—	Niteroy
orgão	—	orgam
sotão	—	sotam
Christovão	—	Christovam
Estevão	—	Estevam
tam	—	tão
sam	—	são

Dialectismo é o emprego de palavras que, de origem popular, se usam apenas em certas zonas do territorio em que se fala a lingua, de sorte que se desconhecem em outras, ex. : *xingar* = insultar; *jabá* = carne secca; *curau* = matuto; *pitar* = fumar; *esbodegar* = destruir; *girau* = cama de varas; *pacova* = banana; *encalistrar* = envergonhar (1), *chimar* = cobiçar a comida com os olhos, ex.: « Helio estava atordoado com as andorinhas que assustadas *babatavam* pelas paredes » (2).

Extrangeirismo é o emprego de palavras que, tomadas ás linguas extrangeiras, ainda se não encorporaram ao cabedal ou vocabulario da lingua, ex. : *guirlanda* por grinalda, *elite* por escól, *soirée* por sarau, *abat-jour* por quebra-luz ou lucivelo, *menu* por cardapio, *avalanche* por alude, *penivel* por penoso.

A muitos de que necessitamos não correspondem palavras ou vocabulos vernaculos; e, tornando-se por isso acceitaveis, os devemos graphar conformes com a nossa prosodia, ex. : *bonde, matinê, quiniela, fiasco, vagão* (wagon), *valsa, revólver, mazurca, garage*.

O extrangeirismo se diz **gallicismo, italianismo, anglicismo, hespanholismo,** etc., conforme a origem do vocabulo de que nos utilizarmos.

Mais do que os outros extrangerismos (3), têm

(1) Vêde a theoria dos Dialectos.
(2) Fabio Luz, *Virgem Mãe.*
(3) Muitas construcções que passam por gallicismos existiram na lingua portugueza *antiga* que as esqueceu, emquanto se perpetuaram na lingua franceza a cuja syntaxe se encorporaram.

influido no portuguez os gallicismos; e, em virtude da influencia da literatura franceza, até construcções occorrem imitantes a syntaxe franceza, ex. : navio *a* vela; equação *a* duas incognitas, redactor (em) chefe; rogo *de* fazeres; *se* o nota, e outras que não devemos adoptar.

Vicios syntacticos.

(DE CONSTRUCÇÃO.)

Synchyse é a obscuridade que, resultando da posição defeituosa das palavras, communica á phrase ou expressão sentido duplo ou inintelligivel, ex. : « Viu Alexandre Apelles namorado» (1). « Heitor Achilles chama a desafio » (2).

« Encosta-se no chão, *que* está cahindo
A *cidreira* com os pesos amarellos » (3).

« Entre os mortos, da noite e céo *queixosa*,
O cadaver amado infelizmente
Busca a que foi de Batrão *amada esposa*» (4).

« O primeiro homem, na geral lembrança,
A tradição dos velhos mais antigos
Antes do grão diluvio não *alcança* » (5-6).

Cacologia é qualquer erro de construcção em que se transgridam as regras da syntaxe, origi-

(1-2-3) Camões, *Obras completas.*
(4) Sá de Menezes, *Malaca Conquistada.*
(5) Sta Rita Durão, *Caramurú.*
(6) A synchyse constitue a *ambiguidade* ou *amphilologia*, quando a phrase ou expressão offerecer dous sentidos ou interpretações, como no 1.° e 2.° exemplos.

nando-se expressões infensas á linguagem correcta, ex. : ir *na* cidade, por ir *á* cidade; *vende-se* livros, por *vendem-se;* para *mim* vêr, em vez de para *eu* vêr; *haviam* festas, por *havia* festas; comprei *elle*, em vez de comprei-*o*.

Muitos trechos ha de autores que se não devem imitar, por ser-lhes errada a construcção, ex. : « *Povoaram* (em vez de *povoou*) os degraos muita sorte de gente que *pareciam* pobres (em vez de *parecia pobre*) « (1). « Pois que *houveram* (em vez de *houve*) varões dotados de tão alta fantazia » (2).

Anacolutho é a interrupção ou quebra da contextura da phrase, de sorte que fica uma palavra ou expressão syntacticamente desligada e sem funcção a exercer, ex. : « *A guerra*, este é o maior flagello do mundo moral » (3). « O somno ou a vigilia que me importa esta ou aquelle? » (4). « E o *menino* que nella vivia, que é feito d'elle » (5).

Na suas excellentes *Cartas philologicas*, no « Correio da Manhã » de 19 de Junho de 1910, discorreu o joven e já erudito philologo Mario Barreto sobre as condições em que em portuguez se opera o anacolutho, amparando a doutrina com farta documentação haurida nos principaes escriptores.

Entre outros exemplos seus, deu-nos os seguintes : « *Os leprosos* cae-lhes o cabello, porque o humor excrementoso lhe roe as raizes... » (M. Bernardes); « *Eu* quasi que tambem já se me pega o mal » (Almeida Garrett); « *Tua mãe* não ha idade nem desgraça que lhe amolgue a indole rancorosa » (Camillo).

---

(1) Fr. Luiz de Souza, *apud Carneiro.*
(2) D. de Goes, *Chronicas.*
(3) Pe J. A. de Macedo, *Sel. Literaria.*
(4) A. Herculano, *Eurico.*
(5) C. Netto, *Selecta de A. Pinto.*

Dyssynclise é a infracção das regras de collocação das variações pronominaes *me, te, se, nos, vos, lhe, lhes, o, a, os, as*, em desaccordo com a maior parte dos escriptores e estylistas mais seguidos, ex. : « Considerando o paiz pacificado, traçou Mem de Sá o plano da nova povoação e cidade, cuja construcção fôra-*lhe* de Lisbôa recommendada ». (1) « Para que V. S.a não pense que minto, *lhe* conto uma historia » (2).

« Eis aqui o logar onde eclipsou-*se*
O meteoro fatal ás regias frontes » (4).

« Oh, fui um doudo que segui teus passos
Que dei-*te* em versos da belleza a palma» (4).

« Nas rugas da fronte fatidica e rude
Não tinham-*lhe* as rosas de longa virtude
Do tempo os vestigios lavado em perfume» (5)

« Eu soltarei-*te* os cabellos,
Quero em teu collo sonhar » (6).

« Vae triste o vivente que a fronte abatida
Os olhos na terra, não volve-*os* aos ceos» (7).

« Embora malhos de tortura infame
Quebrem-*me* os ossos no medroso equuleo » (8).

« Ora falemos sério, que o assumpto merece-*o* » (9).

---

(1) J. M. Pereira da Silva, *apud Prosadores Brasileiros.*
(2) Martins Penna, *Comedias.*
(3) G. Magalhães, *Suspiros Poeticos.*
(4-5) Fagundes Varella, *Obras completas.*
(6) A. de Azevedo, *Obras Poeticas.*
(7) M. Porto Alegre, *Brasilianas.*
(8) Gonçalves Dias, *Obras Poeticas.*
(9) A. F. de Castilho, *Conversação Preambular.*

As dyssynclíses são factos constantes nos nossos poetas e prosadores do periodo romantico, á excepção de Gonçalves Dias, em que raro se notam.

Depois de estudadas e systematizadas, actualmente sob o criterio da disciplina grammatical, consoante com os principaes modelos classicos, a maior parte dos nossos homens de letras e scientistas já se esforçam em collocar acertadamente as variações pronominaes, obedecendo á historia e á tradição da lingua, a exemplo dos escriptores portuguezes que, ainda no proprio verso, quasi jámais claudicam em dyssynclíses infensas á vernaculidade da legitima syntaxe.

Perissologia é o emprego de palavras e expressões inteiramente **superfluas** que, ao envez de tornar elegante e reforçar o conceito da phrase, como o pleonasmo, antes o enfraquecem e o desaformoseam, ex. : *pranto de choro*, mas *porém*, preferir *mais* ou *antes*, subir *para cima*, descer *para baixo*, hemorrhagia *de sangue*, « pensar *mentalmente* » (1).

A perissologia é o pleonasmo vicioso, deselegante, como se observa em varios escriptores da escola gongorica do seculo XVII, nos actuaes *nephelibatas* e no falar do vulgo.

« Dezembro, noite, canta o galo
Rouco na treva, *canta o galo*
Oh dor, *oh dor!* »

. . . .

« Pobres *de pobres* são *pobrezinhos*
Almas sem lares, aves sem ninhos (2).

« *Mas* si emtanto lusitano imperio
Na Libya ardente em sangue submergido » (3).

« Ninguem *nunca jámais* a Deus *não* viu » (4).

(1) *Petit Larousse*.
(2) G. Junqueiro, *Os Simples*.
(3) Sta Rita Durão, *Caramurú*.
(4) Bittencourt Sampaio, *Divina Epopéa*.

« Mas *porém* de pequenos animaes
Do mar, todos cobertos cento e cento... » (1).

« D'ambos *de dous* a fronte coroada
Ramos não conhecidos e hervas tinha » (2).

Vicios syntacticos.

(DE AUDIÇÃO.)

Eco é a reflexão de som prosodico occasionada por um vocabulo cujo thema ou raiz reproduz na audição a **desinencia** de vocabulo anterior, ex. : quando *ando*, á janella *ella*, quem *em*, os finos *hymnos*, visto *isto*, ex. :

« Quem *tem* ao lado um punhal
Quem *tem* no peito ciumes » (3).

« Dobrado *brado* os valles repetiam » (4).

« Com finos *hymnos* e matinos *trinos*
Gorgeiam aves no romper d'aurora » (5).

« Dom *donzel, on*de é que está el-rei?... » (6).

As obras e não a dura*ção são*
A media certa da vida humana (7).

Assonancia é a semelhança ou igualdade na terminação de vocabulos que proximamente collocados occasionam uma **especie de rima** dentro da phrase, ex. : « Não foi, porem, só nesta ac*ção* que se assignalou Dona Clara Cama*rão*... » (8).

(1-2) Camões, *Lusiadas*.
(3) G. Dias, *Obras Poeticas*.
(4-5) Nos 4.° e 5.° exemplos, como vemos, constituia o eco, nos antigos poetas parnasianos, um genero de verso de construcção difficil.
(6) A. Herculano, *Lendas e Narrativas*.
(7) *Monarchia Lusitana*.
(8) J. Norberto, *Selecta de A. Clemente*.

« Depois de lhe dar é que lhe *deu*, parece que se arrepen*deu* a fortuna... (1). Os pobres *dão* pelo *pão* o trabalho » (2).

Hiato é o concurso de vozes, geralmente abertas que, embora pertencentes a vocabulos distinctos, se encontram desamparadas de consoantes intercurrentes, ex. : « Foi o aio á aula ». « Uni o lit*uo ao* gladio, o antiste ao consul.., » (3). « Veio de longe a semente, troux*e-a o* tufão nas azas e atir*ou-a a*lli onde medrou » (4).

Collisão é o concurso ou proximidade de consonancias asperas, similares entre si, geralmente representadas pelos sons *ss* ou *c, rr, jj, pp*, na construcção da phrase, ex. : « Pery alluc*i*nado *s*u*s*pendeu-*se* ao*s* *c*ipó*s* que *se* entrelaça-vam pelo*s* ramo*s* d*as* arvor*es*, já coberta*s* de agua... » (5).

« Si tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus, não se*ja já!* » (6).

« *P*or este sitio *p*ois *p*assei ha *p*ouco » (7).
« *B*ramindo o neg*r*o ma*r* de longe brada» (8).

Cacophato é o encontro de vocabulos ou palavras, formando apparentemente expressão desagradavel, ás vezes até de sentido inconveniente : ex. : a bocc*a della*, m*as ella*, eu *já cá* estava, com*o ella*, exs. :

(1-2) VIEIRA, *Sermões*.
(3) A. PORTO ALEGRE, *Colombo*.
(4) JOSÉ DE ALENCAR, *O Gaúcho*.
(5) JOSÉ DE ALENCAR, *O Guarany*.
(6) CASIMIRO DE ABREU, *Primaveras*.
(7) *Cartas Chilenas*.
(8) CAMÕES, *Lusiadas*.

« Al*ma minha* gentil que te partiste
Tão cêdo desta vida descontente... » (1)

« *Mas morra* emfim nas mãos das brutas gentes » (2).

« Eu vou morrer, meu Deus! *Já sinto* as trevas,
As trevas de outro mundo que me cercam! » (3).

« Que quem não quer commercio busc*a guerra* » (4).

Eu sim devo morrer, pequei, *mas ella*
ha de morrer... pobre, coitada! » (5).

« Então desenganas-me, desengana-*me já?* » (6).

Os dialectos portuguezes

As modificações por que passa a lingua geral nas diversas zonas em que se fala dizem-se **dialectos**.

Essas modificações se referem á prosodia, á significação e ao uso de termos **regionaes**, isto é, apenas conhecidos em certas localidades, ex. : *jabá* = carne secca, *xingar* = injuriar, *pacova* = banana, *pitar* = fumar, *curau* = *caipira* = tabaréo = matuto, *girau* = cama de varas, *azular* = fugir, *banzar* = pensar, *encalistrar* = envergonhar.

A lingua portugueza conta quatro dialectos :

A) O **gallego**, que se fala na Galliza desde o seculo XII e representa um estadio, uma phase da lingua portugueza (7), permanecente na tradição

---

(1-2) CAMÕES, *Obras Completas*.
(3) FAG. VARELLA, *Obras Completas*.
(4) CAMÕES, *Obras completas*.
(5) THOMAZ RIBEIRO, *D. Jayme*.
(6) ALM. GARRETT, *apud M. dos Remedios*.
(7) No seculo XI havia duas linguas em Portugal : o **gallego** e o **aravio**, este falado ao sul do Mondego, aquelle ao norte.

popular em que se estagnam e cristalizam os usos antigos da linguagem.

B) O **açoriano** ou africo, que se fala na ilha dos Açores e nas possessões portuguezas na Africa.

C) O **indo-portuguez**, que se fala na India Portugueza; está cheio de termos inglezes e dinamarquezes e, segundo diz o notavel philologo P. Junior, tende a desapparecer ante a supremacia do inglez.

D) O **brasileiro**, que se fala no Brazil e se revela no uso de termos exclusivamente brasileiros e em certos processos de construcção irregular, proprios dos Brasileiros, principalmente no tracto familiar, ex. : estar *na* janella, isto é *para mim* ver, vi *elle* entrar, a pessoa *que* eu falei *com ella*, *tem* missa hoje.

Muitas palavras têm significação differente da que se dá em Portugal, taes como : puxado (a uma casa), a *obrigação* (familia), *babado* (orla de saia), *quitanda* (venda de hortaliça), *azular* (fugir), *gereré* (rede de pescar), *quartáo* o *pequira* = cavallo.

A dialectação brasileira mais se tem desenvolvido no sul do que no norte, principalmente nas fronteiras onde abundam, além de termos castelhanos, numerosas fórmas dialectaes, ex. : « A savana se desfralda a perder de vista ondu-

---

Esses dous dialectos fundiram-se á proporção que se estabeleceu a unidade politica do territorio portugalense.

A lingua portugueza no Brasil se opulentou com infinidade de vocabulos indigenas e africanos. José de Alencar e Gonçalves Dias foram os escriptores mais legitimamente representantes do indigenismo vocabular.

lando pelas *sangas* e *cochilas* que figuram as fluctuações das vagas neste verde oceano » (1). « Robusto, apto para affrontar a furia do *minuano* (vento), póde-se dizer que elle (o gaucho) vive no dorso do seu cavallo, o *pingo* ou *bagual*, no seu originalissimo e bizarro dialecto popular » (2). « Tudo nelle é caracteristico : o *pala* de verão e *poncho* de inverno, a *goaiáca* á cintura de onde pende o facão e o trabuco ; *chiripá* franjado de lã ou as *bombachas* de sêda fina que caem até a joelheira das botas *rossilhonas*... » (3) (4).

Expressões equivalentes.

Para variar o estylo, além do recurso da synonymia, ha recursos syntacticos : assim o mesmo pensamento se póde exprimir elegantemente por diversas expressões equivalentes, diversos typos syntacticos de igual funcção significativa.

---

(1) José de Alencar, *O Gaúcho*.

(2) Muitos vocabulos dialectaes se podem acceitar e transmittir á giria literaria; as construcções dialectaes ao contrario, porquanto, sendo desvios e deslizes syntacticos, violentam e deturpam o espirito e genio da lingua.

(3) M. Teixeira, *Hist. da Revolução do Sul*.

(4) Além de numerosos vocabulos regionaes, a lingua que se fala ao Norte está referta e enxertada de vocabulos indigenas, mormente quanto aos que concernem á flora, conforme nos attesta o seguinte trecho de um dos mais possantes talentos e insignes escriptores modernos, o Snr. Dr Alberto Rangel nos seus admiraveis trabalhos, como no *Enferno Verde*.

Oiçamol-o :

« O terral, pelas tardes, de Agosto, sopra sempre, abalando as *acapuranas* e *ingazeiras* das varzeas, as faveiras de floração arroxeada e os *jarás* de floração esbranquiçada dos *igapós*, os pennachos fascilados dos *urucuris* e *caranans*, os louros e *abioranas* serviçaes, os *nixys* e *umaris* de fructos sapidos, senhores estes da terra firme. »

Achamos melhor se digam expressões ou **typos syntacticos equivalentes** do que typos syntacticos **divergentes** : denominação que nos parece só exprime convenientemente o facto quando duas ou mais construcções correspondem a um só typo latino.

São divergentes pois, quando partem de um typo commum ; são antes construcções parallelas, de que o escriptor se póde utilizar casual ou intencionalmente.

As expressões ou typos equivalentes representam para a syntaxe o que os synonymos para a lexiologia : essa é a opinião acceita por João Ribeiro e Pacheco com quem concordamos neste ponto.

As expressões equivalentes têm por factores principaes :

1.° Typos **similares**, ex. : *mais que* = *mais do que* = *não é sinão* = *é apenas*.

2.° A synonymia **preposicional**, ex. : banhado *de* = banhado *por* = banhado *em* = banhado *com;* começar *a* = começar *de* = começar *por*.

3.° Predicação verbal **variavel**, ex. : subir *a* = subir *por;* habitar *a* = habitar *em;* saber *a* = saber *de;* mudar *a* = mudar *de;* gritar *a* = gritar *por;* puxar *a* = puxar *de* = puxar *por*.

4.° Proposição **reduzida** e a **conjuntiva**, ex. : julgo *partires* = julgo *que partes;* anoitecendo = *logo que* anoitecer; o primeiro *a entrar* = o primeiro *que entra*.

5.° A voz **activa** e a **passiva**, ex. : amam-*se* as flôres = as flôres *são amadas; amamos* as flôres.

6.° O participio **presente** e o infinitivo **preposicional**, ex. : estava *falando* = estava *a falar; andar *gritando* = andar *a gritar; ao entenebrecer* = *entenebrecendo*.

7.° A predicação **verbal** e a **nominal**, ex. : *responder* por = ser *responsavel* por; *amar* = ser amante.

8.° A **ordem** das palavras, ex. : Mas o sol logo no occaso desappareceu = mas logo no occaso desappareceu o sol, etc.

Classificação do estylo.

Pelo estylo, diz Taine, julga-se o escriptor e, ainda que dous individuos escrevam no mesmo estylo, sempre ha certo sabor individual, certa physionomia propria, peculiar a cada um d'elles.

Mas póde succeder que muitos escriptores modelem os seus pensamentos em normas mais ou menos similares, mais ou menos uniformes, variando apenas segundo as condições individuaes.

Esse caracter commum e geral nas diversas obras literarias constitue o que se chama **escola literaria** (1).

De accordo com a epoca em que floresceram as escolas literarias, o estylo se diz **arcaico, classico** e **contemporaneo**.

O estylo **arcaico** se revela desde os primeiros momentos em que o portuguez assumiu a fórma escripta e se estende até os fins do seculo XV.

(1) Sobre o que seja escola literaria, acha-se a verdadeira concepção na 2.ª serie dos *Estudos Brazileiros*, do escriptor José Verissimo.

O estylo **classico** começa no seculo XVI e caracteriza-se pelo grande numero de vocabulos importados do latim e pelo castigado e arrevezado da phrase, entrecortada de muitas conjuncções, ex. : « De maneira que tudo quanto deve ter uma cidade muito nobre e muito rica, tanto se acha d'estas cercas para dentro em muita abundancia, e em muitas cousas de muita vantagem, porque os mais d'estes presos têm aqui comsigo suas mulheres e seus filhos, a que elrei dá casa, conforme a familia que cada um tem » (1).

O estylo classico, principalmente do periodo quinhentista, é ordinariamente pesado; entremeam-lhe as asserções connectivos que, ligando-as mutuamente, tiram aos periodos a elegancia, a mobilidade, a leveza immanentes aos idiomas modernos.

A maior parte, pois, dos periodos classicos já não nos devem servir de modelos, porque destoam das condições geraes da lingua portugueza, na sua phase contemporanea.

Antes do advento do estylo contemporaneo, appareceu o estylo **gongorico,** que tambem se chama **culteranismo, marinismo.** E o estylo da decadencia literaria e se caracteriza pelas repetições de palavras, trocadilhos, antitheses disparatadas, metaphoras turgidas, ex. : « Affonso e Beatriz geram em Pedro sua imagem e semelhança. Pedro é de seus paes; este foi ditoso em que teve paes, de que mereceu ser filho, aquelles em ter um filho de que mereceram ser paes : de um e outro é a felicidade e a sorte dos paes, por-

(1) LUCENA, *Liv. Classica.*

que se apresentam em tão bom filho, do filho, porque é imagem de seus paes » (1).

« Já não se tolera mais, diz Candido Jucá, o estylo gongorico, a linguagem turgida, a expressão engommada, o gesto rhetorico, pedantesco, vazio. A dicção ha de ser simples e natural, embora suggestiva e eloquente, intensa e vibrante » (2).

O estylo contemporaneo data dos fins do seculo passado e, ao mesmo tempo que se afastou dos moldes classicos, imprimiu á phrase a ordem directa, propendendo mais para a phrase de coordenação, ao passo que no estylo classico prepondera a de subordinação.

Esse estylo assumiu dous aspectos : o **romantico** e o **naturalistico,** segundo as duas escolas modernas de literatura.

A escola romantica, cujos representantes na Franca foram Victor Hugo, Chateaubriand e Lamartine, reflectiu-se em Portugal na extraordinaria personalidade de Alexandre Herculano, A. Garrett, Castilho, Rabello da Silva e outros, ex. : « Uma nuvem de settas respondeu ao sibilar das dos esculcas arabes ; algumas das fitas de escumas ondearam, derivaram pela corrente e desvaneceram-se no dorso escuro e scintillante das aguas. O Chryssus recolhia os primeiros despojos de um terrivel combate » (3).

Quanto á escola romantica no Brasil, excellem tres vultos literarios — Gonçalves Magalhães,

(1) F. H. DE NORONHA, *Exemplar Poetico. Apud Pacheco e Lameira.*
(2) CANDIDO JUCÁ, *Vida Paradoxal.*
(3) A. HERCULANO, *Eurico.*

Gonçalves Dias e Castro Alves : o primeiro a iniciou; o segundo a elevou ao maior esplendor literario, o terceiro a fechou, resvalando-a para o gongorismo, comquanto houvesse sido um dos nossos mais excellentes poetas.

A escola naturalistica, estreada na França por Balzac, e depois por Flaubert, Zola, vae conquistando adeptos no Brasil, comquanto muitos a exagerem, transfigurando-a, corrompendo-a, como o Sr. Julio Ribeiro na *Carne* que, segundo a opinião do Sr. José Verissimo é « o parto monstruoso de um cerebro artisticamente enfermo » (1).

O estylo contemporaneo, nos seus dous aspectos, caracteriza-se pela preferencia da phrase de coordenação, por uma adjectivação frequente, periodos pouco extensos symetricos e cadenciosos, inversões syntacticas pouco frequentes, de modo que se não obscureça a intelligencia e a comprehensão do assumpto.

Ha uma nova escola, mais da poesia do que da prosa : é a **decadente** ou **nephelibatica**, cujo estylo, offerecendo semelhança com o gongorico, se caracteriza pela repetição e repisar das idéas, o emprego de fórmas arcaicas, de diminutivos, de alliterações e assonancias, de sorte que a expressão se reveste de certo ar de simplicidade e singeleza.

Esta escola, iniciada na França por Baudelaire, Paul Bourget, François Coppée, tem como representantes em Portugal Guerra Junqueiro e outros. Alguns poetas brasileiros tambem nos elaboraram producções adscriptas aos moldes

(1) José Verissimo, *Estudos Brazileiros*.

desta escola de que tanto abusou Cruz e Souza, um dos seus mais ardentes proselytos.

Basta-nos lermos *Os Simples* de Guerra Junqueiro para termos uma idéa de estylo decadente, ex. :

« Dezembro, noite, *canta o galo*...
Rouco na treva *canta o galo*...
— Oh, *dor!* oh, *dor!*
Aldeão, não durmas!... vae chamal-o
Misera negra, *vae chamal-o!*
Oh *dor!* oh *dor!*... » (1).

. . . .

« *Pobres* de *pobres* são *pobrezinhos*,
Almas *sem* lares, aves *sem* ninhos...
Passam em *bandos*, em alcatéas
Pelas herdades, *pelas* aldêas » (2).

O estylo, segundo o genero literario ou assumpto em que se exerce, se classifica em **familiar**, **epistolar**, **didactico**, **descriptivo**, **historico**, **oratorio**, **official**, **academico**, **politico** ou **parlamentar**, **forense**, **laudativo**, **critico**, **biblico**, etc.

Para não alongarmos o nosso compendio, basta-nos apenas dar um exemplo de algumas destas modalidades de estylo.

Cada modalidade de estylo tem os seus caracteres proprios, que mais se conhecerão praticamente do que theoricamente.

(1-2) Guerra Junqueiro, *Os Simples*, pags. 95 e 101.

Especimens de estylo.

ESTYLO FAMILIAR

« Sentaram-se perto da mesa, e disse o senhor da casa :

— Pesa-me que não viesseis mais cedo, que me poderieis acompanhar neste trabalho tão necessario da velhice; mas, si ainda virdes na mesa alguma cousa de vosso gosto, lançae mão d'ella, que de mistura achareis a minha boa vontade... »

(Rodrigues Lobo — *Côrte na Aldeia*).

ESTYLO EPISTOLAR

« *Ao Marquez de Gouvêa*

Excellentissimo Senhor,

Como outras das que escrevo nesta occasião a Vossa Excellencia são de differentes materias, seja esta toda ecclesiastica.

Chegou o nosso Arcebispo, quando já se não esperava a sua visita este anno; antes se suspeitava que a efficacia do mesmo patrocinio, que o promoveu a esta Mitra, era a que o dilatava, para que, sem passar o mar, chegasse ao Porto ».

. . . .

(Pe Antonio Vieira — *Apud Selecção Literaria*).

ESTYLO DIDACTICO

« Durante o trabalho da digestão o estomago conserva-se perfeitamente fechado nas duas ex-

tremidades, isto é, superiormente pelo annel do esophago, chamado *cárdia*, e inferiormente por outro annel, denominado *pyloro*, que significa *porteiro* na lingua grega ».

(Hilario Ribeiro — *Lições no Lar*).

ESTYLO DESCRIPTIVO

« A cidade é um conjunto de habitações, mais ou menos alinhadas, dispostas em ordem, nas quaes vive uma multidão de individuos sujeitos a uma mesma autoridade civil.

As casas, elemento primeiro das cidades, grupam-se em ruas, as ruas em arrabaldes.

Muitas ruas apresentam alargamentos em seu percurso : são as praças. Certas praças já existiam anteriormente ás ruas e as casas em geral offerecem maiores dimensões do que as outras, taes são a praça da Republica e de Pedro I, na nossa cidade. »

(Dr. Alfredo Gomes — *Descripções e Cartas*).

ESTYLO HISTORICO

« *Descoberta e conquista de Sergipe*

O territorio de Sergipe era comprehendido na doação que El-Rei D. João III fez da capitania da Bahia a Francisco Pereira Coutinho, a 5 de Abril de 1534, cujo foral foi passado a 26 de Agosto do mesmo anno, doação que se estendia, em distan-

cia de cincoenta leguas, da barra do rio S. Francisco á ponta da bahia de Todos os Santos ».

(Dr. Felisbello Freire — *Historia de Sergipe*).

ESTYLO ORATORIO

« Seria impossivel reconhecer um carro de triumpho neste pulpito que ha dezoito annos é para mim um pensamento sinistro, uma recordação afflictiva, um phantasma infenso e importuno, a pyra em que arderam meus olhos e cujos degráos desci só e silencioso para esconder-me no retiro do claustro ».

(Fr. Francisco de Mont'Alverne — *Sermões*).

ESTYLO BIBLICO

« E, quando se completavam os dias de Pentecostes, estavam todos juntos num mesmo lugar.

E de repente veiu do Céo um estrondo, como de vento que soprava com impeto, e encheu toda a casa onde estavam assentados.

E lhes appareceram repartidas umas como linguas de logo, que repousaram sobre cada um delles ».

(Pe Antonio-P. de Figueiredo — *apud Fr. D. Viera*).

PARTE IV

SEMIOLOGIA

Semiologia é o tratado da significação das palavras, em todas as suas manifestações (1).

A semiologia ou **semasiologia** estuda as palavras :

A) Como signaes necessarios á expressão das idéas;

B) Como signaes de idéas, susceptiveis de diversas accepções no seu conceito sob a acção dos **tropos**.

A semiologia, pois, divide-se em **semantica** e **tropologia**.

SEMANTICA

Semantica é o tratado da significação das palavras e das mutações ou alterações de sentido, que podem experimentar no tempo e no espaço, impostas pela evolução da lingua.

---

(1) A systematização da semiologia é toda nossa, pois ninguem, mais do que nós, lhe deu maior desenvolvimento, tornando-a um corpo de doutrina.

A significação.

Significação é a idéa, o conceito logico a que a palavra serve de signal.

As palavras, attinentemente á sua significação, dizem-se **termos** que podem ser **mononymos, polynonymos, synonymos** e **antonymos** (1).

A significação se divide, segundo está exarado neste schema :

Significação {
- propria
- translata
- etymologica
- technica
- historica

Significação **propria** é aquella para que a palavra está destinada pelo uso mais geral e de accordo com os lexicos, ex. : *dente, bôca, pé, braço, barriga* (partes do corpo).

Significação **translata** é aquella que a palavra assume por uma dilatação no seu conceito, segundo a accepção em que se acha, ex. : *pé* (de vento), *braço* (de rio), *barriga* (da parede), *bôca* (da noite), *dente* (de serra).

Significação **etymologica** ou lexiogenica é aquella que se deduz dos elementos organicos, constitutivos da palavra, ex. : *e* + *migr* + *ação*, *com* + *bat* + *er*, *pro* + *pell* + *ir*, *bio* + *logia*.

---

(1) Dizem-se mononymos os termos ou palavras que apenas se limitam á expressão de **uma idéa** ou relação, ex. : *hoje, posto que, ar, sombra*, etc.; polynonymos os que se prestam á expressão de **mais de uma idéa**, ex. : *montar*=cavalgar, *montar*=orçar, *montar*=fundar, *montar*=subir.

A significação etymologica é a somma de cada uma das significações expressas pelos elementos organicos da palavra, modificando-se mutuamente para exprimir um conceito, isto é, a significação fundamental da raiz se modifica e se esclarece sob a acção das relações expressas pelos affixos

Significação **technica** é a significação propria aos termos das sciencias e das artes, geralmente ignorados por quem não as professa, ex. : *disphoria, paregorico, cacuminal, catacaustica, emphyteuse, antichrese, holpodes, orthodromia, otite, otoscopio, aerostato*, etc.

Significação **historica** é a que se deduz de certos e determinados factos sociaes, ex. : *berlinda* (carruagem feita primeiramente em Berlin), *macadam* (systema de calçada inventado por Mac-Adam), *pecego* (o fructo de origem persica).

Na significação historica o objecto tira o nome do **inventor** ou do **lugar** em que foi fabricado, ex. : *calepino, magnolia, camelia, nicotina, cognac, guilhotina, nankin, dunkerque, damasco, casemira, curaçau*, etc.

São elementos historicos os diversos **adjectivos**, derivados de nomes personativos celebres, ex. : *camoneano, hugoniano, socratico, machiavelico, homerico, dantesco*.

Alteração semantica.

Alteração semantica ou semiologica é a mudança **definitiva** que se effectua na significação da palavra no tempo e no espaço, isto é, de um para outro periodo da lingua, ou de uma para outra zona.

A alteração se diz :

A) **Meliorativa**, desde que a palavra passe a ter significação mais nobre, ex. : *testa* era *caco de pote* e hoje é *fronte;*

B) **Pejorativa**, desde que a palavra passe a ter significação menos nobre, isto é, se corrompa significativamente, ex. : *mazella* era *dôr*, *afflicção* e hoje *ferida*, *chagas*, *humores*.

A significação antiga diz-se **arcaica** ou **dynamica**; a moderna diz-se **actual** ou **estatica**.

SIGN. DYNAMICA	SIGN. ESTATICA
testa=caco de pote	testa=fronte
britar=quebrar	britar=quebrar pedras
catar=olhar	catar=procurar
comprido=cheio	comprido=longo
entender=pretender	entender=saber
peça=tempo	peça=mola, etc.
forte=valente	forte=rijo, poderoso
valido=sadio	valido=dotado de valor
torto=damno	torto=torcido
vivenda=modo de vida	vivenda=morada
brocha=peça da armadura	brocha=pincel
contrariar=luctar	contrariar=estorvar
attender=esperar	attender=prestar attenção
mazella=dor	mazella=humores maus
saude=salvação	saude=sanidade
perna (de porco)	perna (de qualquer animal)

A alteração semantica é um dos phenomenos mais importantes na vida das linguas e, para apreciarmol-a, temos de recorrer á analyse dos antigos documentos. A muitas dellas estamos assistindo na evolução da lingua, como organismo vivo, ex. : *tratante* = velhaco, *engrossar* = adular.

Assim os velhos materiaes da lingua, diz o sabio americano Whitney, se vão prestando á expressão de novos conceitos, de novas idéas.

Toda alteração semantica está sujeita a duas leis : a **generalização** do particular e a **especialização** do geral.

Assim é que o termo *britar* significava *quebrar* em geral; mas hoje se especializou, significando apenas *quebrar pedras*, ao passo que o termo *cabo*, significando apenas *extremo*, hoje assumiu muitas significações, ex. : *cabo* (de faca), *cabo* (de esquadra), ao *cabo* (no fim) de dous annos, *cabo* (promontorio).

Ha palavras que assumem significação **nova** por um dos tres processos :

A) A mudança de genero, ex. :

cabeço	cabeça
serro	serra
lenho	lenha
rio	ria
tormento	tormenta
espinho	espinha
marujo	maruja

B) A mudança de numero, ex. :

parte=pedaço	partes=manhas
arte=officio	artes=astucias
liberdade=acção de agir	liberdades=atrevimento
humanidade=sentimento	humanidades=preparatorios
ferro=metal	ferros=grilhões
viver=modo de vida	viveres=mantimentos

C) A mudança de posição, ex. :

homem *pobre*	*pobre* homem
cousa *simples*	*simples* cousa
casa *santa*	*santa* casa
padre *nosso*	*nosso* padre
mal *dizer*	*dizer* mal
bem *dizer*	*dizer* bem
homem *grande*	*grande* homem

Segundo Max Muller, tres são as causas da alteração semantica : a **alteração phonetica**, a **dialectação** e os **tropos** (1); mas são tantas as causas, que escapam a qualquer systematização.

Além disto, a significação póde sobreviver á alteração phonetica e até aproveitar-se desta (2), como succedeu ao vocabulo — *plano* que, alterando-se phoneticamente sob as fórmas divergentes, *lhano, piano, chão, plaino* e *porão*, tomou, em cada uma d'ellas, uma significação **especial** e diversa.

Occorrem até alterações semanticas mais proprias de certas zonas do que de outras, de sorte que a palavra póde adquirir uma significação puramente **regional** ou **dialectal**, ex. : (3)

NORTE DA REPUBLICA	SUL DA REPUBLICA
ama = criada	ama = patrôa
cangica = papa de milho	cangica = milho cozido
moqueca = iguaria de peixe	moqueca = iguaria de carne
comadre = madrinha do filho	comadre = parteira

Propriedades semanticas.

Duas são as propriedades semanticas dos termos : a **extensão** e a **comprehensão**.

Extensão é o maior ou menor numero de individuos a que se estende a significação da palavra, ex. : *animal* e *homem*; *flor* e *lirio*.

Assim *animal* tem maior extensão do que o

(1) MAX MULLER, *La Science du Langage*.
(2) MICHEL BRÉAL, *Mythologie et Linguistique*, pag. 300.
(3) Casos occorrem em que a palavra passa a adquirir significação *antonyma*, inteiramente opposta, como as seguintes, nos vocabulos : — *abrigar*, *contestar*, *hospede*, *senhorita*, esmolar (dar esmola) esmolar (pedir esmola).

termo *homem*, e *flor* do que *lirio* : o maior é o termo generico e o menor é o especifico.

Comprehensão é a idéa, a noção que nos desperta o termo, o conjunto de qualidades do objecto, da cousa ou pessoa significada pelo termo.

A extensão está na razão inversa da comprehensão.

Na synonymia imperfeita o termo generico póde possuir muitos termos especificos, ex. :

mandar { enviar, governar, ordenar, transmittir

deixar { legar, abandonar, cessar, permittir, consentir

pedir { rogar, implorar, supplicar, exigir, requerar, instar, solicitar

ver { enxergar, divisar, lobrigar, perceber, avistar, descortinar, descobrir, vislumbrar.

As vezes os termos especificos, em relação a um termo generico, podem não ser synonymos entre si. Assim é que os termos *cavalgar*, *fundar* e *orçar*, posto que sejam synonymos de *montar*, não são synonymos entre si.

TROPOLOGIA

Tropologia é o tratado geral dos tropos.

Tropos são as modificações accidentaes na accepção ou conceito da palavra, na proposição em que se acham.

Os tropos servem para supprir a pobreza da lingua e dar ao mesmo tempo uma idéa mais viva do objecto.

A quatro se reduzem semiologicamente os tropos : a **metaphora**, a **synecdoche**, a **catachrese** e a **metonymia**.

Estes quatro tropos regulam, pois, a accepção das **palavras**, isto é, a sua signifidação ou sentido na proposição em que se acham.

Metaphora.

A metaphora e a metonymia generalizam, estendem e dilatam a significação das palavras; a synecdoche e a catachrese especializam, encurtam e restringem a significação.

Metaphora é a translação ou dilatação do sentido proprio da palavra para outro analogicamente, ex. : *pé* de vento, *pé* de cadeira, *braço* de rio, *dente* d'alho, coração *duro*, *raiz* de palavra, etc.

A maior parte das palavras, referentes ao nosso organismo, se prestam á metaphora ou translação. Assim se dizem : — *orelha* de pau, *pescoço* de moringue, *bôca* da noite, *barriga* de parede, *olhos* de queijo, *perna* de mesa, *costas* de de cadeira, etc.

Synecdoche.

Synecdoche é a substituição de um termo por outro de extensão desigual. Assim se emprega nos seguintes casos :

A) O genero pela especie, ex. :

« Tremeu a socegada natureza,
Ao ver deste *mortal* a louca empreza » (1).

B) A especie pelo genero, ex. :

« Por vias nunca usadas, não temendo
De *africo* e *noto* a força, a mais se atreve » (2).

C) O singular pelo plural, ex. :

« O *inimigo* occupa os muros e já Troia
Inteira vem ruindo... » (3).

D) O plural pelo singular, ex. : « Logo mal escreveram os *Jeronymos*, os *Ambrosios*, os *Agostinhos* » (4).

E) O todo pela parte, ex. : « Adeus, *brilhante céo da patria minha* » (5).

F) A parte pelo todo, ex. : « Dez annos *quilhas* mil os não domaram » (6).

G) O nome proprio pelo commum, ex. :

« E esses *Leandros* do Hellesponto novo
Se resvalaram — foi no chão da historia... » (7).

---

(1) Pº CALDAS, *Poesias Sacras*.
(2) CAMÕES, *Lusiadas*.
(3) CARDOSO, *Rhetorica*.
(4) FR. LUIZ DE SOUZA, *Vida do Arcebispo*.
(5) MAGALHÃES, *Obras Poeticas*.
(6) CARDOSO, *Rhetorica*.
(7) CASTRO ALVES, *Espumas Fluctuantes*.

H) O commum pelo proprio, ex. :

« Este milagre fez tamanho espanto
Que o *Rei* se banha logo na agua santa » (1).

I) A materia pelo artefacto, ex. :

« Que sons descompassados trôa o *bronze*
Nas torres do mosteiro!! » (2).

J) O determinado pelo indeterminado, ex. :

« *Mil* praticas alegres se trocavam,
Risos doces, subtis e argutos ditos... » (3)

Catachrese.

Catachrese é o esquecimento da significação da palavra, passando esta a exprimir definitivamente outro conceito, por assim dizer, novo e differente do legitimo.

Assim é que actualmente as palavras que se seguem e outras já quasi não despertam a sua significação etymologica, mais legitima, mais racional, ex. : « *Sabatina* (no sabado), *sabatina* — recapitulação na aula em qualquer dia ». « *Quarentena* (40 dias), *quarentena* — estadio ». « *Caderno* (4 folhas), *caderno* (de cinco folhas) ou livro de apontamentos, etc. ». « *Corneta* (chifre pequeno), *corneta* (instrumento militar) ».

A maior parte dos nomes das sciencias não estão de accordo com a etymologia, pois têm

(1-3) CAMÕES, *Lusiadas*.
(2) A. GARRETT, *Camões*.

quasi sempre conceito muito diverso do que indicam os seus elementos de constituição etymologica, ex. : *periodo, etymologia, philologia, geometria, physiologia*.

Metonymia.

Metonymia é a substituição entre palavras de significação correlata, de modo que uma lembre a outra.

Este phenomeno geralmente se dá, de sorte que se substituem entre si :

A) A causa pelo effeito, ex. :

« Como da *seva mesa* de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Athreu comia » (1).

B) O effeito pela causa, ex. : « Surdo *aos trovões da guerra* que bradavam » (2).

C) O continente pelo conteúdo, ex. : « Levanta-te, esclarece-te, *Jerusalém*, porque chegou a tua luz » (3).

D) O conteúdo pelo continente, ex. :

« Que alli vão despedir-se concertaram
Onde a ancora pesada o *sal* feria » (4).

E) O concreto pelo abstracto, ex. :

« Este sempre as *soberbas castelhanas*
Co'o feito desprezou firme e sereno » (5).

(1) CAMÕES, *Lusiadas*.
(2) MAGALHÃES, *Obras Poeticas*.
(3) CARDOSO, *Rhetorica*.
(4) P. DE CASTRO, *Ulysséa*.
(5) CAMÕES, *Lusiadas*.

F) O autor pela obra, ex. :

« Lia Alexandre *Homéro*, de maneira
Que sempre se lhe sabe á cabeceira » (1).

G) O signal pela cousa significada, ex. : « Nem cora o *livro* de hombrear com o *sabre* » (2).

H) A cousa significada pelo signal, ex. : « As *monarchias* julgam-se fortes, apesar de que os desenganos se succedem... » (3).

Technica.

A technica trata da leitura e do emprego das notações syntacticas necessarias á comprehensão do sentido integral do periodo e applica as theorias grammaticaes aos casos occurrentes na analyse do trecho e ás condições geraes da redacção.

Na leitura se devem observar geralmente as modalidades da accentuação geral dos periodos.

A accentuação póde ser — **emphatica, oratoria** ou **pathetica, nacional** e **local**.

A accentuação **emphatica** faz sobresahir na proposição, ao lermos ou falarmos, as palavras que julgamos mais importantes.

A accentuação **oratoria** ou **pathetica** assignala-se pelo sentimento de que a pessoa está possuida, ao proferir um discurso.

A accentuação **nacional** assignala-se pela inflexão prosodica particular a um povo, a uma nação ou Estado.

(1) Camões, *Lusiadas*.
(2) Castro Alves, *Espumas Fluctuantes*.
(3) Lat. Coelho, *Republica e Monarchia*.

Assim é que qualquer de nós distingue sem difficuldade a dicção, o modo de falar dos Portuguezes e o dos Brasileiros.

A accentuação **local** ou **sotaque** assignala-se pela inflexão prosodica propria aos individuos de um Estado ou provincia.

Notações syntacticas.

Pontuação ou interpuncção é o emprego das diversas notações syntacticas, necessarias á separação das palavras e proposições entre si, para exacta comprehensão do sentido geral do periodo (1).

Ha tres classes de notações syntacticas : **objectivas, subjectivas** e **distintivas**.

As objectivas são : a virgula (,), o ponto e virgula (;), os dous pontos (:), o ponto final (.) e o parenthese ().

As subjectivas são : o ponto interrogativo (?), o ponto exclamativo (!), os pontos reticentes (...)

As distintivas são : as virgulas dobradas ou aspas (« »), o travessão (—), o paragrapho (§), a chave ({).

Notações objectivas.

A **virgula** emprega-se :

A) Para separar palavras independentes e de igual categoria, ex. :

(1) A pontuação exacta depende mais da pratica, do sentido e até ás vezes do *ouvido* do que da aprendizagem de regras, geralmente falliveis nos casos occurentes.

« Deu o signal a trombeta Castelhana,
Horrendo, fero, ingente e temeroso » (1).

B) Para separar os appostos, ex. : « Bemvindo seja o extrangeiro aos campos dos Tabajaras, *senhores das aldeias*, e à cabana de Araken, *pae de Iracema* » (2).

C) Para separar os vocativos, ex. :

« Si eu tivesse, *meu Deus*, santos amores
Eu m'erguera cantando essa paixão » (3).

D) Para separar expressões de funcção identica, ex. : « Só em vós acharei bondade pura, *perfeição absoluta, formosura admiravel, felicidade eterna* » (4).

E) Para separar expressões deslocadas, ex. :

« Que *em terreno*
Não cabe o altivo peito, *tão pequeno* » (5).

F) Para separar as proposições conjunccionaes, ex. : « *Depois que os amigos se despediram*, os hospedes ficaram gabando a D. Julio a graça... » (6).

G) Para separar as reduzidas participiaes, ex. : « A philologia, *ensinando-nos a origem dos vocabulos*, tem utilissimos ensinamentos » (7).

O **ponto e virgula** serve para separar as proposições coordenadas asyndeticamente, de grande extensão, ex. : « *Por fim o sol se escondeu; Ayres Gomes estendeu o mosquete e* um tiro saudou o occaso » (1).

(1) Camões, *Lusiadas*.
(2) José de Alencar, *apud Selecção Literaria*.
(3) C. de Abreu, *Primaveras*.
(4) Manoel Bernardes, *Nova Floresta*.
(5) Camões, *Obras completas*.
(6) Rodrigues Lobo, *A. Classicos*.
(7) Carlos de Laet, *Sel. Literaria*.

Os **dous pontos** servem para indicar citação, ou uma explanação, um desenvolvimento ao que precede, ex, :

« Ha duas cousas neste mundo santas :
O rir do infante, o descançar do morto » (2).

O **ponto final** indica a conclusão do periodo, ex. : « O Brasil acaba de vencer uma destas pacificas batalhas que servem para glorificar e engrandecer a *humanidade*. » (3).

Notações subjectivas.

O **ponto interrogativo** assignala uma interrogação ou pergunta, directamente enunciada, ex. : « O meu leal conselheiro, deixal-o-ei despedaçar pelos peões d'esta cidade abominavel? » (4).

O **ponto exclamativo** assignala uma palavra ou proposição, exprimindo admiração, surpresa, ex. :

« *Meu Deus!* Quanta belleza nessas trilhas!
Que perfume nas doces maravilhas
Onde o vento gemeu! » (5).

(1) José de Alencar, *apud Selecção Literaria*.
(2) Castro Alves, *Espumas Fluctuantes*.
(3) Lat. Coelho, *Republica e Monarchia*.
(4) A. Herculano, *Lendas e Narrativas*.
(5) Castro Alves, *Esp. Fluctuantes*.

Os **pontos reticentes** assignalam interrupção de sentido, ex. :

« Mas morra emfim nas mãos das brutas gentes
Que pois eu fui... » (1).

O **parenthese** assignala palavras ou expressões que, servindo apenas para explicar, podem ser eliminadas, ex. :

« Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganasse...) » (2).

Notações distintivas.

As **virgulas dobradas** ou **aspas** indicam citação ou transcripção, ex. :

Que se dirá dos feitos sublimados
Do lusitano assombro da epopéa,
Que eternizou na indica Odysséa,
« *As armas e os barões assignalados* » (3).

O **travessão** ou **traço de divisão** indica mudança de interlocutor ou chama a attenção para o pensamento, ex. :

« E uma voz respondeu nas sombras triumphante :
— Accende, ó viajor! — o facho da Razão » (4).

O **paragrapho** ou **alinea** indica as diversas secções de um discurso ou capitulo, ex. :

Do Novo Mundo tantos seculos . . . .
. . . .

(1-2) CAMÕES, *Lusiadas*.
(3) J. VELHO DA SILVA, *A Camões*.
(4) CASTRO ALVES, *Esp. Fluctuantes*.

Em nenhuma outra região se mostra o céo mais sereno... (1) . . . .

A **chave** serve para abranger as divisões de um todo, ex. :

A grammatica { phonologia. / lexiologia. / syntaxologia / semiologia.

---

(1) ROCHA PITTA, *apud Selecção Lit.*

Modelos de Analyse syntactica.

Proposições simples.

« A tarde ia morrendo ».

Proposição simples (ou periodo simples), **expositiva**.

Sujeito : *A tarde*, simples e ampliado pelo adjunto attributivo — *a*.

Predicado : *ia morrendo*, constituido pela expressão verbal — *ia morrendo*, de predicação completa (1).

« A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto della ».

Proposição simples, **expositiva, plena, ordem directa**.

Sujeito : *A graciosa ará sua companheira e amiga*, ampliado pelos appostos — *sua companheira e amiga*.

Predicado : *brinca junto della*, constituido pelo verbo — *brincar*, de predicação completa e pelo adjunto adverbial de lugar onde — *junto della*.

---

(1) Vêde a pag. 128.

« Quebras commigo a flecha da paz? »

Proposição simples **interrogativa** (1), **elliptica, ordem directa**.

Sujeito : *tu*, elliptico e simples.

Predicado : *quebras commigo a flecha da paz*, constituido pelo verbo — *quebrar*, de pred. incompleta, pelo objecto directo — *a flecha da paz* e pelo adjunto adverbial de companhia — *commigo*.

« Volta os olhos para esses amenos prados e vargens fertilissimas ».

Proposição simples, **imperativa, elliptica, ord. directa**.

Sujeito : *tu*, elliptico e simples.

Predicado : *Volta os olhos para esses amenos prados e vargens fertilissimas*, constituido pelo verbo — *voltar*, de predicação incompleta, pelo obj. directo — *os olhos* e pelos adjuntos adverbiaes de lugar para onde — *para esses amenos prados e vargens fertilissimas*.

« Como a philosophia é triste e arida! ».

Proposição simples, **exclamativa, plena, ord. directa**.

Sujeito : *a philosophia*, simples e ampliado pelo adjunto att. — *a*.

Predicado : *é triste e arida*, constituido pelo verbo — *ser*, de predicação incompleta e pelos adjuntos predicativos — *triste* e *arida*.

(1) Vêde a pag. 325.

« Faça-se a luz ».

Proposição simples, **optativa, plena, ord. inversa**.

Sujeito : *a luz*, simples e ampliado pelo adjunto att. — *a*.

Predicado : *Faça-se*, constituido pelo verbo — *fazer*, apassivado pelo pronome — *se*.

Proposições compostas.

(« Apenas Pelagio transpoz o escuro portal da gruta), Eurico alevantou-se ».

Este periodo é formado por subordinação e constituido por duas proposições.

1.ª Proposição : *Apenas Pelagio transpoz o escuro portal da gruta* — **conjunccional** (quanto ao connectivo), **adverbial** (quanto á natureza), **temporal** (quanto á funcção) (1).

Sujeito : *Pelagio*, simples e incomplexo.

Predicado : *transpoz o escuro portal da gruta*, constituido pelo verbo — *transpôr*, de predicação incompleta e pelo objecto directo — *o escuro portal da gruta* : *da gruta*, e *o escuro* são adjuntos attributivos de *portal*.

2.ª Proposição : *Eurico alevantou-se* — **principal**, por não ter connectivos subordinantes e o verbo não ser fórma nominal.

Sujeito : *Eurico*, simples e incomplexo.

Predicado : *alevantou-se*, constituido pelo verbo — *alevantar*, de predicação incompleta e pelo objecto directo — *se*.

(1) Vêde a pag. 330.

| « Todos calaram de novo; | mas aqui não houve silencio : | ouvia-se já o ruido dos corredores sarracenos, bem perto, no fundo do valle ». |

Este periodo é formado por coordenação e constituido por tres proposições (1).

1.ª Proposição : *Todos calaram de novo* — **expositiva.**

Sujeito : *Todos*, simples e incomplexo.

Predicado : *calaram de novo*, constituido pelo verbo — *calar*, de predicação completa, e pelo adjunto adverbial de tempo — *de novo.*

2.ª Proposição : *mas aqui não houve silencio* — **coordenada syndetica** (quanto ao connectivo), **adversativa** (quanto á natureza), **expositiva** (quanto á funcção) (2).

Sujeito : *x*. (O verbo é impessoal e por isso não tem sujeito, segundo está exarado nas paginas 353 e 359).

Predicado : *aqui não houve silencio*, constituido pelo verbo — *haver*, de predicação incompleta, pelo objecto directo — *silencio* e pelo adjunto adverbial de lugar onde — *aqui.*

3.ª Proposição : *ouvia-se já o ruido dos corredores sarracenos, bem perto, no fundo do valle* — **coordenada asyndetica, expositiva.**

Sujeito : *o ruido dos corredores sarracenos*, simples e ampliado pelos adjuntos attributivos — *o* e *dos corredores sarracenos.*

---

(1) No periodo de coordenação não ha proposição principal, por serem todas de igual natureza ou categoria.

(2) Vêde as pags. 325 e 328.

Predicado : *ouvia-se já, bem perto, no fundo do valle*, constituido pelo verbo — *ouvir*, apassivado pelo pronome — *se* (1), pelo adjunto adverbial de tempo — *já* e pelos adjuntos adverbiaes de lugar onde — *bem perto* e *no fundo do valle.*

| « Mas (depois que as estrellas o chamarem)
Succederás, ó forte Mascarenhas, |
| E (si injustos o mando te tomarem)
Prometto-te | (que fama eterna tenhas!) » (2).

Este periodo é de subordinação e constituido por cinco proposições.

1.ª Proposição : *Mas succederás, ó forte Mascarenhas* — **principal** (em relação á prop. — *depois que as estrellas...*)

Sujeito : *tu*, elliptico e ampliado pelo vocativo — *ó forte Mascarenhas.*

Predicado : *succederás*, constituido apenas pelo verbo — *succeder*, de predicação completa.

2.ª Proposição : *depois que as estrellas o chamarem* — **conjunccional** (quanto ao connectivo), **adverbial** (quanto á natureza), **temporal** (quanto á funcção).

Sujeito : *as estrellas*, simples e ampliado pelo adjunto attribut. — *as.*

Predicado : *o chamarem*, constituido pelo verbo — *chamar*, de predicação incompleta e pelo objecto directo — *o.*

---

(1) No verbo passivo não é preciso falar em **predicação.**

(2) Separem-se a principal e as coordenadas mediante traços verticaes e as subordinadas com traços curvos.

3.ª Proposição : *E prometto-te* — **coordenada syndetica, aproximada** e **expositiva**.

Sujeito : *eu*, elliptico e simples.

Predicado : *prometto-te*, constituido pelo verbo — *prometter*, de predicação dupla, pelo objecto indirecto — *te* e pelo directo — *que fama eterna tenhas* (1).

4.ª Proposição : *que fama eterna tenhas* — **conjunccional, substantiva** e **objectiva**.

Sujeito : *tu*, elliptico e simples.

Predicado : *fama eterna tenhas*, constituido pelo verbo — *ter*, de predicação incompleta e pelo objecto directo — *fama eterna*, ampliado este pelo adjunto attributivo — *eterna*.

5.ª Proposição : *si injustos o mando te tomarem* — **conjunccional, adverbial, condicional**.

Sujeito : *injustos*, simples e incomplexo.

Predicado : *o mando te tomarem*, constituido pelo verbo — *tomar*, de predicação dupla (ou bi-objectivo), pelo objecto directo — *o mando* e pelo indirecto — *te*.

Analyse em que ha proposições reduzidas.

(« Ouvindo isto o padre Christiano), | tomou depressa a porta, | (porque não podia reprimir o riso); | mas o padre Scherer (representando sisudeza), lhe rendeu as graças pelo beneficio... » |

(1) Vêde a pag. 129.

Este trecho tem cinco proposições :

1.ª Proposição : *Ouvindo isto o padre Christiano* — **reduzida, adverbial, temporal** (1).

Sujeito : *o padre Christiano*, simples e ampliado.

Predicado : *ouvindo isto*, constituido pelo verbo — *ouvir*, de predicação incompleta e pelo objecto directo — *isto*.

2.ª Proposição : *tomou depressa a porta* — **principal**.

Sujeito : *o padre Christiano*, simples e ampliado pelo adjunto attrib. — *o* e o apposto — *Christiano*.

Predicado : *tomou depressa a porta*, constituido pelo verbo — *tomar*, de predicação incompleta, pelo objecto directo — *a porta* e adjunto adverbial de tempo — *depressa*.

3.ª Proposição : *porque não podia reprimir o riso* — **conjunccional, adverbial, causal**.

Sujeito : *elle* (Padre Christiano).

Predicado : *não podia reprimir o riso*, constituido pela expressão verbal — *podia reprimir* (2), de predicação incompleta e pelo objecto directo — *o riso*.

4.ª Proposição : *mas o padre Scherer lhe rendeu as graças pelo beneficio* — **coordenada syndetica, adversativa** e **expositiva**.

(1) É reduzida por ser o verbo uma fórma nominal e é adverbial temporal, porque, lèvada á fórma conjuntiva, dá « logo que ouviu isto ». Vêde as pags. 333 e 334.

(2) Vêde nas pags. 135 e 314 a theoria das **expressões verbaes**.

Sujeito : *o padre Scherer*, simples e ampliado pelo adjunto attributivo — *o* e o apposto — *Scherer*.

Predicado : *lhe rendeu as graças pelo beneficio*, constituido pelo verbo — *render*, de predicação dupla (ou biobjectivo), pelo objecto directo — *graças*, pelo indirecto — *lhe* e pelo adjunto adverbial de causa — *pelo beneficio*.

5.ª Proposição : *representando sisudeza* — **reduzida, adjectiva, attributiva** (1).

Sujeito : *o padre Scherer*.

Predicado : *representando sisudeza*, constituido pelo verbo — *representar*, de predicação incompleta e pelo objecto directo — *sisudeza*.

« Amir Al-melek, | replicou Albary, | ainda não é tarde : os mensageiros podem ter sido retidos por algum successo imprevisto ». |

Este periodo consta de tres proposições.

1.ª Proposição : *Amir Almelek, ainda não é tarde* — **coordenada asyndeticamente** á proposição — *os mensageiros...*

Sujeito : x (2).

Predicado : *ainda não é tarde*, constituido pelo verbo — *ser*, de predicação incompleta, pelo adjunto predicativo — *tarde*, e pelo adjunto adverbial de tempo — *ainda*, e *Amir Almelek* é um vocativo.

---

(1) Esta reduzida, levada á fórma conjuntiva é igual — *que representava* sisudeza. Vêde pags. 335 e 336.
(2) Vede as pags. 353 e 359.

2.ª Proposição : *replicou Almary*, proposição **interferente** (1).

Sujeito : *Almary*, simples e incomplexo.

Predicado : *replicou*, constituido pelo verbo — *replicar* (2).

3.ª Proposição : *os mensageiros podem ter sido retidos por algum successo imprevisto* — **coordenada asyndetica expositiva**.

Sujeito : *os mensageiros*, simples e ampliado pelo adjunto attributivo — *os*.

Predicado : *podem ter sido retidos por algum successo imprevisto*, constituido pela expressão verbal — *podem ter sido retidos*, de sentido passivo e pelo adjunto adverbial de causa efficiente — *por algum successo imprevisto*.

Analyse integral.

A analyse se deve dividir em **lexica** e **syntactica** ou **relacional**, por ser destituida de criterio a antiga divisão em **grammatical** e **logica**.

A analyse logica seria a do conceito expresso pela proposição, qualquer que lhe fosse a fórma exterior, pois, si dissessemos : « o circulo é uma figura quadrada », teriamos affirmado o maior absurdo perante a logica, mas **grammaticalmente** a proposição está correcta.

Apesar de ser **grammatical** toda analyse, deve-se entender por esta a analyse integral, isto é, completa, em que a palavra seja estudada sob todos os pontos de vista.

(1-2) Vêde a pag. 338.

Esta analyse, por ser longa e minuciosa, só se póde fazer mais de viva voz do que por escripto.

Mas damos mais ou menos um modelo, segundo o processo que seguem diversos professores da materia.

| « Neste tempo ainda João estava perto de Bethania baptisando | e (vendo a Jesus) (que ia passando) tornou a exclamar : | Eis o cordeiro de Deus » (1).

1.ª Proposição : *Neste tempo ainda João estava perto de Bethania baptisando* — **expositiva, ordem directa, plena** e **coordenada syndetica** á do verbo — *tornou a exclamar*.

Sujeito : *João*, simples e incomplexo, constituido por subst. proprio personativo, dissyllabo oxytono, masculino, singular, gráo normal; não tem synonymos, antonymos nem paronymos.

Predicado : *Neste tempo ainda estava perto de Bethania baptisando*, constituido pela expressão verbal — *estava baptisando*, de predicação completa (1.ª conjugação regular, na 3.ª pessoa do pret. imperf. do indicativo) pelo adjunto adverbial de lugar onde — *perto de Bethania* (formado da expressão preposicional — *perto de* e do subst. proprio locativo — *Bethania*, trissyllabico, feminino, singular, paroxytono, simples, primitivo) e pelos adjuntos adverbiaes de tempo — *ainda* (adv. formado de *a* prosthetico e de inda = *inde*, modificando ao

(1) Rebello da Silva, *F. da Igrega.*

verbo do predicado) e — *neste tempo* (formado da antiga fórma *en* da preposição actual *em*, menos *e* por **apherese**; do adj. demonstrativo *este* e do substantivo *tempo*, abstracto, simples, primitivo, dissyllabico, paroxytono; sendo seus synonymos — *época, occasião, momento*, etc., e seus cognatos são — *contemporaneo, temporal, tempestade, extemporaneo, temporão*, etc.

2.ª Proposição : *e tornou a exclamar : Eis o cordeiro de Deus*, **expositiva, ordem directa, contracta**, por identidade de sujeito, **coordenada syndeticamente** á primeira e **principal** em relação á do verbo — *vendo...*

Sujeito : *João* (A analyse segue a marcha da primeira prop.).

Predicado : *tornou a exclamar*, constituido pela expressão verbal — *tornou a exclamar* (formada do auxiliar *tornou*, da prep. *a* e do infinitivo *exclamar*) de predicação incompleta, pelo objecto directo — *Eis o cordeiro de Deus*.

3.ª Proposição : *vendo a Jesus*, **reduzida, adverbial, temporal**, pois levada á fórma conjuntiva equivale a « assim que viu a Jesus ».

Sujeito : *João*.

Predicado : *vendo a Jesus*, constituido pelo verbo de predicação incompleta (part. — *vendo* presente do verbo *ver*, irreg., 2.ª conjug; seus synonymos são *avistar, olhar, enxergar, lobrigar, perceber*, etc; esta fórma é homonyma perfeita de — *vendo* (pres. indic. de *vender*) e pelo objecto directo prepo-

sicional — *a Jesus* (substantivo proprio personativo, primitivo, oxytono, dissyllabico, etc.

4.ª Proposição : *que ia passando* — **pronominal relativa** (quanto ao connectivo), **adjectiva** (quanto à natureza), **attributiva** (quanto à funcção).

Sujeito : *que* — (pronome relativo, monosyllabico atono, inorganico ou invariavel; seus cognatos são *qual, quem, cujo*).

Predicado : *ia passando*, constituido pela expressão verbal — *ia passando*, de predicação completa (formada do auxiliar *ia* e da fórma nominal *passando* tendo ambos o valor de um imperfeito indicativo).

Este processo de analyse é quasi impossivel fazel-o por escripto, pois a palavra se deve considerar sob tantos aspectos quantas as subdivisões da grammatica, afim de, perlustrando a lingua em todos os seus aspectos, adquirirmos o conhecimento exacto de todos os seus factos internos e organicos, como condições para falarmos e escrevermos com acerto e consciencia.

FIM

Breve retrospecto sobre o ensino da Lingua Portugueza.

Ao publicarmos em 1887 a nossa *Grammatica Analytica*, asseguravamos que a sciencia da linguagem atravessava uma época de transição.

De facto, a orientação e o methodo que nos norteavam na aprendizagem das linguas, nol-os dictavam os antigos grammaticos portuguezes Soares Barbosa, Bento J. de Oliveira, Lage e outros.

Comquanto tambem trabalhos nossos houvesse de certo valor, como os de Sotero dos Reis, Freire (de S. Paulo), Soares Passos, Grivet, Pe Duarte, Gentil Ibirapitanga, Pe Massa, entretanto se adscreviam ao criterio philologico de então, em que dos factos da lingua se divorciavam as doutrinas grammaticaes.

Nas provincias então jazia o ensino da lingua portugueza na maior immobilidade, salvo no Maranhão em que pontificava Sotero dos Reis e na Bahia o Dr. Ernesto Carneiro, embora os trabalhos que elaborassem se não houvessem de todo desligado dos moldes dos autores portuguezes, de onde nos advieram, por assim dizer, os lineamentos geraes a que obtemperava o methodo adoptado.

Entretanto, aqui na Capital, já começavam a esplender as primeiras manifestações do criterio philologico, o methodo historico comparativo, applicado á aprendizagem das linguas, com especialidade ao da vernacula.

Tornara-se o Collegio de Pedro II o centro de que se ia irradiando a nova orientação cujos albores se vislumbravam nos concursos de linguas a que affluiam candidatos a quem eram familiares as doutrinas de Max Muller, Miguel Bréal, Gaston Paris, Whitney, Littré, Darmesteter, Ayer, Brunot, Brachet, Fréderich Diez, Bopp, Adolpho Coelho e outros, principalmente as dos autores allemães em que se estavam

haurindo os elementos primordiaes para esta verdadeira Renascença dos estudos philologicos no Brasil.

Os espiritos dir-se-ia que acordavam para transfundir na linguistica o criterio experimental e positivo, rompendo de vez com a tradição e a rotina, immobilizadas na deficiencia de incentivo, apesar da nova orientação que se vinha impondo aos poucos que se dedicavam a esses estudos.

Certo que por esse tempo já Pacheco Junior publicára os seus primeiros trabalhos, as primicias do seu talento, e no Pedro II sobrelevava na cathedra de portuguez o Sr. José M. Nunes Garcia que, embora de renome, nada nos legou, salvo trabalhos de compilação, excerptos de pouco valor, collectaneas de escriptos classicos, sem quaesquer annotações, nos quaes não se descobria o menor espirito de systematização doutrinaria.

Os seus trabalhos, os seus esforços foi por isso que se perderam; não repercutiram, como seria de esperar, na aprendizagem da lingua portugueza, pois não contribuiram para lhe nortear o ensino.

Mais ou menos por esta época apparecera a *Grammatica* de Julio Ribeiro, baseada nos trabalhos dos philologos allemães, inglezes e francezes. Tão de perto se lhes abeirava, porém, que se diria antes uma adaptação á lingua vernacula do que um trabalho onde transluzissem, com a individualidade do autor, os seus processos, o seu methodo, emfim norteação propria, oriunda de um trabalho de assimilação. Até pontos havia em que o Sr. Julio Ribeiro se adscrevia a transverter, quasi *ipsis verbis*, para o vernaculo, as novas doutrinas dos autores extrangeiros, de Guardia, de Mason, de Bergmann. Além disso, resumbrava-lhe do estylo certo gráo de frouxidão e obscuridade; do methodo, certa desorientação; e, quanto á syntaxe, ao envez de exemplos hauridos aos monumentos literarios, dava-lh'os elle proprio, quasi sempre.

O que se nos afigura é que se apressurou o Sr. Julio Ribeiro a de chofre quebrar a rotina, fosse como fosse, embora ainda não houvesse assimilado o quanto lera nos philologos extrangeiros.

Entretanto, ramanesce-lhe de certo o merito de haver sido o primeiro a trasladar para compendio didactico a nova orientação, evertendo os alicerces da rotina e servindo de norma para algumas Grammaticas que se publicaram em S. Paulo.

Nestas condições, o que se averigúa é que por esta época já muitos professores que se norteavam pelos philologos extrangeiros, iam evangelizando, quer na docencia particular, quer em publicações esparsas, as novas doutrinas, desbravando-lhes o terreno onde se tinham de architectar os novos estudos.

A este grupo se filiavam Fausto Barreto, Hemeterio dos Santos, Alfredo Gomes, Silvio de Almeida, em S. Paulo, João Ribeiro, Pacheco Junior, Lameira de Andrade, Said Ali, Ventura Boscoli, Verissimo Vieira, Vicente de Souza, Paranhos de Macedo, Aureliano Pimentel e outros.

Mas no vetusto arcabouço das doutrinas de então foi Fausto Barreto quem de vez e definitivamente vibrou o golpe de morte, porphyrizando-as por incompativeis com o grão da nova cultura philologica.

Tornou-se, pois, Fausto Barreto o centro de onde se irradiaram os delineamentos geraes, o trabalho de synthese das novas acquisições philologicas, adscriptas ao ensino da lingua vernacula.

Havendo-se especializado nos estudos de humanidades, mórmente nas linguas novi-latinas e tendo perlustrado a Historia Natural no curso de Medicina que deixou no 5.º anno, convenceu-se de que ás linguas, como organismos, se lhes deveria applicar o methodo positivo das sciencias biologicas.

Assim em 1870 annotou elle a Theoria da Conjugação de Adolpho Coelho e, nos seus dous concursos ao Pedro II, dissertou, consoante o novo aspecto philologico, sobre *Archaismos* e *Neologismos* no primeiro, e *Themas* e *Raizes* no segundo.

Nomeado cathedratico do Collegio Pedro II e depois da então Escola Normal, ascendera á culminancia do magisterio official, de onde poderia definitivamente diffundir e firmar as novas doutrinas; e, com exito mais do que todos, orientar o ensino da linga vernacula.

Constituindo-se o centro de rehabilitação do ensino da lingua, apercebeu-se com as lições d'elle, além de muitos outros, uma pleiade de moços, hoje conceituados professores e escriptores, em cujo grupo sobrelevam Pinheiro Guimarães, Floriano de Brito, José Piragibe, Paranhos da Silva, Osorio Duque Estrada, Vicente Piragibe, Theodoro Magalhães e outros.

Comquanto neste pé jouvesse então o estudo da lingua no Pedro II, na Escola Normal e na mór parte dos Institutos

particulares aqui do Rio de Janeiro, entretanto imprescindia, quanto antes, expungir-lhe os velhos defeitos e remodelar a aprendizagem de humanidades, conferindo-lhe orientação nova, mais segura, mais consentanea com as necessidades da época.

Entrementes, o Dr. Emygdio Victorio, Director Geral que era da Instrucção Publica, ao envez do que até então se praticava, commetteu a profissionaes, a professores competentes, o desempenho da proficua tarefa de remodelar o plano do ensino de preparatorios, sendo escolhido para elaborar o das linguas, maximè o da vernacula, Fausto Barreto a quem por portaria de 5 de Abril de 1887 agradeceu o Governo.

O que foi este programma, a influencia que exerceu, o effeito que produziu pela orientação que paleava, desviando o alveo do curso das linguas, agitando questões a que se achavam alheios muitos dos docentes, é mistér assegurarmol-o : assignalou nova época na docencia das linguas e, quanto á vernacula, a emancipava das retrogradas doutrinas dos autores portuguezes que esposavamos.

Não havendo compendios que se adscrevessem á nova orientação, foi então que Pacheco e Lameira, João Ribeiro e Alfredo Gomes, nomes já laureados no magisterio, tiveram de escrever as suas grammaticas, versadas no programma que Fausto Barreto traçara, no qual de todo se revelavam o espirito de synthese, o criterio philologico e o novo rumo que nos importava trilhassem o ensino e estudo da lingua portugueza.

A este *programma* cujos dizeres até hoje servem de titulos ás doutrinas dissertadas nas alludidas Grammaticas, é que se subordinaram a orientação e a reforma do ensino da lingua vernacula.

No prefacio da 1.ª edição da sua Grammatica os proprios Lameira e Pacheco declaravam que de ha muito emprehenderam publicar um trabalho *rompendo com a tradição;* mas « o novo programma para exames geraes de preparatorios, sentenciavam elles, veiu fazer-nos mudar de proposito ».

Por esta occasião vinhamos nós de apparecer com o publicar o nosso modesto trabalho, *Grammatica Analytica*, na qual, embora collaborassemos para quebrar a tradição, no emtanto sobrelevavam defeitos e senões, porquanto, além da nossa pouca idade, traziamos apenas o preparo que hauriramos em nosso Estado, Sergipe.

De mais, doutrinas modernas contrastavam com as antigas, claudicavamos na collocação de pronomes, incidindo em dyssynclises, como quasi todos os escriptores e publicistas de então, até que lograssemos estatuir as bases deste importante instituto syntactico.

Além de haver traçado o programma, prestava tambem ao ensino inestimavel serviço Fausto Barreto, publicando com Vicente de Souza a Selecção Literaria, em cujo prologo se nos deparava uma apreciação succinta sobre os novos moldes a que tinham de obedecer a classificação das proposições e a analyse relacional.

Este seu trabalho, actualmente refundido com o concurso do erudito e insigne escriptor Carlos de Laet, não ha quem, professor de linguas, hoje o desconheça, porquanto, além dos trechos magistralmente selectados, traz sobre cada escriptor succinta noticia historica e literaria. Desta fórma, com aprender a lingua, vão conhecendo os alumnos os vultos mais proeminentes das literaturas brasileira e portugueza, ao menos quanto á parte critica e descriptiva, bastando apenas ao professor elucidar a parte geral, a propedeutica da litteratura brasileira, cuja systematização se deve a Sylvio Roméro.

E' de imprescindivel justiça confessarmos que, muito anteriormente ás grammaticas de Alfredo Gomes, Pacheco e Lameira e João Ribeiro, já havia Hemeterio dos Santos elaborado uma *Grammatica elementar* em que, nas suas linhas geraes, se esboçavam com segurança as novas doutrinas philologicas, applicadas á discencia do vernaculo.

Este seu trabalho, hoje augmentado, refundido com o titulo de *Grammatica Portugueza*, publicado em 1907, constitue um dos nossos excellentes compendios de lingua portugueza, reflexo da erudição do autor na materia.

A estas publicações seguiram-se as do Professor Ventura Boscoli que, além de nos haver dado a *Orthographia* e a Analyse Phonetica de collaboração com Pacheco Junior, escreveu a *Grammatica da Puericia* e a *Grammatica Portugueza*, o seu principal trabalho.

Quanto a esta, releva consignarmos que seguiu a orientação de Julio Ribeiro, entremeada com opiniões de nós outros, como elle proprio deixa transparecer.

O que, porém, sobresae neste seu trabalho é o exagero, o rigorismo etymologico a que se apega nas graphicas vocabulares, peccando por este lado, a nosso ver, pois, evolvendo a lingua, emquanto organismo, não póde ficar assim adstricta á immobilidade do passado.

Como quer que seja, as obras didacticas do Prof. Boscoli têm valor e não as poderiamos olvidar nesta ligeira noticia.

Outrosim comparticipou grandemente na orientação dos nossos estudos linguisticos o Sr. Professor Said Ali. Além de varios trabalhos, amparados na sua extensa cultura philologica, nos publicou, fructo de pesquizas proprias, compaginados em volume de cerca de 200 paginas, sob o titulo de *Dif ficuldades da Lingua Portugueza*, excellentes artigos em que deslinda factos controversos, com opinião pessoal.

Dentre as grammaticas que se abeiraram á orientação do programma de Fausto Barreto, duas lograram successivas edições, tornaram-se obras larga e geralmente solicitadas : a de João Ribeiro e a de Alfredo Gomes, por isso que, por serem dous nomes conceituados, lhes acceitaram desde logo os professores os trabalhos, adoptando-os, reservando o de Pacheco e Lameira apenas para consulta.

Quanto a Alfredo Gomes, limitaram-se á Grammatica Portugueza e á Franceza os seus principaes trabalhos didacticos, embora tenha elle varias vezes discutido, na imprensa e em publicações esparsas, pontos de linguistica com aquella erudição e criterio que lhe reconhecemos.

Houve, pois, com a publicação do programma de 1887, uma como Renascença dos estudos da lingua vernacula : na imprensa, na docencia particular se aclaravam, se discutiam os factos da lingua á luz das novas doutrinas.

Surgira um periodo de disciplina grammatical em que, uns na *imprensa*, outros no *magisterio*, outros com seus *trabalhos*, excelliam Fausto Barreto, Alfredo Gomes, Hemeterio dos Santos, João Ribeiro, Pacheco e Lameira, Ventura Boscoli, Said Ali, Verissimo Vieira, Conego Evangelista Braga, Silvio de Almeida, o eminente philologo e eximio prosador, como nol-o attestam, além do seu livro. — *O Antigo Vernaculo*, os seus trabalhos na imprensa paulistana.

Da Capital, em que se focalizava todo o movimento, se irradiavam aos Estados as novas doutrinas, principalmente nas Grammaticas de Alfredo Gomes, Pacheco e Lameira, João Ribeiro e igualmente em a nossa Grammatica Analytica que logrou ser por algum tempo adoptada no então Collegio Pedro II e na Escola Normal, antes de haver Alfredo Gomes attingido a cathedratico.

Assim se diffundiram as novas doutrinas : nos Estados, nos diversos institutos officiaes ou particulares, quando para seus programmas se não transladavam, *ipsis verbis*, os dizeres

do programma de 1887, se lhe obtemperava, no amago, em synthese, a orientação que delineara.

Creado o Collegio Militar, tornou-se desde logo um dos Institutos em que o ensino da lingua obtemperou ao criterio historico e comparativo, transluzindo nos programmas das linguas o influxo das doutrinas modernas.

Desse modo tambem ahi se aprimoraram talentos juvenis, que hoje occupam posições sociaes ; alguns até actualmente ha, nossos collegas, eximios sabedores da lingua vernacula, como Daltro Santos e outros cuja orientação philologica devem ao aprendizado do Collegio.

Realizara-se portanto a remodelação geral da grammatica : expungiram-se-lhe os defeitos e a metaphysica da escola de Soares Barbosa, Bento José de Oliveira, Lage, Sotero dos Reis, Freire (de S. Paulo), Soares Passos e outros, escola a que chamamos *classica* em contraste á actual a que conferimos o titulo de *positiva*, por isso que, conforme o criterio em que se inspira, estudamos a lingua vernacula, como phenomeno natural, experimentalmente; como organismo, adstricto a evolver, a offerecer metabolismo glottico, cujos phenomenos se tornam susceptiveis de systematização em corpo de doutrina.

Em 1903, com surpreza nossa, surgiu-nos pelas columnas do *Correio da Manhã* uma série de artigos versantes sobre philologia, deslindando factos syntacticos da lingua; subscrevia-os o Sr. Dr. Heraclito Graça, sob a rubrica de *Notações philologicas*.

Visavam estas notações principalmente, conforme o declarou o proprio autor, confutar algumas opiniões e sentenças do Sr. Candido de Figueiredo, dadas a lume no *Jornal do Commercio*, sob o titulo : « *O que se não deve dizer* », e nos tres volumes das *Lições praticas da lingua portugueza*.

Grande influencia exerceu, nas rodas literarias, este excellente trabalho do Sr. Dr. Heraclito Graça, pois, além da dicção escorreita em que o redigiu, houve por effeito rebater os conceitos do Sr. Candido de Figueiredo que se arvorara em mentor de nós outros, explanando ás vezes factos da lingua sem o verdadeiro criterio, e documentação precisa de que se ha mister nestes trabalhos.

E pois as Notações do Sr. Dr. Heraclito Graça, procurando, como disse elle, « o *fio* do labyrintho da sciencia da linguagem », lograram porphyrizar a maior parte das asserções e opiniões do Sr. Candido de Figueiredo.

De todos os livros, porém, os que mais concorreram para disseminar e vulgarizar as novas doutrinas foram os de João Ribeiro, mercê do merito de seus trabalhos. Além disso os divulgou o editor que acertou de escolher, um dos mais reputados e mais habeis na propaganda de seus trabalhos didacticos, o Sr. Francisco Alves e C.ª a quem neste particular sobremodo devem as letras patrias.

O que, porém, notamos nas grammaticas de João Ribeiro, no seu Diccionario Grammatical, nas Frases Feitas, é que, apesar de ostentarem bastante erudição, lhes fallece o espirito de synthese, de coordenação systematica : são mais trabalhos de muita leitura, de inimitavel paciencia, de acuradas investigações philologicas, esparsas com o objectivo de documentar o quanto assevera o autor.

Seja como for, João Ribeiro foi sempre um analysta e, não obstante um dos nossos mais insignes philologos, nunca nos apresentou uma theoria, um corpo de doutrina em que nos transparecesse o cunho de individualidade.

No mesmo anno em que nos prendava o Dr. Heraclito Graça com as suas *Notações philologicas*, actualmente compaginadas em volume com o titulo de Factos da Linguagem, nos appareceu Mario Barreto com o opusculo. — *Estudos da lingua portugueza*, prefaciado por João Ribeiro. Este trabalho, além de vir firmado por um nome de tradição no magisterio, mereceu os elogios de Heraclito Graça, Sylvio de Almeida, Osorio Duque Estrada e carta de Ruy Barbosa.

Todos que, de certo modo, contribuiramos para romper a antiga tradição, houvemos por finda a nossa missão e retrahimo-nos, adstringindo-nos apenas a acompanhar as nossas obras, deixando a arena para os novos, afim de proseguirem na rota que collimámos.

Desse modo, já nos não assiste outra tarefa que, á lezira do alveo por onde alluviaes e impetuosos torrencêam os factos da lingua, descançarmos a observal-os, afim de, apprehendendo-os e transcoando-os á luz da analyse, caldeal-os e transfundil-os no corpo das doutrinas, de ha muito consolidadas.

Assim é que os hemos de transmittir aos que, no turbilhão da vida, nos vão substuindo e succedendo, aos posteros para quem, já de acinte, já por indifferença, se não anda a descurar a formosa lingua dos nossos avoengos.

Ao scientista só lhe cabe esta missão; mas, quando lhe é mister, embora de vôo, contrastear trabalhos alheios, comprehende-se quão difficultosa e arriscada se lhe afigura a tarefa de haver de acrisolar meritos, acendrar competencias, alcandorar ou afundir reputações, maximè dos vivos, com a acescencia das paixões, que não é só aos mortos a quem se tenha de applicar a sentença de Bossuet, isto é, a quem se deva a verdade.

Mas até aqui poucos ou quasi nenhuns, que nos conste, se têm consagrado a estes estudos, salvo Mario Barreto a cujo trabalho principal nos já referimos. De tres annos, nos tem elaborado elle interessantes monographias amparadas por citações dos melhores autores e consolidadas nos textos da lingua, em basta e criteriosa documentação.

Assim, entre outras lhe destacamos as seguintes que versam sobre *Acentuação tonica*, *Ortographia*, artigo em prol da simplificação graphica conforme as bases de Gonçalves Viana, *Genero*, *Observações sobre os graus de comparação*, *Conjugação*, erros de conjugação e de pronuncia, uso improprio de algumas fórmas verbaes. *Mudança de significação das palavras*, *Extravagancias da linguajem*, *Etimologia popular* e *Confusão de paronimos*, *A concordancia gramatical*, *Casos curiosos de regencia*, *Atração* e *Anacoluto* (1).

---

(1) Na enumeração dos trabalhos do nosso distinto collega Mario Barreto, respeitamo-lhes a graphica, porquanto segue elle o systema de Gonçalves Viana, tendo sido o primeiro a adoptal-o.

Quanto á graphica phonetica que antes perturba do que regulariza e facilita o ensino da lingua, ser-nos-ia motivo de júbilo e de alviçareiras prolfaças para as nossas letras, si talentos de escol, como Antonio Austregesilo, o proprio Mario Barreto, Pinheiro Guimarães, Conego Evangelista Braga e alguns outros renunciassem a esta graphica subversiva, deixando apenas para *alguns senhores* da Academia de Letras este phonetismo extravagante que transvestiram em acyrographia anarchica.

Como bem pondéra o Dr. Ramiz Galvão, constitue este phonetismo „« um retrocesso á infancia da lingua sob pretexto de simplifical-a ».

Nestas condições nos publicou elle o *Vocabulario etymologico, orthographico e prosodico*, como solemne protesto aos desmandos da reforma orthographica, inopportunamente emprehendida pela Academia de Letras. Ahi alguns senhores presumiram influir nos destinos da lingua vernacula, embargando-lhe a evolução natural, demudando-lhe a physionomia, retrocedendo-lhe a marcha ao periodo de indisciplina scientifica, de anarchia graphica, anterior aos seculos XV, XVI, XVII, antes de se lhe haverem polido, aperfeiçoado e fixado as fórmas vocabulares, lenta e gradualmente, como sóe occorrer a todas as linguas cultas.

Como se vê, tem-se innegavelmente distinguido Mario Barreto como um dos moços mais versados na lingua vernacula, nas questões de philologia geral, concorrendo para abrilhantar o magisterio, offertando-nos de quando em quando fructos sazonados do seu talento.

Na succinta resenha que esboçamos attinente ao movimento philologico entre nós, é possivel que hajamos omittido alguns dos obreiros que de algum modo tenham collaborado na reforma do ensino da lingua vernacula.

Seja como for, sendo este o historico nas suas linhas geraes, afigura-se-nos havermos exposto os factos com imparcialidade e animo desprevenido, esforçando-nos tão sómente para nos appropinquar, tanto quanto possivel, aos dictames da verdade.

Por isso, alguns autores, si os houver, a cujas obras, tresmalhando-se-nos, foi impossivel alludir, ao menos de vôo, confiamos sejam só quem pretextos, mas não motivos, busquem de nos insimular de parciaes, visto que nos parece só transverberarem justiça e verdade as nossas asserções respeito ao ensino da lingua, de ha uns poucos de annos apenas, accommodada ao criterio philologico, historico-comparativo.

Rio de Janeiro, 1 de Novembro de 1910.

MAXIMINO MACIEL.

INDICE DAS MATERIAS

Syntaxologia e a sua subdivisão.

Semiologia

Technica

Modelos de analyse

TYP. AILLAUD, ALVES & C^ia.

TYP. AILLAUD, ALVES & Cia.